



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física

RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETI

DANÇA PARA BAILARINAS PROFISSIONAIS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

**Campinas
2023**

RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETTI

DANÇA PARA BAILARINAS PROFISSIONAIS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestra em Educação Física, na Área de Atividade Física Adaptada

Orientadora: Maria Luiza Tanure Alves

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA, RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETTI E ORIENTADA PELA PROF(A). DR(A). MARIA LUIZA TANURE ALVES

**Campinas
2023**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

G941d Guidetti-Turcheti, Renata Maximo, 1971-
 Dança para bailarinas profissionais com deficiência visual / Renata Maximo
 Guidetti Turcheti. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Maria Luiza Tanure Alves.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação Física.

1. Balé. 2. Dança. 3. Deficiência visual. 4. Estudos sobre deficiência. 5.
Mulheres. I. Alves, Maria Luiza Tanure. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Dance for visual impairment professional dancers

Palavras-chave em inglês:

Ballet

Dance

Visual impairment

Disability studies

Women

Área de concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Mestra em Educação Física

Banca examinadora:

Maria Luiza Tanure Alves [Orientador]

Edison Duarte

Rubens Venditti Junior

Data de defesa: 26-05-2023

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0006-2086-2108>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/124204452643978>

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luiza Tanure Alves

Orientadora

Prof. Dr. Edison Duarte

Prof. Dr. Rubens Venditti Júnior

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, minha origem e continuidade.

Ao meu avô e poeta Luís por inspirar-me.

A minha avó Eulina que me ensinou sobre a Ética do Cuidado antes de partir.

Ao meu pai e professor César por ensinar-me as responsabilidades da profissão e por seu amor incondicional.

À minha mãe Leni por sua positividade e cuidado.

À minha filha, Ágata que sempre me incentivou na busca por meus sonhos e objetivos.

Ao meu marido, Alexandre que esteve ao meu lado me apoiando e acreditando em mim o tempo todo.

À minha sogra, Conceição por ouvir-me e encorajar nos momentos de indecisão.

À Geisa Minsoni Dias e Antônio Carlos Fontalva por acreditarem em mim e, por abrirem as portas para o mundo da dança e a pessoa com deficiência.

A todos os Mestres aos quais pude conviver durante esses dois anos e meio nesta Universidade. Em especial ao Professor Doutor Edison Duarte por indicar o local da pesquisa.

Aos meus colegas da Graduação e Mestrado desta universidade que me receberam e caminharam comigo nesta jornada me apoiando e oferecendo a sua amizade. Obrigada Allan, Rogério, Nathálie, Larissa e Mariana.

À minha colega de Doutorado Isabella por sua paciência, dedicação, alegria e amizade.

À minha Orientadora Malú por acreditar em mim, por todos os ensinamentos, por sua assertividade e intuição na orientação, por manter-me com os pés no chão e deixar fluir no tempo certo.

À Fernanda por abrir as portas da Associação Fernanda Bianchini para a realização desta pesquisa.

À todas as participantes deste estudo, por, generosamente permitirem a sua realização e, por tocar-me enquanto mulher e pesquisadora.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico —
CNPQ, processo n.º 130 983/2021-7, por concessão de bolsa de mestrado, a qual
permitiu a minha dedicação integral a essa pesquisa.

RESUMO

O corpo na e para a dança vem se afirmando historicamente como um corpo perfeito que segue padrões pré-determinados. A técnica da dança clássica exigida no balé reafirma esse corpo normativo. Os Estudos Feministas da Deficiência trouxeram para a agenda de discussões a subjetividade do corpo da mulher e outras questões que se mantinham no campo do privado. Entretanto, bailarinas com deficiência visual que compõem uma companhia profissional de dança desafiam essa norma e, experienciam as questões envolvidas nos Estudos da Deficiência. O objetivo do estudo foi investigar o significado da dança para bailarinas profissionais com deficiência visual da *Cia Ballet de Cegos*. A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso no qual foi utilizado o design qualitativo sob a perspectiva exploratória e descritiva. O estudo foi desenvolvido com seis bailarinas profissionais com deficiência visual, com idade entre vinte e seis e quarenta e três anos que fazem parte da *Cia Ballet de Cegos*. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista individual, semiestruturada com um roteiro pré-definido no qual continham temáticas e perguntas norteadoras de natureza aberta. As entrevistas foram gravadas em áudio, realizadas pela própria pesquisadora, transcritas na íntegra e posteriormente analisadas através da análise de conteúdo. A análise foi feita individualmente para cada um dos casos e, posteriormente no cruzamento entre elas, produzindo o resultado. Desta forma, o estudo encontrou questões que emergiram em cada um dos casos como: a arte; a deficiência invisível; o suporte; corpo e idade; condição social; o *coming out*; a relação intérprete/espectador e intérprete/intérprete; espaço cênico e a pessoa com deficiência visual; a ética do cuidado; o coletivo na dança; protagonismo; modelo médico e modelo social da deficiência; maternidade e deficiência; a leveza e a graciosidade no balé; a técnica e o método; a percepção técnica; docência e a pessoa com deficiência; o termo bailarina; técnica, expressão e sentimento; a subjetividade do corpo; *impairment/disability*; pessoas com deficiência saudável e pessoas com deficiência enferma; doenças crônicas; *impaired energy*; desvalorização do ofício; *performance* e *performance* social e; espaço de aula. E, o resultado, o qual foi descrito em uma única categoria: diferentes significados e a mesma tensão. O estudo concluiu que os significados da dança para as participantes deste estudo diferem entre si, sendo descritos como: transformador e sentir-se bonita; ser reconhecida em seu ofício; poder mostrar para as pessoas com e sem deficiência as possibilidades da

pessoa com deficiência visual; atrelado a técnica e ao método de ensino; atrelado ao ativismo e ao expressar um sentimento e; o reencontro com a liberdade.

Palavras-chave: Balé, Dança, Deficiência visual, Estudos sobre deficiência, Mulher.

ABSTRACT

The body in and for dance has been historically asserting itself as a perfect body that follows predetermined standards. The classical dance technique required in ballet reaffirms this normative body. Feminist Disability Studies brought the subjectivity of women's bodies and other issues that remained in the private field to the agenda of discussions. However, visual impaired dancers who make up a professional dance company challenge this norm and experience the issues involved in Disability Studies. The objective of the study was to investigate the meaning of dance for visual impaired professional dancers from *Cia Ballet de Cegos*. The research is characterized as a case study in which qualitative design was used from an exploratory and descriptive perspective. The study was carried out with six visual impairment professional dancers, aged between twenty-six and forty-three, who are part of *Cia Ballet de Cegos*. For data collection, individual interviews were used, semi-structured with a pre-defined script in which they contained themes and guiding questions of an open nature. The interviews were recorded in audio, carried out by the researcher herself, transcribed in full and later analysed through content analysis. The analysis was carried out individually for each of the cases and, subsequently, in the crossing between them, producing the result. In this way, the study found issues that emerged in each of the cases, such as: art; the invisible disability; the support; body and age; social condition; the coming out; the interpreter/spectator and interpreter/interpreter relationship; scenic space and the visually impaired person; the ethics of care; the collective in dance; protagonist; medical model and social model of disability; maternity and disability; the lightness and grace in ballet; the technique and method; technical perception; disabled teacher; the term ballerina; technique, expression and feeling; the subjectivity of the body; impairment/disability; unhealth disabled people and healthy disabled people; chronic diseases; impaired energy; devaluation of the craft; performance and social performance and; classroom space. And, the result, which was described in a single category: different meanings and the same tension. The study concluded that the meanings of dance for the participants in this study differ, being described as: transforming and feeling beautiful; be recognized in your craft; being able to show people with and without disabilities the possibilities of people with visual impairments;

related to technique and teaching method; related to activism and expressing a feeling and the re-encounter with freedom.

Keywords: Ballet, Dance, Visual impairment, Disability studies, Woman.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	18
1. REVISÃO DE LITERATURA	25
1.1 Release	25
1.1.1 Diagonal 1 – O dançar e a deficiência	26
1.1.2 Diagonal 2 - Compreendendo a Deficiência: do Modelo Médico ao Modelo Social da Deficiência.....	33
2 MÉTODO.....	41
2.1 Estudo Piloto	42
2.2 Participantes	42
2.3 Coleta de dados	43
2.3.1 Entrevistas Semiestruturadas	43
2.3.2 Análise dos Resultados	43
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
3.1 MOVIMENTO Nº 1 - Salva-me	47
3.1.1 Release	47
3.1.2 Análise.....	47
3.2 MOVIMENTO Nº 2 - Coppélia	53
3.2.1 Release	53
3.2.2 Análise.....	53
3.3 MOVIMENTO Nº 3 – Bolas, cestas, patins, sapatilhas e mamadeiras 	58
3.3.1 Release	58
3.3.2 Análise.....	58
3.4 MOVIMENTO Nº 4 – Oportunizar	65
3.4.1 Release	65
3.4.2 Análise.....	65
3.5 MOVIMENTO Nº 5 – O patinho feio.....	73
3.5.1 Release	73
3.5.2 Análise.....	74
3.6 MOVIMENTO Nº 6 – Sobre a ponta dos pés	80
3.6.1 Release	80
3.6.2 Análise.....	80

3.7 MOVIMENTO FINAL	86
3.7.1 Diferentes significados e a mesma tensão	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICES - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	100
MOVIMENTO Nº 1.....	100
MOVIMENTO Nº 2.....	118
MOVIMENTO Nº 3.....	130
MOVIMENTO Nº 4.....	139
MOVIMENTO Nº 5.....	165
MOVIMENTO Nº 6.....	184
ANEXO – COMITÊ DE ÉTICA	193

APRESENTAÇÃO

É comum quando falamos de nós mesmos, resgatarmos o passado e irmos construindo uma linha do tempo, até o tempo presente. Pretensiosamente, me permitirei aqui fazer o inverso, iniciar pelo tempo presente.

Presentemente, neste ano de dois mil e vinte e três comemoro trinta anos de formada e, presentemente neste mesmo ano concluo esta dissertação exigida para a obtenção do título de Mestra em Atividade Física Adaptada se assim for aprovada pela banca examinadora.

Ao longo do Curso de Mestrado, dentre muitos questionamentos, dois se fizeram presentes o tempo todo. O primeiro diz respeito ao tempo que tenho para a construção de minha vida acadêmica e o segundo sobre a compreensão de que a deficiência é uma condição humana, ambos reconhecidos presentemente e em construção os quais me trouxeram a reflexão do meu percurso profissional como professora de Educação Física atuando principalmente no campo da dança.

A prática da dança como bailarina, professora e coreógrafa permeou a minha vida e agora se transforma, ganha a forma a partir desta pesquisa.

O trabalho com dança e a pessoa com deficiência surgiu na minha vida a partir de um trabalho voluntário, quando no ano de 1998 fui convidada para realizar. Esse trabalho consistia em aulas de dança de salão num projeto da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo o qual integrava bailarinas/os surdos e ouvintes. Cabe abrir um parêntese para dizer que nos Anos de 1980 e 1990 o termo integração permeava as ações em dança e a pessoa com deficiência fora e dentro do Brasil. O termo utilizado era *Integrated dance*, o qual buscava a profissionalização, o acesso a espaços artísticos e a promoção de ações educativas para a divulgação da dança com as pessoas com e sem deficiência.

Foi nesse contexto que o projeto do qual eu fazia parte ganhou visibilidade e se tornou um Programa da Secretaria de Educação e Cultura de São Bernardo do Campo, recebendo para a realização de suas ações um espaço físico e uma parceria que cumpriria com as ações administrativas. A Escola Municipal de Arte-Educação Integrada Professor Paulo Bugni foi e ainda é o espaço onde as ações acontecem e, a Associação Santo Inácio de Integração do Trabalhador Especial (ASIITE) mantém administrativamente o Programa.

A Escola foi construída totalmente acessível e conta com duas salas de dança, sendo que uma das salas tem um piso flutuante. O piso flutuante é próprio para o trabalho de dança com surdos e apresenta abaixo dele, caixas de som que permitem ao aluno surdo sentir a vibração da música.

A ASIITE mantinha e mantém até hoje um convênio com a Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo o qual garante o aporte de pessoal técnico para implantação e sustentação de seus programas. Dentre eles o Programa III da ASIITE denominado INTEGRARTE corpo de dança, instaurado no ano 2000 sob a coordenação da Secretaria de Educação e Cultura de São Bernardo do Campo, representada por seus idealizadores, Antônio Carlos Fontalva e Geisa Minsoni Dias.

Conjuntamente com a inauguração da Escola foi feita uma audição para a escolha de vinte bailarinos, sendo dez bailarinos surdos e nove bailarinos ouvintes, os quais seriam contratados e remunerados pela ASIITE. A minha contratação se deu também através da ASIITE na função de Instrutora do Programa III e bailarina do INTEGRARTE corpo de dança compondo assim a décima bailarina ouvinte. Surge assim, um grupo profissional de dança que continha em seu elenco bailarinos surdos e ouvintes.

O INTEGRARTE corpo de dança, nos permitiu participar de alguns encontros que marcaram o início das discussões sobre dança e a pessoa com deficiência no Brasil como: o V Congresso Nacional de Arte-educação na escola para todos — VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras¹ realizado de 6 a 9 de novembro de 2000 em Brasília, Distrito Federal, o 1.º Festival e Congresso Internacional de Arte sem Barreiras realizado em novembro de 2002 em Belo Horizonte, Minas Gerais, e entre outros eventos, o *International Society for Music Education - ISME World Conference* ISME/UNESCO realizado em 1998 em parceria com o coral Mackenzie e, com o coral Sagrado Coração sob a direção de Márcio Aurélio.

Outra ação importante realizada na escola e da qual eu fazia parte eram as aulas de dança ministradas para as crianças e jovens com deficiência que estudavam nas escolas de educação especial de São Bernardo Campo. O trabalho com as crianças com diferentes deficiências foi o responsável por minha primeira pós-graduação no campo das artes. Desta forma, foi na Universidade Anhembi Morumbi no curso intitulado Arte integrativa que concluí a primeira Pós-graduação *lato-sensu*.

¹ Para saber mais sobre o Programa Arte sem Barreiras consultar (ANDRIES, 2014).

O projeto apresentado foi sobre a minha experiência com essas crianças e me conferiu uma bolsa de 85% para a realização do curso. As aulas integravam crianças e jovens com e sem deficiência. Recebíamos na escola as crianças advindas das escolas de educação especial e as crianças com e sem deficiência da comunidade. O tema do meu trabalho de conclusão de curso foi “*Dança, Rito e Imagem Corporal uma proposta integrativa entre crianças normais e portadoras de deficiência*”², concluí o curso em 2003.

O INTEGRARTE corpo de dança, assim como a Roda Viva Cia de Dança, pioneira no trabalho de dança e a pessoa com deficiência no Brasil, contavam com a contribuição de coreógrafos convidados, o que era uma estratégia naquele período para mobilizar a comunidade de pessoas com e sem deficiência. Alguns coreógrafos e professores foram convidados para trabalhar com o *INTEGRARTE corpo de dança*, dentre eles os BARBATUQUES e o bailarino, e coreógrafo Samir Calixto.

Outro fato que considero importante relatar aqui é que a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS ainda não era reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos surdos, sendo esta reconhecida no Ano de 2002 com a Lei Federal 10.436 e, posteriormente regularmente aprovada pelo Decreto Federal 5.626 em 2005. Sendo assim, a forma de comunicação entre os bailarinos surdos e ouvintes, e destes com os professores ouvintes, acontecia por vezes seguindo a tradição oralista, e por vezes a LIBRAS. Os surdos ensinavam aos ouvintes como se comunicar a partir da língua de sinais. O reconhecimento de uma comunidade surda em seus direitos estava em construção naquele momento.

Outro fato importante é que espaços voltados para o trabalho de dança e a pessoa com deficiência eram e ainda são escassos no Brasil. Na formação do *INTEGRARTE corpo de dança*, a comunidade surda que participava tanto do *INTEGRARTE corpo de dança* como bailarina/o ou, das aulas de dança que eram oferecidas na EMAEI Professor Paulo Bugni, faziam parte de uma escola bilíngue, a Escola Municipal de Educação Básica Bilíngue Neuza Bassetto, que naquele período oferecia aulas de expressão corporal aos alunos surdos. Foram essas aulas que estimularam a participação dos alunos surdos nas ações da EMAEI Professor Paulo Bugni. Tanto a EMAEI Professor Paulo Bugni como a EMEBB Neuza Bassetto mantêm as aulas de dança para a comunidade surda até os dias de hoje.

² Pessoa portadoras de deficiência era o termo utilizado naquela época.

Os trabalhos de dança e a pessoa com deficiência, em se tratando de grupos profissionais, neste período buscavam um aprimoramento da técnica para justificar suas habilidades e a sua entrada no circuito da dança. As aulas do INTEGRARTE corpo de dança aconteciam de segunda a sexta-feira das 13h00 às 17h00 e, eram focadas prioritariamente no ensino da técnica da dança clássica e na preparação física específica para dança. Entretanto, também aconteciam aulas em outras técnicas de dança as quais eram ministradas por professores e coreógrafos convidados.

Cabe salientar, que esse foi um modelo importado dos Estados Unidos e que teve o seu início em 1987 com a *Axis Company Dance*, uma companhia de dança originária dos Estados Unidos. Este modelo é denominado modelo eficientista³ o qual é caracterizado prioritariamente por um enfoque no rendimento físico-corporal dos bailarinos. O INTEGRARTE corpo de dança encaixava-se neste modelo, exceto por estar ligado a um órgão público e desenvolver a dança com surdos e não com pessoas com deficiência física. A maior parte das companhias e das pesquisas sobre companhias de dança que possuem em seus elencos bailarinos com deficiência desde o início até hoje são prioritariamente com bailarinos com deficiência física.

A graduação em Educação Física contribuiu para a minha atuação no campo da dança. A minha formação na técnica da dança clássica em uma escola particular de dança na cidade de São Bernardo do Campo me permitiu trabalhar com a dança na área de atuação da Educação Física. Reflexo disso foi o meu egresso no Departamento de Esportes do Serviço Social da Indústria — SESI/SP na cidade de Diadema para trabalhar especificamente com dança no Programa Atleta do Futuro — PAF.

Após a minha formação na educação física e técnica de dança clássica e, influenciada pela cena da dança contemporânea que fervilhava nos Anos 90, senti a necessidade de experienciar outros gêneros de dança. Busquei então, outras técnicas de dança que poderiam complementar o meu trabalho naquele momento, como a dança de salão, a dança afro, a dança moderna e a dança contemporânea. Mas o que verdadeiramente contribui para a minha formação enquanto bailarina e professora foi a formação no curso de aperfeiçoamento na “Arte do Movimento — LABAN” realizado no Instituto Sedes Sapientiae e ministrado pela Professora Maria Cecília Pereira

³ O modelo eficientista é pautado no projeto político eficientista o qual associava características físicas às noções de improdutividade e incapacidade (TEIXEIRA, 2021).

Lacava, a “Cilô”, o qual trouxe para o meu corpo a apreensão de novos conceitos sobre o método desenvolvido por um grande estudioso do movimento, Rudolf Laban.

Esta busca coincide com uma fase muito difícil da minha vida que marcaria o início de uma ruptura na minha atuação como bailarina profissional e um afastamento temporário das aulas de dança. Devido a uma lesão causada por impacto coxo/femoral precisei em 2005 passar por uma cirurgia. Aos trinta e cinco anos a minha permanência como bailarina no INTEGRARTE corpo de dança, assim como as dificuldades de recuperação de uma artroscopia bilateral de quadril me impediram de continuar lecionando e atuando. Foi quando migrei para a área da Gestão Esportiva, atuando como orientadora e coordenadora de esportes em unidades do SESI-SP. Entretanto, não desisti da dança, foi nesse mesmo ano que fui conversar com a Professora Cilô para ver se era possível fazer a formação no curso a Arte do Movimento devido ao meu quadro de instabilidade física no qual eu me encontrava. Cilô não só me incentivou como disse ser ali que eu iria aprender a conhecer o meu corpo.

A partir de então, atuei em tempo integral na área da Gestão Esportiva e paralelo a isso mantinha alguns trabalhos com dança e teatro a partir dessa nova perspectiva. A vontade de retornar a dança, e em específico a dança com pessoas com deficiência continuou e ainda continua inscrita em meu corpo. Foi quando decidi me preparar para o Mestrado.

Ingressei neste Programa de Mestrado em 2020 como aluna especial na disciplina de Educação Especial Inclusiva sob a orientação da Professora Maria Luíza Tanure em plena Pandemia da COVID 19, e foi exatamente isso que me propiciou dedicação exclusiva para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

Portanto, é nesse contexto que eu me apresento como uma pessoa sem deficiência que passa por momentos de dor e fadiga devido à lesão, aliada das pessoas com deficiência e que foi aceita e aceitou o desafio de pesquisar sobre o significado da dança para bailarinas profissionais com deficiência visual.

INTRODUÇÃO

A dança permeia todas as sociedades e todos os indivíduos (AMOEDO, 2002; FAZENDA, 2012; OSSONA, 1998). Por um tempo a dança foi compreendida como uma forma de comunicação, arte para os olhos da corte, diversão acessível a todos, e tem sido compreendida como a construção de um pensamento e de uma individualidade (DANTAS, 2020; KATZ, 1994; OSSONA, 1998; PEREIRA, 2003; VIANNA, 2005). A dança se faz a partir de um corpo. Este corpo na e para a dança vem se afirmando historicamente como um corpo perfeito que segue padrões pré-determinados de corpos como: corpos magros, branco, do sexo feminino, flexível, capaz e que se encaixam em uma ou outra dança (ADAIR, 1992; ALBRIGHT, 2013; OSSONA, 1998; PEREIRA, 2003).

Entretanto, algumas companhias de dança que possuem no elenco, bailarinos com deficiência ou que, são constituídas exclusivamente por bailarinos com deficiência, demonstram que não é só de corpos padronizados que a dança há algum tempo vem se apresentando (ALBARRÁN; ABREU; SILVA, 2021; ALBRIGHT, 2013; AMOEDO, 2002; BIANCHINI, 2005, 2019; SASTRE, 2013; VIANA, 2018). Os estudos com dança e a pessoa com deficiência começaram a ganhar força após o início das discussões sobre inclusão na década de 90 (TEIXEIRA, 2021). Reflexo disso foi a criação da 1.^a Companhia de Dança no Brasil, a *Roda Viva Cia de Dança*, que continha no seu elenco, bailarinos com deficiência física. A *Roda Viva Cia de Dança* colocou o Brasil entre os participantes do *The International Festival of Wheelchair Dance*, evento realizado na cidade de Boston (USA) no ano de 1997 e que muito contribuiu para as discussões sobre dança inclusiva⁴ (AMOEDO, 2002, p.47).

Os estudos sobre dança e a pessoa com deficiência têm abordado diferentes assuntos como, a produção coreográfica de grupos que possuem em seu elenco, bailarinos com deficiência, com o intuito de investigar como o corpo deficiente poderia desconstruir e reformular as estruturas representacionais das performances em dança (ALBRIGHT, 2013), descrever, comparar e caracterizar companhias de

⁴ “Termos como dança de habilidades mistas, dança sobre cadeira de rodas, dança sobre rodas, dança integrada, dança habilitativa, entre outros, são utilizados em diferentes países para denominar os trabalhos de dança que incluem pessoas com deficiência e/ou em situação de exclusão social” (AMOEDO, 2002, p. 20-21). O autor explica que gostaria de chamar esses trabalhos de dança, mas que opta por chamar de dança inclusiva para que se tenha uma momentânea diferenciação conceitual no cenário da dança contemporânea (AMOEDO, 2002).

dança que possuem em seu elenco pessoas com deficiência física no contexto artístico (AMOEDO, 2002), instaurar uma filosofia da dança e deficiência (HALL, 2018), conceber uma criação artística na qual a deficiência fosse compreendida como um espaço de descoberta e partilha (VIANA, 2018), metodologias de ensino da dança para a pessoa com deficiência (ALBARRÁN; ABREU; SILVA, 2021; BIANCHINI, 2005, 2019; WHATLEY, 2007) e, dentre outros, a percepção do público sobre performances que contém em seu elenco pessoas com deficiência (MCGRATH, 2012; QUINLAN; BATES, 2008).

No entanto, o campo de pesquisa em dança e a pessoa com deficiência carece de estudos que investiguem o tema a partir da perspectiva da própria pessoa com deficiência e, a temática no contexto de pessoas com deficiência visual.

Os estudos sobre dança e a pessoa com deficiência, em sua grande maioria, investigam a pessoa com deficiência física no contexto da dança contemporânea profissional. Reduzidos são os estudos que investigam a pessoa com deficiência visual no contexto da dança profissional.

Desta forma, entendemos a necessidade de mais pesquisas sobre a temática na atualidade. Diante disto, buscamos compreender neste estudo, como essas questões aparecem atualmente, a partir dos próprios sujeitos da pesquisa, bailarinas cegas e com baixa visão que compõem uma companhia de dança profissional: *a Cia Ballet de Cegos*.

O Projeto que deu origem a *Cia Ballet de Cegos* foi iniciado em 1995 com cerca de dez alunas cegas do Instituto de Cegos Padre Chico, local onde as aulas de balé eram ministradas por sua fundadora, Fernanda Bianchini. O Instituto de Cegos Padre Chico, é uma escola filantrópica, confessional, inclusiva e com recursos próprios, que vai desde a educação infantil até o ensino fundamental II e está localizado no Bairro do Ipiranga na cidade de São Paulo (BIANCHINI, 2019).

Em 2004, com o aumento da demanda pelas aulas e com novas perspectivas para o ensino do balé para pessoas com deficiência Fernanda muda de endereço e funda a associação com “o intuito de levar o ballet clássico para as crianças e adolescentes cegas do Brasil, independente da instituição da qual faziam parte” (BIANCHINI, 2005, p. 01). A nova sede das aulas localizada no Bairro da Vila Mariana, ampliou o número de crianças e adolescentes atendidos pela recém-criada Associação de Ballet e Artes Fernanda Bianchini. Em 2012, a Associação muda-se novamente, ganha novo endereço e nome. Com excelente localização, o novo

endereço facilitou o acesso e possibilitou o atendimento a um número maior de alunos (próxima à estação de metrô Vila Mariana). A Associação de Ballet e Artes Fernanda Bianchini passou a chamar-se Associação Fernanda Bianchini. A Associação Fernanda Bianchini permanece até hoje neste endereço, cito Rua Domingo de Moraes, 1765 — Vila Mariana, São Paulo, mas já tem um projeto em andamento para a construção de uma nova sede (BIANCHINI, 2019).

Desde então, Associação Fernanda Bianchini passou a formar bailarinas profissionais e atualmente é responsável pela *Cia Ballet de Cegos*. Desta forma, as crianças e jovens ingressam nas aulas de balé dentro da Associação Fernanda Bianchini e, podem tornar-se bailarinas profissionais de uma companhia de balé (BIANCHINI, 2019).

Mais de três mil alunos já passaram pela Associação Fernanda Bianchini. Nos dias de hoje a associação atende quatrocentos e vinte alunos dos três anos de idade até a terceira idade. Destes, cento e vinte alunos iniciaram as aulas durante a Pandemia da Covid-19 no formato *on-line* e encontram-se em diferentes lugares no Brasil e no exterior. Recentemente um núcleo foi montado na cidade de Campinas o que oportunizou a abertura de quatro vagas para professoras de balé que participaram do seu curso de formação. Fernanda acredita que muitas oportunidades estão por vir (CAZERTA; AMORIM, 2022).

A Associação Fernanda Bianchini deu origem e é a sede da *Cia Ballet de Cegos*, que possui em seu elenco bailarinas e bailarinos profissionais com e sem deficiência visual que vem conquistando palcos nacionais e internacionais. A escolha deste local para a realização desta pesquisa se deve a importância do trabalho realizado pela Associação Fernanda Bianchini, haja vista que ela é responsável pela única companhia de balé profissional que contém em seu elenco pessoas com deficiência visual existente no mundo (BIANCHINI, 2019).

Fernanda Bianchini desenvolveu um método de ensino do ballet clássico para pessoas com deficiência visual: o Método Fernanda Bianchini (BIANCHINI, 2019). O que parecia impossível, tornou-se um sonho realizado.

Enquanto isso, sobre o palco, lá dentro, bailarinas e bailarinos formam um cordão retilíneo de mãos entrelaçadas e de corpos alinhados, caminhando concentrados do fundo até a frente daquele espaço em que vão se apresentar. Uma voz masculina diz, ao alcançar o limite do linóleo, em tom preciso e informativo: Esta é a frente (MARINELLI, 2019, p.15).

Essa é a rotina de bailarinas (os) que fazem parte da Associação Fernanda Bianchini e da *Cia Ballet de Cegos*, antes de um ensaio ou uma *performance*. O reconhecimento do palco é fundamental, é feito com o auxílio de bailarinas (os) videntes que também fazem parte da Associação e os quais garantem os ajustes para o momento da *performance*.

A prática da técnica de dança clássica assim como a dança teatral no gênero balé por bailarinas com deficiência visual foi desacreditada por profissionais da dança e recusada por oito vezes em festivais de dança, sendo aceita na nona vez devido à omissão da deficiência visual das bailarinas pela própria Fernanda (BIANCHINI, 2019).

Com a participação em diversos eventos dentro e fora do Brasil entre eles o encerramento das Paralimpíadas em Londres (2012), o lançamento do longa-metragem *Looking at the Stars*, em Los Angeles (2016), o 45.º *Festival Dance on Camera*, em Nova York (2017) e com um método pioneiro e único no mundo de ensino da dança clássica patentado e reconhecido pelo MEC (BIANCHINI, 2019), a *Cia Ballet de Cegos* quebrou paradigmas e reconheceu o lugar da pessoa com deficiência na dança.

Fernanda Bianchini Saad, mulher, fisioterapeuta, mãe de três filhos, formou-se na técnica da dança clássica nas Escola Municipal de Bailado e na Fundação das Artes da cidade de São Caetano do Sul, foi a percussora do ensino da dança clássica para pessoas com deficiência visual. A experiência de Fernanda no ensino da dança para pessoas com deficiência visual a acompanha desde os quinze anos de idade, ao iniciar as aulas no Instituto de Cegos Padre Chico. A proposta de aula no Instituto de Cegos Padre Chico surgiu como uma atividade extracurricular e mantém-se até os dias de hoje, com as aulas sendo ministradas por sua primeira aluna de balé com deficiência visual, as quais são supervisionadas por Fernanda (CAZERTA; AMORIM, 2022).

No início Fernanda não sabia ao certo como agir. Imaginava encontrar as alunas com sapatilha, meia calças preparadas para a aula como ela. No entanto, as alunas fizeram a ela apenas três perguntas: quem é você? Cadê você? O que é o balé? As alunas queriam senti-la, tocá-la, saber como era a roupa do balé, o que era o balé. Foi dentro deste contexto que nasceria o método pioneiro de ensino da técnica da dança clássica para pessoas com deficiência visual (CAZERTA; AMORIM, 2022).

Fernanda nunca imaginou que as suas alunas fossem se tornar bailarinas profissionais. Foi durante este período, no qual lecionava no Instituto de Cegos padre Chico que Fernanda recebeu apoio e vivenciou o preconceito de sexo no balé. O apoio veio da irmã Terezinha, que não media esforços para apoiar o projeto instaurado. Irmã Terezinha passava as madrugadas fazendo os figurinos das alunas e comprava por vezes, as roupas de aula para as alunas. O preconceito veio ao propor a participação de um amigo em suas aulas bem como no início da prática do *pas de deux*, o passo a dois. O seu pedido foi negado. Em um instituto no qual as meninas são separadas dos meninos parecia ser impossível isto acontecer, mas aos poucos as irmãs foram aceitando a presença de meninos. No início as irmãs assistiam a todos os ensaios (CAZERTA; AMORIM, 2022).

Após o Instituto de Cegos Padre Chico e com a instauração da Associação, Fernanda decidiu escrever sobre a sua experiência com o balé e as pessoas com deficiência visual, ingressando no curso de mestrado em distúrbio do desenvolvimento na Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Os objetivos de sua pesquisa eram descrever o seu método de ensino e analisar os benefícios do balé clássico para pessoas com deficiência visual (BIANCHINI, 2005). Fernanda, em sua dissertação de mestrado descreveu todos os passos de seu método de ensino do balé e fez uma análise dos benefícios adquiridos através desta prática para pessoas com deficiência visual. Fernanda trouxe para a discussão a exclusão da pessoa com deficiência visual no universo da dança.

Fernanda rompe com as normas atrelados ao balé, ao dizer que o seu método de ensino do balé clássico para pessoas com deficiência visual exigia uma certa adaptação no início do trabalho, mas que após bem assimilados os passos, as diferenças seriam imperceptíveis.

Com uma sala de aula e um estatuto próprio, a Associação Fernanda Bianchini passou a atender além das pessoas com deficiência visual, pessoas com deficiência física, intelectual, auditiva e outras síndromes gratuitamente. Iniciou-se então, a redação de projetos baseados nas leis com o objetivo de custear o ano letivo da associação e prover a escola com verbas de patrocinadores. Fernanda iniciou ao mesmo tempo, um trabalho nas empresas, a partir de palestras motivacionais com o intuito de levar as pessoas as possibilidades da pessoa com deficiência visual (MARINELLI, 2019).

Com o passar dos anos e com o desenvolvimento técnico de suas alunas, Fernanda buscou novos professores. Com a graduação das primeiras alunas a associação contratou o mestre e coreógrafo César Albuquerque. Nos anos que se seguiram outros professores foram contratados e, por fim, as bailarinas da companhia tornaram-se profissionais. As bailarinas da companhia são mantidas pela Associação Fernanda Bianchini (MARINELLI, 2019).

Nos dias de hoje, a Associação Fernanda Bianchini, oferece diferentes modalidades de ensino da dança, as quais são ministradas gratuitamente por vinte professores contratados, cinco voluntários, além da própria Fernanda Bianchini (MARINELLI, 2019).

Fernanda compreende a arte como um instrumento de empoderamento. Inquieta, muitos planos têm a realizar. Um deles é a Serenata Carinhosa, projeto desenvolvido junto a Secretaria da Pessoa com Deficiência e aos Trovadores da Alegria o qual tem o intuito de levar a arte para dentro das escolas, escolas particulares e asilos. Todos os alunos da Associação Fernanda Bianchini estão passando por uma seleção e os melhores farão parte deste projeto (CAZERTA; AMORIM, 2022).

Em sua experiência ao longo de vinte e seis anos, Fernanda mais aprendeu do que ensinou e nunca olhou para a pessoa com deficiência com dó ou piedade e sim como potencial. As suas alunas chegaram no lugar que estão porque foram desafiadas. Sobre desafiar seus alunos, Fernanda diz que: “é uma forma de dizer que não é porque tem deficiência, que vai ter o seu lugar garantido” (CAZERTA; AMORIM, 2022, p. 642).

Fernanda que não para nunca, nos dias de hoje empreende mais uma vez. A associação passa por um sistema de gestão e de governança *pro bono*, através de uma empresa, para tornar-se uma associação de excelência no país. A sede nova contará com um teatro com o intuito de ser um espaço de propagação da arte e da cultura além de outros serviços de saúde e educação gratuito. O sonho de Fernanda é que esta sede se transforme em um centro de convivência essencial para a cidade de São Paulo. Fernanda investe em seus alunos; dos professores que hoje atuam na associação oito tem deficiência visual. A associação já formou pessoas com bolsa de estudos e os sonhos não cessam. Em 2021 a Associação Fernanda Bianchini conseguiu captar 88% do valor de projetos aprovados na Lei Rouanet devido à idoneidade da ONG. Já em 2022 o cenário ficou muito difícil, sem doações das

empresas e pouca adesão a “campanha dos tijolinhos” (a campanha compreende a compra de tijolos imaginários para a construção da nova SEDE por qualquer pessoa). Com uma trajetória reconhecida no cenário da dança para a pessoa com deficiência, Fernanda torna o universo do balé possível para todas as pessoas, independente de suas características.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Release

Na dança o termo diagonais “compreendem uma parte da aula onde se executa movimentos ou sequências coreográficas, atravessando a sala de um canto ao outro” (BIANCHINI, 2019, p.11). Nesse sentido, como na dança, a revisão da literatura deste trabalho foi construída como as diagonais, buscando a amplitude e transversalidade do tema. A escolha do termo diagonais, para organizar esta pesquisa, significa que em alguns momentos da discussão as diagonais podem se entrelaçar como na execução de um movimento em dança.

Figura 1 – Diagonais



Fonte: Barbosa (2023)

No entrelaçamento dessas diagonais, apresentaremos conceitos que fazem parte do universo da temática: a dança e a deficiência. Num primeiro momento denominado, *Diagonal 1 — O dançar e a deficiência*, conceitos importantes sobre a

dança, como formas artísticas, movimento, técnica, gênero de dança e corpos em cena, serão apresentados principalmente sob a ótica de duas pesquisadoras portuguesas, Paulina Ossona e Maria José Fazenda. Em um segundo momento intitulado, *Diagonal 2 — Compreendendo o conceito de deficiência: do Modelo Médico da Deficiência ao Modelo Social da Deficiência*, possibilidades de compreensão da deficiência serão apresentadas a partir da ótica dos teóricos da primeira e segunda geração do Modelo Social da Deficiência como Michael Oliver, Nick Watson, Garland-Thomson, Liz Crow, Eva Feder Kittay, Débora Diniz, entre outros.

1.1.1 Diagonal 1 – O dançar e a deficiência

Para teorizar a dança, precisamos de olhos que possam ver o que não porta visualidade plena. Percorrer as dobraduras da sua concretude dominante e corpórea para escapar, por vãos e desvãos, do imperialismo da atribuição de significados extra-dança (KATZ, 1994, p. 173).

O que leva o ser humano a escolher e aprender uma ou outra forma artística, como a pintura ou a dança, ou ainda, escolher um gênero de dança, como a clássica ou a dança contemporânea? A dança surge, ao longo do tempo, com diferentes significações ou percepções, porém seu impulso gerador permanece o mesmo no ser humano (FAZENDA, 2012; OSSONA, 1998; RIGO; DE CASTRO; KUNZ, 2019). Neste contexto, a intenção é compreender o que desperta este desejo latente no ser humano e sua expressão pela pessoa com deficiência.

Ossona (1998), traz para a discussão as seguintes questões em torno do objeto deste estudo: por que dançar? Por que se dança desde os tempos primitivos?

Sem dúvida, por uma necessidade interior, muito mais próxima do campo espiritual que do físico. Seus movimentos, que progressivamente vão se ordenando em tempo e espaço, são a válvula de liberação de uma tumultuosa vida interior que ainda escapa à análise. Em definitivo, constituem formas de expressar os sentimentos: desejos, alegrias, pesares, gratidão, respeito, temor, poder (OSSONA, 1998, p.19).

A partir dos primeiros registros que temos sobre dança em grupo pintados na gruta de Addaura que datam de 8.000 a.c. (KATZ, 1994) até os dias atuais, observa-se a dança como um fio condutor entre o homem e a natureza (OSSONA, 1998; RIGO; DE CASTRO; KUNZ, 2019). A partir de uma necessidade do grupo

humano primitivo, o homem dançava para festejar um nascimento, uma conquista, uma colheita farta ou a perda de um ente querido. A própria necessidade de sobrevivência é expressa através da dança (OSSONA, 1998; RIGO; DE CASTRO; KUNZ, 2019), como se o ser humano dançasse a vida, pulsante e repleta de significações.

Essa necessidade de se expressar e de se comunicar faz com que se originem as diferentes formas artísticas, como a pintura, a música, o teatro, a poesia e a dança. Na tentativa de compreendermos a dança como forma artística caminharíamos por esta diagonal com foco na natureza da dança em contraponto a outras formas artísticas, como as artes plásticas, buscando compreender sua natureza e expressividade. Ossona (1998), estabelece três diferenciações entre as formas artísticas para podermos melhor compreendê-las: 1) o fazer, o qual compreende o fazer coletivo ou, o fazer individual; 2) o objeto artístico, o qual pode ser temporal ou, perdurável e; 3) a representatividade, a qual pode ser a representatividade intemporal ou, temporal.

Em relação à primeira diferenciação, ou seja, no fazer coletivo ou individual, a autora descreve que a dança surge como manifestação coletiva, onde cada participante se funde na ação, emoção e desejo com o corpo geral da comunidade, diferentemente de um registro de uma pintura feito em uma caverna por um único participante. A segunda diferenciação ocorre em relação ao objeto artístico, aquele que o artista produz, como uma coreografia ou um quadro, este pode ser perdurável ou temporal. Por perdurável considera-se o que chega até nós no tempo presente e que foi expresso num passado, como um quadro. Por temporal considera-se o que se extingue no momento de sua realização, como a dança (OSSONA, 1998).

A terceira diferenciação corresponde ao registro, ou seja, às possibilidades documentais ou à possibilidade de representatividade temporal. Nas artes plásticas o objeto artístico permanece intemporal, independente da evolução da arte. A evolução do campo artístico não modifica o seu objeto, onde podemos citar como exemplo a escultura de Davi, feita por Michelangelo em 1504 e que existe até os dias de hoje. Entretanto, no caso da dança o seu registro tem vida com tempo definido, ou seja, com começo, meio e fim. Desta forma podemos dizer que, “a dança nasce, vive e morre exatamente no momento de sua execução, e que cada vez a evolução cria uma nova forma que substitui a anterior” (OSSONA, 1998, p. 21), portanto, sua representatividade é temporal.

Diferentemente das demais formas artísticas, a dança não pode ser escrita como uma música ou uma poesia, ou eternizada por uma pintura ou, uma escultura, a dança não é um objeto perdurável, apesar de que a autora considere as possibilidades de gravação do feito artístico.

Movido por essa questão, Rudolf Laban (1978) tentou escrever, ou melhor, registrar a dança a partir de um sistema de notação do movimento, pois a própria dança seria impossível de ser escrita ou registrada. O sistema não foi concluído devido a sua complexidade (MADUREIRA, 2020). De qualquer forma, a ideia de Laban era libertar o ser humano a partir das potencialidades de movimento que o corpo humano pode ter e nos deixou um estudo minucioso, o qual dividiu em duas partes: 1) estudo da harmonia espacial e temporal, denominado Corêutica, e, 2) estudo sobre as qualidades do movimento, denominado Eucinéctica.

A "Arte do Movimento", método criado por Laban, é até hoje muito utilizada por educadores, bailarinos e coreógrafos.

O movimento, portanto, revela evidentemente muitas coisas diferentes. É o resultado, ou da busca de um objeto dotado de valor, ou de uma condição mental. Suas formas e ritmos mostram a atitude da pessoa que se move numa determinada situação. Pode tanto caracterizar um estado de espírito e uma reação, como atributos mais constantes da personalidade. O movimento pode ser influenciado pelo meio ambiente do ser que se move [...] (LABAN, 1978, p. 20 e 21).

Diante disso, podemos considerar a dança como um fazer coletivo e um objeto temporal com possibilidade de representatividade também temporal constituído pelo movimento. Neste sentido, compartilhamos a ideia de que o movimento é um constituinte da dança (DANTAS, 2020; FAZENDA, 2012).

Para Dantas (2020, p. 29), “o movimento é a matéria-prima da dança”. Dantas (2020) e Fazenda (2012), compreendem o movimento em dança como diferente do habitual, o qual se relaciona com o espaço, tempo e qualidades. “O movimento, matéria da dança, é assim como qualquer matéria que se oferece a uma intenção formativa, já vem carregado de leis, usos, intenções e tradições” (DANTAS, 2020, p. 32), corroborando assim com o pensamento de Rudolf Laban.

Portanto, podemos supor que essas leis, usos, intenções e tradições estão inscritos no movimento, como um preenchimento que é conferido a ele, e pode ser compreendido a partir do conceito de técnicas de dança visto que “são as técnicas de

dança que proporcionam ao corpo o conhecimento necessário para se movimentar de modos que são culturalmente relevantes” (FAZENDA, 2012, p. 61).

As técnicas de dança são apreendidas fora do ambiente cotidiano, ou seja, em salas de aulas ou em ambientes destinados para tal aprendizado e são denominadas como técnica de dança extra cotidiana. As técnicas surgem a partir de códigos ou em processos de experimentação que podem fazer surgir novas técnicas (DANTAS, 2020). Em relação a esses ambientes podemos pensar desde ambientes informais como um salão de baile à sede de uma companhia de dança.

Como exemplo de uma técnica de dança, e por se tratar da temática deste estudo, faremos referência à dança clássica, termo utilizado para uma técnica de dança extra cotidiana. A dança clássica, é uma técnica que pode ser utilizada independente do gênero⁵ do espetáculo. Já o termo balé, muito utilizado, faz referência a um gênero específico de espetáculo que utiliza a técnica da dança clássica (FAZENDA, 2012).

Os espetáculos, também denominados como apresentações ou *performances* em dança, por sua vez, classificam-se em três eventos: o teatral, o social e o ritual. Essa classificação se dá a partir de três aspectos: 1) dos diferentes propósitos e ocorrências no qual a dança acontece, 2) das regras que definem a participação das pessoas na dança, e, 3) a relação entre *performers*⁶ e espectadores⁷ (FAZENDA, 2012).

A dança social, clama por um contexto festivo, no qual a dança pode ser acompanhada por uma programação diversificada como jogos, brincadeiras e comidas típicas. O seu propósito é o convívio social, permitindo a alternância de quem dança e quem assiste. É nesse contexto que “a dança social assinala e reforça as formas de organização social que regem as relações entre os indivíduos no mundo da não dança” (FAZENDA, 2012, p. 49).

⁵ Por gênero entende-se as diferentes manifestações culturais em dança, entretanto termos como estilo e modalidade também são comumente utilizados com o mesmo significado (VALLE, 2017), adotaremos para esta pesquisa o termo gênero.

⁶ O termo *performers*, de acordo com Fazenda (2012, p.23 e 28), é o termo designado aos praticantes que fazem parte no processo de criação do espetáculo. O *performer* é designado com frequência por intérprete, e isso se dá por três motivos: primeiro porque o intérprete é o *performer* que participa da criação coreográfica, em segundo porque o intérprete inscreve uma individualidade e, terceiro porque bailarino faz referência a um intérprete virtuoso com técnicas extraordinárias.

⁷ Os espectadores são os observadores, quem assisti a *performance*, os quais são ativos e participativos na atribuição de sentido a uma *performance*, ou seja, na sua interpretação (FAZENDA, 2012).

A dança ritual, exige um outro contexto, o religioso ou mágico. Análoga à dança social a dança ritual também é acompanhada por outras ações como cânticos, objetos e indumentárias que moldam e potencializam o evento. Existem normas definidas e pessoas nomeadas como o xamã ou um grupo privilegiado e, quem assiste pode auxiliar os rituais ou testemunhar o evento (FAZENDA, 2012).

Fazenda (2012) reforça a ideia de que não há um comprometimento das funções sociais que a dança pode representar, bem como dos seus efeitos e estilos de movimento nesta classificação e, sim, na distinção de seus propósitos e contextos nos quais ocorreram. Desta forma a autora define as características principais da dança teatral como:

1) é uma *performance* para ser vista por um grupo de espectadores; 2) a participação dos *performers* obedece às regras de seleção definidas por objetivos artísticos e convenções estéticas e estilísticas; 3) acontece num espaço separado dos outros eventos do mundo; 4) é uma forma de expressão reflexiva; 5) e resulta de um ato deliberado, ou seja, voluntário, e não de um ato “espontâneo” (FAZENDA, 2012, p. 24).

Por *performance* entende-se “aquilo que define a natureza de atividades que por terem como suporte de concretização o corpo e o seu movimento, não se fixam num objeto, num suporte perene” (FAZENDA, 2012, p.23). A autora colabora com Ossona (1998), quando define a dança como um objeto temporal e que se extingue no ato de sua realização. Ademais, para a realização desta *performance* o intérprete precisa atender a requisitos estéticos e estilísticos pré-definidos que serão vistos, apreciados por espectadores num espaço estabelecido. Entretanto, não importa se a dança acontece num teatro ou na rua, ou na relação do espaço entre intérpretes e espectadores, mas sim no contexto de ocorrência, como se o espetáculo ocorresse dentro de um espaço exato, como a moldura de um quadro (FAZENDA, 2012).

Partindo dessa conjuntura e nas relações que se estabelecem a partir da dança teatral, consideramos apropriado para este estudo discutir o corpo que dança, o *performer*, ou seja, o bailarino.

A tentativa é compreender como este corpo foi construído e se modificou ao longo dos tempos. Para Dantas (2020), é no corpo que pode se escrever a dança, metáfora do pensamento e realidade desse mesmo corpo.

Nesse sentido, a dança sempre foi pensada para corpos considerados perfeitos (ADAIR, 1992; ALBRIGHT, 2013; PEREIRA, 2003). Entretanto, alguns autores demonstram que todos os corpos que não são dotados desta perfeição também são capazes de dançar com maestria (ALBARRÁN; ABREU; SILVA, 2021; ALBRIGHT, 2013; AMOEDO, 2002; BIANCHINI, 2005, 2019; CAZÉ; OLIVEIRA, 2008; RIGO; DE CASTRO; KUNZ, 2019; SASTRE, 2013; VIANA, 2018).

Sobre os corpos perfeitos, observamos que a dança como evento teatral e seus gêneros foi criada a partir de técnicas de movimentos. Essas técnicas, por conseguinte, exigiam modelos de corpos que, por sua vez, deviam pertencer a um determinado biótipo (ADAIR, 1992; ALBRIGHT, 2013; PEREIRA, 2003).

No contexto do balé como dança teatral e objeto deste estudo, a seleção dos bailarinos se dava a partir de três gêneros⁸: 1) Nobre; 2) *Demi-caractère* e; 3) Cômico. O gênero nobre exigia um corpo com postura robusta, sendo o gênero mais difícil de ser encontrado representando as histórias e fábulas. O segundo gênero era o *demi-caractère* e exigia um corpo vigoroso. Neste gênero, por vezes, o bailarino transitava entre os demais gêneros, e representava os temas pastorais. Por fim, o terceiro gênero, reconhecido como cômico, era representado por um corpo de estatura baixa e sem as exigências dos gêneros anteriores. Entretanto, este corpo deveria ser engraçado e ágil, representando os temas rústicos e grosseiros (PEREIRA, 2003).

Entretanto, na cena atual da dança contemporânea, existe uma tendência a outro corpo denominado como um projeto estético diversificado, “o corpo versátil” (FAZENDA, 2012, p. 74), ou o “corpo híbrido” (VALLE, 2009, p. 45). Esse bailarino, é um corpo que pode dominar várias técnicas, e ao combiná-las cria novas possibilidades, desafiando a si próprio. Entretanto, esta possibilidade não descarta a mesma exigência que ainda existe na seleção de corpos que compõem a dança teatral balé.

Como podemos observar, existia e ainda existe uma preferência por um corpo ou outro na dança teatral. Sem desconsiderar a história da dança e o que cada gênero na dança teatral privilegia em termos de corpos, lançamos nesse momento, questionamentos sobre a dança para corpos que fogem a regra de normalidade e da perfeição, especificamente para esta pesquisa, aos corpos das pessoas com deficiência. Neste sentido, pesquisadores de diferentes áreas vêm demonstrando em

⁸ O gênero aqui, corresponde aos gêneros do balé: nobre, *demi-caractère* e cômico, e não a uma manifestação cultural em dança literalmente.

suas pesquisas sobre a dança e a pessoa com deficiência, as possibilidades desses corpos e, ao mesmo tempo, revelando a distância que ainda existe entre a teoria e o que é oportunizado, na prática (ALBRIGHT, 2013; AUJLA, 2020; SÉRIO, 2020; TEIXEIRA, 2021; VALLE, 2009).

Para Teixeira (2021, p. 109),

O velho modelo de segregação – que atendeu a uma lógica social depreciativa do corpo *inferior* – atualiza-se em novas formas de exclusão, onde o artista segue, agora reverenciando pela então superação de suas deficiências. O corpo *Freak* inábil do século XIX é agora substituído por um *status quo* “super”, de corpos hiper hábeis que seguem quase inclusos no espaço artístico, assim como no âmbito da própria cidadania.

Dialogando com este questionamento sobre as possibilidades do corpo com deficiência na dança, Sérgio (2020) manifestou uma crítica aos corpos autorizados e desautorizados em dança e chama as tentativas de práticas pseudo inclusivas. A autora parte do modelo social da deficiência, onde assume o corpo como “um arcabouço, um constructo para o conceito de pessoa” (SÉRIO, 2020, p. 151). Para a autora, a presença do corpo com deficiência na dança, faz transparecer em todos nós a dificuldade que temos em lidar com a incerteza do humano.

Os estudos sobre o ofício da dança e a pessoa com deficiência, em sua grande maioria, investigam a pessoa com deficiência física no contexto da dança contemporânea. Reduzidos são os estudos que investigam o ofício da dança e a pessoa com deficiência visual no contexto da dança clássica.

Albarrán, Silva e da Cruz (2018), em um artigo de revisão, o qual teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica acerca das produções conduzidas no Brasil entre 1996 e 2016 a respeito do papel da dança na vida da pessoa cega ou com baixa visão, demonstrou que os estudos em sua grande maioria estão centrados nas habilidades motoras, espaciais e de locomoção e, nos aspectos, sócio psíquico e, aumento na autoestima e inclusão que a dança proporciona para a pessoa com deficiência visual. Entretanto, a autora alerta que para além dessas questões, a discussão sobre a temática vem avançando na discussão sobre a profissionalização de bailarinas com deficiência visual ou cegas. A autora considera que os estudos futuros devem avançar, para além dos benefícios alcançados e evoluir na direção das questões que problematizam a dança como ofício e, estesia e arte, o que implica para autora, estudar o público, a emoção e, o processo criativo.

Em outro estudo Albarrán, Abreu e Silva (2021), investigaram os significados sobre a aprendizagem da dança clássica para bailarinas com deficiência visual, com o objetivo de ampliar as discussões sobre arte e deficiência visual. Participaram do estudo oito bailarinas cegas ou com baixa visão, com idade entre 20 e 35 anos que fazem parte de uma companhia brasileira de dança clássica. Os resultados demonstram que a centralidade da linguagem, a utilização de instrumentos, a utilização de outros recursos como os estalos de dedos, os bailarinos videntes entre outros, foram fundamentais para a aprendizagem da técnica de dança e, para a profissionalização das participantes. Este estudo iniciou o debate sobre o ofício da dança para bailarinas com deficiência visual no contexto da dança clássica, entretanto, a centralidade da pesquisa foi no método de ensino.

Bläsing e Zimmermann (2021), investigaram como a dança pode tornar-se uma experiência estética para pessoas com deficiência visual. Os objetivos da pesquisa foram fortalecer a participação cultural do público com deficiência visual na experiência cultural e estética da dança, ampliar o alcance da dança como laboratório de pesquisa artística e, inspirar novas linhas de pesquisa no campo da neurociência. A pesquisa demonstrou que embora a experiência tenha sido positiva para espectadores com e sem deficiência visual, a tarefa de tornar a *performance* em dança acessível para pessoas com deficiência visual ainda oferece muitas questões em aberto para artistas e cientistas. Esta temática amplia a discussão no contexto da dança para pessoas com deficiência visual, entretanto, a centralidade foi na experiência de espectadores com deficiência visual em uma performance em dança.

Desta forma, pretendemos neste estudo aprofundar a análise dos significados da dança para bailarinas profissionais com deficiência visual, a partir de suas experiências e de suas relações com a deficiência ao longo de suas vidas. Sendo assim, para uma melhor compreensão da deficiência ao longo dos tempos, percorreremos a *Diagonal 2 — Compreendendo a deficiência: do Modelo Médico ao Modelo Social da Deficiência*.

1.1.2 Diagonal 2 - Compreendendo a Deficiência: do Modelo Médico ao Modelo Social da Deficiência

O conceito de deficiência ao longo dos tempos foi compreendido de diferentes formas na cultura ocidental (BARNES, 2020). A pessoa com deficiência

sempre existiu na sociedade, entretanto o que modifica o conceito de deficiência é o contexto e a experiência vivida por essa pessoa (OLIVER, 1990).

A forma como a deficiência é compreendida em nossa sociedade, é algo estrutural e estruturante. As margens da sociedade, as pessoas com deficiência somam mais de 45 milhões de pessoas, ou seja, 23,9% da população brasileira de acordo com o Censo Demográfico 2010 (SANTOS, 2008).

Na Idade Média, o corpo com diferenças foi envolto em um significado religioso e foi interpretado como a concretização de um ser místico, podendo ser visto como um milagre ou castigo divino (DINIZ, 2007; OLIVER, 1981; SANTOS, 2008). No final da Idade Média e início da Idade Moderna esse corpo desperta o interesse científico, principalmente da área médica, originando o Modelo Médico ou Individual da deficiência. No Modelo Médico da Deficiência esse corpo com impedimentos (lesão) perpassa a má sorte e a culpa e encontra nas justificativas médicas o significado para deficiência (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009).

Neste tocante a deficiência é compreendida como um problema médico individual ou uma tragédia pessoal (BARNES, 2020; OLIVER, 1981). Desta forma, termos binários como normal/anormal predominam neste modelo, onde o impedimento caracteriza a anormalidade como um desvio que deve ser medicalizado, corrigido ou curado (BARNES, 2020; OLIVER, 1981). Neste contexto, a pessoa com deficiência é excluída do convívio social, vivendo confinada em suas casas ou em instituições de reabilitação e anuladas da responsabilidade sobre as suas próprias vidas (CROSS, 1981; HUGUES, 2002; MASSON, 1981; OLIVER, 1981).

A deficiência no Modelo Médico é vista como consequência de uma doença ou um acidente que deve ser tratado (DINIZ, 2007; MAIOR, 2018; OLIVER, 1981). Desta forma, em 1980 a Organização Mundial da Saúde publicou um catálogo oficial de lesões e deficiências, a Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap (*International Classification of Impairments Disability and Handicaps — ICIDH*) com o objetivo de sistematizar a linguagem médica (BARNES, 2020; DINIZ, 2007; THOMAS, 2002). O entendimento do ICIDH para lesão, deficiência e handicap eram compreendidos como:

lesão é qualquer perda ou anormalidade psicológica, fisiológica ou anatômica de estrutura ou função; deficiência é qualquer restrição ou falta resultante de uma lesão na habilidade de executar uma atividade da maneira ou da forma considerada normal para os seres humanos e, handicap é a desvantagem

individual, resultante de uma lesão ou deficiência, que limita ou dificulta o cumprimento do papel considerado normal (WHO, 1980, p. 13 e 14).

Entretanto, alguns anos antes da publicação do catálogo, mais especificamente em 1972, uma carta enviada ao jornal inglês *The Guardian*, mobilizou pessoas com deficiência no Reino Unido e em outros países (BARNES, 2020; OLIVER, 1981), para reivindicar as condições nas quais as pessoas com deficiência eram tratadas em instituições. A carta foi escrita por Paul Hunt, sociólogo e deficiente físico, e dizia:

Senhor Editor, as pessoas com lesões físicas severas encontram-se isoladas em instituições sem as menores condições, onde suas ideias são ignoradas, onde estão sujeitas ao autoritarismo e, comumente, a cruéis regimes. Proponho a formação de um grupo de pessoas que leve ao Parlamento as ideias das pessoas que, hoje, vivem nessas instituições e das que potencialmente irão substituí-las. Atenciosamente, Paul Hunt.

A carta de Hunt inspirou muitas pessoas com deficiência e ascendeu a mais importante organização da história nesta questão social, a União dos Deficientes Físicos contra a Segregação (*Union of the Physically Impaired Against Segregation — UPIAS*), fundada em 1974 (BARNES, 2020; HUGUES, 2002; THOMAS, 2002; WATSON, 2020). A UPIAS foi constituída em seu elenco inicial pelo próprio Paul Hunt, Vic Finkelstein, Ken Davis e outros ativistas com deficiência que enxergavam a deficiência como uma forma de opressão social como o experienciado por mulheres, minorias étnicas, lésbicas e homens gays (BARNES, 2020). Outras instituições surgiram na mesma época, como a *Disable Incomes Group* (DIG), *Disability Alliance* (DA), sendo constituídas não *para*, mas *por* pessoas com deficiência.

A UPIAS foi a responsável por produzir um conceito sociopolítico da deficiência, o qual trouxe um entendimento que consistia na separação entre o biológico e o social, ou seja, a distinção entre lesão (*impairment*) e deficiência (*disability*) (BARNES, 2020; OLIVER, 1981; VEHMAS & WATSON, 2020; WATSON, 2020). Para a UPIAS a definição de lesão e deficiência consistia em:

lesão é a ausência parcial ou total de um membro, ou ter um membro ou mecanismo incapaz do corpo e, deficiência é uma desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco

ou nada considera pessoas que possuem lesões físicas⁹ e os exclui das principais atividades da vida social (UPIAS, 1975, p. 3 tradução nossa).

Desta forma, foi instaurado um debate entre o que o ICIDH entendia por lesão, deficiência e handicap e o que a UPIAS conceituou como lesão e deficiência. O que antes era visto como um problema médico individual, passou a ser uma questão de justiça social (OLIVER, 1981). Michael James Hoiles Oliver (1945-2019) sociólogo britânico, ativista dos direitos da pessoa com deficiência, pessoa com deficiência e escritor, foi quem instaurou o termo Modelo Social da Deficiência (*Social Model of Disability*) quando contribuiu para uma coleção de cinco artigos. O nome do livro que reúne estes cinco artigos é *The Handicapped Person: A New Perspective for Social Works*, editado por Jo Campling, em 1981. O objetivo inicial de Oliver era trazer ao conhecimento das organizações políticas a importância da UPIAS, o conceito de deficiência por ela instaurado e, as implicações para os estudantes de Assistência Social (BARNES, 2020; DINIZ, 2007; OLIVER, 1981).

O Modelo Social da Deficiência propõe uma mudança de direção no entendimento sobre a deficiência, quando o foco é retirado das limitações físicas do indivíduo e passa para as limitações que o ambiente físico e social impõe a determinados grupos ou categorias de pessoas (OLIVER, 1981; VEHMAS; WATSON, 2020).

Outro fato importante para a consolidação deste novo modelo foi a inserção do assunto na área acadêmica. O primeiro curso sobre os Estudos da Deficiência no Reino Unido, teve a sua origem na *Open University* (OU), inaugurado por Vic Finkelstein e uma equipe multidisciplinar em 1975 e, fazia parte de um Módulo opcional do Curso de Bacharel em Saúde e Assistência Social. O objetivo inicial do curso consistia em ajudar os estudantes a ampliar seus conhecimentos e habilidades profissionais e sociais para assim, auxiliar a pessoa com deficiência na busca por sua autonomia (BARNES, 2020; DINIZ, 2007). Nos Estados Unidos o primeiro curso foi o *Disability Studies Quarterly* fundado por Irving Zola em 1981. Irving era um sociólogo, pessoa com deficiência, presidente da sessão de sociologia médica da *American Sociology Association* e cofundador da *USA's Society for Disability Studies* (BARNES, 2020).

⁹ O termo lesão física (*physical impairments*) foi substituído por lesão (*impairment*) e incorporou as demais lesões sensoriais e intelectuais (BARNES, 2020).

Com os avanços do Modelo Social da Deficiência, tanto na sociedade civil como na Academia, duas ações foram de fundamental importância para o reconhecimento do Modelo Social da Deficiência: o Ano Internacional da pessoa com deficiência em 1981 e a Classificação Internacional de Funcionalidade, Deficiência e Saúde em 1990, conhecida como a CIF (*International Classification of Functioning, Disability and Health — ICH*) (BARNES, 2020; DINIZ, 2007), entre outros movimentos.

Com a CIF organiza-se um movimento para rever o conceito de lesão, deficiência e lesão (handicap) instaurado pela ICIDH. Este movimento contou com a participação de entidades acadêmicas e movimentos sociais de pessoas com deficiência, bem como seminários ao redor do mundo que resultaram na elaboração do documento (DINIZ, 2007). A CIF foi concluída após 10 anos e tinha como objetivo geral “proporcionar uma linguagem unificada e padronizada assim como uma estrutura de trabalho para a descrição da saúde e de estados relacionados à saúde” (WHO, 2001, p. 2), bem como ser um instrumento para “descrever situações particulares em que as pessoas podem experimentar desvantagens, as quais, por sua vez, são passíveis de serem classificadas como deficiências em domínios relacionados à saúde” (DINIZ, 2007, p. 43). A CIF é vista como um esforço da Organização Mundial da Saúde em reconhecer alguns dos pressupostos do Modelo Social da Deficiência (DINIZ, 2007).

Outros movimentos como o Movimento de Vida Independente (*Independent Living Movement — ILM*) nos Estados Unidos na década de 70, o Movimento político da pessoa com deficiência no Brasil na Década de 80, e a Convenção da Organização das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência ratificado pelo Brasil em 2008 contribuíram para que o interesse sobre o tema ganhasse visibilidade ao redor do mundo (BARNES, 2020; GESSER; BOCK; MELLO, 2020; MAIOR, 2018). Desta forma cresce o número de pesquisadores no campo dos Estudos da Deficiência e com isso novas formas de compreendê-la e ressignificá-la (THOMAS, 2002).

O Modelo Social da Deficiência manteve-se livre de críticas por duas décadas (DINIZ, 2007). Entretanto, a partir dos anos de 1990 surge uma segunda geração do Modelo Social da Deficiência. Logo, se a primeira geração foi constituída por homens brancos com lesão medular e membros da elite, a segunda geração constituiu-se por mulheres com deficiência, mães de pessoas com deficiência, ambas com a experiência do corpo com lesão e, também por cuidadoras sem deficiência que

cuidavam de pessoas com deficiência e que questionavam os seus direitos (DINIZ, 2007; THOMAS, 2002). As especificidades da segunda geração despertaram questões que se encontravam adormecidas como: espaço privado, dependência, independência e interdependência, a ética do cuidado, a subjetividade do corpo, dor crônica e doença degenerativa (CROW, 1996; GESSER; BOCK; MELLO, 2020; HALL, 2011; KITTAY, 2011; THOMAS, 2002). Desta forma, estas questões passam a fazer parte da agenda do Modelo Social da Deficiência.

Este fato, segundo as teóricas da segunda geração não se opõem à ideia de que as estruturas sociais oprimem o deficiente, mas que as novas ideias devem ser compreendidas como “parte de um processo de revigoramento e expansão do Modelo Social” (DINIZ, 2007, p. 53). Neste momento, o movimento compreendeu como necessário contestar que: apenas garantir a acessibilidade não retiraria a opressão vivenciada por pessoas com deficiência, visto que existem pessoas com deficiência severa ou intelectual, por exemplo, que precisam de cuidados durante todo o tempo e que essas pessoas não serão financeiramente produtivas mesmo com a remoção das barreiras estruturais e sociais (DINIZ, 2007).

A segunda geração do Modelo Social da Deficiência é conhecida como Estudos Feministas da Deficiência¹⁰. A primeira questão que as teóricas dos Estudos Feministas da Deficiência trouxeram para a discussão foi a subjetividade do corpo. Desta forma, o argumento para prestar atenção a lesão amplia o espaço de discussão. Escritoras feministas como Jenny Morris (1996) e Liz Crow (1996) argumentaram que a ideia da primeira geração do Modelo Social da Deficiência de afastar a lesão do privado e pessoal e, manter o foco no social é um reflexo do patriarcado, que entende a necessidade de afastar o privado do social e o pessoal do público (THOMAS, 2002).

Para os primeiros teóricos do Modelo Social da Deficiência, o corpo foi esquecido, encoberto visto que, o corpo no centro do debate poderia fortalecer a compreensão da deficiência a partir da ótica Modelo Médico da Deficiência (DINIZ, 2007).

Não havia espaço para mulheres com deficiência falar sobre a experiência de seus corpos, como, por exemplo, a dor crônica, as doenças degenerativas¹¹ e a

¹⁰ A partir daqui faremos referência a segunda geração do Modelo Social da Deficiência como Estudos Feministas da Deficiência.

¹¹ As dores crônicas e as doenças degenerativas são diferentes dos impedimentos estáveis, entretanto podem acarretar sofrimento ao indivíduo. Esta pauta é discutida nos Estudos Feministas da Deficiência (COSTA, 2021).

sexualidade. O foco da primeira geração do Modelo Social da Deficiência estava nas barreiras sociais.

A independência, questão amplamente discutida na primeira geração do Modelo Social da Deficiência é outra questão fortemente contestada pelos Estudos Feministas da Deficiência. A ideia de que todas as pessoas com deficiência podiam conquistar a sua independência, trouxe para a discussão a Ética do Cuidado (DINIZ, 2007). Sobre esse assunto Kittay (2011) afirma que, a primeira geração do Modelo Social da Deficiência desconsidera as deficiências severas e as pessoas com deficiência intelectual grave. Para Kittay (2011, p. 57, tradução nossa),

Quando reconhecemos que a dependência é um aspecto do que é ser os tipos de seres que somos, nós, como sociedade, podemos começar a enfrentar nosso medo e aversão à dependência e, com isso, à deficiência. Quando reconhecemos como a dependência de outro nos salva do isolamento e fornece as conexões com o outro que fazem a vida valer a pena, podemos iniciar o processo de abraçar as dependências necessárias.

A questão da independência na primeira geração do Modelo Social da Deficiência é pautada no Capitalismo, onde prevalece a ideia de que todos devem ser produtivos (DINIZ, 2007). A questão da independência é tão presente em nós seres humanos que a passagem da infância para a adolescência e posteriormente para a vida adulta e velhice tem como parâmetro a ser alcançado a independência. Para (ALBRIGHT, 2013, p. 6),

A construção do self como um indivíduo autônomo sempre foi problemática para mulheres e homens que estão envolvidos em várias linhas de interdependência, mas isto ocorre particularmente com pessoas que necessitam de assistência médica diária em suas vidas.

É neste momento que adentra aos Estudos sobre Deficiência, as pessoas sem deficiência, porém, com experiência sobre a deficiência, as cuidadoras (DINIZ, 2007). É justamente neste ponto que a frase de Kittay (2011), “todos somos filhos de uma mãe” faz sentido, pois em algum momento de nossas vidas, precisaremos de cuidados e manteremos uma relação de interdependência, estes são princípios que estruturam a vida social. Esta questão abalou também os pressupostos de que para escrever sobre deficiência teríamos que ser uma pessoa com deficiência (DINIZ, 2007).

Por fim, os Estudos Feministas da Deficiência trazem à tona a reflexão sobre identidade. A identidade do indivíduo é imutável? A deficiência nos convida a pensar sobre isso. A raça, a etnia e o sexo são identidades seguras, já o gênero e a deficiência são fluídos e flexíveis ao longo da vida. A deficiência é uma categoria de identidade a qual qualquer pessoa pode entrar, desconstruindo a crença social de que a identidade é imutável (GARLAND-THOMSON, 2011).

Essa dificuldade ou medo em se reconhecer em uma identidade deficiente, apaga a pessoa com deficiência da sociedade e deixam os estereótipos opressivos circularem, como nomes que frequentemente fazem referência a pessoa com deficiência como aleijado, coxo, mudo, idiota entre gestos de depreciação. Ao negar a identidade de deficiente, a pessoa com deficiência tenta livrar-se destas situações de opressão (GARLAND-THOMSON, 2011), como veremos nos estudos de casos desta pesquisa.

2 MÉTODO

O presente estudo teve design qualitativo o qual inclui estudos de caso sob a perspectiva exploratória e descritiva. De acordo com Godoy (1995), a pesquisa qualitativa se dá a partir do alcance aos dados descritivos os quais podem envolver pessoas, lugares e situações de interação entre o pesquisador e o contexto a ser estudado, na tentativa de compreender o fenômeno sob a ótica dos participantes do estudo.

O estudo de caso pode ser compreendido como uma estratégia de pesquisa que se concentra na compreensão da dinâmica presente dentro de uma unidade específica (EISENHARDT, 1989; YIN, 2015), como casos particulares representados por um indivíduo ou um evento (HALKIAS et al., 2022; YIN, 2015), os quais são denominados de casos simples, ou como um estudo de caso múltiplo quando o estudo apresenta mais do que um caso simples (YIN, 2015). De acordo com Halkias et al. (2022), o estudo de caso é essencial para estudar em profundidade a perspectiva do participante e do fenômeno, dentro de seu contexto natural.

Foram respeitadas todas as fases do estudo de caso, sendo elas: definir e projetar, preparar, coletar e analisar e, analisar e concluir.

De acordo com (YIN, 2015), no âmbito do definir e projetar encontram-se as proposições teóricas e os procedimentos para coleta de dados, a partir da questão da pesquisa cujo o objetivo foi investigar o significado da dança para bailarinas profissionais com deficiência visual. No âmbito do preparar, coletar e analisar, foram respeitadas todas as etapas para a coleta, as quais serão descritas nos tópicos: coletas de dados, entrevista semiestruturada e análise dos resultados. E, por fim, no âmbito do analisar e concluir foi utilizada a técnica de análise de conteúdo a qual permitiu em um primeiro momento analisar os estudos de caso individualmente para posterior cruzamento dos dados em um resultado. Esta etapa será discutida no tópico Movimento Final.

Sendo assim, este estudo é caracterizado como um estudo de caso, realizado dentro de um recorte específico: bailarinas profissionais com deficiência visual que compõe a *Cia Ballet de Cegos*.

2.1 Estudo Piloto

O estudo foi precedido por um estudo piloto com a finalidade de promover a prática de entrevista pelo pesquisador e ajustes no instrumento utilizado para a coleta de dados (BORTOLOZZI, 2020). O estudo piloto foi aplicado em duas bailarinas profissionais com deficiência visual.

2.2 Participantes

As participantes do estudo foram selecionadas na *Cia Ballet de Cegos* a qual faz parte da Associação Fernanda Bianchini¹². Foram utilizados como critério de inclusão no estudo: 1) ser mulher com deficiência visual; 2) ter 18 anos ou mais; e 3) atuar há um ano ou mais na *Cia Ballet de Cegos*. As participantes foram selecionadas por conveniência, ou seja, por fazerem parte do contexto e pela disponibilidade em participar do estudo (BORTOLOZZI, 2020). Não participaram do estudo mulheres com deficiência visual que apresentassem dificuldade na comunicação.

Participaram do estudo seis bailarinas, mulheres, com deficiência visual, com idade entre vinte e seis e quarenta e três anos. Foram utilizados codinomes durante as análises para manter o sigilo da identidade das participantes. Cada participante, ou seja, cada estudo de caso, foi nomeada de *Movimento* seguido de seu número de identificação (1 a 6). As características das participantes, conforme os critérios de inclusão, e numeração dos *Movimentos* são apresentadas na Tabela I.

Tabela I – Descrição das participantes do estudo

Movimentos	Idade	Deficiência	Tempo na Cia.
Movimento nº 1	38	Baixa visão	01 ano
Movimento nº 2	26	Baixa visão	07 anos
Movimento nº 3	34	Cegueira	17 anos
Movimento nº 4	43	Cegueira	12 anos
Movimento nº 5	30	Cegueira	08 anos
Movimento nº 6	35	Baixa visão	05 anos

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP sob o CAAE: 48729621.8.0000.5404.

¹² Apresentamos a Associação Fernanda Bianchini na Introdução desta pesquisa.

2.3 Coleta de dados

O estudo foi desenvolvido através de entrevista individual, semiestruturada, gravadas em áudio e realizada pela pesquisadora. Esta técnica permite, com interações face à face, a compreensão das narrativas das participantes e de suas relações com o contexto e o tópico a ser investigado (CRESWELL, 2014). O roteiro das entrevistas foi elaborado com temáticas e perguntas norteadoras, partindo dos pressupostos de Bogdan e Biklen (1994, p.20), onde apontam que:

as questões desenvolvidas para orientar um estudo qualitativo devem ser de natureza aberta e devem revelar maior preocupação pelo processo e significado, e não pelas suas causas e efeitos.

2.3.1 Entrevistas Semiestruturadas

A entrevista pode ser definida como uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente (MOREIRA, 2002). Neste estudo as entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante no formato presencial. As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora, agendadas antecipadamente com as participantes e aconteceram na sede da Associação Fernanda Bianchini localizada na cidade de São Paulo. A entrevista seguiu um roteiro pré-definido com as seguintes questões norteadoras, conforme a Tabela 2.

Tabela II - Roteiro entrevistas

Questões	Roteiro
1	Me conte a sua história com a dança
2	Qual o significado da dança para você?
3	Como você se tornou uma bailarina?
4	O que é ser uma bailarina?
5	Quais são as suas expectativas?
6	Qual foi a sua melhor e pior experiência como bailarina?

2.3.2 Análise dos Resultados

As entrevistas foram transcritas integralmente e, posteriormente analisadas através da análise de conteúdo. A partir da análise de conteúdo iniciou-se a escrita de cada um dos estudos de caso. A análise de conteúdo pode ser de discursos, lexical,

sintática entre outras, para este estudo utilizaremos a análise de conteúdo temática. A análise de conteúdo temática consiste em “agrupar os relatos em temas seguindo a teoria que sustenta o fenômeno estudado” (BORTOLOZZI, 2020, p. 37).

A análise de conteúdo foi utilizada inicialmente em cada um dos *Movimentos* e, posteriormente no cruzamento entre eles produziu-se o *Movimento final* como o resultado da pesquisa. Uma característica importante da análise de conteúdo é a capacidade de produzir inferências¹³. O conteúdo da mensagem escrita, falada ou simbólica fica sem sentido quando não há a inferência do pesquisador, ou seja, quando o conteúdo é apenas descritivo. Desta forma, é essa capacidade de inferir, relacionar a mensagem a uma teoria, que confere a análise de conteúdo a relevância teórica (DE LIMA, 2021; FRANCO, 2018).

A análise de conteúdo consiste em sistematizar a informação. De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é dividida em três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e tratamento dos resultados e 3) inferência e interpretação. A pré-análise é a fase de organização do material a ser analisado, consistindo na sua leitura inúmeras vezes.

Na etapa de exploração do material é realizada a codificação do material com identificação das unidades de registro. As unidades de registro referem-se às unidades de significação podendo ser frases, palavras ou pequenas partes do texto. A identificação das unidades é uma etapa importante da análise de conteúdo a qual permitirá, ou não, uma inferência e uma interpretação de qualidade.

Esta etapa foi realizada por pares, onde discutiram-se as unidades que faziam sentido para o objetivo do estudo. Nesta etapa o referencial teórico vai surgindo, por vezes embaçado e por outras, nítido. Isso nos permitiu fazer uma prévia das possíveis categorias de análise, “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos (FRANCO, 2018, p. 63)”.

A interpretação das categorias e inferências foram feitas em pares, com o objetivo de aprofundar a análise e cruzar as inferências percebidas por ambas. Nesta etapa, as interpretações foram realizadas com base no referencial teórico adotado no

¹³ Inferência: operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras (BARDIN, 1977, p. 39).

estudo e, por vezes, em novas referências, as quais foram surgindo durante as análises.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise de conteúdo devem “refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas” (FRANCO, 2018, p. 30), sendo assim os resultados foram descritos a partir das palavras das participantes. As entrevistas tiveram a duração de cento e setenta e quatro minutos e noventa e oito segundos totalizando oitenta e cinco páginas de transcrição verbal.

Após a análise e discussão dentro de cada um dos *Movimentos*, emergiu seis resultados parciais. Sendo assim, cruzou-se os seis resultados parciais os quais resultaram no resultado da pesquisa ou *Movimento Final*. De acordo com Yin (2015), o resultado reflete ênfases, detalhes, formas composicionais e, a duração adequada às necessidades da banca examinadora.

Figura 2 — Movimentos



Fonte: Barbosa (2023)

3.1 MOVIMENTO Nº 1 - Salva-me

3.1.1 Release

A Arte. Deficiência invisível, o transtorno mental e a deficiência visual. A importância do suporte para a profissionalização na dança. O corpo e a idade no balé. Ser bailarina e ser mulher.

3.1.2 Análise

*Salva-me
Enforca meu grito
Espreme minha dor
Comprimi em mim
/o trágico
Sacrifica meu choro
Silencia meu desespero
E alivia minha alma
(poema escrito por Fátima em 2013)*

Fátima participante do estudo tem trinta e oito anos, é uma mulher branca de face rosada, psicóloga de formação, professora de espanhol nas horas vagas para complementar a sua renda, é entre as participantes desta pesquisa a mais recente aquisição da *Cia Ballet de Cegos*. Há oito anos na Associação Fernanda Bianchini e a um ano na companhia, tece e transforma palavra e movimento em formas artísticas, inscritos em espaços que descortinam a sua compreensão sobre a arte e sobre si mesma.

A potência do discurso de Fátima está na arte concreta da participante a qual transita entre a solidão da escrita, que se esforça em organizar o seu pensamento diante do transtorno mental que se estabeleceu na adolescência, a esquizofrenia e, nas relações estabelecidas com a dança diante de sua deficiência visual, a alta miopia, ambas invisíveis para a sua identidade.

Sobre a experiência de Fátima como uma pessoa com deficiência trazemos à discussão a pessoa com uma deficiência invisível. A representação do corpo é marcante e a ausência do sentido da visão limitante no mundo normativo, onde os

nossos olhos estão acostumados com o que dita a norma e com o que momentaneamente podemos enxergar, o que é invisível aos olhos se torna incompreensível. Fátima nos relatou,

“Então eu não pareço ter esquizofrenia e também não pareço ter deficiência visual. Então as pessoas geralmente o que elas não veem, né, elas acham que não existe, elas não acreditam né, então eu sofro muita discriminação as vezes por isso né, por não parecer ter uma deficiência”

O incomodo de Fátima, vem da ausência de sinais em seu corpo e as dificuldades enfrentadas por ser uma pessoa com uma deficiência invisível. De acordo com Samuels (2016), algumas das dificuldades que as pessoas com deficiência invisível como Fátima podem se deparar são: apresentar-se o tempo todo e em todos os lugares, sofrer suspeitas de fraudes e a obrigação de possuir uma documentação médica.

É preciso muita ousadia para pessoas com deficiências invisíveis afirmarem as deficiências em ambientes públicos. A negação, a zombaria e desaprovação silenciosa são alguns dos mecanismos culturais usados para inibi-las (SAMUELS, 2016).

Desta forma, a questão das artes neste movimento tornou-se conteúdo a ser analisado. Fátima nos relatou que encontra nas formas artísticas um jeito de lidar com os desafios de ser uma mulher com deficiência:

“[...] é eu lido através da arte né, uma coisa maravilhosa né, não só a dança né, mas também a dança, o balé clássico também, mais a dança contemporânea a dança do ventre. Eu também me expresso através da pintura, eu gosto de pintar, escrever também é uma coisa que eu amo fazer. Ultimamente eu não tenho escrito muito poesia, poema né, mas eu já escrevi durante um tempo, é hoje eu escrevo mais a escrita de como eu me sinto, num diário, numa agenda sabe, isso me ajuda bastante a me organizar mentalmente; e a dança me ajuda a me organizar no espaço, e no esquema corporal, e também no resgate da autoestima é bem importante [...]”

De acordo com Ossona (1998, p.19), a dança irrompe “por uma necessidade interior, muito mais próxima do campo espiritual que do físico”, o

movimento organiza-se no tempo e no espaço como uma válvula de escape de uma tumultuosa vida interior. Desta forma, é a partir do movimento, a matéria-prima da dança (DANTAS, 2020), que Fátima transpõe as suas dificuldades, organizando-se interna, temporalmente e espacialmente como observamos em sua fala.

Fátima apreende outras formas artísticas como a pintura e a poesia que se somam a dança no intuito de lidar com as suas características. Neste tocante Osona (1998), diz que no princípio as formas artísticas fundiam-se em um único ato e que vão separando-se conforme o desenvolvimento da cultura, e que tornam a fundir-se na riqueza artístico-cultural dos tempos atuais.

Fátima, materializa o grito enforcado e o desespero silenciado em ação, como incorporado desde os povos primitivos, que por uma necessidade vital encontra nas artes a forma de existir, e se reconhecer como ser humano.

Fátima, encontra na poesia a sua organização mental e na dança a sua organização espacial, tão essenciais para o convívio e reconhecimento da sua identidade de pessoa com deficiência. Entre o fazer artístico individual e coletivo, o objeto artístico temporal e perdurável, e a representatividade intemporal e temporal (OSSONA, 1998), sozinha ou na coletividade, documenta o que escreve e extingue a sua dança no feito artístico.

Nas palavras de Fátima, *“a arte tem o poder de cura né, não da cura médica né, a cura de reestabelecimento a um estado anterior”*, sendo acessados ao dançar e ao escrever, ou poderíamos dizer ao incorporar ambas as linguagens artísticas.

Assim, como as artes, o corpo e a idade, o transtorno mental e a deficiência visual são pontos importantes na análise. A dificuldade do ingresso nas aulas de dança parece estar mais relacionada ao corpo e a idade do que a deficiência visual.

Fátima, desde criança tinha o desejo de fazer balé, que se manteve até a fase adulta. O início e o abandono nas aulas aconteceram sucessivamente até ter conhecimento da Associação Fernanda Bianchini. Fátima em sua fala não traz a deficiência visual como um impedimento a prática do balé e sim a questão da idade,

“[...] mas depois de adulta que eu fui me descobrir melhor na dança, e dar continuidade. Então durante a Faculdade, eu fiz Faculdade de Psicologia, é [...], na PUC de Perdizes, e durante a Faculdade fui também fazendo aula de dança, de balé clássico, em outros lugares né, que não aqui na Associação. E, foi muito bom só que teve uma professora que era muito rigorosa, ela esquecia que eu sou ADULTA sabe?”

Queria exigir de mim um alongamento que eu não tenho, né? E aí eu tive que desistir daquela aula”

A idade e o corpo tensionam quando a temática é o balé. O corpo neste *Movimento* é o produto de estados emocionais, que rompe com a norma, e torna real a experiência de ser bailarina profissional, conforme relatou Fátima:

“[...] porque assim essa idade que eu estou é, geralmente as bailarinas estão se aposentando, né? Eu estou começando a carreira agora [...] o meu tipo de corpo, eu não sou uma bailarina magrinha né, por conta de medicações, essas coisas, ansiedade, eu acabei engordando, mas mesmo assim né, eu sou aceita aqui”

Conhecendo o gênero teatral balé e as regras que o definem como pensado para corpos perfeitos os quais devem fazer parte de um certo biótipo (ADAIR, 1992; ALBRIGHT, 2013; PEREIRA, 2003), para a participante deste estudo parecia ser impossível fazer parte de uma companhia de dança.

O significado da palavra aceitação no relato de Fátima, quando se refere a Associação Fernanda Bianchini e como bailarina da *Cia Ballet de Cegos*, vai além do significado da palavra aceitação, está entre as relações humanas estabelecidas na Associação e na companhia, como o amor, a amizade, o suporte e a acessibilidade. Essas relações acontecem não só com a dança em si, mas com áreas inter-relacionadas. O trabalho interdisciplinar que lá é vivo, transborda e transforma a palavra aceitação em apoio e suporte.

O corpo com deficiência encontra-se no excludente território social, por muitas vezes sem acesso a salas de ensaio e, de frente a diminutas políticas públicas de acessibilidade, que os impede de fazer parte dos sistemas de arte (TEIXEIRA, 2021), quando Fátima é questionada sobre a sua trajetória com a dança e, o que a possibilitou estar na companhia, ela nos diz:

“[...] os voluntários, eles nos ajudam com outras questões, por exemplo a micro fisioterapia que cuida de uma forma, do corpo e das emoções. Nós temos uma psicóloga voluntária, no momento eu estou passando com ela on-line, e isso ajudou muito [...]”

Entretanto, o apoio encontrado na Associação e na companhia não foi o mesmo nas relações humanas fora desta. A exclusão vivenciada por Fátima e os preconceitos sofridos refletem a experiência do que é ser uma pessoa com deficiência e se potencializam dentro da sua área de formação:

“Na área da psicologia mesmo, eu tentei, e eu sou excluída, as pessoas não dizem, mas eu sei né, qual a razão. É geralmente por conta do transtorno mental, EU NÃO CONSIGO TRABALHO, eu não consigo trabalho na área [...]”

Como em seu poema, Fátima comprimiu em si o trágico. O fato de não conseguir se recolocar no mercado como psicóloga causa sofrimento à participante e é expresso em seus poemas.

*No sonho a psicologia
/é delírio
Meu sonho é a
/psicologia
Mas por que delirar
/dormindo
Se sonho acordada?
(poema escrito por Fátima, s/d)*

O reconhecimento da identidade de pessoa com deficiência visual para a participante deste estudo está em processo de construção, como podemos observar em sua fala quando perguntamos a ela sobre a deficiência visual:

“[...] a noite é muito difícil para andar só que eu ainda consigo andar sem bengala, né? É assim, eu penso que, enquanto eu puder eu vou andar sem, mas se eu precisar eu vou usar, é um recurso, né? É claro que eu fico preocupada porque a gente se sente mais vulnerável, né? A ser assaltada, enfim né, que a gente fica vulnerável, pelo menos eu imagino que fique, não sei, eu preciso até conversar com as meninas sobre isso, pra ver o que elas acham, né? Você andar sozinha, enfim, eu ando muito sozinha, mas eu ainda consigo né?”

Já o reconhecimento da identidade de ser uma pessoa com um transtorno mental se faz presente na fala de Fátima quando perguntamos sobre a esquizofrenia,

“[...] o que me deixa muito chateada também é a não recolocação no mercado de trabalho, né? Então, existe um preconceito muito grande mesmo na área da psicologia pra pessoas com transtorno mental, né? De inclusão no mercado de trabalho, é, o médico sugeriu pra eu me aposentar por invalidez, mas eu acredito que eu sou capaz de trabalhar então eu não aceitei, é [...], eu acredito mesmo que é possível [...]”

Assim neste *Movimento*, onde se tecem as relações, compreendem-se as necessidades humanas e a vida como ela é, reafirmamos a importância da compreensão da deficiência como uma condição humana. Para Garland-Thomson (2002), pesquisadora dos Estudos Feministas da Deficiência, a deficiência é a mais humana das experiências, afetando todas as famílias e que, se vivermos o suficiente, tocará a todos nós. É desta forma então que Fátima vai reconhecendo-se e reafirmando-se pautada em suas experiências.

Ser bailarina profissional para Fátima tem um significado transformador, alivia a alma, liberta-a para voar e tocar o céu, é sentir-se bonita, cuidar da família, dançar até quando puder, ocupar o lugar que quiser no mundo.

Para Teixeira (2021), o papel do artista que vive a experiência com a deficiência é reconhecer-se como parte da produção cultural brasileira, é sentir-se atuante e valorizado em sua arte e também pelas contribuições nos modos de enxergar, ouvir e executar a arte.

Em processo de construção Fátima se inscreve na arte e como ser humano. Ao perguntarmos sobre as suas expectativas como mulher com deficiência visual, Fátima foi tecendo e juntando as partes e, concluiu nos dizendo:

“[...] que eu seja reconhecida, e conhecida pelas minhas habilidades, pelas minhas qualidades, pelo meu desejo de sempre estar evoluindo, me desenvolvendo, então em resumo que a minha deficiência não seja a minha marca né, e sim mais uma característica”.

3.2 MOVIMENTO Nº 2 - Coppélia

3.2.1 Release

A condição social e o balé. O *coming out*. A relação intérprete/espectador e intérprete/intérprete. O espaço cênico e a pessoa com deficiência visual.

3.2.2 Análise

Coppélia ou *La fille aux yeux d'émail* (Coppélia ou A menina de olhos de esmalte) é um Balé em três atos que narra a estória da jovem *Swanilda* e de seu namorado *Franz*, que se apaixona por *Coppélia* sem saber que ela é um autômato¹⁴ construído pelo estranho *Dr. Coppélius* (FARO; SAMPAIO, 1998), é interpretada por Dandara a participante deste movimento.

Dandara tem vinte e seis anos, é uma mulher jovem, graduanda em fisioterapia, é entre as participantes desta pesquisa a mais jovem na categoria idade. Há oito anos na Associação Fernanda Bianchini e há sete anos na *Cia Ballet de Cegos*, conquistou um dos mais difíceis degraus na formação de bailarina, dançar um *pas de deux* (passo a dois) de repertório: o *pas de deux de Coppélia*. De acordo com Faro e Sampaio (1998, p. 298),

O *pas de deux* é encontrado em todos os grandes balés clássicos e segue uma forma mais ou menos preestabelecida: adágio para o casal, variação para o dançarino, variação para a bailarina e a coda ou final para o casal. Normalmente são demonstrações de virtuosismo.

Dandara foi diagnosticada com baixa visão por volta dos quatro anos, entretanto a deficiência visual não se transporta para o aprendizado do balé como uma dificuldade. Por outro lado, Dandara relatou outra categoria, a sua condição social e de seus familiares, como uma dificuldade a ser transposta:

“eu nunca falei para minha mãe que eu sempre tive vontade de fazer balé, mais pelas condições financeiras; eu sabia que era uma coisa muito cara e de difícil

¹⁴ Máquina que imita o movimento de um corpo animado; robô. [Figurado] Pessoa que não pensa nem age por si mesma, que tem comportamentos animados (Dicio, 2022).

acesso pra pessoas que não tem tanto uma vida financeira estável. Então eu nunca quis preocupar minha mãe em relação a isso”

Desta forma, neste movimento, a questão da classe social atrelada ao balé tornou-se conteúdo a ser analisado. O balé em seus primórdios, no contexto histórico europeu e no Brasil, transitava pela aristocracia. De acordo com Ossona (1998, p. 64), “os balés foram diversão de príncipes e cortesãos, por eles realizados e a eles destinados”.

No contexto do Brasil, entretanto, prevalecia um caráter didático o qual tinha como intuito a formação de público para o balé. Diante disso, as aulas de balé eram ministradas em clubes e colégios e que culminavam em apresentações. Para Pereira (2003), essas apresentações despertavam o gosto pela dança clássica na aristocracia brasileira.

Entretanto, nos Anos de 1980 e 2000, observa-se um fenômeno de troca, onde “a elite adota a dança desenvolvida entre o povo simples e este adota a dança elitizada como forma de ascensão” (ALMEIDA, 2014, p.07). Desta forma, o balé é incorporado por Associações, como a Associação Fernanda Bianchini, no intuito de oportunizar a técnica da dança clássica aos grupos sociais menos favorecidos. De acordo com Almeida (2014), são essas ações, que se encontram em um sistema de trocas culturais que podem ressignificar o balé na sociedade contemporânea. Compreendemos assim, que nos tempos atuais o balé mantém-se como pertencente a classe dominante, mas que os sistemas de trocas culturais permitiram a sua prática por pessoas em desvantagem social.

É justamente na dança teatral balé que Dandara acolhe o resultado do seu trabalho e, ao acolher esse reconhecimento, reafirma a sua identidade de bailarina profissional. Dentre as características da dança teatral a que imperativamente aparece em sua fala é a relação que se estabelece entre intérprete e espectador. Quando perguntamos a Dandara sobre o significado de ser bailarina da *Cia Ballet de Cegos*, ela nos relatou:

“É [...] ver o público devolvendo aquilo que a gente faz, todos os ensaios, a gente está tão cansada tipo das oito horas da manhã até meio dia e meio fazendo aula e ensaiando, e aí chega para uma apresentação e vê como o público recebe a

gente tanto em espetáculos como em apresentações internacionais, eu acho que isso é muito importante, eu acho que é [...] pra mim é, eu não sei a palavra exata”

De acordo com Fazenda (2012), uma das características que define a dança teatral é justamente a relação entre intérprete e espectador, desta forma o local da *performance* assim como a distância entre intérpretes e espectadores tem um significado para o objeto artístico. As questões que envolvem o espectador e o intérprete, e as relações que acontecem entre eles em uma *performance*, fazem parte e dizem respeito ao objetivo de uma *performance*.

Essa questão é importante ser analisada no contexto das *performances* realizadas por uma companhia que tem em seu elenco bailarinas (os) com deficiência visual. Supondo uma analogia na relação entre intérprete/espectador, e intérprete/intérprete a fala de Dandara relatou o que aconteceu em uma *performance* na qual a companhia participou. Esta relação demonstrou a importância do espaço cênico, e dos elementos que o compõe para que a *performance* em sua grandeza ocorra e, a relação intérprete/espectador seja positiva,

“a gente foi participar foi convidado para abrir o Espetáculo de Campos e aí a gente via as pessoas, a música estava tão estrondosa que acho que ninguém conseguia falar com ninguém. No entanto, que a gente não conseguiu se comunicar, a gente acabou se colocando no lugar errado porque a música estava alta demais pra gente. E quando a música fica muito alta e tem retorno acaba criando parede no palco, no meio do palco, acaba criando parede por conta das caixas né, aí a gente acaba meio que se perdendo e achando que ali é o nosso limite, a gente não consegue ouvir ninguém, a gente acaba fazendo coisa ruim”

A questão é que para uma *performance* que incluía bailarinos com deficiência visual o espaço e os elementos que constituem este espaço, como, por exemplo a música e as caixas de som, devem estar adequados a *performance*. Ao perguntarmos para Dandara como ela se sente como bailarina com deficiência visual ela nos relatou, e reafirmou essa importância não só na questão intérprete/espectador, mas na relação intérprete/intérprete,

“na verdade, é muito legal [...] e aí é uma coisa totalmente diferente, porque aqui a gente se ajuda muito, a gente fala o tempo todo em coreografia, e aí tem gente na coxia chamando a gente pra ir para o lado certo dos dois lados, e [...], e aí eu acredito que isso se torne um pouco diferente dos outros lugares, e a gente vê nos outros lugares as pessoas dançando, as pessoas ensaiando, e aí todo mundo calado, ninguém fala com ninguém [...].”

De acordo com Hall (2018) a relação entre a dança que possui em seu elenco bailarinas com deficiência e o contexto no qual este está inserido poderia ser reinterpretado, não como uma falha do intérprete e nem como uma falha do espectador, mas sim como uma falha no ambiente, assim como no Modelo Social da Deficiência, demonstrando assim, que a eliminação das barreiras no espaço cênico é imprescindível para o sucesso das *performances*. Desta forma,

O principal benefício de focar no ambiente, pode ser visto em um crescente corpo de pesquisa (embora limitado à deficiência física) sobre o impacto positivo dos programas de dança para pessoas com deficiência (HALL, 2018, p. 8, tradução nossa).

Outra questão que surge nos relatos de Dandara é a tensão entre a aparência e a autoidentidade a qual se estabelece no decorrer de sua vida. A aparência relaciona-se com os estereótipos identificáveis, os quais são atributos dos estilos de vida, muitos dos quais compreendidos como visivelmente incorporados, codificados na aparência e no comportamento (JENKINS, 2008). A auto identidade envolve o vai e vem contínuo da dialética interno-externo (JENKINS, 2008). Assim como Fátima, a participante do *Movimento nº 1*, Dandara nos relatou ao perguntarmos sobre a sua deficiência visual, que as pessoas não a identificam como uma pessoa com deficiência, e que devido a este fato, em um determinado momento de sua vida, ela decidiu não falar sobre a sua deficiência visual,

“É antes eu levava isso como um tabu, sabe? tipo era muito difícil eu falar sobre a minha deficiência. Eu passei uma boa parte da minha vida não gostando de falar isso pra ninguém. Como eu tenho baixa visão as pessoas falam que eu não pareço ter deficiência visual, então muitas vezes eu preferia não comentar com ninguém e continuar seguir com a minha vida normal do que pedir ajuda”

Desta forma, consideramos importante nesta análise discutir o termo *coming out* (vir para fora, sair do armário). Este termo, assim como nos estudos sobre gênero, vem sendo utilizado nos estudos sobre deficiência. Quando uma deficiência não é imediatamente sinalizada na aparência de uma pessoa, a pessoa com deficiência experimenta uma espécie de *coming out*, tanto ao revelar a identidade da deficiência aos familiares como vivenciar a revelação da própria deficiência (SAMUELS, 2016). Para a autora, o *coming out* não é um evento estático e singular, o qual divide a vida da pessoa em um antes e um depois, apesar de que a autora considere que isto possa acontecer com algumas pessoas. Para Samuels (2016), mesmo depois de uma mudança interna, as situações vivenciadas por uma pessoa com deficiência invisível nos diferentes aspectos da vida como, o pessoal, o social e o político, cobram dela a tomada de decisões o tempo todo, em relação ao *coming out*.

Parece-nos que Dandara está percorrendo este caminho. Em situações como no relato anterior ela preferiu não se identificar, entretanto, em outros momentos ela sai, como podemos observar em seu relato,

“Eu não estava sendo eu, durante um bom tempo da minha vida, porque se a deficiência faz parte da minha vida, porque eu iria esconder ela?”

Dandara percorre o caminho tomando as decisões que considera importante e, no momento que considera importante para o reconhecimento de sua identidade. Quando perguntamos a participante quais eram as suas expectativas como uma mulher com deficiência visual ela nos relatou,

“mas eu acho que um dos meus objetivos é de fato terminar a Faculdade, eu quero muito, porque eu acredito que vai ser um grande passo na minha vida, tipo eu não pretendo, não prefiro nem tipo falar, uma pessoa com deficiência, eu prefiro tipo, eu concluí, eu cheguei até aqui com todo o meu esforço [...] então é eu acho que eu tive muito medo dessa palavra deficiência, então é isso”

A identidade da deficiência flutua de acordo com as situações de sua vida. Dandara nesta situação, prefere não se identificar como uma pessoa com deficiência,

e não nos importa julgar as suas decisões, mas sim compreender que a decisão de sair não é experienciado pelas pessoas com deficiência invisível da mesma forma.

Diferentemente de Fátima, a participante do *Movimento nº 1*, Dandara permite-se decidir entre colocar-se como uma pessoa com deficiência ou não. Já para Fátima, não, a invisibilidade de suas características causa o desconforto.

Isto nos permite compreender que a forma como cada pessoa se reconhece diante da sua experiência com a deficiência é singular. Entretanto, saindo ou não cabe elucidar que:

as pessoas com deficiências invisíveis não só são marginalizadas nas comunidades de pessoas com deficiência, mas andam em uma linha desconfortável entre essas comunidades e a cultura dominante, muitas vezes enfrentando discriminação significativa porque nossas identidades não são reconhecidas ou são desacreditadas (SAMUELS, 2016, p. 352).

Sendo assim, finalizamos este movimento com a reflexão sobre quão fluída é a categoria, deficiência. Para Dandara, fazer parte de uma companhia de balé de cegos é,

“Ah eu acho, é muito engraçado, muito engraçado não, é muito bom, tipo na verdade ouvir esse nome, Cia Ballet de Cegos, porque todos os lugares que a gente se apresenta e quando falam esse nome, a gente é tão aplaudido pelo que a gente faz e sermos deficientes visuais”

3.3 MOVIMENTO Nº 3 – Entre bolas, cestas, patins, sapatilhas e mamadeiras

3.3.1 Release

A Ética do Cuidado. A dança como manifestação coletiva. O Protagonismo. Do Modelo Médico ao Estudos Feministas da Deficiência. Ser mãe com deficiência visual.

3.3.2 Análise

Entre bolas e cestas, patins, sapatilhas e mamadeiras.

Elza tem trinta e quatro anos, é uma mulher, filha e mãe. Formada em gestão de pequenas e médias empresas, é entre as participantes desta pesquisa a única com experiência com a maternidade. Há dezessete anos na Associação Fernanda Bianchini e na *Cia. Ballet de Cegos*, queria ser atleta, não bailarina. Elza trabalha de segunda a sexta-feira cumprindo uma carga horária de trinta horas semanais, possui renda fixa e os benefícios de um emprego formal. Hoje devido à maternidade, participa das aulas da companhia de duas a três vezes por semana, atua nas apresentações da companhia e é palestrante pela Associação Fernanda Bianchini.

O sonho de Elza era ser jogadora de basquete, modalidade que a acompanhou durante uma parte da adolescência. Elza se achava desengonçada e aos dezoito anos, velha, mas foi com a dança que começou a escrever uma nova história. Participou como uma das quatro bailarinas escolhidas para dançar nas paralimpíadas de Londres e depois da dança tornou-se mãe do Théo.

Elza é também patinadora de velocidade e nos relatou que foi depois do balé que a sua vida começou. Nasceu cega total, aos quatro anos voltou a enxergar e a partir dos quatorze anos começou a perder a visão, hoje tem 2% da visão.

Neste movimento, de um antes e depois, temos o intuito de trazer para a análise, dois momentos: *antes e depois do balé*, e posteriormente, o *depois da maternidade*.

Sendo assim, iniciaremos com as questões que emergiram no antes do balé. Estas questões referem-se a compreensão da deficiência nos núcleos aos quais, Elza convivia, a família e escola.

Ao nascer, a participante e sua mãe foram abandonados pelo pai. Elza não nos relatou esta situação em detalhes, entretanto questões que emergem com os Estudos Feministas da Deficiência como, a dependência, independência e interdependência e que estão diretamente relacionadas a Ética do Cuidado, podem em um primeiro momento embasar tal fato. De acordo com Clímaco (2020, p. 9), “mulheres quando geram crianças com deficiência ou doenças, são interpretadas como cuidadoras antes de mulheres transformadas em mães”.

“O meu pai quando soube que eu era cega ele abandonou a minha mãe, então minha mãe ficou sozinha comigo, com mais três filhos do casamento anterior dela”

A ética do cuidado emerge nos Estudos Feministas da Deficiência, por uma mãe de uma filha com deficiência intelectual e pesquisadora feminista Eva Feder Kittay. De acordo com Kittay (2011), a independência é uma ficção não apenas para as pessoas com deficiência, mas para todas as pessoas, pois as relações de dependência e interdependência podem ocorrer durante o percurso de vida de pessoas com ou sem deficiência.

Desta forma, é necessário trocar a palavra independência por interdependência, para garantir os direitos das pessoas com deficiência (DINIZ, 2007), pois todas as pessoas com deficiência ou não precisarão em algum momento da vida de cuidados e/ou suporte, ou mesmo cuidar e/ou dar suporte para alguém.

É nesse sentido, que a falta de conhecimento sobre as questões inerentes a ética do cuidado, pode oprimir e impedir a autonomia de quem é cuidado e desconsiderar os direitos de quem cuida. De acordo com Kittay (2011, p. 56-57 tradução nossa), “quando reconhecemos que a dependência de outra pessoa nos salva do isolamento e fornece a outra pessoa as conexões que fazem a vida valer a pena, podemos iniciar o processo de abraçar a dependência”.

Elza, entretanto, recupera a visão (não há explicação médica) e até os quatorze anos as suas experiências são como vidente. É a partir desta idade que começa a perder a visão (sem diagnóstico médico) e entra num quadro depressivo. Compreendida como incapaz de gerir sua própria vida, Elza nos relatou como a sua família e a escola compreendiam a deficiência,

“[...] eu não tinha contato com pessoas com deficiência, nem a família, os professores na escola, foi muito novo para todo mundo. A tecnologia não era muito fácil naquele tempo para pesquisar e tudo mais, então a minha família falava: deficiente não precisa estudar nem trabalhar, deficiente tem que ficar em casa. Os professores na escola pediam para mim me sentar com CDF [termo usado para os alunos mais estudiosos da sala] porque eles faziam as provas as coisas pra mim e eu não ficava sem nota e eles achavam que assim estavam me ajudando. Então eu não sabia nem do que se tratava as matérias na escola. Os trabalhos eram as minhas sobrinhas que faziam para mim e tal e, ficou assim durante um tempo”

A partir do relato de Elza, é possível compreender que ser uma mulher com deficiência restringiu o seu poder de escolha e de tomada de decisão caracterizando assim, as suas relações como: relações de submissão e dependência. Portanto, é na interlocução com as questões da Ética do Cuidado que consideramos importante dizer que, a questão da independência no campo dos Estudos Feministas da Deficiência significa ter o poder de escolha e tomar decisões, mesmo que para isso seja necessária a mediação de uma terceira pessoa. É tomar as rédeas da própria vida (MORRIS, 1991).

Foi dentro deste quadro de submissão e dependência, onde o isolamento social e o desconhecimento imperavam é que Elza viu, uma chamada na televisão sobre as bailarinas cegas da Associação Fernanda Bianchini,

“E aí assistindo um programa de televisão, sabe quando alguém liga a TV e deixa a TV ligada e sai? Aí eu vi o Faustão anunciando: as bailarinas cegas da Fernanda Bianchini, na verdade me chamou muito a atenção, porque eu não conseguia ver as meninas dançando, mas só de ouvir aquela música tão suave, o Teatro Municipal lotado de pessoas aplaudindo, nossa eu fiquei encantada. Eu fui ao dia seguinte pra ver, pra conhecer, porque o que eu queria mesmo era conviver com pessoas como eu”

Nesse sentido adentraremos ao próximo recorte desta análise, o *depois do balé*. Para Crow (1996), há uma percepção dominante sobre deficiência, que a compreende como sendo uma tragédia pessoal e que afastam as pessoas com deficiência uma das outras. Assim quando Elza, viu a reportagem exibida na televisão, queria conhecer aquelas pessoas que como ela vivia a deficiência visual. Elza nos relatou que esse foi o impulso primário, quase que fisiológico, que a levou ao balé.

Podemos intuir, que o balé, forma como a participante nomeia as aulas, apresentações e palestras, e que utilizaremos aqui como dança para embasar teoricamente a análise, foi um elemento importante para o reconhecimento de sua identidade. De acordo com Ossoona (1998), a dança surge como manifestação coletiva, onde cada participante se funde na ação, emoção e desejo com o corpo geral da comunidade. Foi assim, a partir do contato da participante com a dança, que o coletivo trouxe um outro sentido para sua vida o de se reconhecer como parte de uma coletividade,

“Só de saber que existiam outras pessoas cegas, e que elas podiam fazer outras coisas, eu não ia mais precisar ficar trancada em casa, eu poderia voltar a ter uma vida normal como qualquer outra pessoa. Então eu fui ao dia seguinte conhecer as meninas e conviver com elas, saber como elas faziam, como era rotina o dia a dia delas. Então umas meninas estudavam, outras trabalhavam, outras namoravam, então eu comecei a ver que elas tinham uma vida normal como qualquer outra pessoa, independente da limitação”

Essa possibilidade permitiu a Elza como ela diz *“escrever uma nova história”*. Quando perguntamos a Elza qual era o significado de ser uma bailarina, a participante nos relatou que é mais que ser uma bailarina. É poder mostrar. Mostrar no sentido de levar ao conhecimento das pessoas com deficiência ou não, que pessoas como ela, podem e devem ter os seus direitos garantidos, ou seja, direito a ser alguém, direito ao trabalho, direito a saúde, a ter uma família, direito as escolhas. Essencialmente, é existir. A participante nos relatou:

“é mostrar justamente essa nossa superação, que nós somos capazes, e para fazer com que outras pessoas que não tenham conhecimento, assim como eu não tinha lá atrás. Eu não conhecia a capacidade de uma pessoa com deficiência. Se eu não tivesse conhecido, de repente eu estaria trancada até hoje, e não, e é isso que eu busco, através do balé, por isso que as apresentações são tão importantes para mim”

Elza, para além das aulas as quais participa com uma frequência de duas a três vezes por semana, participa dos eventos, apresentações e palestras motivacionais pela Associação Fernanda Bianchini, demonstrando o seu protagonismo.

De acordo com Teixeira (2021, p. 151),

Ao entrar em cena o artista que tem uma deficiência traz consigo para o palco a sua experiência social de exclusão, pois é sempre alvo de fetiche da especulação humana, e da espetacularidade a ele atribuída. Ao deparar-se com o fazer cênico propõe outro entendimento estético, artístico, político de

seu corpo. Ele é ali um recriador de si mesmo, um intérprete das impossibilidades.

Desta forma é que Elza encontra na dança o protagonismo como mulher, mãe e bailarina com deficiência visual, mostrando e buscando através das suas ações com a companhia as possibilidades de ser uma transmissora das possibilidades da pessoa com deficiência visual. O balé permite que a participante questione o Modelo Médico da Deficiência e reafirme o Modelo Social da Deficiência, afirmando sua expressão individual e coletiva. O balé permitiu à participante o reconhecimento da vivência da deficiência como uma forma de opressão social e sua ruptura pela sua afirmação como cidadã.

É nesse contexto que Elza realiza outro sonho, a maternidade, a qual implica em escolhas e justificou o último recorte da análise, o *depois da maternidade*. Após o casamento a participante nos relatou o desejo do casal em ter um filho. Rompendo com todas as barreiras e preconceitos que associam a deficiência com incapacidade e dependência, Elza em seu relato demonstrou o entendimento social de ser mãe com deficiência visual:

“E assim por falta de informação das pessoas por acharem que a gente não tem capacidade de fazer as coisas, então mesmo hoje, outro dia mesmo ele foi a farmácia aqui de um pessoal que conhece a gente e o pessoal falou: nossa não sei como você dá conta de trabalhar, cuidar da criança, da sua esposa, da casa e fazer tudo sozinho, aí ele falou: mas eu não faço tudo sozinho quem cuida do meu filho é minha esposa e da casa também é ela quem cozinha e faz as coisas e tal. Aí as pessoas disseram: nossa, mas como assim? Aí ele falou: sim, ela que faz as coisas, eu ajudo claro a gente dividi tudo, mas ela que faz as coisas, e aí as pessoas por falta de informação, a gente até hoje, nós estamos juntos a quinze anos mesmo até hoje a gente passa muitos preconceitos e tal, mas a gente se gosta muito, então a gente acaba superando tudo isso e sempre buscando melhorar cada vez mais”

Em relação à maternidade e deficiência, Malacrida (2020), diz que historicamente maternidade e deficiência são compreendidas e geridas como se fosse algo antiético, fato que podemos observar no relato da participante. A maternidade quando o assunto é a pessoa com deficiência, sofreu por ações de políticas

eugenistas¹⁵, e por ações eugenistas de instituições, caracterizando a eugenia dentro dessas ações como ativa e passiva respectivamente. Nos dias de hoje, a temática carece de falta de pesquisa, acomodação, apoio a sexualidade e apoio ao papel materno da mulher com deficiência, questões essas que reforçam a ambivalência cultural sobre a temática.

Elza, portanto, rompe com o que uma sociedade normativa espera de uma mãe com deficiência e agora se reconhece como mãe. Em seu relato demonstrou as escolhas que fez diante da maternidade e espera num futuro próximo, retomar a rotina como bailarina de forma mais intensa. Quando a perguntamos sobre as suas expectativas, a participante nos relatou:

“Na verdade, o que mais me faz falta assim, é de conseguir voltar a dançar o tanto que eu dançava antes, sabe? De eu conseguir conciliar tudo. Infelizmente a gente não consegue se manter do balé clássico financeiramente, então eu preciso ter a minha independência financeira, para poder juntar com o balé, que é o que eu realmente amo, o que eu realmente gosto de fazer, então a minha vontade era conseguir conciliar de novo, pra voltar a fazer com a mesma intensidade sabe?”

Nesse sentido, devido à maternidade e condição social, Elza escolheu ter um trabalho formal o qual possa oferecer benefícios para a saúde e educação do seu filho, assim como escolheu diminuir a intensidade do trabalho como bailarina profissional, escolhas essas que fazem parte da vida de uma mulher e mãe que valoriza a sua autonomia.

Elza, em sua história faz emergir questões das quais dizem respeito ao universo de mulheres, mães, profissionais com deficiência e seus filhos, os quais reivindicam estudos que possam colaborar com uma vida mais digna. Reconhecer a história de Elza sob esta ótica é um desafio e um convite aos pesquisadores que são engajados com os estudos da deficiência.

¹⁵ A eugenia foi um termo criado no Século XIX pelo cientista inglês Francis Galton que significava bem-nascido. A corrente eugenista defendia a eliminação de indivíduos imperfeitos (TEIXEIRA, 2021). Desta forma, (MALACRIDA, 2020) discute como a maternidade experienciada por mulheres com deficiência sofreu as influências desta corrente seja, a partir de políticas públicas ou na forma de institucionalização.

3.4 MOVIMENTO Nº 4 – oportunizar

3.4.1 Release

A leveza e a graciosidade no balé. Ser bailarina, atrelado a técnica, ao método de ensino e, a própria percepção técnica. Docência na educação física e na dança e a pessoa com deficiência.

3.4.2 Análise

“Eu só preciso de uma oportunidade”

Carolina é uma mulher de quarenta e três anos, formou-se em Educação Física, bacharel e licenciatura, é pós-graduanda em yoga, bailarina profissional, monitora de qualidade em um *call center* até a pandemia. Carolina resistiu a uma história de exclusão no campo da dança até tornar-se bailarina da *Cia Ballet Cegos*. Há treze anos na Associação Fernanda Bianchini e a doze anos na *Cia Ballet de Cegos*, busca por uma colocação dentro da sua área de formação, a Educação Física e a dança.

Ao mesmo tempo, estudante e professora, foi a primeira aluna de graduação em Educação Física na Universidade Paulista — UNIP. Carolina ensinou os professores a lhe ensinar. Carolina marcou a sua presença num espaço que não é compreendido como seu, a Universidade e a dança, e assim, continua resistindo à procura por espaço em suas áreas de formação.

Neste Movimento, ser bailarina da *Cia Ballet de Cegos*, revela o encontro com a leveza, com a liberdade e, com as dificuldades de colocação no mercado de trabalho. É na *Cia Ballet de Cegos* que Carolina vivencia a possibilidade de não esconder a sua deficiência visual, diferentemente de outros espaços de dança na qual era vista como uma presença incômoda, simplesmente por desafiar a lógica dos corpos normativos.

“[...] eu era líder desse grupo dessa lamba aeróbica, era de axé e funk e aí a gente começou a se apresentar em muitos lugares e a gente tinha que disfarçar eu não podia

falar que eu era deficiente, se eu falasse que eu tinha deficiência visual, eles nem aceitavam a inscrição do grupo [...]”

Com amplo conhecimento em sua área de formação, tem como objetivo levar a *“inclusão para fora”*, como relatou, exercendo a sua profissão como professora de Educação Física e dança.

Em sua individualidade, a sua classe social se coloca como fator preponderante de sua participação social. Carolina mora num bairro da zona noroeste de São Paulo, região de periferia, e para ela seria de grande valia ser contemplada com um cão guia, visto que bairros periféricos da cidade de São Paulo, sofrem com questões de segurança. Porém, devido a grande quantidade de pessoas em sua residência, a participante não foi contemplada em processo para receber cão-guia. O benefício do cão-guia é garantido apenas a pessoas com deficiência visual que residem sozinhas. Entretanto, a participante revela a importância do reconhecimento das relações de interdependência em sua vida, onde a proximidade com a família garante o suporte à sua mãe, apesar de que o residir sozinha a permitiria ser contemplada com o cão guia para sua autonomia e independência.

Nos dias de hoje, Carolina demora duas horas para chegar até a Associação Fernanda Bianchini, para cumprir com a sua jornada de vinte horas aulas semanais. Ainda há compromissos aos finais de semana em que cumpre com a programação das apresentações da *Cia Ballet de Cegos*. Atualmente, no período da tarde dedica-se aos estudos do yoga e, ao conteúdo do seu canal no *You Tube*, o qual é comprometido com questões relacionadas à ausência de visão.

Carolina nasceu com catarata congênita, enxergava 5% dos dois olhos até os dezesseis anos, quando perdeu a visão do olho direito devido a um deslocamento de retina e, aos trinta e oito anos perdeu a visão do olho esquerdo devido ao glaucoma. Transpondo as barreiras encontradas em seu percurso, uma a uma, nos conta que enquanto os seus irmãos iam para a escola ela ficava em casa sentada em frente a televisão imitando os grupos de dança de sua época de infância. Carolina apenas se encontrou com outras pessoas com deficiência após os vinte anos de idade.

“[...] eu enxergava um pouquinho então eu me sentava na frente da televisão e eu ficava vendo os grupos infantil [...] e ficava cantando e a minha mãe

falava nossa, minha mãe e meu pai falava, gente essa menina aí, alguma coisa de dança ela vai ser, porque ela só faz isso o dia inteiro, e por eu não ter conseguido ido ficar na escola, então eu passava o dia todo nisso sabe? Brincando, dançando, é fingindo que eu era apresentadora de programa (risos) eu passava o dia inteiro nisso dançando, dançando, enquanto minhas irmãs elas iam pra escola, meus irmãos também, e isso acabava me deixando bem chateada, mas como eu gostava muito de dançar, então eu começava a dançar e acabava esquecendo e aí com dez anos eu entendi que realmente eu queria dançar [...]”

O primeiro contato de Carolina com a Associação Fernanda Bianchini foi no Ano de 2007, entretanto neste momento sua prioridade era o estudo; concentrava-se em finalizar o Ensino Médio e assim, decidiu não ingressar nas aulas. Só depois de três anos que Carolina retorna à Associação e então decidiu iniciar a formação na técnica de dança clássica do balé,

“[...] então demorou para terminar o ensino médio e aí em 2010 eu voltei, já estava lá na escola do Jaime Arôxa, já fazia um ano já, e falei pra Fernanda que queria fazer balé, mas não pra entrar na companhia, eu não sabia desse trabalho bonito que tinha. Eu queria fazer balé para aprimorar os meus movimentos na dança de salão, porque os meus professores eles sempre falavam: uma dama da dança de salão ela tem que fazer balé, você é muito bonita, você dança muito bem, mas você tem que entrar no clássico para você ficar mais delicada mais suave, seus movimentos fluírem mais bonitos, e aí foi onde eu voltei pra cá, pra Fernanda”

Carolina era bolsista e a única aluna com deficiência visual na escola de dança Jaime Arôxa, considerado como um dos maiores professores de dança do Brasil, e foi a partir da dança de salão, que a participante buscou no balé, aperfeiçoar os seus movimentos. Carolina manteve-se na dança de salão e então, iniciou seus estudos no balé.

De acordo com Adair (1992), o treinamento do balé reforça os papéis rígidos do sexo; as meninas aprendem a se mover com leveza, graça e facilidade e, comumente são atraídas pelo treinamento do balé, visto que é ele, o balé, que fornece atributos que são valorizados em nossa sociedade, como observado nas palavras de

Carolina, “[...] *you have to enter the classic to be more delicate, more suave*”, a vivência no balé lhe possibilitou a validação do papel feminino na sociedade.

A busca pela dança diferencia-se de um *Movimento* para o outro, como a busca por organização espacial e intelectual no *Movimento nº 1* ou, a busca pela convivência com outras pessoas que experienciavam a deficiência visual no *Movimento nº 3*. Para Carolina, essa busca relacionou-se a busca por leveza e graciosidade, qualidades inerentes às bailarinas que interpretam personagens em grandes balés de repertório como em *La Sylphide*,

Considerado um dos balés mais importantes do período romântico [...] O traje longo usado pela Sílfi¹⁶ passou a simbolizar toda uma fase da dança. O libreto conta a história de uma Sílfi, ser alado que vive nas florestas, que se apaixona por um mortal, James. Este, no entanto, está noivo de sua vizinha Effie (FARO; SAMPAIO, 1998, p. 375).

A busca por essa leveza, graciosidade e agilidade, como uma sílfi, presentes nos personagens dos balés se dá a partir da técnica da dança clássica. Carolina, nos relatou as suas dificuldades no aprendizado do balé, no aprendizado da técnica, as quais relacionam-se para a participante a idade e ao corpo, mas também a um amadurecimento da sua percepção sobre sua própria técnica a qual surgiu durante a pandemia,

“Apesar das minhas dificuldades, que eram muito grandes por ter começado com trinta e um anos o balé, adulta já; então é muito mais difícil para uma pessoa adulta conseguir atingir a técnica que o balé exige da gente. Mas eu corri atrás, depois de dois anos eu comecei a fazer aula de ponta. Tenho até hoje muita dificuldade na ponta, não sou como as outras meninas que têm essa facilidade de dançar na ponta”

As técnicas de dança são apreendidas em espaços específicos para tal aprendizado, “[...] são as técnicas de dança que proporcionam ao corpo o conhecimento necessário para se movimentar de modos que são culturalmente relevantes” (FAZENDA, 2012, p. 61). A técnica para Carolina foi fundamental para o se reconhecer bailarina. Ser bailarina, para Carolina está atrelada a técnica.

¹⁶ Sílfi na mitologia grega é considerado um gênio feminino do ar, em um sentido figurado é uma mulher muito magra, graciosa, esbelta e delicada (Dicio, 2022).

O reconhecimento como bailarina se deu durante o período da Pandemia da COVID-19. Ao perguntarmos em qual momento ela se tornou uma bailarina, Carolina nos relatou,

“Eu me senti realmente uma bailarina depois da pandemia, olha só, depois de formada eu fui me sentir muito mais bailarina, por quê? Porque como eu te falei eu comecei o balé adulta, eu não tinha a facilidade que as meninas têm de ter en dehors¹⁷, de ter um pé esticado, de estender o joelho, de entender a força que se faz no balé. Eu colocava muito mais a força bruta do que a força que se precisa, entendeu? Então eu fazia os movimentos muito sujos [...], mas hoje eu sei que eu não entendia a força que se precisava fazer quando o professor falava: estica o joelho, não é simplesmente você esticar o joelho, é você puxar a força dos internos, crescer a coxa, crescer o tempo todo como se você estivesse sendo puxada pra cima [...] então eu fazia e achava que estava fazendo certo, só que hoje não, depois que eu voltei pro presencial é que eu entendi o que é estender uma coxa o que é vira um en dehors sabe? [...] então, foi depois da pandemia, o que aconteceu: na pandemia a gente fazia aula on-line, então não tinha barra, não tinha nada, era a minha força e eu entendeu? Então era assim, e na minha casa é tudo pequenininho, porque eu moro em apartamento, então eu fazia aula e colocava a mão no guarda-roupa, na porta do guarda-roupa, eu não tinha onde me apoiar, entendeu? Meu chão é um chão de piso, escorregadio, então eu tinha que tomar muito cuidado para não me machucar a gente passou mais de um ano fazendo aulas on-line, pra não perder tudo que já tinha ganhado. Então eu tinha que me controlar nisso, e nisso o que aconteceu? Eu fui começando a entender as forças que eu tinha que usar, então eu falo pra você que hoje eu me sinto sim mais bailarina do que a alguns anos atrás [...] e a pandemia, o lado bom da pandemia, foram essas aulas on-line que eu pude entender as forças que eu precisava fazer. Então quando eu voltei para o presencial, até os professores falaram: eu to percebendo que as suas pernas estão mais fortes, não forte no sentido de grossa, mas de alongamento, você estende mais o joelho, você está estendendo mais os internos da coxa [...]”

¹⁷ *En dehors* é um termo em francês e significa para fora, trabalha-se a rotação externa em todos os passos do balé, ou seja, os pés no balé estarão apontando sempre para fora (FARO; SAMPAIO, 1998).

Foi desta forma, num ambiente totalmente novo que a participante nos relatou os seus progressos na técnica da dança clássica e a relação do se reconhecer bailarina na relação com a sua percepção técnica. Com uma história de resistência diante da dança, que perpassa a discriminação, ao ser negado o direito de aprender, ou pelo constrangimento sofrido nas aulas, ou por esconder a sua deficiência visual por medo e vergonha de não ser aceita, Carolina conquista o lugar de ser uma bailarina profissional e uma profissional da Educação Física.

Entretanto, os seus objetivos com a dança não param por aqui, a participante nos falou do seu desejo, desde criança, de exercer a profissão de educadora,

“A minha história com a dança começou desde criança, eu sempre soube que eu queria ser uma professora de dança e uma profissional de educação física. Eu não sabia dizer o nome da profissão, mas eu sempre mostrava e sempre apontava para os meus pais que eu gostava de dançar e gostava de atividades físicas”

O desejo de ser uma professora de dança ganhou força no discurso de Carolina à medida que ela recorda os momentos de exclusão que vivenciou na dança. A postura capacitista de uma professora, foi algo que ela questionou e expressou o seu desejo por mudança,

“[...] e aí a professora, o que ela fez, em vez de ela tentar entender a minha situação, ela me colocou no grupo infantil, só que era muito infantil, tinham crianças de três, de quatro anos e eu com dez, onze anos sabe? Uma coisa assim, totalmente errada. Hoje eu entendendo como pessoa com deficiência e como profissional, como professora, que eu, com certeza brigaria; falaria não você tem que me incluir, você tem que me ensinar, eu posso te ensinar a me ensinar né? Hoje eu tenho bagagem pra isso, mas na época eu não tinha, e tinha mais medo do que qualquer outra coisa né, e aí acabei indo pra turma infantil [...]”

De acordo com Chan et al. (2022), professores com deficiência podem contribuir para o ambiente escolar em diferentes níveis. O lugar de professor com deficiência lhe confere um lugar de contribuição ao: conhecer o sistema educacional

devido a sua experiência como aluno com deficiência; motivar o aprendizado de seus alunos e, oferecer aos alunos com deficiência uma possibilidade de reconhecer-se.

Entretanto, Carolina nos relatou as suas dificuldades em conseguir atuar como professora, seja na educação formal como professora de Educação Física ou, na educação não formal como professora de dança em escolas de dança, centros culturais e academias de ginásticas. Quando perguntamos para a participante se ela estava atuando na docência ela nos relatou:

“[...] eu tenho capacitação para dar aula, mas ainda tem esse problema, quando você vai nas academias, quando você vai nas escolas, as pessoas elas te definem pela sua deficiência, elas não deixam nem você mostrar a capacitação que você tem, entendeu? Então eu já fiz entrevistas em vários lugares, mas aí quando chega na hora da prova prática, que é para você mostrar a sua aula, eles me dispensam. Eles não esperam para ver o que eu posso oferecer entendeu? [entendi] é bem difícil [...]”

Parece-nos que estamos diante de um problema social sobre a inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho num recorte específico, a inserção do professor com deficiência no mercado de trabalho. Em um estudo de revisão que analisou publicações realizadas no campo da educação inclusiva entre 1990 e 2015, apenas onze estudos abordavam o assunto referente a temática da atuação dos professores com deficiência (GIABARDO; RIBEIRO, 2017). Para os autores é imprescindível compreender as especificidades do professor com deficiência diante do movimento de inclusão no Brasil. Ressaltam ainda a importância de compreender como esse professor vem ocupando o mercado de trabalho e, como a sociedade enxerga esses profissionais.

Em relação à inserção destes profissionais no mercado de trabalho, os impedimentos referem-se a: o preconceito social existente no ambiente escolar, a falta de conhecimento do empregador sobre as capacidades do professor com deficiência e a precariedade na acessibilidade, seja ela arquitetônica ou em equipamentos que possam apoiar a prática docente (GIABARDO; RIBEIRO, 2017). Em outro estudo sobre o número de professores com deficiência que atuavam na rede municipal de educação de São Paulo no Ano de 2018, Delfino e Perez (2021), demonstram que apenas 0,05% do total de docentes no município possuem algum tipo de deficiência,

destes a maioria são mulheres, pessoas com deficiência física e, que atuavam na educação infantil e fundamental I na região periférica de São Paulo.

As pesquisas tornam-se mais escassas quando o assunto é a área de atuação dos professores com deficiência na Educação Física. Para o melhor do nosso conhecimento, não há pesquisas que relatam a experiência do professor com deficiência que atua na área da Educação Física. A lacuna se expande quando o assunto é o ensino da dança;

De acordo com Bertoldi e Margueritte (2021, p.2),

Poucos estudos evidenciam os desafios da inclusão no fazer próprio dos processos de ensino aprendizagem e criação artística, sendo necessário aprofundar a compreensão deste contexto de análise, considerando as percepções das pessoas com deficiência.

Esta pesquisa foi realizada no contexto de aprendizagem não formal da dança e investigou o que pensam os alunos com deficiência sobre as possibilidades de profissionalização no campo da dança. Neste estudo, a percepção dos alunos com deficiência sobre a sua profissionalização pautou-se no modelo de corpos e dança por e para pessoa sem deficiência, o que demonstra uma fragilidade na conquista de representatividade no campo da dança por pessoas com deficiência. Isso quer dizer que não há representatividade de pessoas com deficiência que ensinam dança.

Desta forma, compreendemos a importância da representatividade da pessoa com deficiência no ensino da dança, para que a percepção de alunos com deficiência sobre as possibilidades de profissionalização possa se construir num contexto possível de atuação.

É nesse sentido que a participante deste movimento, protagoniza o seu papel na educação e na dança, resistindo e buscando uma oportunidade de atuação profissional,

“Eu só preciso de uma oportunidade”

Ao perguntarmos para a participante sobre a sua melhor experiência como bailarina, ela nos relatou a importância de conhecer um método de ensino de dança e como isso lhe trouxe segurança para ensinar, reforçando o seu interesse em atuar como professora,

“A minha melhor experiência como bailarina foi descobrir que mesmo sem enxergar eu poderia dançar e ensinar, porque foi criado um método que para nós deficientes visuais ele é essencial, que é o método do toque. Então, antes eu tinha muito medo, mesmo com a baixa visão, eu tinha muito medo de dar aulas, era o meu sonho, continua sendo, mas, eu tinha muito medo porque eu mesma não sabia como ensinar os meus alunos, então eu tinha muito medo do futuro, então eu pensava e se eu perder a visão como eu vou dar aulas, mas depois que eu entrei na Associação Fernanda Bianchini e conheci o método do toque, foi a minha melhor experiência”

O princípio da metodologia baseia-se no toque e na percepção corporal, no qual um movimento é primeiramente descrito pela professora, a qual posteriormente toca o corpo da aluna desenhando com ele o passo narrado e então, invertem-se os papéis; a aluna toca o corpo da professora a fim de identificar as minúcias do movimento que está sendo ensinado. O passo do balé é apreendido, assimilado na memória corporal e associado a um nome em língua francesa, o qual faz parte de um vocabulário próprio, usado mundialmente. A confirmação do processo de ensino-aprendizagem se dá quando a aluna é capaz de reproduzir o movimento que corresponde ao nome do passo solicitado. Este método vem preparando profissionais no Brasil e no exterior, capacitando-os a ministrar o método de ensino do balé para cegos, batizado como *Franquia Social by Bianchini* (BIANCHINI, 2005; MARINELLI, 2019).

Carolina, caminhou lado a lado com a dança, desde a sua infância, como se a dança como ela diz *“viesse com ela de outras vidas”*. E nessa busca incessante em profissionalizar-se, em existir na dança, continua resistindo em sua história.

3.5 MOVIMENTO Nº 5 – O patinho feio

3.5.1 Release

Modelo Médico da Deficiência (termos binários, termos pejorativos e atitudes caritativas). Estudos Feministas da Deficiência (ativismo). O termo bailarina. Técnica, expressão e sentimento.

3.5.2 Análise

O patinho feio. Era assim que Aurora se sentia.

Aurora é uma mulher de 30 anos, aluna do curso de graduação em pedagogia, tem baixa visão, está na Associação Fernanda Bianchini há nove anos e na *Cia Ballet de Cegos* há oito anos. O primeiro contato de Aurora com a dança foi na pré-escola e se manteve ao longo de sua vida. Entre idas e vindas, das aulas de jazz ao, street dance e, até conhecer o balé na Associação Fernanda Bianchini, Aurora destacou experiências marcantes em sua trajetória na dança.

Com o diagnóstico tardio de retinose pigmentar, Aurora não compreendia o que estava acontecendo com a sua visão, por vezes enxergava, por vezes não. Usava os óculos prescritos para miopia e astigmatismo, entretanto sua visão não respondia as lentes como deveria. Sentava-se sempre em frente a lousa, mas não conseguia copiar a lição, pois o ato de olhar para a lousa, escrever e retornar o olhar para lousa demandava muito tempo. O rótulo de “preguiçosa” lhe foi concebido antes mesmo das pessoas compreenderem a experiência da deficiência que vivia Aurora. Na verdade, ela mesma não compreendia o que estava acontecendo consigo mesma. A falta de convívio com outras pessoas que experienciavam como ela as dificuldades implicadas na perda da visão, restringia a percepção de Aurora sobre a deficiência. Ela destacou as suas inquietações dizendo,

“[...] antes de entrar na Associação eu me sentia o patinho feio, sabe? A única. Eu não conhecia outras pessoas que tinham essa deficiência e no início era muito estranho, porque tinham coisas que eu enxergava. Às vezes eu via às vezes não, então para mim era muito confuso, tipo, eu enxergo ou não enxergo?”

Aurora neste período, empreendeu na construção de uma personagem que poderia, quem sabe, esconder a verdadeira Aurora ou, por vezes, protegê-la de situações constrangedoras. Quando pedimos para contar sua história, ela nos relatou:

“Eu sempre me escondi. Eu falo que antes de eu conhecer a Associação a minha vida era meio que um teatro, porque eu fingia, por exemplo, que eu era distraída. Eu chegava nos locais e eu não conseguia, é, eu sabia que tinham as pessoas, mas eu não conseguia ver a fisionomia, então eu não sabia quem era. Então,

eu sempre chegava bem antes para as pessoas chegarem e me achar, elas virem falar comigo, entendeu?”

Entre arranjos e desarranjos, Aurora atuava na tentativa de não sucumbir a Aurora da realidade. Foi ao entrar para o curso de graduação em enfermagem, o qual não concluiu devido à perda mais significativa da sua visão, que Aurora estabeleceu o tempo de não mais representar e sim atuar como protagonista de sua história.

“[...] a primeira coisa que aconteceu foi eu perder mais a visão e não conseguir continuar no curso de enfermagem, isso foi a primeira coisa que aconteceu e que aí desencadeou todo um processo que me levou até a associação da Fernanda Bianchini [...]”

Desta forma, nesta análise, que transita entre o real e o fictício, entre palavras e pessoas vistas e não vistas, que traremos para a discussão desta o que surge como potência: a compreensão da deficiência a qual transita entre o Modelo Médico da Deficiência e os Estudos Feministas da Deficiência, em um primeiro momento e, os significados de ser bailarina.

A deficiência para a participante deste Movimento está atrelada a conceitos do Modelo Médico da Deficiência, associada a termos binários, termos pejorativos e atitudes caritativas. Todavia transita por vezes nos conceitos dos Estudos Feministas da Deficiência ao emergir questões como o ativismo.

Termos binários como normal/anormal, capaz/incapaz refletem o Modelo Médico da Deficiência. Para a participante, o conceito de normatividade se faz presente, isto quer dizer que:

[...] as capacidades normativas que sustentam o capacitismo¹⁸ são compulsoriamente produzidas com base nos discursos médicos que, sustentados pelo binário norma/desviante, tem levado a busca de todos os corpos a performá-los normativamente como capazes [...] (GESSER; BOCK; MELLO, 2020, p. 18).

¹⁸ Capacitismo se refere a uma rede de crenças, processos e práticas que produzem um determinado tipo de eu e corpo (o padrão corpóreo) que é projetado como o perfeito, espécie-típica e portanto, essencial e totalmente humana. A deficiência, então é lançada como um estado diminuído de ser humano (CAMPBELL, 2001, p. 44).

Portanto, ao descrever sua história com a dança, a participante inscreve em suas falas termos os quais são sustentados por capacidades normativas que estabelecem o lugar de quem corresponde ou não a essas capacidades. Os limites do binarismo normal/anormal avançam o julgamento estético corporal e fixam-se nos contextos sociais (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). Observemos a fala da participante:

“eu estudei em colégio normal”.

O colégio normal, é, portanto, o lugar onde convivem todas as pessoas que correspondem a capacidade normativa, conforme Modelo Médico da Deficiência. Todavia, opor-se a essa ideia normativa não é negar os cuidados médicos importantes para a manutenção da saúde. Ao contrário, ao compreender que todas as pessoas com ou sem deficiência recorrerão aos cuidados médicos em algum momento da vida, assumimos que a desigualdade experienciada por uma pessoa com deficiência se manifesta em uma sociedade pouco sensível à diversidade de estilos de vida (DINIZ, 2007b), conforme preconiza o Modelo Social da Deficiência. O Modelo Social da Deficiência propõe uma mudança de direção do entendimento sobre a deficiência, ao retirar o foco das limitações físicas e colocá-lo nas limitações que o ambiente físico e social impõe a determinados grupos ou categorias de pessoas (OLIVER, 1981).

Outra questão que emerge na fala da participante e que faz parte da compreensão da deficiência sob a ótica do Modelo Médico da Deficiência, é a visão de que a pessoa com deficiência é uma “coitadinha”, que vive uma tragédia individual. Sob esta concepção, o cotidiano da pessoa com deficiência é permeado por atitudes caritativas visando redimir a pessoa por sua “tragédia” vivida e, por termos pejorativos que marginalizam socialmente as pessoas (THOMAS, 2002). Podemos observar essa questão na fala de Aurora:

“Tem muita gente que fica com dó e começa a tratar diferente né? E não é isso que a gente quer né?”

A utilização de termos pejorativos pode levar a atitudes caritativas que nem sempre corresponde à realidade das pessoas, sejam elas pessoas com ou sem deficiência. Aurora não quer ser tratada diferente das outras pessoas. Na verdade, ela

parece almejar o reconhecimento de suas potencialidades, considerando a deficiência como uma de suas características.

Nesta análise, podemos observar que Aurora transita entre os modelos de compreensão da deficiência, fazendo emergir em sua fala por vezes assuntos que pertencem a um ou a outro modelo. Observemos o que ela diz:

“participar de uma companhia de balé de cegos para mim é uma grande responsabilidade, é um grande orgulho. Também é mostrar que mesmo possuindo deficiência visual a gente tem capacidade e consegue ter uma companhia profissional. E, mostrar a bela arte de dançar, então mostrar é, para as gerações futuras, que isso é possível”

Aurora atribui à sua fala uma responsabilidade que consiste em levar às gerações futuras as possibilidades da pessoa com deficiência visual na dança. Podemos dizer que essa responsabilidade surge como uma forma de ativismo¹⁹, assunto que emerge no Modelo Social da Deficiência, mais especificamente na segunda geração deste modelo, os Estudos Feministas da Deficiência.

De acordo com Garland-Thomson (2011), o ativismo no campo dos Estudos Feministas da Deficiência pode se materializar na forma de marchas, protestos, campanhas publicitárias e grupos de ações comprometidos com a agenda das pessoas com deficiência. Posto isso, podemos dizer que o ativismo de Aurora emergiu nas relações que ela estabeleceu a partir da sua experiência com a dança, e com seus pares semelhantes, ou seja, pessoas com deficiência visual. O mostrar para as gerações futuras que a pessoa com deficiência visual pode se tornar uma bailarina é dizer: a pessoa com deficiência visual é capaz.

Aurora é bailarina profissional e vem ocupando esses espaços, contudo reconhece as dificuldades de sobreviver da arte no Brasil, relatando sobre a falta de reconhecimento da profissão. A sua escolha pelo ofício de ser bailarina e por se reconhecer nesta profissão foi sendo construída ao longa de suas experiências. Portanto, hoje Aurora se coloca como uma defensora deste ofício e, mais uma vez, demonstra o seu ativismo,

¹⁹ O ativismo consiste em falar ou agir por si, tomando decisões e assumindo responsabilidades (MOREIRA, 2022).

“Hoje eu falo assim eu estou indo trabalhar, aí se a pessoa pergunta: e você trabalha no que? Aí respondo: eu sou bailarina entendeu? Então eu mesma já mudei assim, e as pessoas ainda falam: bailarina, mas, você trabalha só nisso? (risos) eu: é gente só nisso. É, mas não tem essa importância (a dança) sabe a gente precisa lutar bastante para ter esse reconhecimento, que é uma profissão e que não é uma profissão fácil e, que a gente estuda bastante pra chegar nisso. E então eu não me sentia assim, agora eu me sinto uma bailarina profissional mesmo e, luto para ter um espaço”

A luta por ter um espaço na dança, é a forma que Aurora encontrou de aproximar a realidade excludente da pessoa com deficiência a uma sociedade que esbarra constantemente em conceitos do Modelo Médico da Deficiência.

Feita a análise sobre a compreensão da deficiência para a participante deste Movimento, adentraremos em uma questão referente a terminologia utilizada na dança para designar quem a pratica, a bailarina, e quais são a suas conotações. Consideramos importante analisar esta questão, porque ela emergiu no relato da participante e, devido ao recorte da pesquisa que trata de uma companhia de dança que tem como base a técnica de dança clássica e o gênero teatral balé.

Desta forma, estaria o termo bailarina utilizado pela maioria das praticantes de dança, atrelado ao gênero teatral balé? Para a participante deste estudo, a resposta é não. A compreensão de ser uma bailarina para a participante deste estudo está atrelada a possibilidade do intérprete em expressar-se através da dança,

“Para mim, a bailarina não é somente quem dança balé. É ser uma pessoa que se expressa através dos movimentos, é contar uma história através da dança. Essa história está repleta de sentimento e expressões. É um contar a história sem falar”

De acordo com (FAZENDA, 2012, p. 23),

no contexto da dança teatral euro-americana, nem a convenção que define a relação entre a palavra dança e o referente é estável, nem o uso da palavra que designa os praticantes desta atividade – bailarino(a), intérprete, performer – é consensual.

Para esta autora, o termo *bailarina* refere-se a um *performer* virtuoso, que possui uma técnica extraordinária, e não ao *performer* que faz parte de um gênero específico de dança. Além disso, Fazenda (2012) esclarece que o termo *bailarina* (o) é utilizado em português para designar um executante ou um profissional da dança. Desta forma, podemos concluir que o termo *bailarina* se apresenta comprometido com nível técnico do *performer*, independentemente do gênero de dança e, de ser um profissional da dança.

A dança, como forma artística tem a sua origem alicerçada na necessidade do ser humano em expressar-se (OSSONA, 1998). No contexto desta análise, na qual a participante é uma bailarina profissional, podemos dizer que o expressar-se está atrelado ao nível técnico da bailarina? De acordo com (VIANNA, 2005, p. 81),

Para dominar uma técnica é preciso incorporá-la inteiramente: só assim o movimento flui com naturalidade e o bailarino dança como respira. Então, já não há mais preocupação em seguir uma técnica. Por isso, costumo dizer aos meus alunos: eu não danço; eu sou a dança. É o que eu gostaria que todos sentissem.

Como podemos observar, o expressar-se está relacionado ao nível técnico. Como bailarina Aurora inscreve toda a sua personalidade, aprende, cresce e evolui em sua dança. Portanto, “a dança não é um ato aleatório que você cria de qualquer forma, a partir do nada: a dança tem conceitos rígidos [...]” (VIANNA, 2005, p. 81).

Para Katz (1994), o movimento transformado em dança tem uma forma. As formas são registros de traços neurais em cadeia as quais traduzem tais forma. As formas também tomam formas de sentimento o qual não escapa a esta cadeia, “sentimento tem uma qualidade, e essa qualidade tem uma forma” (KATZ, 1994, p. 138). Desta forma, a dança de Aurora é carregada de sentimentos, expressos no fazer artístico, movimentos moldados na técnica e expressos em dança-sentimento.

Por fim, neste Movimento como no conto, *O patinho feio*²⁰, essa patinha não era pata nem feia, era uma linda cisne que se reconhece na dança quando

²⁰ Esta é a clássica fábula sobre um estranho patinho que, por ser diferente de seus irmãos, foi ridicularizado e incompreendido pelos outros animais. Mas o destino lhe reservava algo surpreendente: ele cresceria e descobriria sua verdadeira beleza, quando encontra os seus. O patinho feio não era pato nem feio era um lindo cisne. Hans Christian Andersen (1805-1875) é um dos maiores escritores da literatura universal. Mortalizado por seus mais de cento e sessenta contos, escreveu também seis romances e mais de mil poemas. Filho de um pobre sapateiro, suas obras refletem uma infância difícil, a luta para ascender socialmente e sua intensa espiritualidade, enraizada na interação do ser humano com a natureza. Traduzida para mais de cem idiomas, a obra de Andersen despertou, com sua

encontra as suas. Por fim, foi entre um conto e a realidade que buscamos nesta análise compreender os significados da dança para a participante.

3.6 MOVIMENTO Nº 6 – Sobre a ponta dos pés

3.6.1 Release

Estudos Feministas da Deficiência (subjetividade do corpo). *Impairment/Disability*. Pessoas com deficiência saudáveis e pessoas com deficiência enferma. Doenças crônicas. *Impaired energy*. Desvalorização do ofício. *Performance* e *performance* social. Espaços de aula e métodos de ensino da dança para pessoas com deficiência visual.

3.6.2 Análise

Da cadeira de rodas à sapatilha de ponta. Essa é a trajetória de Bianca na dança.

Bianca é uma mulher de 35 anos, formada em engenharia. Ela está na Associação Fernanda Bianchini há seis anos e na *Cia. Ballet de Cegos* há cinco anos. Bianca iniciou na Associação Fernanda Bianchini na turma de balé para pessoas em cadeira de rodas, pois se encontrava temporariamente em condição de deficiência devido a uma doença crônica denominada miastenia gravis²¹. Durante o desenvolvimento do quadro da miastenia gravis Bianca desenvolveu baixa visão por prescrição incorreta de medicamentos. Atualmente, Bianca não utiliza mais a cadeira de rodas, porém mantém as características flutuantes da miastenia gravis e a deficiência visual.

Bianca ao nos relatar a sua história, a dividiu em fases. Essas fases foram expressas como, *antes da lesão*, *durante a lesão* e *depois da dança*. Observemos o relato da participante:

profunda consciência moral e religiosa, a fantasia de milhões de crianças no mundo inteiro (BORÉM, 2020).

²¹ Miastenia gravis é uma doença, um distúrbio neuromuscular que afeta a porção pós-sináptica da junção neuromuscular, tendo como efeito déficit motor e fadigabilidade da musculatura esquelética (MARQUES, 2020).

“Eu me divido em três fases, a fase que eu não tinha doença nenhuma, que eu tinha aquela vida loca de São Paulo que eu falei para você; depois a fase que eu fiquei doente, e que eu fiquei praticamente acamada então não tinha tanta perspectiva de nada, sabe tipo, era em casa quando alguém me visitava. Na verdade, até sair de carro me cansava muito porque tinha que ter sustentação de tronco de cervical. Então era bem complicado. Então não tinha muitas perspectivas das coisas. E, depois que eu entrei, voltei a dançar eu vi que abriu horizontes, já é outro mundo, já dá para sonhar mais com as coisas, dá para ter planos, sonhos”

Em sua fala, Bianca não traz a deficiência visual e sim a deficiência motora, a qual está atrelada as dores que sentia. Sendo assim neste primeiro momento, o que surge como potência para a análise é a subjetividade do corpo, que por vezes foi analisada de forma isolada e por vezes atreladas a experiência com a dança.

Conforme vimos nos *Movimentos nº 3* e *nº 5*, as pesquisas no campo da deficiência e dos estudos feministas surgiram a partir da lente de pesquisadoras, mulheres com deficiência, e mães de pessoas com deficiência que vivenciaram e vivenciam a experiência com a deficiência (CROW, 1996; GARLAND-THOMSON, 2011; KITTAY, 2011; MORRIS, 1991). Mas além disso, essas mulheres questionavam a visão segmentada entre lesão (*impairment*) e deficiência (*disability*) proposta pelos pesquisadores da primeira geração do Modelo Social da Deficiência. Para Crown (1996), a ideia de separar o *impairment*²² do *disability*²³ não fazia sentido nenhum para mulheres que como ela experienciavam ambos, as implicações da lesão e da exclusão social. Em primeira pessoa, a autora questiona: “[...] a experiência da lesão, nem sempre é irrelevante, neutra ou positiva [...] como isto pode ser quando a dor, a fadiga a depressão e a doença crônica é um fato constante da vida de muitas de nós?” (CROW, 1996, p. 3-4).

A experiência de Bianca com a lesão não foi irrelevante, neutra ou positiva. Sua qualidade de vida foi abalada e, foi a partir de sintomas como dor e fadiga que se instaurou como ela diz *“a fase que eu fiquei doente”*:

²² *Impairment* é a ausência parcial ou total de um membro, ou ter um membro ou mecanismo defeituoso do corpo (UPIAS, 1975).

²³ *Disability* é uma desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea que pouco ou nada considera pessoas que possuem *impairment* e os exclui da vida social (UPIAS, 1975).

“[...] eu percebi que eu estava digitando e não tinha mais força para digitar o teclado, tipo estava estranho. Só que como eu estava acostumada, quando eu passava mal eu ia para o hospital e tomava uma injeção de cortisona e meu corpo recuperava eu achei que era isso [...]”

Bianca e os médicos, não compreendiam e desconheciam os motivos da fadiga e das dores já que, a participante estava em um tratamento para o lúpus. Ambos chegaram a pensar que as suas dores e cansaço eram de cunho psicológico, ou que talvez, ela pudesse ter herdado a artrite de sua avó,

“[...] só que vieram vários médicos, e falavam que era psicológico que eu não estava querendo andar, eu parei de comer, parei de respirar, fui parar na UTI [...] é que hoje eu entendo que aquelas dores que eu sentia eram meu músculo enfraquecendo, que acabava refletindo na articulação em todos os membros, né? mas na época você tem dor no cotovelo e você acha que é osso, né? [risos]. Como minha avó tinha artrite a primeira coisa que eu pensei foi, pode ser que eu tenha isso, né? vou no reumatologista [...]”

O diagnóstico equivocado do lúpus levou a um tratamento errôneo. Somente quando Bianca estava na UTI em estado grave que um médico neurologista refez o diagnóstico e a conduziu para uma análise mais adequada de sua condição. Bianca nos relatou:

“A minha sorte foi que um médico de fora do hospital que eu estava, era um hospital particular, e ele veio fazer uma biópsia no músculo porque os sintomas não batiam nada com nada, e aí descobriu que eu tinha miastenia graves [...]”

Bianca então, se viu doente. Durante seis anos de instabilidade, entre os sintomas e o diagnóstico da doença, com as entradas e saídas da UTI, Bianca tornou-se uma pessoa com deficiência com a saúde frágil.

Wendell (2017), propõe a divisão das pessoas com deficiência em dois grupos: as pessoas com deficiência saudável e as pessoas com deficiência enferma²⁴. Para a autora essas categorias podem ser fluídas, podendo ser estáveis em um ponto e com necessidade de tratamento em outro.

Por deficiência saudável compreendem-se as pessoas com condições físicas e características que são relativamente estáveis e previsíveis, como as pessoas que nasceram com uma deficiência ou, devido a um acidente ou doença tornaram-se uma pessoa com deficiência. Por deficiência enferma compreende-se as pessoas que precisam de tratamento médico para manter as suas condições estáveis, se isso for possível (WENDELL, 2017).

Para a autora trazer para a discussão o significado de doença crônica pode ajudar na compreensão do que é ser uma pessoa com deficiência saudável ou enferma. Desta forma a autora considera a doença crônica como,

As doenças que entram em remissão²⁵, ou quando requerem tratamento médico prolongado ou vigilância, ou quando os pacientes devem temer recorrências porque não há expectativa razoável de cura (WENDELL, 2017, p. 163, tradução nossa).

Pessoas acometidas por uma doença crônica, as quais são mais comuns em mulheres, podem experienciar situações de fadiga, dor e quadros de depressão os quais podem implicar em um tipo de fadiga que impacta nas situações do dia a dia como: no ato de pensar, falar, escrever, ouvir e até comer (WENDELL, 2017). A fadiga é o primeiro sintoma da doença crônica a qual a autora nomeia de *impaired energy*²⁶. Desta forma, para as pessoas com doença crônica empreender o corpo e a mente excessivamente significa perigo, risco de colapso, hospitalização e danos duradouros ou permanentes das capacidades de funcionamento (WENDELL, 2017). Observemos a fala de Bianca,

“[...] então qualquer coisa assim, movimento repetitivo, se eu fizer muito eu acabo desgastando. É uma junção do músculo com o nervo que limita. Os ligamentos

²⁴ Tradução nossa para o termo utilizado por Wendell (2017), *unhealthy disabled people*.

²⁵ Remissão significa: período sem atividade; intervalo; interrupção (Dicio, 2022).

²⁶ O termo em inglês *Impaired energy* traduzido para o português pode ser compreendido como energia prejudicada.

acabam desgastando aí tipo o músculo não responde mais. E tipo se eu tomar um relaxante muscular eu caio, meu corpo para, porque relaxou [...]

Diante do diagnóstico, Bianca reagiu, resistiu e decidiu retornar a dança, uma vontade que ela tinha desde criança. Bianca nomeia essa fase como, *depois da dança*. Diferentemente das demais participantes, Bianca ingressou na Associação Fernanda Bianchini na turma de dança para cadeirantes. Transpondo os seus medos e as dificuldades, Bianca relatou como foi o seu retorno a dança:

“Eu fiz balé quando eu era criança [...] só que sempre eu quis voltar a dançar. Aí quando eu vim parar aqui eu entrei na turma de cadeirantes [...] no primeiro dia eu fiquei meio assustada para falar a verdade [...] e foi assim que eu voltei para a dança [...] no começo eu ficava segurando na barra, como se fosse meu filho entendeu? [risos], preocupada, mas aí eu fui ganhando força, ficando em pé, depois eu fui para o centro, com o andador, quando eu fui pro centro, e eu fui vendo que foi evoluindo, até que eu fui dançar na ponta, [risos], quando eu fui ver eu já estava na companhia [...]”

Portanto, as dificuldades encontradas por Bianca, ao retornar as aulas de dança, estão relacionadas ao corpo. A participante nos relatou que esse processo entre o ingresso na Associação Fernanda Bianchini até o convite para participar da companhia durou um ano e, que este processo demandou esforço de sua parte e apoio/suporte fisioterápico da Associação Fernanda Bianchini. Devido as suas características, Bianca não concluiu os seus estudos na técnica da dança clássica, vem respeitando o ritmo do seu corpo e, entre períodos de *impaired energy* e períodos de remissão, resisti na busca por sua formação:

[...] não, eu não sou formada ainda, é eu cheguei já a estagiar, mas aí eu acabei parando por questão da saúde mesmo, porque tinha dado uma baixada, agora que está voltando ao normal [risos]

Outra questão que emerge nesta análise é o corpo e da idade. Ao perguntarmos sobre o significado de ser uma bailarina, a participante nos relatou:

“[...] eu já me achava velha e, todos aqueles preceitos que a gente tem sabe? De que bailarina tem que começar novinha e tem que ter aquele corpão e, ser super magra e tudo mais [...]”

Entretanto, Bianca transpõem as dificuldades e rompe com a norma do corpo no balé. Quando retornou as aulas de dança, Bianca não se imaginou dançando profissionalmente. Para ela a oportunidade de fazer parte da companhia foi descrito como *“maravilhoso e um mundo de novas possibilidades”*. Para Bianca viver da arte seria um sonho, entretanto as políticas no âmbito da cultura brasileira carecem de protagonismo e investimento. De acordo com Teixeira (2021), a dificuldade financeira dos grupos no desenvolvimento de ações de criação, pesquisa, investigação e produção cênica de seus bailarinos está atrelada a uma política cultural frágil e sujeita as mudanças político-institucionais.

Para além dos desafios os quais Bianca vem enfrentado, está a sua rotina de trabalho com as aulas, ensaios, apresentações e o suporte das áreas relacionadas como a fisioterapia. Ao perguntarmos à Bianca sobre o significado do balé em sua vida, ela nos relatou:

“Quando você entra no palco, tudo some, parece que é o seu momento, você se sente feliz, esquece a dor, esquece tudo, esquece todos os problemas que estão do lado de fora, então é uma realização [risos]”

Comumente o momento de entrar no palco é denominado como, o momento da apresentação ou, o momento do espetáculo ou, o momento da *performance*. Para esta pesquisa consideramos apropriada utilizar como o momento da *performance*. Por *performance* entende-se:

Aquilo que define a natureza de atividades que por terem como suporte de concretização o corpo e o seu movimento, não se fixam num objeto, num suporte perene. Pelo contrário, a natureza desta atividade é a transitoriedade e a sua existência é intangível, na medida em que o objeto só existe no momento em que se vai concretizando (FAZENDA, 2012, p. 23).

Este momento, é o fazer artístico. A dança como arte nasce, vive e morre no momento de sua execução (OSSONA, 1998), e assim por se fazer a cada dança os significados desse momento único. A *performance* pode ser compreendido, a partir

da ótica da *performance* social, como uma ferramenta de análise das formas de organização social, luta e articulações políticas dos corpos (TEIXEIRA, 2021), portanto um registro das relações sociais ao longo dos tempos. O limite entre o fazer artístico e a *performance* social nos parece tênue, ao considerar que:

Reconhecer-se como deficiente, hoje, empreende o atravessamento dos discursos de estigmatização, bem como dos agenciamentos institucionais, rumo a uma emancipação política individual que se exerce no direito de assumir-se enquanto corpo que vive essa experiência (TEIXEIRA, 2021, p. 69).

Outra questão que emerge na fala da participante e dialoga com o *Movimento nº 2 e nº 4* são as adaptações essenciais de espaço e de metodologia de ensino da dança para a pessoa com deficiência visual. Quando perguntamos a participante qual o significado de ser bailarina com deficiência visual, ela nos relatou:

“Eu me sinto bem feliz [risos]. Assim que as portas se abriram que eu me sinto uma bailarina normal. Eu sei que o nosso método de ensino é outro, do jeito que a gente aprende e se direciona é diferente. Porque a gente vai pelo som e não pela visão, que nem a bailarina. O espelho para a gente tanto faz, ter o espelho na sala ou não. Eu me sinto normal [risos], não sei, uma bailarina [risos]”

Sendo assim, podemos dizer que as barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência visual na dança, encontram-se no ambiente pouco acessível e na utilização de técnicas de ensino inadequadas e, não no indivíduo. Bianca se reconhece como bailarina e ponto final. Ser bailarina profissional significa retomar a sua liberdade e poder sonhar novamente. Para Bianca,

“[...]É incrível estar na companhia, ser bailarina dela e poder sair dançando[...] depois que eu entrei, que eu voltei a dançar, eu vi que abriu horizontes. É outro mundo já dá pra sonhar mais com as coisas, dá pra ter planos, sonhos[...]”

3.7 MOVIMENTO FINAL

Os conteúdos que emergiram no cruzamento entre os *Movimentos* serão discutidos em uma única categoria: diferentes significados e a mesma tensão.

3.7.1 Diferentes significados e a mesma tensão

Os significados da dança e de ser uma bailarina profissional com deficiência visual para as participantes deste estudo, se cruzaram como em uma diagonal de uma aula de dança, demonstrando a amplitude e a transversalidade dos temas. Portanto, o significado de ser bailarina profissional com deficiência visual apresentou-se de diferentes formas para as participantes deste estudo.

Conforme podemos observar, para a participante do *Movimento nº 1* ser bailarina profissional tem um significado transformador, é sentir-se bonita. É a partir da arte que a participante se organiza e lida com as suas características de ser uma pessoa com transtorno mental e com deficiência visual, ressignificando a sua identidade (OSSONA, 1998; TEIXEIRA, 2021). O pertencer a esta categoria de bailarina profissional, trouxe uma identificação com o feminino presente no balé (ADAIR, 1992). Para a participante do *Movimento nº 2* ser bailarina profissional é ser reconhecida por seu ofício (ALMEIDA, 2014; OSSONA, 1998; PEREIRA, 2003). Para a participante do *Movimento nº 3* ser bailarina profissional está atrelado a busca pela coletividade e, ao seu protagonismo ao compreender que este ofício a possibilita mostrar, levar ao conhecimento das pessoas com ou sem deficiência as potencialidades da pessoa com deficiência visual (OSSONA, 1998; TEIXEIRA, 2021). Para a participante do *Movimento nº 4* ser bailarina profissional está atrelado a técnica e a metodologia de ensino (BIANCHINI, 2005; FAZENDA, 2012; MARINELLI, 2019), visto que para esta participante os seus objetivos relacionam-se à docência em dança e em sua área de formação, a Educação Física (BERTOLDI; MARGUERITTE, 2021; CHAN et al., 2022; DELFINO; PEREZ, 2021; GIABARDO; RIBEIRO, 2017) e, ao feminino presente no balé (ADAIR, 1992). Para a participante do *Movimento nº 5* ser bailarina profissional está relacionado a possibilidade de expressar-se a partir de seu ofício, é a partir do balé que a participante reconhece a sua identidade e a sua responsabilidade em levar às pessoas com e sem deficiência as possibilidades da pessoa com deficiência visual (FAZENDA, 2012; GARLAND-THOMSON, 2011; OSSONA, 1998; VIANNA, 2005). Para a participante do *Movimento nº 6* ser bailarina profissional está atrelada a sua liberdade, visto que por um tempo isto foi tomado da participante devido a questões relacionadas a subjetividade do corpo (CROW, 1996).

Por tanto, diferentes são os significados de ser uma bailarina profissional com deficiência visual.

Nesse sentido, podemos dizer que a experiência com a dança é uma experiência coletiva, porém individual e subjetiva para cada uma das participantes e, além disso se constrói a partir da intersecção entre sexo e gênero, corpo e idade e classe social.

Como visto na *Diagonal 2* a compreensão da deficiência foi se modificando ao longo dos tempos. Perpassa a má sorte e a culpa e encontra nas justificativas médicas o significado para deficiência (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). O Modelo Médico da Deficiência foi o responsável por categorizar os corpos em uma ótica binária, a qual compreende os corpos como normal/desviante, capaz/incapaz, e os quais devem corresponder a um padrão de funcionamento típico à espécie (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009), e que, portanto desconsidera a diversidade e complexidade existente de corpos.

Foi a partir do século XX, mais precisamente, a partir da década de 70 com os movimentos feministas os quais a mulher reivindicava igualdade de oportunidades (PRECIADO, 2022) e, com os movimentos da pessoa com deficiência os quais a pessoa com deficiência reivindica a igualdade de oportunidades e ambientes acessíveis (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009), que um novo paradigma social se instaurou.

O instituído paradigma do Modelo Social da Deficiência avançou e contribui para a compreensão da deficiência ao separar a lesão (*impairment*) do social (*disability*). Entretanto, a partir da década de 90, as primeiras teóricas feministas do Modelo Social da Deficiência incluíram para a agenda de discussões a questão dos impedimentos intelectuais e da Ética do Cuidado (KITTAI, 2011). Desta forma, as narrativas sobre o corpo com impedimentos passaram a ser discutidos no campo dos Estudos da Deficiência, e com essas discussões os Estudos Feministas da Deficiência passaram a aproximar-se dos estudos de gênero (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). Ambos os estudos, os estudos de gênero e os estudos feministas da deficiência passaram a ocupar um movimento de pensamento denominado pós-estruturalismo (PETERS, 2000; PRECIADO, 2022; SHILDRICK, 2020).

O pós-estruturalismo²⁷ rompe com o movimento anterior, o Modernismo. De acordo com Peters (2000, p. 41),

Em sua crítica, os pós-estruturalistas argumentam que as democracias liberais modernas constroem a identidade política com base em uma série de oposições binárias (por exemplo, nós/eles, cidadão/não cidadão, responsável/irresponsável, legítimo/ilegítimo) que tem o efeito de excluir certos grupos culturais ou sociais.

Portanto, a discussão no âmbito da diferença sexual, assim como a discussão no âmbito do Modelo Médico da Deficiência encontram-se situados no Modernismo, reafirmados respectivamente pelo binarismo corporal homem/mulher e normal/desviante. Desta forma, sob ótica do Modernismo, as participantes deste estudo encontram-se oprimidas duplamente por não corresponder a um corpo universal da mulher normal.

As discussões sobre os estudos de gênero e estudos da deficiência avançam a partir da ótica pós-estruturalista (ADAIR, 1992; ALBRIGHT, 2013; PRECIADO, 2022), a qual compreende que todas as categorias são supostamente escorregadias, não fixas, permeável, interseccional, híbrida e resistente à definição (SHILDRICK, 2020).

Conforme observado, o significado de ser uma bailarina profissional com deficiência visual para as participantes desta pesquisa, transita entre as categorias de sexo e gênero, corpo e idade e classe social, afirmando as proposições do pensamento pós-estruturalista. Shildrick (2020), questiona a todos nós sobre como podemos pensar a diferença biológica sem que pensemos nos binarismos impostos pelo Modernismo. Para Shildrick (2020, p. 40, tradução nossa),

“se quisermos ter um encontro ético com a diferença corporal precisamos de uma estratégia *queering*, rompendo com as normas da incorporação e, assumindo o compromisso de desconstruir a estabilidade aparente das categorias distintas e marcadas. Precisamos nos lembrar que o eu corporificado conforme definido no discurso modernista são baseados em uma ilusão”.

O estudo demonstrou que a variação corporal se tornou uma justificativa inútil para a desvalorização e exclusão do sujeito que não corresponde as normas

²⁷ Alguns autores usam o termo pós-modernismo como sinônimo de pós-estruturalismo, ou pós-modernismo como um termo mais abrangente. Apesar disso, alguns teóricos insistem na diferença entre os dois termos (PETERS, 2000).

impostas pelo Modernismo. Deslocadas do corpo universal e em uma técnica e gênero de dança criado por homens, para homens e para ser apreciado por homens, as participantes do estudo resistem.

O balé é uma estrutura universal, corpo normativo, a qual foi responsável pela fabricação de corpos perfeitos na dança. A condição social, o sexo e gênero, o corpo e a idade estão embutidos no balé até hoje. O balé deixou de ser amador no início do século XVIII, a participação das mulheres era restrita, conforme as convenções sociais da época (ADAIR, 1992). Entretanto, assim como as primeiras feministas, as bailarinas questionavam o seu papel na dança e, não só alcançaram a profissionalização, como aperfeiçoaram a técnica da dança clássica com novos passos e principalmente com a utilização da sapatilha de ponta (ADAIR, 1992).

Portanto, pensar o corpo com deficiência na cena da dança e para além do espaço cênico, é reconhecer que o corpo busca agora outros fluxos não hegemônicos de criação e atuação cênica (TEIXEIRA, 2021), extinguindo assim, qualquer tensão ainda predominante nas questões sobre diferença sexual e diferença corporal na dança, as quais representam uma sociedade ainda localizada nas proposições do Modernismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, pretendeu-se compreender o significado da dança para bailarinas profissionais com deficiência visual.

Pôde-se afirmar que a experiência com a dança e com a deficiência é individual e subjetiva para cada uma das participantes e se construiu na interseccionalidade entre corpo e idade, sexo e gênero e, classe social.

De modo geral, houve maior reconhecimento com as questões de corpo e idade, sexo e gênero e, classe social em relação às questões da deficiência no contexto da pesquisa, bailarinas profissionais que compõe uma companhia profissional de dança. Entretanto, as participantes demonstraram os pré-conceito que ainda persistem na nossa sociedade.

Mas elas resistiram. Transpondo os desafios um a um, essas mulheres, ressignificaram o seu papel na dança e na sociedade. A maternidade vista como antiética, a exclusão nas áreas de formação, a subjetividade do corpo, a deficiência invisível, a interdependência e o ativismo surgiram como questões invisíveis a uma sociedade que pouco considera a mulher com deficiência.

As participantes recomendam e querem que a deficiência seja reconhecida como mais uma das suas características e, não a única.

A ética do cuidado, a subjetividade do corpo e a representação da pessoa com deficiência na educação formal e na educação não formal são questões a serem incluídas no debate e diálogo entre educadores e sociedade civil, no sentido da pesquisa emancipatória, bem como no questionamento ao modelo individual ou médico da deficiência por todos, pessoas com ou sem deficiência, no intuito de romper com a compreensão de que a deficiência é algo negativo.

Ao iniciarmos o estudo, concentramos a atenção na fala das participantes e, no aperfeiçoamento da etapa de coleta de dados. Foi imprescindível me despir de julgamentos, análises, suposições e concentrar-me em trazer a experiência de cada uma das participantes.

A pesquisa qualitativa a partir dos estudos de caso permitiu criar um movimento ao estudo, visto que para esta metodologia de pesquisa, existem diferentes possibilidades de percorrer o fenômeno e o objeto a ser investigado. A análise de conteúdo permitiu o aprofundamento das questões que emergiram da própria análise.

Outra questão importante para a pesquisa foi a colaboração de outros pesquisadores, que como eu, são membros do grupo de estudo em atividade física adaptada e esporte paralímpico, na leitura e análise dos conteúdos as quais foram essenciais para a discussão. Nem sempre os conteúdos surgiam de forma clara, o que demandava um tempo maior de análise. Entretanto, por vezes, o conteúdo surgiu nítido, indicando e iluminando o caminho a ser percorrido. Paciência e a retomada ao objetivo da pesquisa durante a jornada investigativa e, nos momentos de indecisão recorrer à experiência da Orientadora foi o que permitiu organizar o pensamento.

Compreender a interdependência como uma condição humana a qual todos fazemos parte e, a independência como uma ilusão fortaleceu o estudo.

Reconhecer a opressão sofrida pelas participantes, mulheres com deficiência, despertou em mim questões pessoais antes incompreendidas.

Reconhecer as participantes como profissionais da dança, que trabalham dezesseis horas semanais, além das apresentações e compromissos da companhia, as afastam do assistencialismo tão presente nas ações que permeiam a pessoa com deficiência e, rompe com a compreensão da deficiência a partir do Modelo Médico ou Individual da Deficiência, ampliando a compreensão da deficiência a partir do Modelo Social da Deficiência. Todas são cobradas por suas responsabilidades diante de sua profissão.

A importância de a discussão romper com o campo do privado nos fez ressignificar a deficiência como mais uma experiência humana dentre tantas outras existentes, afinal de contas se vivermos o suficiente, o encontro com a experiência da deficiência acontecerá, a partir de nossos corpos ou a partir de outros, permeadas pela Ética do Cuidado.

Diante da fala das participantes, foi possível perceber quais as práticas devem ser incorporadas no contexto da dança para a pessoa com deficiência visual, no intuito de atender e acolher as singularidades. Os espaços cênicos, os espaços de aula, as possibilidades metodológicas, o suporte de áreas relacionadas, surgem como questões emergentes no campo da dança com a pessoa com deficiência visual.

Dentre as lacunas do estudo, identificamos a utilização de um único instrumento de coleta de dados. Para pesquisas futuras recomendamos a utilização de outros instrumentos como a observação participante em aulas e espetáculos e, um diário a ser escrito pelas participantes.

Recomendamos aos estudos futuros que ampliem a discussão interseccional, como as categorias deficiência e gênero se relacionam com raça e classe social, por exemplo, bem como compreender a percepção de homens com deficiência, que atuam como bailarinos profissionais.

Considera-se, urgente que as pessoas com deficiência ocupem os espaços, participando em igualdade de condições com as pessoas sem deficiência, o que supõe a garantia de acessibilidade e da difusão da ética do cuidado nos espaços privados e públicos.

REFERÊNCIAS

- ADAIR, C. **Women And Dance**. London: Macmillan Education UK, 1992. v. 27.
- ALBARRÁN, P. A. O.; ABREU, F. S. D. DE; SILVA, D. N. H. Os processos mediacionais implicados na aprendizagem de dança clássica de bailarinas cegas e com baixa visão. **Revista Teias**, v. 22, n. 66, p. 94–113, 2021.
- ALBARRAN, P. A. O.; SILVA, D. N. H.; DA CRUZ, E. A. P. S. A dança e as pessoas com deficiência visual: uma análise de vinte anos de produção acadêmica brasileira. **Revista de Ciências Humanas**, v. 52, p. 1–21, 2018.
- ALBRIGHT, A. C. Movendo-se através da diferença: dança e deficiência. **Cena**, n. 12, p. 1–30, 8 mar. 2013.
- ALMEIDA, H. S. DE. Diversidade e desigualdade: uma reflexão sobre o aprendizado do balé clássico na sociedade atual. In: **XVI Encontro Regional de História — Saberes e Práticas Científicas**. Rio de Janeiro: ANPUH Rio, 2014.
- AMOEDO, J. H. **Dança Inclusiva em Contexto Artístico. Análise de Duas Companhias**. 2002. Dissertação (Mestrado em Performance Artística — Dança) — Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2002.
- ANDRIES, A. L. F. **A trajetória da Associação VSA Brasil e o Programa Arte sem Barreiras 1990 – 2004**. [s.l.] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- AUJLA, I. J. 'It's my dream come true': experiences and outcomes of an inclusive dance talent development programme. **British Journal of Special Education**, v. 47, n. 1, p. 48–66, 2020.
- BARBOSA, P. **Diagonais**. 2023.
- BARBOSA, P. **Movimentos**. 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARNES, C. Understanding the social model of disability: past, present and future. In: WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). **Routledge Handbook of Disability**. 2. ed. New York, NY: Routledge, 2020, p. 14–31.
- BERTOLDI, A. L. S.; MARGUERITTE, M. DOS A. Beirando as margens: percepções de pessoas com deficiência sobre atuação profissional em dança Bordering the margins: perceptions of people with disabilities about professional dance. **DApesquisa**, v. 16, p. 1–16, 2021.
- BIANCHINI, F. C. **O ballet clássico para deficientes visuais: método Fernanda**

- Bianchini. 2005. Dissertação (Mestrado em distúrbio do Desenvolvimento) — Faculdade de Fisioterapia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.
- BIANCHINI, F. C. **Olhando para as estrelas: dança e arte para as pessoas com deficiência**. São Paulo: Porto Palavra Editores Associados, 2019.
- BLÄSING, B.; ZIMMERMANN, E. Dance Is More Than Meets the Eye—How Can Dance Performance Be Made Accessible for a Non-sighted Audience? **Frontiers in Psychology**, v. 12, n. April, 2021.
- BORÉM, M. **O Patinho Feio [recurso eletrônico]**. Brasília: MEC/Sealf, 2020. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-pra-mim/livros/versao_digital/o_patinho_feio_versao_digital.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.
- BORTOLOZZI, A. C. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. São Carlos: Pedro e João, 2020. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/questionario-e-entrevista-na-pesquisa-qualitativa-elaboracao-aplicacao-e-analise-de-conteudo-manual-didatico/>. Acesso em : 05 abr. 2022.
- CAMPBELL, F. A. K. Inciting Legal Fictions: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of the Law. **Griffith Law Review**, v. 10, n. 1, p. 43–62, 2001.
- CAZÉ, C. M. DE J. O.; OLIVEIRA, A. DA S. Dança Além Da Visão: Possibilidades Do Corpo Cego. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 3, p. 293–302, 2008.
- CAZERTA, T. A.; AMORIM, V. T. R. Ballet de Cegos. In: SOARES, I. V. et al. (Ed.). **Mulheres, direito e protagonismo cultural**. São Paulo: Almedina, 2022. p. 631–647.
- CHAN, P. E. et al. Litigation on Accommodating Teachers With Disabilities. **Journal of Disability Policy Studies**, v. 33, n. 2, p. 112–121, 2022.
- CLÍMACO, J. C. Constructions of motherhood in feminist and disability studies. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 1, p. 1–16, 2020.
- COSTA, L. M. DE L. **A perspectiva de mulheres com deficiência sobre gênero e sexualidade: contribuições para a Educação Sexual Emancipatória**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Jataí, Jataí, 2021.
- CROSS, M. A new perspective on disability. In: Campling, J. (Ed.) **The handicapped Person: A New Perspective for Social Workers**. London: Radar, 1981. p. 19-32.
- CROW, L. Including all of our lives: renewing the social model of disability. In: BARNES, C.; MERCER, G. **Exploring the divide**. Leeds: The disability Press, p. 55-72, 1996. Disponível em: <http://www.roaring-girl.com/wp-content/uploads/2013/07/Including-All-of-Our-Lives.pdf>. Acesso em: 02 de mai. 2021.

- DANTAS, M. F. **Dança, o enigma do movimento**. 2. ed. Curitiba: Appris, 2020.
- DE LIMA, G. Â. Genesis of classification: A content analysis based on the definition. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 26, n. 1, p. 197–237, 2021.
- DELFINO, T.; PEREZ, C. Mapeamento de professores com deficiência atuantes na rede pública municipal de São Paulo. **Revista Eletrônica de Educação**. [S.l.], v.15, p. 1–12, 2021. Disponível em : <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4024>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- Dicio, Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alter-ego/>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. DOS. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. **SUR — Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, p. 64–77, 2009.
- EISENHARDT, K. M. Building Theories from Case Study Research Published by: Academy of Management Linked references are available on JSTOR for this article: Building Theories from Case Study Research. v. 14, n. 4, p. 532–550, 1989.
- FARO, A. J.; SAMPAIO, L. P. **Dicionário de Balé e Dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FAZENDA, M. J. **Dança Teatral Ideias, Experiências, Ações**. 2. ed. Lisboa: Celta, 2012.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.
- GARLAND-THOMSON, R. Integrating disability, transforming feminist theory. In: HALL, K. Q. (Ed.). **Feminist Disability Studies**. Indiana: Indiana University Press, 2011.
- GESSER, M.; BOCK, P.; MELLO, A. G. DE. ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: GESSER, M.; BOCK, G. L. K.; LOPES, P. H. (Eds.). **ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: EDITORA CRV, 2020.
- GIABARDO, C. D. S.; RIBEIRO, S. M. As produções científicas sobre o professor com deficiência. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 58, p. 373, 2017.
- GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais. **RAE Revista de Administração de Empresas**, p. 20–29, 1995.
- HALKIAS, D. et al. **The Multiple Case Study Design**. New York: Routledge, 2022.

- HALL, J. M. Philosophy of dance and disability. **Philosophy Compass**, v. 13, n. 12, p. 1–10, 2018.
- HALL, K. Q. Remagining disability and gender through feminist studies. *In: Feminist Disability Studies*. United States: Indiana University Press, 2011. p. 1–10.
- HUGUES, B. Disability and the body. *In: BARNES, C.; OLIVER, M.; BARTON, L. (Eds.). Disability Studies Today*. UK: Polity Press, 2002. p. 58–76.
- JENKINS, R. **SOCIAL IDENTITY**. 2. ed. Oxon: Routledge, 2008.
- KATZ, H. **1,2,3 A dança é o pensamento do corpo**. 1994. Tese. (Doutorado em Comunicação e Semiótica) — Faculdade de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.
- KITTAY, E. F. The ethics of care, dependence, and disability. **Ratio Juris**, v. 24, n. 1, p. 49–58, 2011.
- LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.
- MADUREIRA, J. R. Coreologia de Rudolf Laban e o ensino de artes corporais. **Pensar a Prática**, v. 23, 2020.
- MAIOR, I. M. DE L. Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 13, n. 2, p. 28–36, 19 nov. 2018.
- MALACRIDA, C. Mothering and Disability: from eugenics to newgenic. *In: WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). Routledge Handbook of Disability Studies*. 2. ed. London and NYC: Routledge, 2020.
- MARINELLI, A. P. A história de Fernanda. *In: Olhando para as estrelas: dança e arte para pessoas com deficiência*. São Paulo: Porto Palavra Editores Associados, 2019.
- MARQUES, C. M. DE C. **Definição e Manejo da Miastenia Gravis**. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/definicao-e-manejo-da-miastenia-gravis/>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- MASSON, M. Liberation of people with disabilities — the role of allies. *In: Campling, J. (Ed.) The handicapped Person: A New Perspective for Social Workers*. London: Radar, 1981. p. 19-32.
- MCGRATH, E. Dancing with Disability: An Intersubjective Approach. *In: GOODLEY, D.; HUGHES, B.; DAVIS, L. J. (Eds.). Disability and Social Theory New Developments and Directions*. New York: PALGRAVE MACMILLAN, 2012.
- MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira

Thomson, 2002.

MOREIRA, M. C. N. Configurações do ativismo da parentalidade atípica na deficiência e cronicidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 10, p. 3939–3948, 2022.

MORRIS, J. **PRIDE AGAINST PREJUDICE — Transforming Attitudes to Disability Celebrate the Difference**. Londres: Women's Press, 1991.

OLIVER, M. A New Model of the Social Work Role in Relation to Disability. *In*: Campling, J. (Ed.) **The handicapped Person: A New Perspective for Social Workers**. London: Radar, 1981. p. 19-32.

OLIVER, M. **The politics of disablement**. New York: PALGRAVE MACMILLAN, 1990.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**, 2001.

OSSONA, P. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, R. W. **A formação do balé brasileiro: nacionalismo e estilização**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que vos fala**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

QUINLAN, M. M.; BATES, B. R. Dances and discourses of (Dis)ability: Heather Mills's embodiment of disability on dancing with the stars. **Text and Performance Quarterly**, v. 28, n. 1–2, p. 8–42, 2008.

RIGO, L. C.; DE CASTRO, F. B.; KUNZ, E. O se-movimentar na dança em cadeira de rodas. **Pensar a Prática**, v. 22, p. 1–11, 2019.

SAMUELS, E. My body, my closet: Invisible disability and the limits of coming out. *In*: DAVIS, L. J. (Ed.). **The disability studies reader**. 5. ed. New York: Routledge, 2016.

SANTOS, W. R. DOS. Pessoas com Deficiência: nossa maior minoria. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, p. 501–519, 2008.

SASTRE, C. Um olhar poético sobre a diferença na dança contemporânea em Perspectivas : Somos todos deficientes ? **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, n. 25, p. 19–34, 2013.

SÉRIO, A. Corpos com deficiência na cena da dança: entre outras cositas más. *In*: SÉRIO, A.; PRIORI, C. (Eds.). **Diversidade em fricção: educação em direitos humanos em construção na Universidade**. Curitiba: CBT Brasil Multimídia, 2020.

SHILDRICK, M. Critical disability studies: rethinking the conventions for the age of post

modernity. *In*: WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). **Routledge Handbook of Disability Studies**. 2 ed. Abington: Routledge, 2020. p. 32–44.

TEIXEIRA, C. **Deficiência em cena**: a ciência excluída e outras estéticas. 2. ed. Natal: Offset, 2021.

THE UNION OF THE PHYSICALLY IMPAIRED AGAINST SEGREGATION AND THE DISABILITY ALLIANCE. **Fundamental Principles of Disability**. London: The Disability Alliance, 1975.

THOMAS, C. Disability Theory: Key Ideas, Issues and Thinkers. *In*: BARNES, C.; OLIVER, M.; BARTON, L. (Eds.). **Disability Studies Today**. UK: Polity Press, 2002. p. 38–57.

VALLE, F. P. DO. A disciplina da técnica e a contraconduta da criação. **Revista da FUNDARTE**, p. 42–47, 2009.

VALLE, F. P. DO. Dança, identidades e contraconduta da criação. **Revista da FUNDARTE**, p. 7–24, 2017.

VEHMAS, S.; WATSON, N. Disability Studies: Into the multidisciplinary future. *In*: VEHMAS, S.; WATSON, N. (Eds.). **Routledge Handbook of Disability Studies**. 2. ed. New York: Routledge, 2020. p. 3–13.

VIANA, A. F. Olhos meus. **Pitágoras 500**, v. 8, n. 2, p. 72–88, 1 nov. 2018.

VIANNA, K. **A dança**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2005.

WATSON, N. Agency, Structure and Emancipatory Research: Researching disablement and impairment. *In*: WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). **Routledge Handbook of Disability Studies**. 2. ed. Londres: Routledge, 2020. p. 127–141.

WENDELL, S. Unhealth Disabled Treating Chronic Illnesses as Disabilities. *In*: DAVIS, L. (Ed.). **The disability studies reader**. 5. ed. New York, NY: Routledge, 2017.

WHATLEY, S. Dance and disability: the dancer, the viewer and the presumption of difference. **Research in Dance Education**, v. 8, n. 1, p. 5–25, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of impairments, Disabilities and Handicaps (ICIDH)**. Geneva, 1980.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e Métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICES - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

MOVIMENTO Nº 1

1 - Me conte a sua história.

Eu, quando eu era criança eu queria muito fazer balé, é eu fiz alguns anos, mas eu sempre parei, eu nunca tive uma continuidade, eu fiz quando criança, mas pouco, quando adolescente também pouco, mas depois de adulta que eu fui me descobrir melhor na dança, e dar continuidade, então durante a Faculdade, eu fiz Faculdade de Psicologia, é na PUC de Perdizes, e durante a Faculdade fui também fazendo aula de dança, de balé clássico, em outros lugares né, que não aqui na Associação, e foi muito bom só que teve uma professora que era muito rigorosa, ela esquecia que eu sou adulta sabe? Queria exigir de minha um alongamento que eu não tenho né? E aí eu tive que desistir daquela aula; aí eu descobri aqui a Associação, é pra deficientes visuais é, foi pela televisão eu vi uma reportagem da Fernanda, e aí eu vim, eu liguei pra Fernanda eu pedi pra ela, perguntei pra ela se eu poderia vir, ela falou pode vir, aí eu vim, comecei com o César primeiro, depois Verônica e eu fui avançando nas aulas desde o iniciante, comecei desde o iniciante, intermediário, então eu estou aqui, o ano que vem vai fazer oito anos, e agora que eu estou começando a fazer aulas com as meninas da companhia, é a gente talvez, eu vá estreiar junto com elas é no *Olhando para as Estrelas*, no dia vinte e um de setembro. (Você entrou na Associação em qual ano?) quando eu me formei em 2015, não, foi em 2016, eu me formei em 2015, e foi 2016 que eu, ou foi 2015? Acho que foi 2015.

2 – Qual o significado da dança para você?

É autonomia, autoestima, melhorou muito a minha autoestima, é eu também tive um período difícil de depressão, né de enfim, de surto também, durante a adolescência, então isso não aconteceu durante o tempo todo que eu estive no balé, então é todo esse tempo eu consegui manter estável né, é porque eu tenho transtorno mental, além da degeneração visual, eu tenho esquizofrenia, e eu trato enfim, mas é sempre uma manutenção né, não muito uma cura assim, é como se pensa a cura como o

restabelecimento de uma saúde plena né, então isso não existe, mas eu consigo viver né, inclusive algumas coisas são difíceis pra mim como, a memorização da sequência de passos, a concentração, mas isso melhorou muito, muito, muito mesmo, porque eu as vezes não conseguia lembrar assim a coreografia, e agora eu já estou conseguindo né, e, isso melhorou bastante, essa estabilização né, (um foco né do que você está fazendo no momento, né ?) sim, e a felicidade né, porque eu fico muito feliz, é satisfeita, e me sinto [...] porque assim essa idade que eu estou é, geralmente as bailarinas estão se aposentando né? Eu estou começando a carreira agora, e eu sei, isso que é legal aqui no balé da Fernanda, né, essa inclui, não é nem a inclusão, mas esse pertencimento mesmo né, é não só pela por conta da deficiência visual, e do transtorno mental, mas é a idade também, a minha idade, o meu tipo de corpo, eu não sou uma bailarina magrinha né, por conta de medicações, essas coisas, ansiedade, eu acabei engordando, mas mesmo assim né, eu sou aceita aqui né, isso não tem preço né, porque as vezes, muitos empregos, é, na área da psicologia mesmo, eu tentei, e eu sou excluída, as pessoas não dizem, mas eu sei né, qual a razão, é geralmente por conta do transtorno mental, eu não consigo trabalho, eu não consigo trabalho na área, na minha área, mas enfim, aí eu faço outras coisas para complementar a renda, dou umas aulas de português para estrangeiro, dei aula de espanhol para brasileiros né, porque eu estudei um pouco espanhol (e entrando na Companhia ela se torna um ofício, um trabalho?) sim, e assim trabalhar com o que a gente ama é muito é muito bom é maravilhoso, porque é eu me sinto realizada, apesar de, das minhas dificuldades dos meu desafios pessoais, eu consigo superar esses desafios, é e ver, eu aprendo muito com as meninas, porque eu vejo que elas se superam né, e aí é, nós trabalhamos sempre juntas né, uma ajudando a outra, eu enxergo um pouco mais do que muitas meninas, então eu consigo orientar alguém, as vezes eu tenho dificuldade porque eu me desconcentro, se eu prestar muita atenção no que está acontecendo ao redor, mas é, a medida do possível eu tento orientar as meninas, ajudar, orientar por exemplo para ir mais para a direita ou mais para a esquerda, virar o corpo para determinado lado, então essas coisas, orientação do espaço né, mas pra mim também foi muito difícil, mas isso já está melhor no meu caso né, e aí eu tento ajudar as meninas também, a se orientarem por conta da deficiência total né, que as vezes algumas tem e aí precisam de uma orientação caso se posicionem de forma é, de forma é, como eu posso dizer, saindo do desenho da coreografia.

3 – Me conta um pouquinho como você se tornou uma bailarina, como que a B6 chegou até aqui, porque agora você é uma bailarina de uma companhia de balé de cegos.

Sim, é, na psicologia nós dizemos que a arte tem o poder de cura né, não da cura médica né, a cura de reestabelecimento a um estado anterior, mas é uma cura no sentido de superação dos desafios né, a cura no sentido de potencialização né, empoderamento de protagonismo e é acho que eu já falei também de autonomia né, então é, eu usei a ponta durante um tempo, a sapatilha né, me apresentei já com as meninas na ponta, agora eu estou um pouco acima do peso, preciso emagrecer um pouco pra subir, e eu tive fascite plantar durante um tempo ai eu tive que dar um tempinho na ponta, mas eu estou muito feliz assim, (E essa trajetória de você se tornar de você estar onde você está hoje né, que chegou vamos dizer no ápice, que é usar a sapatilha de ponta, como que foi esse trabalho, esse tempo que você está aqui, esses oito anos?) A eu sempre tive muito apoio e tem uma coisa que nós temos aqui na Associação que é o amor né, então os professores são amigos também, então é, eles nos apoiam, eles dão suporte, e tem além dos professores tem os voluntários, que eles nos ajudam com outras questões, por exemplo tem a micro fisioterapia que cuida de uma forma, do corpo e das emoções, nós temos uma psicóloga voluntária, no momento eu estou passando com ela *on-line*, e isso ajudou muito, foi desde o ano passado né, eu perdi minha irmã de trinta e um anos com câncer raro né, e muito agressivo, é agora dia doze de agosto fez um ano, ela deixou meu sobrinho de doze anos, e eu que sou a referência dele agora, a figura feminina na vida dele né, eu e minha mãe, só que minha mãe está morando longe, mas, é, qual foi a pergunta? [risos] (você está me falando de todo esse tempo que você está aqui na companhia, de todo esse trabalho multidisciplinar, né, do apoio) isso, a psicóloga, a gente tem esse atendimento aqui que é muito bom, excelente, de muita qualidade e isso ajuda muito, nós temos também um grupo, uma terapeuta holística, que é também voluntária, então tem todo um suporte extra, não só físico, é do corpo, tem o cuidado da mente, tem o cuidado das emoções, tem o cuidado da dimensão espiritual até, tem o yoga, tem o pilates, pra gente não ter lesões, tem todo um suporte extra, não é só o balé, tem outras danças, a dança do ventre, a contemporânea, tudo isso que eu estou te falando eu já fiz ou estou fazendo, então não é só clássico, tem todo (Aproveitando que você

está falando de tudo que você faz aqui, me fala um pouquinho da sua rotina) sim, cada dia tem uma atividade, e é super prazerosa né, então nas segundas eu faço aulas de PBT, é e balé, e faço aula com a companhia a tarde que a gente está ensaiando para o próximo espetáculo, (então você chega aqui ?) Eu chego umas duas horas da tarde, eu trabalho geralmente de manhã, as vezes dando aula de português, e aí a tarde eu chego umas duas horas e saio, cinco e meia seis horas da tarde; na terça eu faço aula de dança do ventre, a gente está ensaiando uma coreografia porque eu vou dançar um solo [risos de alegria] ainda tá, começou hoje, a gente está começando agora, e depois tem aula com o grupo, das meninas né, de dança do ventre, e depois o contemporâneo, aí eu faço o contemporâneo primeiro com as meninas assim um pouco mais avançadas, um intermediário né, porque eu tenho um intervalo grande, eu pedi para o professor deixar, eu fazer essa aula com ele e ele deixou, eu faço a aula depois do iniciante, e acaba três horas da tarde, então eu passo a manhã toda e começo da tarde aqui, almoço, trago o meu almoço, minhas frutas, meus lanches, né, passo o dia aqui, aí na quarta eu venho de manhã, na quarta eu venho de manhã a gente também está ensaiando para o espetáculo, é aula com a companhia, e na quinta eu não venho, acho a quinta é mais o meu dia mais de folga, eu vou trabalhar depois eu vou pra casa, é esse meu trabalho ele é informal né, é uma escola mas eu não tenho vínculo com a escola, eu aceito, é bom porque eu consigo montar a minha grade horária, aí eu venho para as aulas que eu quiser aqui na Associação, que é bem perto, então é maravilhoso, na verdade é muito bom porque eu posso continuar com a dança, ela faz parte da minha vida e tem essa importância, eu acho que eu não consigo trabalhar se eu não dançar né, porque as vezes eu fico muito estressada né, e a dança me leva para um lugar assim de tranquilidade é de força, de superação, é de, energia também, é uma energia muito boa, ânimo eu fico mais animada, e na sexta eu passo o dia todo aqui na verdade, eu venho pra aula da companhia, eu fico, depois tem um intervalinho, aí eu almoço, e aí a tarde eu fico até as cinco e meia, seis horas, na sexta é o dia, mas isso essas aulas pela manhã, elas começaram a semana passada, né, ainda está bem recente, que eu estou na companhia, estou entrando agora, está bem recente, mas eu estou achando ótimo, eu só preciso me cuidar mais assim pra tentar emagrecer, pra me sentir mais leve, né, acho isso importante eu preciso me cuidar nesse sentido (e aí assim nas atividades, nas apresentações que a companhia participa então você é agora que você está adentrando aprendendo as coreografias pra poder participar dos eventos fora, ou você já sai com a companhia?) ah então, nos

espetáculos alguns professores já incluíam o nosso grupo junto com a companhia, principalmente a professora Márcia, ela monta as coreografias e me incluí junto com algumas meninas, então a gente já tem uma experiência de dançar junto com a companhia, eu já saí algumas vezes com elas pra fazer vivência né, mas a estreia mesmo com a companhia acho que vai ser mesmo dia vinte e um com o Olhando para as Estrelas, (legal, muito sucesso pra você nessa estreia) obrigada!

4 - O que é ser uma bailarina?

Ai é ser livre né, porque a gente pode voar é, voar com asas mesmo a gente põe assas com os figurinos, teve uma coreografia muito bonita é “Passagem pra vida” da Márcia Bueno é que a gente sai de um casulo né que era um tecido, a gente estava dentro de um tecido assim, de um, e saía e abria as asas assim como uma borboleta então, é transformação, então a gente é fica assim, se liberta, é tem uma metamorfose mesmo, uma transformação, então é a gente sai de um casulo e entra num livro e vai voa né, pro céu, livre, essa liberdade que eu sinto quando eu estou dançando, e muito muito bonita, eu me sinto bonita porque ai eu me maquio me arrumo o cabelo, [risos] ai eu fico com as meninas, a gente conversa, é muito bom né, os figurinos são lindos, então eu me sinto bonita também quando eu me apresento, enfim quando além de livre ter esse significado transformador [...] (que bonito).

5 – O que é ser uma bailarina de uma companhia de balé de cegos?

Ah é uma honra, uma honra pra mim né, eu nunca imaginei que depois, é que eu ia realizar esse sonho, eu só gostaria que, eu tenho certeza que se eu dissesse pra minha irmã, se ela estivesse viva, ela ia me abraçar e pular comigo de alegria, de comemoração porque eu esperei muito muito por um trabalho, é, e foi muito muito bom esse essa possibilidade né, essa possibilidade, eu tenho certeza que ela ficaria muito feliz, e que a gente se abraçaria pulando assim, sabe? Comemorando, ela ficaria muito feliz [...]

6 – Quais são as suas expectativas daqui para a frente?

Ah! Eu quero, eu quero sempre continuar dançando, é eu conheço aqui na Associação, nós temos bailarinas com mais de sessenta anos né, que fazem aula, é a Adriana por exemplo tem sessenta e dois anos, ou sessenta e três, eu não sei, é, e eu quero dançar até mais do que isso, então se for pensar eu tenho pelo menos uns vinte anos pra dançar então pra fazer história junto com as meninas, quem sabe até lá a gente já tenha uma companhia de pessoas mais velinhas, uma companhia de idosas ou idosos, pode ser né, é porque aqui tem inclusão de todas as formas né, então pode ser que tenha né, porque éé porque tem, já tem, já tem, então é muito bom pensar que eu posso dançar pelo resto da vida, é que eu quero, mesmo que eu não vá para as apresentações grandes apresentações, mas o fato de pertencer né, a Associação, e agora fazer parte da companhia já é muito rico, é uma coisa, eu sou muito grata por isso, muito grata, eu acho que Deus foi muito generoso comigo né, sempre né sempre e me abençoo e tem me orientado, me guiado, me tratado muito bem, algumas pessoas pensam que é o Universo as energias a mãe a natureza né o que é o que as pessoas querem chamar, eu chamo de Deus, então eu acho que eu sou muito abençoada e eu sou muito grata por isso

7 – Qual foi a sua melhor e pior experiência como bailarina?

Tem que ser de balé clássico (não, o que vier na sua cabeça) posso falar mais de uma também? (pode) ah então está bom, é então a melhor experiência foi a semana passada assim que a gente dançou, o grupo que vai se apresentar no dia vinte e um, todos juntos, acho que faltavam algumas, só duas meninas eu acho, e nós dançamos e ensaiamos do começo ao fim e eu consegui acompanhar sabe? Ai foi muito bom, muito bom, ficou muito bonito é, eu tenho que melhorar algumas coisas, mas já deu pra sentir a energia positiva que é dançar junto com o grupo das meninas e dos meninos, é principalmente com as meninas cegas e uma outra experiência também foi hoje que eu comecei a coreografia de dança do ventre né, esse solo que foi uma surpresa pra mim também né (foi uma surpresa da professora?) é do professor César, ele que me falou, e a Professora Rosana também, né, foi uma surpresa ela me falou na outra semana e começamos hoje a coreografia, é não sei se vai estar pronta para o dia vinte e um, porque ela é bem rápida, bem rápida, e tem que fazer os movimentos muito precisos né, eu preciso treinar, mas eu vou treinar em casa, vou me preparar e seria muito bom porque o professor precisa dessa coreografia para compor o

espetáculo e seria muito bom se [risos] eu respondesse a altura do que eles programaram, desse presente que eles me deram né, a pior experiência é difícil dizer da pior, porque eu sempre tive boas né, eu acho que [...] não me vem nenhuma experiência ruim (tá certo) não tem.

8 – Você pode me falar da sua deficiência visual?

Sim, sim, eu posso falar, eu tenho degeneração, então assim eu tenho uma alta miopia, altíssima na verdade, de dezessete a vinte e três graus, e aí é a retina começou a degenerar (dezessete a vinte e três) é eu acho que na esquerda eu tenho dezessete e na direita vinte e três graus de miopia e astigmatismo eu não lembro (e isso é possível, eu não sabia), sim isso é alta miopia, e foi aumentando com o tempo, quando eu era criança era menor e aí foi aumentando, aumentando e continua aumentando, já era pra ter estacionado e o médico não entende porque continua que não estacionou e continua aumentando e aí começou a degenerar a retina, é a noite é muito difícil para andar só que eu ainda consigo andar sem bengala né, é assim eu penso que eu penso que, enquanto eu puder eu vou andar sem, mas se eu precisar eu vou usar, é um recurso né, é claro que eu fico preocupada porque a gente se sente mais vulnerável né a ser assaltada em fim né, que a gente fica vulnerável, pelo menos eu imagino que fique, não sei, eu preciso até conversar com as meninas sobre isso, pra ver o que elas acham né, você andar sozinha, enfim, eu ando muito sozinha, mas eu ainda consigo né me, enxergar principalmente de dia, de longe não né, de longe não, que aqui eu estou com lentes e são as lentes com esses graus que eu te falei né, eu consigo te ver aqui de perto, se você for pra longe eu já não consigo, é a noite eu tenho dificuldade, é do outro lado da rua eu não enxergo a pessoa assim, quem é que tá, eu enxergo mais um vulto, e sem óculos ou sem lente praticamente nada, tudo vultos, eu não vejo nada definido, acho que eu identifico cores né, mais sem a lente sem o óculos, realmente teria que ter uma orientação, uma bengala, enfim como ainda eu tenho esse recurso da lente e do óculos, eu uso né, e é isso, eu não sei qual é o CID, eu esqueci qual é o CID (não tem problema, qualquer coisa eu entro em contato para te perguntar). 8 a - E como você se sente a respeito da sua deficiência visual? Eu sempre achei muito ruim, eu detesto meu óculos porque ele tem um grau é como ele tem um grau muito alto, a lente é grossa, então eu fico, eu me sinto horrorosa com o meu óculos, então eu uso sempre lente, sempre lente, mas hoje eu vejo de uma

outra forma, porque isso me possibilitou entrar aqui na Associação, então eu não vejo mais como uma dificuldade, pra mim é um desafio né, mas é um desafio que pode ser superado, nesse sentido, porque eu consegui transformar isso também, acho que tem essa questão da transformação né uma coisa que era negativa, hoje me abre portas, me dá acesso a coisas que eu não teria (neste momento fomos interrompidas pois a B6 tinha ensaio)

Complementares

9 – Como foi a sua estreia com a companhia?

Sobre a estreia na companhia, naquela semana que eu ia estrear eu sofri um pequeno acidente, eu caí da escadinha da Associação, e aí eu machuquei o braço e a perna e bati o quadril, então é eu fiquei muito dolorida eu não quebrei nada muito grave, mas eu não consegui dançar, porque eu estava muito muito dolorida, é eu cheguei a ir, ver se aconteceu alguma coisa no médico, tudo bem não aconteceu nada, graças a Deus estava tudo bem, mas aí agora tivemos o Espetáculo e dançamos “as chinesas” a coreografia, a coreografia que eu dancei com a companhia, mas aí foi todo o balé intermediário que dançou da turma de sexta, nós todas dançamos junto com a companhia e foi muito, muito bom, foi lindo, eu pude ver algumas fotos, alguns vídeos e foi muito emocionante, é realmente eu me sinto realizada, eu me sinto é sabe, com um sonho realizado né, uma etapa da minha vida que eu nunca imaginei que fosse acontecer, é, e está acontecendo, e o interessante é que o tema do espetáculo é “Realizando Sonhos” e fala da, é, fala da construção da nova Sede da Associação, que sempre nós devemos acreditar em nossos sonhos, então isso realmente na Associação a gente pode concretizar muito de nossos sonhos e sonho não envelhece né, nunca é tarde demais para realizarmos, então é eu estou realizando um sonho de que eu nunca consegui e que eu nunca imaginei que fosse acontecer, é estou muito feliz.

9 a – Como você sentiu em relação ao acidente que sofreu na pré-estreia? Como foi estar fora desta apresentação?

Quando eu cai no acidente da queda da escadinha da Associação eu achei que eu tivesse me despedaçado assim, eu tomei um susto, eu acho que o susto foi uma das piores coisas, é como, eu sentia é como se eu tivesse me quebrado né eu estava como se eu estivesse em cacos né, e aí eu fiquei assustada né, eu fiquei com medo de levantar porque eu achei que eu estava toda quebrada, toda despedaçada e aí é eu fiquei assustada, mas depois que passou o susto eu tomei um pouco de água e aí eu fui me recompondo né, me juntando né, e aí eu consegui levantar e vi que não tinha acontecido é uma coisa mais grave né, então eu fiquei mais aliviada né só que fiquei muito triste né, porque é, eu não esperava que algo me tirasse é, eu acho que eu estava muito feliz e confiante, e aí depois do acidente eu fiquei um pouco triste, desanimada, decepcionada por ter acontecido [...] mas depois eu pensei ah acontece né, acontecem acidentes, e é me recuperar, eu pensei eu vou me recuperar e estreiar em outro momento, e eu fui me acalmando e depois eu tive muito apoio dos professores da Fernanda, eles me mandavam mensagens pra ver se eu estava bem falou para eu ir ao médico né, perguntou se, porque o médico tinha pensado é que poderia ter acontecido alguma coisa mais grave e que eu deveria voltar pra fazer um ultrassom caso, porque não tinha quebrado osso né, mas podia é ter machucado algum tendão ou músculo é ter, ter rompido mesmo né por conta da dor que eu estava sentindo, mas aí é, graças a Deus, graças a Deus, é não aconteceu né, é que assim a minha pele é muito clara e aí qualquer machucado fica muito feio assim, muito, é ficou muito roxo né, e ficou, e isso me deixou assustada né, quando eu me machuco geralmente, fica parecendo uma lesão assim, de tão, de tão, de tão machucado que fica né, acho que por conta da pele que é clara, e fica quase que transparente assim, e aí, mas graças a Deus não foi nada sério e aí eu já estou dançando, eu ainda quero estreiar no teatro é o *Olhando para as Estrelas*, ainda não deu certo o *Olhando para as Estrelas*, os outros, a *Chinesas* sim, mas o *Olhando para as Estrelas* não.

9 b – Quando você fala do espetáculo, o que significa quando você fala que foi emocionante?

Já o emocionante que eu me refiro é tanto com relação a emoções né e eu diria até mais né não só emoções curtas e passageiras mas uma coisa muito mais duradoura de sentimento mesmo é e alegria de felicidade, de satisfação e também até relacionada ao corpo né, eu me sinto emocionada no sentido de é, de sentir o corpo

presente naquele momento, então eu sinto que estou viva, então eu me sinto viva, né e com energia e que aquilo é uma realidade, é isso é que eu me refiro quando eu digo que foi emocionante, então aquele momento foi, foi, é difícil de colocar em palavras, porque é ah viver a dança pra mim tem sido algo quase inacreditável né, parece mais é um sonho né, uma coisa que enfim, mas está acontecendo, e isso é muito gostoso de ver que a gente pode alcançar as coisas que a gente planeja enfim e o que não planeja também né que a gente menos espera que possa surgir, de oportunidade na nossa vida, então é acreditar né que as coisas são possíveis que os sonhos são possíveis de serem realizados, é desde que a gente não desista né, é persista em ir atrás conseguir conquistar e aproveitar as oportunidades, né de que as vezes uma coisa que é ruim pra nós, por exemplo uma deficiência ou um outro desafio né, ele pode ser se a gente, eu olhar com mais cuidado e atenção pode ser uma oportunidade né, é acho que uma vez eu ouvi falando sobre Freud ele que dizia: que as crises podem ser uma oportunidade de mudança, de transformação e eu acho que isso é real, no caso de nós realizarmos e acreditarmos em nosso sonhos, as vezes algumas coisas que nós achamos ruim naquele momento no futuro ou num futuro próximo é essa mesma coisa pode ter um outro significado, pode ser que ela nos abra portas que a gente não imagina que possa serem abertas.

10 – Quais são as suas expectativas como mulher com deficiência visual?

Sobre as minhas expectativas como mulher com deficiência visual, na verdade eu espero que a minha deficiência não seja um sinal, assim um estigma, assim como um sinal de que as pessoas possam me identificar e me excluir sabe? Como se fosse uma marca de exclusão, mas que fosse uma característica sabe? Não um impeditivo de estar onde eu quero estar ou de onde eu gostaria, o lugar que eu gostaria de ocupar na sociedade, no mundo. Não impedisse de realizar os meus sonhos de qualificação profissional, de atuação como bailarina, como psicóloga, de estar onde eu quero estar, de ser cidadã de exercer os meus direitos, cumprir com os meus deveres, e também com os meus propósitos pessoais que eu estabeleci pra mim, assim na família, na minha família eu quero muito cumprir com os objetivos que eu estabeleci que é cuidar dos meus pais né, ter condições financeiras pra cuidar dos meus pais idosos né, e do meu sobrinho que agora está órfão, devido ao falecimento da minha irmã no ano passado, então, eu quero muito dar esse apoio para a minha família é e assim, sobre

mulher né com deficiência visual, eu estou muito feliz solteira mas se a vida me surpreender com um parceiro eu acho que é interessante eu vou ser muito grata, mas eu tenho muita gratidão por ser livre, é fazer o quero, enfim eu acho que isso não precisa necessariamente se perder com um relacionamento, mas eu estou muito bem assim, né, não é o meu principal objetivo encontrar alguém, mas se acontecer eu quero poder experimentar isso, mas tudo bem, está tudo bem, e também eu acho que uma coisa importante é eu gostaria, embora eu tenha deficiência visual, não sei, se essa deficiência, se a degeneração vai evoluir né, até chegar a cegueira, isso não tenho como saber, não depende de mim. O que depende de mim é me cuidar no sentido de tomar os suplementos que o oftalmologista recomendou, enfim sempre ter um acompanhamento médico, mas algumas coisas fogem do meu controle né? Mas que isto não seja um obstáculo né, que eu seja reconhecida, e conhecida pelas minhas habilidades, pelas minhas qualidades, pelo meu desejo de sempre estar evoluindo, me desenvolvendo, então em resumo que a minha deficiência não seja a minha marca né, e sim mais uma característica,

11 – Você pode falar sobre a esquizofrenia?

Sobre a esquizofrenia é então é, eu sinto no meu caso pelo menos que o transtorno mental ele é visto e tratado pelas pessoas com mais discriminação do que propriamente a minha deficiência visual, então eu não pareço ter esquizofrenia e também não pareço ter deficiência visual, então as pessoas geralmente o que elas não veem né, elas acham que não existe, elas não acreditam né, então eu sofro muita discriminação as vezes por isso né, por não parecer ter uma deficiência. É mas os efeitos da doença mental ele é meio devastador, então né, além de uma angústia gigantesca, é depressão, desânimo, dificuldade de concentração, memorização e atenção que são coisas tão importantes pra dança né, então essas coisas acabam sendo uma dificuldade grande na hora de memorizar uma coreografia, de executar uma sequência de passos, e o que me deixa muito chateada também é a não recolocação no mercado de trabalho né, então existe um preconceito muito grande mesmo na área da psicologia pra pessoas com transtorno mental, né de inclusão no mercado de trabalho, é, o médico sugeriu eu me aposentar por invalidez, mas é eu acredito que eu sou capaz de trabalhar então eu não aceitei, é, eu acredito mesmo que é possível né, e como que eu tenho lidado né: Eu lido com esses desafios é com

tratamento né, o tratamento psicológico, a psicoterapia, o tratamento medicamentoso né, que é bem importante no controle dos sintomas né, de delírio alucinação, isso geralmente a medicação ajuda bastante né, a angústia também diminui, é melhora o sono que fica totalmente desorganizado quando eu estou em crise né, também é eu lido através da arte né, uma coisa maravilhosa né, não só a dança né, mas também a dança, o balé clássico também, mais a dança contemporânea a dança do ventre, eu também me expresso através da pintura, eu gosto de pintar, escrever também é uma coisa que eu amo fazer, ultimamente eu não tenho escrito muito poesia, poema né, mas eu já escrevi durante um tempo, é hoje eu escrevo mais a escrita de como eu me sinto, num diário, numa agenda sabe, isso me ajuda bastante a me organizar mentalmente e a dança me ajuda a me organizar no espaço, e no esquema corporal é e também no resgate da autoestima é bem importante isso, ah, e da dança eu li um livro que é *O diário de Nijinsky* né, e aí conta um pouco, na verdade conta através da visão do bailarino *Nijinsky*, ele tinha, ele teve esquizofrenia, e aí a gente consegue acompanhar a evolução do quadro dele pra, pra uma totalmente desintegração mental né. E como que a arte, como que a dança foi estabilizadora para ele durante muitos anos, até que ele não conseguiu mais e aí ele adoeceu, mas como que a arte é importante nesse sentido né, pra manter a estabilidade [...].

Poemas:

Profunda (28/10/2001)

Essa dor é serpente
Seu veneno silencioso
Enlaça, enrola
Aperta, quebra

Essa dor
Leão que ruge
Apavora, grita
Chora

Essa dor
Avança, morde

Sangra

Mata

Caixa de queixas (sem data)

Estou farta...

De cuspir versos

/sem sentido

De gritar sem que ninguém

/ me ouça

De ser alvo

/do desespero

E cantar sem conhecer

/o ritmo

Estou farta...

De comer pensamentos

/Vãos

E digerir desejos

/descontrolados

De beber minhas próprias

/lágrimas

E colher

/emoções podres

Estou farta...

De misturar álcool

/e drogas

De me afogar no meu

/sangue frio

E de me perder

/em ilusões

Estou farta...

De buscar respostas
/Lógicas
Ao que não existe
E de dar por um
E de dar por um grão de areia
Todo o meu suor fervente

Estou farta...
De matar palavras doces
E ressuscitar más recordações
De por um limite ao infinito
E um ponto onde não
/é o final.
(Tradução revisada pela autora)

Buzón de quejas (sem data)

Estoy harta ...
De escupir versos
/sin sentido
De gritar sin que
/radie me oiga
De ser el blanco
/de la desesperación
Y cantar sin conocer
/el ritmo

Estoy harta ...
De comer pensamientos
/vamos
Y digerir deseos
/descontrolados
De beber mis propias
/lágrimas

Y de cosecher
/emociones podridas

Estoy harta ...
De mesclar alcohol
/y drogas
De ahogarme em mi
/sangue fria
Y de perder me
/en ilusiones

Estoy harta ...
De busca respuestas
/lógicas
A lo que no existe
Y de dar por un
/grano de arena
Todo mi sudor ferviente

Estoy harta ...
De matar palabras dulces
Y resucitar malos recuerdos
De poner limite al infinito
Yun punto donde no
/es el final.

Salva-me (2013)

Enforca meu grito
Espreme minha dor
Comprimi em mim
/o trágico
Sacrifica meu choro
Silencia meu desespero

E alivia minha alma

Sonho Real

No sonho a psicologia

/é delírio

Meu sonho é a

/psicologia

Mas por que delirar

/ dormindo

Se sonho acordada?

Partida (sem data - escrevi ao me deparar com a morte de uma pessoa querida)

Partiu

Meu coração

Em pedaços

Sem adeus

Nem despedida

Consigo

Levou seus sonhos

Deixando

Os meus em estilhaços

Costuro os planos

Em fragmentos

Ao recordar

Nossos momentos

Colo rubra

E vividamente

Os retalhos

Dessa colcha

De saudades

Não florirá

Na velhice

Nem, desabrochará

Filhos,

E netos

Choro

Sem lágrimas

Em silêncio

Ouço sua voz

Meu pranto

Calado

Grita

Dentro

Desesperado

Volta!

Faz dessa

Partida

Linha de chegada

Transforma

Esse ponto

Não em final

Mas em reticências eternas

Deixa o fim

Para minha dor

Por favor,

Continua!

Em mim vive

Colheita (escrevi ao me deparar com a morte de uma pessoa querida)

Foi-se

Foi-se

O arrancaste de mim

Com força

E violência

Por que

Não o deixastes

Crescer e florir

O extirpaste

Qual joio

(E agora?)

Queres afogar-me

Em lágrimas

Esquartejar-me

Em desespero

As lágrimas

Acida

Que escorrem

E me desfiguram

Dissolvem-me inteira

Em dores de parto

Partem-me

O espírito

O corpo

E a alma

Deixa-me partir!
Leva-me junto
Arrebata-me
Tira-me deste tormento
Arranca-me deste sofrimento

Em que
Pulverizaste
Meus ossos
Solidificaste
Meu sangue
Decompusestes
Meus órgãos

Tragaste
Agora
Traga-o
De volta

MOVIMENTO Nº 2

1 - Me conte a sua história.

Bom, eu tenho baixa visão, eu tenho apenas 15% das duas, é eu tenho uma má formação no nervo então, eu minha mãe descobriu quando eu era tinha quatro anos mais ou menos e desde então eu comecei a fazer acompanhamento. E aí, eu sempre fiz acompanhamento no Hospital São Paulo e eu sempre participei de várias atividades de várias fundações foi aí que eu cheguei na Dorina. Eu cheguei na Dorina já mais ou menos com dezesseis anos e lá eu fiz um curso de teatro. E aí eu fiz durante um ano o teatro lá. Então eu sempre convivi com deficiente visual e sempre gostei muito da dança, eu sempre participei de dança na Igreja, só que eu nunca falei para minha mãe que eu sempre tive vontade de fazer ballet mais pelas condições financeiras; eu sabia que era uma coisa muito cara e de difícil acesso pra pessoas que não tem tanto uma vida financeira estável. Então eu nunca quis preocupar minha

mãe em relação a isso. Aí eu fiz o curso de teatro na Dorina e no final do curso a gente apresenta um Te uma peça que eu era uma bailarina; e aí eles é, no final do curso, acabou o curso tal e eles fizeram uma reunião pra saber pra onde cada pessoa ia. Tipo a essa pessoa durante todo o curso ela parecia mais com cara de fazer massoterapia, tal pessoa parecia isso, porque tinham dinâmicas durante as aulas, então eles foram descobrindo um pouco de cada pessoa, e aí eles viram que eu gostava muito de dança, muito de ballet porque durante todo o curso eu falava muito sobre isso e aí que eles me apresentaram aqui [AFB] aí foi de lá que eu vim pra cá, aí eles me, eles falaram pra eu vir conversar com a Fernanda que eles tinham marcado, aí eu cheguei aqui e aí eu olhei assim e falei puts agora que meu sonho está começando sabe, ser uma bailarina, mais eu olhei assim falei nossa, e eu achava que eu tinha que começar pequena que eu não ia saber fazer nada depois dos dezesseis. Quando eu entrei na sala uma das primeiras pessoas que me ajudou foi uma senhora, e ela estava na mesma turma que eu, e até hoje eu não me esqueço disso, durante um bom tempo das aulas que eu participava era ela que me ajudava, falava puts se uma senhora está me ajudando porque eu não vou conseguir fazer as coisas? eu ficava assim pra ela ; mas amanhã eu não vou lembrar o que é um *plié*, hoje eu estou sabendo aqui, mas amanhã eu não vou lembrar todos esses nomes, ela não você não pode desistir, você tem que tentar, você tem que tentar, e ela foi muito ela me incentivou muito, muito mesmo e me deu muita força e aí eu fui conhecendo as meninas, fui me desenvolvendo e fui perdendo a vergonha porque eu era uma pessoa muito tímida, eu era uma pessoa muito dependente da minha mãe, durante todo curso que eu fazia, todo tratamento que eu fazia, era minha mãe que me levava, minha mãe que andava comigo de ônibus, minha mãe que ia em todos os cantos comigo e a partir do momento que eu entrei aqui eu falei não agora eu tenho que ser uma pessoa totalmente independente, que minha mãe não vai poder ficar me trazer todos os dias para cá. Aí foi que eu dei um start na minha vida, e aí foi que eu comecei a desenvolver e eu entrei na companhia, aí eu fui convidada para entrar na companhia, e eu estou aqui desde então fazendo ballet já vai fazer oito anos. (desde os dezesseis eu perguntei) não aos dezesseis eu estava lá na Dorina aí eu vim pra cá eu ia fazer dezoito é eu ia fazer dezoito, eu estava com dezessete pra dezoito, agora eu tenho vinte e seis, oito anos.

2 – Como você se sente a respeito da sua deficiência, o que significa para você ter uma deficiência visual?

É antes eu levava isso como um tabu sabe tipo era muito difícil eu falar sobre a minha deficiência. Eu passei uma boa parte da minha vida não gostando de falar isso para ninguém, como eu tenho baixa visão as pessoas falam que eu não pareço ter deficiência visual, então muitas vezes eu preferia não comentar com ninguém e continuar seguir com a minha vida normal do que pedir ajuda, então meus amigos falavam olha você está vendo tal coisa? Eu ficava olhando tipo, ha, mas eu não falava que eu, o tanto que eu tinha amigos de cinco seis anos atrás, tipo uma amizade de cinco seis anos que não sabiam que eu tinha deficiência visual e ai tipo é eu fiquei muito traumatizada com a minha infância porque na escola, no período do fundamental pro médio, nessa transição, eu sofri muito muito preconceito, tipo as pessoas elas me xingavam muito, até os próprios professores na escola falavam que eu era muito preguiçosa e que eu não gostava de fazer lição, porque eu não copiava lição da lousa. Então eles falavam, ai sua filha só, minha mãe ia para a reunião de pais, ela ouvia muito, sua filha só vem para a escola para conversar, porque ela não faz lição, só que minha mãe todo começo de ano ela ia conversar com a coordenação pra poder passar o caso, só que eles acabavam não passando, então ai o professor chegava dentro da sala de aula e eles não tinham conhecimento, então assim eu não conseguia levar isso como uma coisa normal, sabendo que desde que praticamente quando eu nasci eu era assim. E ai com o tempo foi passando e eu vi que e isso foi me atrapalhando um pouco. Eu não estava sendo eu, durante um bom tempo da minha vida, porque se a deficiência faz parte da minha vida, porque eu iria esconder ela. Ai é eu sai do Ensino Médio, é na verdade eu também peguei um trauma muito grande porque no meu no Ensino Médio tinha uma menina na minha sala que também tinha baixa visão, e ai ela tipo deixava claro para todo mundo, só que ela era mais suada que eu, ai sabe quando a gente se sente assim, pelo menos tem ela, eu não vou ser suada, então tipo eu me sentia mais confortável, eu estava na minha zona de conforto. Quando eu saí do Ensino médio eu vi que a minha vida estava apenas começando, ai eu falei assim eu quero entrar numa Faculdade, mas sabe mesmo um medo de passar tudo que eu passei durante treze anos da minha vida, e ai eu peguei, eu preciso dar esse pontapé na minha vida. Aí eu falei assim em vez de eu começar por uma Faculdade, eu vou começar a fazendo um cursinho. Mas depois de um bom

tempo, depois de uns sete oito anos que eu decidi isso. Ai, fui incentivada por uma amiga, falo assim vamos entrar num curso juntas, num curso de inglês, vamos fazer um curso de inglês juntas para você pegar a manhã de uma sala de aula novamente para as pessoas saber lidar com você, foi tipo mil maravilhas, no primeiro semestre. Mas a partir do segundo, do terceiro e do quarto eu já tive que ficar batendo ali no martelo, não eu preciso do meu material ampliado, sabe aí começou a se tornar um pouco maçante, não mais eu preciso do meu material ampliado, mas a escola não me dava esse retorno. Tipo eles davam, jogavam de qualquer jeito. E tipo na escola que eu entrei para fazer inglês tinha lá, é que a escola era acessível para qualquer tipo de deficiência e eu não tive esse suporte. Parei o inglês, depois de dois anos sai do inglês. Aí eu fiquei pensando, eu preciso continuar a minha vida, eu preciso fazer alguma coisa, eu preciso perder esse medo, que é um medo de dez anos atrás, eu já sai das escolas tem dez anos. E aí foi que eu comecei a Faculdade e hoje eu estou fazendo Fisioterapia. (E você está em que Ano) Eu estou terminando o primeiro semestre ainda, mas a Universidade em si ela está me dando esse suporte mais os professores eles ainda não entendem muito, eles ainda são um pouco leigos, então eu tipo estou tendo um suporte da Faculdade, eles me disponibilizaram uma ledora, então eu estou tendo esse suporte da coordenação, mas eu não estou tendo muito suporte de professores, mas até de alunos é uma coisa totalmente diferente, porque tem pessoas imaturas, tipo os jovens que acabaram de sair do Ensino Médio, é tem também as pessoas maduras, pais de família, mães de família que são pessoas super abertas a isso que me oferecem ajuda, não eu vou te ajudar, se você precisar você pode mandar mensagem, e eu achei isso muito bacana, eu me senti muito acolhida. (Eu ia te perguntar agora, como você está lidando com isso agora, se passou esse medo de você voltar a estudar) eu recebo muita ajuda, eu me sinto muito acolhida em relação a uma amiga, em relação a um certo professor em relação a minha ledora, que ela está comigo, você pode me mandar mensagem de segunda a segunda que eu vou te responder, ai quando a gente tem aula presencial na Faculdade, ela também está presente comigo, ela vai comigo, ela me ajuda, na volta ela me coloca no ônibus, e lá ela me manda o material inteiro anexado e ampliado, isso é muito bacana, eu estou me sentindo super acolhida em relação a isso (ah que bom, e essa ledora, quem é uma colega de sala?) não ela, na verdade eu acredito que seja uma empresa terceirizada pela Faculdade, que eles disponibilizam, se eu não me engano é do Educa Libras, eu também nunca tinha ouvido falar mas eles disponibilizam para o

aluno que solicita, e a gente tem um suporte do NAPE na Faculdade que ai eles solicitam a ledora, ou intérprete de LIBRAS para quem precisa (que importante isso né) É muitos slides, essas coisas e ai eu cheguei a conversar com um professor, não sei nem se eu posso contar esse caso, se está fugindo um pouco do assunto (fica à vontade) Eu até, como estava nos primeiros dias de aulas eu estava me sentindo um pouco insegura porque eu não tinha ledora e estava remota e a gente estava tendo aula on line, por mais que seja ao vivo mais é on-line, ai o professor começou a passar um monte de slides e falar monte e tal, professor de anatomia e eu peguei e entrei em contato com ele, e falei olha eu sou deficiente visual e que isso e aquilo outro e expliquei pra ele, e falei assim: pra mim fica assim muito mais fácil se o fundo tiver preto com as letras claras, ai ele virou pra mim e falou assim é o meu material do semestre inteiro já está pronto eu não posso mudar, ai eu peguei e falei assim: puts mas eu preciso de ajuda né, qual o caminho melhor a gente pode fazer ai ele falou assim: ai eu não sei mas você pode pegar o material e jogar no *power point* e você troca a cor, ai eu falei assim se eu posso fazer porque você também não pode fazer isso por mim, ai por um tempo eu fiquei pensando assim, puts são noventa pessoas dentro da sala, ele não vai trocar os slides por conta de uma pessoa , mas ao mesmo tempo eu parei e falei assim, não. Ele é obrigado a trocar, porque ele tem que me dar esse suporte, porque ele tem é, eu não pelo simples fato de eu estar pagando para estar ali, mas porque a Faculdade quando eu a entrei falou não, você vai ter toda a acessibilidade, você vai ter todo o suporte e não era isso que eu estava encontrando sabe? Aí eu volto no passado e vejo que vou ter que insistir no mesmo assunto. Não eu estou aqui, você tem que fazer por mim, eu estou aqui. E só que hoje eu vejo que eu amadureci melhor do que lá atras (sim e é um direito seu como de qualquer outra pessoa de ser atendida ali diante da sua necessidade) exato. E isso é uma coisa de se pensar, porque ele não precisava falar comigo dessa forma. Porque eu não falei uma ou duas vezes, eu falei várias vezes, toda aula seguinte eu falava. E é uma matéria de anatomia, na qual, se ele me explicar, se ele estiver com uma (didática), não em relação ao comando verbal, se ele tiver um comando verbal bom, eu vou entender o que ele tá querendo dizer, mas ele não é uma pessoa muito visual, eu vou dar um exemplo: porque existem vários professores assim, provavelmente, ele não é o único. Ele fala assim: aqui ó vocês estão vendo o laser point, só que ele esquece que ele tem uma deficiente visual na sala dele. Então, é a mesma coisa que virar e falar para um surdo, você está me ouvindo? É isso. (De qualquer forma você já se

sente, mais confortável em falar da sua deficiência) Sim, hoje eu me sinto mais confortável, hoje, até dentro de casa é muito engraçado, a minha mãe lá do outro lado ela fica, olha, você está vendo aqui no celular? Só que tipo meio sem querer aí eu falo: claro que não né, aí ela fala, ah é verdade né você não está vendo, são coisas que acontece na vida, mais hoje em dia eu consigo levar muito mais de boa, eu consigo falar mais claramente sobre isso sabe e é muito mais prático também, até de levar a vida é mais leve. Eu tive a semana de prova na semana anterior, e aí minha amiga virou e falou assim, você estudou? aí eu peguei e falei assim: como que eu vou estudar se o professor ele fez isso e isso e isso comigo? Ele falou assim, ah você pode rever a aula novamente no portal do aluno, mas eu vou rever a mesma coisa que eu não estou entendendo o que ele está falando, então para mim vai dar no mesmo. Aí ela pegou sentou comigo e estudou comigo. Aí eu peguei e falei assim, talvez eu me sinta preparada, não pelo que o professor me ensinou, mas sim pelo que as outras pessoas me ensinaram, entende? Porque eu fui atras, porque se fosse no tempo passado, talvez, provavelmente eu sentaria e choraria. Nossa eu acho que eu vou desistir eu acho que eu vou sair sabe? Não é pra mim, mas eu sei que eu vou enfrentar isso em muitos outros lugares , mais vezes, mas também as vezes tem pessoas muito acolhedoras, é nas aulas práticas também eu me senti muito a vontade porque o professor, outro professor vinha e falava olha é assim, assim assado , é pega aqui em mim , sente tal coisa aqui e assim foi legal, tipo, eu falei assim não: não vai ser um que vai me estragar (não tem só as experiências negativas mais as positivas) e as negativas talvez elas vão servir para amadurecer mais ainda, essa é a verdade.

3 – Como você acha que as pessoas pensam a seu respeito, em relação a sua deficiência, a sua família os seus amigos?

Minha família, ela, na verdade assim tipo de um modo geral, todo mundo leva numa boa como se eu fosse uma pessoa normal, porque, é, eu não uso bengala, então eu acabo pegando o ônibus sozinha, é eu acabo fazendo tudo sozinha, hoje em dia eu acho eu não dependo 100% da minha mãe, se eu depender hoje 10% da minha mãe pra sair pra fazer as minha coisas pra ir no médico é muito, então, é não sei, na verdade eu nunca parei pra pensar como é (risos), mas eu acredito, eu vejo que elas me veem como uma pessoa normal não como uma pessoa que tem certas limitações sabe? Por mais que eu tenha, mas assim dentro de casa eu falo assim ai mãe faz tal

coisa pra mim, ela fala assim, eu não vai fazer você, então tipo eu tenho que fazer, se eu não fizer eu sei que ninguém vai fazer por mim, aí as vezes ela fala, aí você frita um ovo melhor que eu, então é melhor você fritar, tipo eu já me sinto mais útil, então já é uma coisa legal de se ver. Aqui dentro eu acho muito bacana também, porque como eu enxergo um pouco mais, então eu acabo ajudando um pouco mais as meninas e elas confiam um pouco mais em mim, então acho isso muito legal. Entre os meus amigos, eles ficaram surpresos depois que eles souberam que eu tinha alguma deficiência visual (você manteve um tempo isso em segredo) na verdade assim não em segredo, eu só não contava para ninguém [risos]ninguém me perguntava então eu não abria a boca para falar nada, mas é até porque os meus amigos do passado hoje em dia a gente só conversa pouco porque cada um seguiu a sua vida, então cada um seguiu seu caminho, hoje os meus amigos, a maioria está aqui dentro né e aqui dentro a gente não esconde nada, todo mundo sabe a quantidade que a gente enxerga, até onde a gente vê, até onde a gente consegue ir e esse é o legal. (E na Faculdade, a experiência que você está tendo agora?) Na Faculdade é eu fiquei meio receosa no início né, assim como tudo que é novo, acho que todo mundo fica né, aquele anseio aquela ansiedade, será que eu vou ser aceita, como que vai ser ,e, as pessoas me aceitaram bem na verdade, Eu, na minha primeira aula, na minha primeira aula prática com o professor, ele virou pra mim e falou assim: é eu quero te ver formada, eu quero te ver daqui quatro anos, se formando, não é porque você tem uma deficiência que que você vai querer desistir no caminho, não é porque você tem uma deficiência que as coisas vão ser mais difíceis pra você, pelo contrário, na fisioterapia talvez as coisas vão ser mais fáceis pra você porque você vai conseguir ouvir muito bem outras coisas que as pessoas não vão conseguir observar, então, ele falou assim, aproveita muito e o que você precisar eu vou estar aqui para te ajudar, e nesse momento eu me senti tão acolhida, com as palavras dele, que era uma coisa que eu não esperava, e as pessoas, as pessoas de um modo geral lá também me acolheram muito, tinha gente que não tinha o conhecimento do que era uma ledora, então foi muito bacana também a experiência com ela, ela chegar para explicar para as pessoas, é nosso primeiro contato numa enfermaria, foi muito bacana que uma mulher que eu nunca tinha visto ela na vida, ela veio, ela me ajudou, olha, vem aqui, toca nisso, toca naquilo outro, ela disse eu nunca tinha tido uma experiência dessa com ninguém, e está sendo muito bacana até ter essa experiência com você;

ao mesmo tempo que eu estou aprendendo ali dentro eu estou ensinando outras pessoas.

4 – Quais são as suas expectativas como uma mulher com deficiência?

Olha, eu não sei se eu paro muito pra pensar daqui para frente, eu sempre prefiro pensar no agora, até porque, sei lá, eu acho que eu já tentei me precipitar tanto em tudo e acabei me frustrando, então eu prefiro viver um dia de cada vez, mas eu acho que um dos meus objetivos é de fato terminar a Faculdade, eu quero muito, porque eu acredito que vai ser um grande passo na minha vida, e, vai ser uma grande superação, por ser uma pessoa com deficiência, essa é a verdade, tipo eu não pretendo, não prefiro nem tipo falar ai uma pessoa com deficiência, eu prefiro tipo, eu concluí, eu cheguei até aqui com todo o meu esforço, o mérito é meu e das pessoas que de fato me incentivaram e me ajudaram estar aqui, até porque muitas pessoas gostam de colocar a culpa na deficiência, eu fiz isso por muito tempo também, ai eu vou me restringir de tal coisa por conta da deficiência, então é eu acho que eu tive muito medo dessa palavra deficiência, então é isso.

5 - E você se inspira em alguém?

Olha, eu tenho sim algumas referências, que me inspiram na verdade que me motivam, na verdade amizades, um pouco de cada pessoa. Você quer que eu cite nomes? (fica à vontade) eu acredito que, como eu posso dizer ... eu me inspiro muito na minha mãe em relação a mulher guerreira sabe? Da forma que ela me criou da forma que ela criou a minha irmã é enfim todos os esforços que ela fez por mim e que ela faz por mim ainda, por tudo que ela corre atrás, que ela correu atrás e que ela corre atrás por mim e ela é uma das minhas maiores inspirações. A Bianca que trabalha aqui no marketing também, foi ela a minha maior incentivadora a entrar numa faculdade de fato. Ela que me deu todo o suporte, ela que estuda comigo, ela que tira um tempo na vida corrida dela para estudar comigo, é, o bacana de estudar com ela, o diferencial de estudar com ela é que a fisioterapia é muito corpo, assim como o balé (huhu) e o deficiente visual sabe o que é cabeça ombro joelho e pé, mas tipo, talvez não saiba onde fica uma coisa por dentro, sabe pelo nome por ouvir, e eu descobri isso, no começo nos primeiros dias de aula eu descobri que eu não sabia. Foi quando

o professor deu um esqueleto com as setas apontadas para os ossos e eu me senti perdida. Ele deu, tipo jogou e falou se vira, e aí foi que eu fui procurar ajuda, e aí que eu fui procurar a ajuda dela, e a forma como ela me mostrou, eu achei tipo incrível aquilo. Ela me mostrava onde ficava cada osso no meu corpo, ela vinha tocava e falava, olha é essa é tal parte, esse é tal osso, esse é tal osso, e assim tipo eu achei incrível (e ela é fisioterapeuta?) Ela é fisioterapeuta, e eu achei isso incrível porque tipo é uma coisa tão simples, que talvez o professor deveria ter desenvolvido isso, entende? E só meio que jogou para mim sabe? olha eu jogando novamente para o professor (risos) como uma referência, negativa no caso. Então, ela foi, é e tem sido minha maior inspiração na minha vida profissional e, acredito que várias outras pessoas né, com vários outros acréscimos, em vários aspectos da minha vida, e é isso.

6 – Como você se sente como bailarina, o que significa ser uma bailarina? de uma Cia de ballet de cegos?

Ser uma bailarina pra mim significa hoje uma realização de sonhos, é, eu, eu nunca na verdade me imaginei dançar nas pontas, eu olhava assim, eu falava meu Deus do céu, o que que é isso, sabe quando a gente vê um bicho de sete cabeças, ou coisas piores, enfim, mas eu entrei aqui eu vi as meninas dançando as primeiras vezes, eu achava aquilo tipo o máximo, eu achava que eu nunca ia conseguir chegar até onde eu estou hoje, e, acho que a minha maior realização foi ter ganhado o ano passado ter ganhado o *Pás de Deux* de Coppélia, e, ter dançado, ali tipo pra mim, foi a minha maior superação, sabe tipo ter dançado um *Pás de Deux* de repertório, é na verdade o meu primeiro *Pás de Deux* de repertório, é ver que durante oito anos da minha vida praticamente eu me esforcei e eu corria atrás, é vinha com dor para as aulas, é fazia é dava o meu melhor, passava o dia inteiro aqui, fazia as minhas aulas, é hoje eu posso ver o resultado do meu trabalho e eu acho isso muito gratificante. Só não lembro a segunda pergunta?

(O que significa para você ser uma bailarina de uma Cia de Ballet de Cegos). Ah eu acho, é muito engraçado, muito engraçado não, é muito bom, tipo na verdade ouvir esse nome, Cia de Ballet de Cegos, porque todos os lugares que a gente se apresenta e quando falam esse nome, a gente é tão aplaudido pelo que a gente faz e sermos deficientes visuais, é eu acho que a conexão que a gente tem no palco uma com a

outra, não só em relação a técnica, mas em relação a força de vontade de uma querer ajudar a outra, de uma falar com a outra, pelo pouco de visão que tem, fulana você está errada ali, ciclana você está errada no corpo, é eu acho que isso é o que mais me motiva a poder ajudar mais as meninas pelo pouco de visão que eu tenho, então fazer parte de uma Cia de Ballet de Cegos para mim, é, eu não sei qual palavra usar [não encontrou a palavra de tão especial que é], eu gosto muito na verdade porque eu, a gente se ajuda bastante sabe? E vê o público devolvendo aquilo que a gente faz, todos os ensaios, a gente está tão cansada tipo das 8:00 da manhã até 12:30 fazendo aula e ensaiando, e aí chega para uma apresentação e vê como o público recebe a gente tanto em espetáculos como em apresentações multinacionais, eu acho que isso muito importante, eu acho que é pra mim é eu não sei a palavra exata, mas eu já expressei todos os meus sentimentos em outras palavras aqui.

7 – Como você se tornou uma bailarina (como foi esse processo até você usar a sapatilha de ponta)?

Esse processo foi um pouco rápido na verdade (risos), eu estava fazendo aula, entrei no final do ano, no ano seguinte na metade do ano eu já estava fazendo aula de ponta, aí no final do ano, um ano depois praticamente eu já estava fazendo apresentação na ponta, então pra mim foi uma transição um pouco rápida, mas que com o tempo eu fui tentando recuperar aquilo que eu não tinha, que eu tinha no caso perdido né? É as coisas básicas no caso que eu digo, então eu acho que foi um processo muito bom, porém muito rápido, mas que hoje eu tiro muito proveito de tudo isso, eu talvez eu não entendia essa passada desse pé aqui na ponta, aí eu vou lá e pergunto pra alguém que entende melhor, aí é hoje a gente tem toda essa assistência em relação a tipo uma aula de ponta específica, então eu acho isso muito bacana, muito interessante também é que todo final de ano a gente fala o que a gente espera para o próximo ano e a gente é meio que correspondido, a gente gosta, a gente pelo menos durante o tempo que eu estou aqui, eu, é, esse é o primeiro ano que a gente tem aula de ponta, a gente tem aula de *Pás de Deux*, a gente está tendo aula de variação, então isso é muito legal sabe.

8 – Qual foi a sua melhor e a sua pior experiência como bailarina.

Hum, bom a minha melhor experiência talvez eu já tenha respondido né, que foi a do ano passado de ter dançado o *Pás de Deux* de repertório de Coppélia, agora o melhor na verdade foi esse e também as viagens né, ter dançado em outro País, isso foi, uma baita de uma experiência e de uma bagagem que a gente vai carregar pra vida né, mas a pior (pausa) eu não consigo tipo lembrar de uma pior, assim de falar tipo nossa foi pior, mais tipo assim de coisas que talvez não tenham sido boas, talvez é errar a coreografia, talvez não conseguir ajudar uma amiga, é, não sei, na verdade, nunca me aconteceu de eu cair do palco, talvez, em sala sim, mas em palco não, graças a Deus também eu nunca me machuquei sério, ter acontecido uma coisa pior, eu acho que é isso.

9 – Como você se sente como uma bailarina com deficiência visual?

Ah eu acho que [pausa] na verdade é muito legal, porque aqui é bem diferente do que nas outras escolas, a gente é que a gente costuma ver né, a gente teve contato com a Adriana Safi e a gente teve contato esses dias também com a Cia., com a São Paulo Companhia de Dança, é (...) e aí é uma coisa totalmente diferente, porque aqui a gente se ajuda muito, a gente fala o tempo todo em coreografia, e aí tem gente na coxia chamando a gente pra ir para o lado certo dos dois lados, e, e aí eu acredito que isso se torne um pouco diferente dos outros lugares, e a gente vê nos outros lugares as pessoas dançando, as pessoas ensaiando, e aí todo mundo calado, ninguém fala com ninguém, a gente foi participar foi convidado para abrir o Espetáculo de Campos e aí a gente via as pessoas, a música estava tão estrondosa que acho que ninguém conseguia falar com ninguém, no entanto que a gente não conseguiu se comunicar, a gente acabou se colocando no lugar errado porque a música estava alta demais pra gente, e quando a música fica muito alta e tem retorno acaba criando parede no palco, no meio do palco, acaba criando parede por conta das caixas né, aí a gente acaba meio que se perdendo e achando que ali é o nosso limite, a gente não consegue ouvir ninguém, a gente acaba fazendo coisa ruim, olha aí ó, o que eu deveria ter respondido na pergunta anterior [risos] mas eu acho que (...) qual a pergunta da bailarina mesmo? Eu me empolguei falando (...) (como você se sente como uma bailarina com deficiência visual) eu acho que respondi (risos) (perfeito)

10 – Qual o significado do balé?

Ah eu respondi essa também, eu falei que hoje o balé é uma realização de dos meus sonhos, é, eu poder olhar para trás e ver todas as minhas conquistas e ver tudo que eu conquistei até aqui, tudo que eu alcancei sabe? E o meu próximo objetivo agora é se formar né, e é isso (Você se forma quando?) aqui é depois de oito anos, eu acredito que seja o ano que vem.

11 – Qual as suas expectativas como bailarina daqui para frente?

Me formar, é, eu acredito que eu ainda tenho muito que aprender também, é, eu acho que a minha bagagem é um pouco pequena, ainda, é um pouco vazia, então eu tenho que encher ela mais, é, então as minhas expectativas são aprender mais, eu acredito, aprender, é ter também ter o que passar, eu ajudo muito nas aulas das crianças, eu dou aula junto com a Fernanda para as crianças, para a turma do infanto juvenil, e é engraçado porque elas olham pra gente, pras mais velhas e tipo ficam meio que pensando já o que elas querem para o futuro delas e elas falam assim: mas será que quando eu vou conseguir fazer isso, mas quando a gente vai poder fazer aquilo outro, e elas ficam muito ansiosas, sabe aquela sede que elas tem de, ah mas eu quero colocar a sapatilha de ponta, mas eu quero fazer *pirouette*, mas eu quero fazer isso, mas eu quero fazer aquilo outro, e é tão bom ver isso nelas, é porque a gente vê a vontade que elas tem de aprender, de estar ali e as vezes elas vindo perguntar para mim também, eu acho, eu me sinto útil, então é, eu acho que as minhas expectativas, tipo essa pergunta, como bailarina?, é eu acho que seja ainda ajudar muito ainda essas meninas (é vocês são uma referência para elas) sim.

12- Me fale da sua rotina do seu dia a dia

Meu dia a dia mais corrido na verdade é na quarta...mas no dia a dia é assim: eu acordo venho pra cá, todos os dias a gente tem aula as 9:00, exceto na sexta-feira que a gente tem aula as 8:00, e aí a gente faz aula, no caso eu tenho que sair mais cedo de casa porque eu moro longe, então eu tenho que sair de casa, para estar aqui as 9:00 eu saio de casa as 7:00, aí eu saio de casa venho pra cá faço as minhas aulas, aí na quarta feira eu faço aula até o 12:00, depois eu ajudo o que eu tenho para ajudar, aí depois tem aula as 15:00 das crianças até as 16:30, eu saio daqui mais ou menos

umas 17:00, aí é o tempo de eu chegar em casa quando eu tenho aula remota na Faculdade, eu chego em casa por volta de umas 18:30, aí é tempo de eu tomar um banho e começar a minha aula que vai até as 22:00 e aí eu só janto e durmo (e morre né?) (risos, exato) aí no outro dia a mesma coisa, acordar cedo para estar aqui as 9:00, isso é um pouco da minha rotina, isso quando a gente não tem apresentação de final de semana porque aí de final de semana quando a gente tem apresentação, a gente tem que estar aqui pra ir para a apresentação, aí tem todos os tramites de poder estar mais cedo aqui para ir para outro lugar, passar palco, se arrumar e tal, rotina de bailarina.

13 – E você gostaria de falar alguma coisa, ou que eu te perguntasse alguma coisa que eu não te perguntei?

Acho que você falou tudo e acho também que eu falei muito (risos)

MOVIMENTO Nº 3

1 - Me conte a sua história.

Na verdade, eu conheci a dança num momento muito difícil da minha vida que eu tinha acabado de perder a visão, eu estava em depressão, é eu não tinha contato com pessoas com deficiência, nem a família, os professores na escola, foi muito novo pra todo mundo, a tecnologia não era muito fácil naquele tempo para pesquisar e tudo mais, então a minha família falava deficiente não precisa estudar nem trabalhar, deficiente tem que ficar em casa, os professores na escola pediam para eu sentar com CDF porque eles faziam as provas as coisas pra mim e eu não ficava sem nota e eles achavam que assim estavam me ajudando. Então eu não sabia nem do que se tratava as matérias na escola, os trabalhos eram as minhas sobrinhas que faziam pra mim e tal e, ficou assim durante um tempo. Até que as coisas ficaram muito difíceis, eu estava num estágio que eu não sai nem do quarto para tomar banho, por exemplo. E aí assistindo um programa de televisão, sabe quando alguém liga a TV e deixa a TV ligada e sai? Aí eu vi o Faustão anunciando: as bailarinas cegas da FB, na verdade me chamou muito a atenção, porque eu não conseguia ver as meninas dançando, mas só de ouvir aquela música tão suave, o Teatro Municipal lotado de pessoas

aplaudindo, nossa eu fiquei encantada. Eu fui no dia seguinte pra ver pra conhecer, porque o que eu queria mesmo era conviver com pessoas como eu, porque eu falava se elas são cegas e elas dançam, eu posso fazer outras coisas também, eu não preciso ficar trancada em casa. Então eu fui no dia seguinte, eu nunca me imaginei dançando balé clássico, eu sempre fui desengonçada, sempre fui grandona, já tinha dezoito anos, balé tem que começar de cedo né, o meu sonho era ser uma jogadora de basquete, eu joguei durante muitos anos, então é, eu queria ser atleta né e não bailarina clássica. Mas eu fiquei tão encantada em conhecer as meninas, que aos poucos eu fui me apaixonando, eu fui fazendo as aulas, os anos foram se passando, eu me formei no balé, danço a dezessete anos, e assim o balé claro, me ajudou muito, no equilíbrio, postura, noção de espaço, mas não se compara a minha realização pessoal, a vontade, de sorrir de novo, eu falo que a minha vida começou depois do balé. Então depois que eu comecei a fazer o balé, eu comecei a namorar, eu conquistei a minha formação acadêmica, eu comecei a trabalhar, tudo mudou depois disso sabe? Então foi o que eu precisava para recomeçar; Pra escrever uma nova história mesmo assim.

2 – Qual o significado da dança pra você?

Olha na verdade define a vida no geral, eu não consigo me imaginar sem a dança, ainda mais pelo fato de tudo que ela representa, de tudo que ela fez por mim, hoje eu não consigo me imaginar sem, pra mim é tudo.

3 – Como você se tornou uma bailarina?

O processo de aprendizagem , pra nós pessoas com deficiência, é muito mais demorado né, muito mais lento, é um processo todo individualizado, cada pessoa tem o seu tempo, até porque nós temos corpos diferentes né, umas começaram mais cedo outras começaram mais tarde, umas tem o físico apropriado para o balé, outras não tem, então assim, é muito individualizado, é tudo por meio do toque, da percepção corporal, a gente aprende tocando o corpo dos nossos professores, eles nos corrigem também tocando o nosso corpo, então é um processo mais demorado, mas a gente acaba conquistando né? Eu sempre tive muita dificuldade, mas eu sempre busquei dentro do meu limite, sempre estar no meu melhor, mesmo com toda a dificuldade de

en dehors, de coisas física mesmo, mas eu sempre busquei estar no meu melhor, e as coisas foram acontecendo. (E você se formou?) Eu me formei e continuei dançando depois, hoje, atualmente assim, por conta da maternidade e por conta da Pandemia eu continuo fazendo, mas não com a mesma intensidade que eu fazia antes, antes eu fazia todos os dias, de manhã, a noite, trabalhava a tarde, hoje por conta da maternidade eu tive que dar uma reduzida, então eu fazia também, eu sou patinadora de velocidade, minha vida era bem agitada assim, eu estou até achando um pouco estranho, o corpo estranha né, pelo fato de diminuir assim tanto, mas eu continuo fazendo (E você vai à noite?) Eu vou à tarde, eu trabalho das 9:00 às 15:00, aí eu entro às 16:00 lá, vou duas ou três vezes por semana, mas eu participo dos eventos, das apresentações dos espetáculos, eu dou palestras motivacionais pela Associação, então eu estou sempre com elas, não consigo ir nas aulas de manhã que é o horário oficial né, mas a gente está sempre junto.

4 – O que é para você ser uma bailarina?

Olha, é muito mais do que uma bailarina [risos], digamos assim, porque é, eu conheci, a minha vida começou depois do balé, então hoje é muito gratificante pra mim, levar para as pessoas através da dança, é aquilo que nós pessoas com deficiência conseguimos mostrar, então a nossa autonomia, a nossa conquista, a nossa, é assim porque o fato de não enxergarmos por exemplo não nos faz melhor ou pior do que as outras pessoas, nos faz diferentes né? é assim nós não somos iguais independente de ter uma deficiência ou não, se você perguntar, por exemplo para duas pessoas sem deficiência, se elas sabem sambar, uma coisa tão simples né? Tão tradicional aqui do Brasil, pode ser que uma sambe perfeitamente e a outra não tenha gingado, então é assim uma coisa que faz parte de pessoas, nós somos indivíduos cada uma com as suas particularidades limitações, habilidades, mas o fato de nós através da dança podermos nos apresentar em vários lugares dentro e fora do País, para vários públicos diferentes, é mostrar justamente essa nossa superação, que nós somos capazes, e pra fazer com que outras pessoas que não tenham conhecimento, assim como eu não tinha lá atrás, eu não conhecia a capacidade de uma pessoa com deficiência, é se eu não tivesse conhecido, de repente eu estaria trancada até hoje, e não, e é isso que eu busco, através do balé, por isso que as apresentações são tão importantes pra mim. É justamente, quanto mais pessoas a gente puder mostrar que

é possível sim, quando se tem força de vontade, se acredita num sonho, é quanto mais a gente puder mostrar melhor sabe? Para as pessoas do mundo afora assim, então tem um significado muito além do balé em si, sabe?

5 - Quais são as suas expectativas daqui pra frente?

Dentro do balé? (Sim, dentro do balé, mas pode falar também da sua vida pessoal) Na verdade, o que mais me faz falta assim, é de conseguir voltar a dançar o tanto que eu dançava antes sabe? De eu conseguir conciliar tudo, de, infelizmente a gente não consegue se manter do balé clássico financeiramente, então eu preciso ter a minha independência financeira, pra poder juntar com o balé, que é o que eu realmente amo, o que eu realmente gosto de fazer, então a minha vontade era conseguir conciliar de novo, pra voltar a fazer com a mesma intensidade sabe? porque a idade vai chegando, eu já tenho trinta e quatro anos, então a gente sabe que balé não é pra vida toda né? E é algo que eu não consigo me imaginar sem, faz parte da minha vida, da minha alegria, da minha motivação, então eu não vejo a hora, a minha expectativa é conseguir conciliar tudo e voltar a dançar o quanto antes assim.

6 – Qual foi a sua melhor e a sua pior experiência como bailarina?

A melhor foi que como eu te disse no início, eu sempre quis ser uma jogadora de basquete, era o meu sonho, e com o balé eu tive uma experiência que é assim, eu olho para trás e eu falo: será que se eu não tivesse ficado cega eu teria chegado onde eu cheguei? porque eu fui uma das quatro bailarinas escolhidas para dançar nas parolimpíadas de Londres, nós dançamos num estádio para oitenta e duas mil pessoas, sem contar que apareceu no mundo inteiro, então, eu não estava participando das Olimpíadas enquanto atleta, estava como bailarina, mas será que se eu lá atrás se eu estivesse enxergando, se eu estivesse jogando basquete, será que eu teria chegado numa Olimpíada? Não sei né, é uma coisa que não dá, de repente não. Então é algo que foi a minha melhor experiência assim para falar que poxa Deus sabe de todas as coisas né, eu enxergava, eu fiquei cega, e ao mesmo tempo as histórias se encontram né, mais cedo ou mais tarde você encontra uma resposta para as coisas. Agora a pior não me vem à cabeça assim, lógico que assim eu nunca fui uma das melhores bailarinas, como eu te falei sempre tudo que eu conquistei foi com

muito esforço, com muita dedicação, mas não acredito que tenha sido a pior, porque eu sempre busquei dentro das minhas limitações as minhas condições físicas, então pior experiência não me vem à cabeça nenhuma.

7 – Você pode me falar da sua deficiência?

Sim, na verdade é bem complexa [risos] porque assim, eu nasci cega total, a minha mãe só descobriu que eu não enxergava porque quando eu nasci, que eu ficava no berço, ela acendia a luz, fazia movimentos, e pra mim tanto fazia se estava aceso ou apagado eu não observava. Ela me levou no médico e a trinta e quatro anos atras a medicina era muito diferente né? Então os médicos falaram que não tinha o que fazer, que eu era muito pequena, tinha que conviver dessa forma. O meu pai quando soube que eu era cega ele abandonou a minha mãe, então minha mãe ficou sozinha comigo, com mais três filhos do casamento anterior dela, ela ficou viúva e cinco anos depois ela conheceu meu pai e tal, e aí ela sempre foi muito religiosa, então na semana santa, no mês de abril, eu nasci em janeiro e no mês de abril ela fez uma promessa, ela colocou uma rosa branca num copo de água e ela colocou nos meus olhos, eu voltei a enxergar naquele momento. Meus olhos eram muito tortos e eu fiz um tratamento com tampão e com óculos pra corrigir o meu olhar, e aí eu enxerguei normalmente, eu tive uma vida normal como qualquer criança, eu enxergava a lousa na escola, bíblia, dicionário eu joguei o basquete durante muitos anos, eu tinha uma vida normal. E aí com quatorze anos a minha visão começou a cair e eu percebia porque cada dia eu ia fazer uma coisa que eu já estava acostumada e cada dia eu falava, nossa, mas eu não consigo fazer isso, eu não estou enxergando o livro, eu não consigo ver a lousa, não consigo ver uma nota de dinheiro, sabe? Coisas do dia a dia mesmo, aí a minha mãe me levou ao médico de novo, eles mais uma vez falaram que não sabia o que estava acontecendo, porque eu tinha nascido cega porque eu recuperei, é, e o porquê eu estava perdendo. E eles fizeram na época minha mãe gastar dinheiro com um óculo bem grosso, sabe, com 20 graus e a minha mãe não tinha condições, mas ela comprou e acabou que não serviu pra nada, e a partir daquele momento cada ano que passava, eles até falaram, que no meu aniversário, toda vez que eu completasse um ano de vida, que ia cair mais. Então meus aniversários, a partir daquele dia, eram os piores dias da minha vida, todo meu aniversário eu passava o dia inteiro chorando sabe, não queria ver ninguém, porque eu peguei aquilo, eu achava que aquilo ia ser

mesmo. E aí a visão foi caindo cada vez mais, depois descobriram que eu tinha Retinose Pigmentar, aí depois mudaram falaram que eu tinha uma Amaurose Congênita de Leber aí foi mudando, cada médico fala uma coisa, e hoje eu tenho 2% de visão que não é nada, (2% dos dois olhos?) isso mais é equivalente a nada, não me ajuda em nada.

Complementares

8 – Qual a sua formação e a quanto tempo você está na Companhia

Gestão de pequenas e médias empresas, e eu fiz dois anos de pedagogia e não concluí. Eu estou na Companhia há dezessete anos.

9 – Você fala que a sua vida começou depois do balé, que tudo mudou, como era a vida da [...] antes do balé e como ela é agora?

Eu costumo falar que o balé mudou muito a minha vida né, que antes do balé assim, o meu sonho sempre foi ser uma grande jogadora de basquete, porém eu comecei a perder a visão, eu perdia passes muito importantes e a minha visão começou a cair cada vez mais e com isso eu achei que eu não poderia mais fazer nada nem ser jogador de basquete nem ser qualquer outra coisa, eu não conhecia ninguém com deficiência visual, na escola eu tinha muita vergonha eu passei por muita coisa, e eu achava que sem enxergar tudo havia se acabado né, minha família achava que deficiente não precisava estudar nem trabalhar, que era só ficar em casa, então eu entrei em depressão eu fiquei num estágio assim que eu nem saia do quarto para tomar banho por exemplo, até que um dia alguém deixou uma TV ligada lá em casa e quando, e quando o Faustão anunciou as bailarinas cegas da FB, assim eu não consegui ver as meninas dançando, mas aquela música que era tão linda tão suave, o Teatro Municipal lotado de gente aplaudindo, eu falei caramba: existem outras pessoas assim como eu, se elas podem dançar eu posso fazer qualquer outra coisa, porque assim o balé nunca tinha chamado a minha atenção, nunca me imaginei dançando sabe? Mas só de saber que existiam outras pessoas cegas, e que elas podiam fazer outras coisas, eu não ia mais precisar ficar trancada em casa, eu poderia voltar a ter uma vida normal como qualquer outra pessoa, então eu fui no dia seguinte

conhecer as meninas e conviver com elas, saber como elas faziam, como era rotina o dia-a-dia delas, então umas meninas estudavam, outras trabalhavam, outras namoravam, então eu comecei a ver que elas tinham uma vida normal como qualquer outra pessoa, independente da limitação, então por isso eu falo que a Associação transformou a minha vida de uma forma que eu nunca me imaginei, é lógico que depois eu fui me apaixonando pela dança, é eu me formei no balé e tal, mais muito mais do que isso sabe, eu costumo falar que o balé me ajudou muito sabe? Em relação ao equilíbrio, a postura, a noção de espaço, mas não se compara a minha realização pessoal a vontade de sorrir de novo sabe? E de repente voltando lá atrás, enquanto jogadora de basquete, eu não sei se eu seria uma boa jogadora, se eu chegaria numa olímpiada por exemplo, enquanto bailarina eu cheguei, eu fui uma das quatro bailarinas escolhidas pra dançar nas parolimpíadas de Londres, num estádio para oitenta e duas mil pessoas presencialmente sem contar que apareceu pro mundo inteiro, então são coincidências que a gente fala assim caramba será que se eu estivesse enxergando lá atrás jogando basquete eu teria chegado onde eu cheguei enquanto bailarina? Então é por esta questão assim

10 – Você disse que queria ser uma atleta de basquete e não uma bailarina clássica, por quê? E como foi essa migração para você?

Sem querer eu acho que já respondi a primeira e a segunda, [risos] vê o que você acha, e qualquer coisa me fala que eu falo mais, tá bom?

11 - Se você não se importa, eu gostaria de saber é como foi a sua história de amor com o seu marido né, como que foi, como você o conheceu né, como foi a questão da maternidade, há quanto tempo estão casados, e se você não se incomodar falar um pouquinho da sua vida amorosa, dos seus relacionamentos né, antes do casamento.

Eu e meu marido nos conhecemos na Faculdade, eu estava um semestre a frente dele, e aí uma professora que dava aula pra nós dois perguntou pra ele se ele tinha preconceito, se ele gostaria de conhecer uma amiga dela que era deficiente visual, ele falou não imagina, quero muito conhecer e tal. A gente saiu um dia ele puxou uma cadeira eu sentei na outra (risos) é a gente passou por muita coisa, sempre muito preconceito por parte de família, de amigos, porque as pessoas achavam que por eu

não enxergar ele sempre ia ter que fazer tudo pra mim que eu não ia dar conta de assumir o papel de esposa de cuidar da casa e fazer tudo, é porém nós fomos nos conhecendo e muita coisa eu consegui ensinar pra ele, coisas assim que ele não estava acostumado sabe, coisas de casa eu que ensinei pra ele, cozinhar e estender roupa, lavar louça sabe, coisas simples que ao invés dele fazer, eu que o ensinei sabe? Até andar de ônibus, trem, metrô, na primeira vez que ele andou de ônibus assim, ai é até engraçado, porque ele só andava de carro sabe? E ai na primeira vez que ele andou de ônibus ele falou amor como eu faço para avisar o motorista que eu quero descer, sabe? Coisas simples, mas que juntos a gente descobriu muitas coisa então, muitas coisas eu tive a oportunidade de ensinar pra ele e muitas ele também pode me ensinar, foi uma troca muito grande sabe? Então nós namoramos quatro anos depois logo nos casamos é depois eu engravidei logo em seguida, porque eu sempre quis ter filho e ele também, daí eu perdi o primeiro bebe, alguns anos depois a gente tentou de novo eu fiz um tratamento é com um especialista em gravidez de risco que disse que eu tinha trombofilia, acabei depois descobrindo que eu nunca tive, mas enquanto isso eu tomei aquelas injeções na barriga durante cinco meses de gestação que além de caras são doloridas e tal ai meu bebe tinha uma má formação que o especialista em gravidez de risco não percebeu, não viu no morfológico, então eu sofri muito fisicamente e psicologicamente, eu tive que entrar em trabalho de parto sem anestesia porque eu estava correndo risco de vida, foi bem difícil pra nós dois sabe? E isso só nos fortaleceu, e a gente continuou insistindo porque era o nosso sonho ter um filho, então alguns anos depois a gente tentou de novo e graças a Deus deu certo que hoje é o nosso Dudu. E assim por falta de informação das pessoas por acharem que a gente não tem capacidade de fazer as coisas, então mesmo hoje, outro dia mesmo ele foi a farmácia aqui de um pessoal que conhece a gente e o pessoal falou: nossa não sei como você dá conta de trabalhar, cuidar da criança, da sua esposa, da casa e fazer tudo sozinho, ai ele falou, mas eu não faço tudo sozinho quem cuida do meu filho é minha esposa, da casa, quem cozinha e faz as coisas e tal, ai as pessoas nossa mas como assim? Aí ele falou sim, ela que faz as coisas, eu ajudo claro a gente dividi tudo mas ela que faz as coisas, e ai as pessoas por falta de informação, a gente até hoje, nós estamos juntos a quinze anos mesmo até hoje a gente passa muitos preconceitos e tal, mas a gente se gosta muito, então a gente acaba superando tudo isso e sempre buscando melhorar cada vez mais.

12 – Eu gostaria de saber, se você puder falar, o que significa para você ter uma outra profissão para complementar a sua vida financeira, já que o balé não dá conta? Como é que você compreende essa questão?

Então, eu precisei buscar uma renda fixa fora porque eu sempre quis casar ter a minha família ter meu filho e no balé infelizmente a gente não consegue ter essa programação né de saber quando a gente vai receber de ter uma renda fixa de ter férias, décimo terceiro é enfim, além de ser um valor bem a baixo por questões de ser através de patrocínio de doações e tal, então a gente não tem como, infelizmente né de depender da renda do balé, então eu precisava ter uma renda fixa, buscar em outro lugar uma profissão, que eu acabei conseguindo é graças a Deus trabalhar seis horas por dia de segunda a sexta pra ter tudo isso que eu precisava, mas infelizmente com o trabalho eu acabei eu acabei tendo que reduzir a minha carga horária no balé, então eu deixei de fazer muitas aulas importantes, muitas coisas por conta do meu trabalho, então isso as vezes me chateia sabe? Por eu querer estar no balé muito mais do que eu posso por conta do meu trabalho, mas ao mesmo tempo, hoje com o meu filho, eu consigo por exemplo, eu tenho vários benefícios que me ajudam e muito, eu tenho um ótimo plano de saúde pro meu filho, o trabalho paga a escolinha dele, além de muitas outras coisas que eu acabo tendo que muitas vezes falar, poxa eu não gosto do que eu faço mas é aqui que me mantém para eu fazer o que eu gosto o que eu amo fazer, então meio que junta as duas coisas sabe, mas muitas vezes eu penso assim jogar tudo pra cima e falar não eu quero fazer o que eu mais eu amo que é o balé, mas as vezes a razão não deixa né, [risos]é porque a gente acaba precisando muito.

13 – Você representa um grupo, uma Companhia de balé de cegos, não só como bailarina, mas também a partir de palestras motivacionais dentro de empresas, o que isso significa?

É muito gratificante pra mim poder levar as pessoas do mundo a fora através da dança, através das palestras motivacionais tudo que nós pessoas com limitações somos capazes, independente de não enxergar, porque isso só nos faz diferentes que as outras pessoas, não menos e não mais. E nós temos os mesmos direitos e responsabilidades, os mesmos direitos e deveres, as mesmas obrigações e tudo mais que as outras pessoas, coisas que se não fosse a dança eu não teria oportunidade de

mostrar para as pessoas, que lá atrás eu sofri por não ter conhecimento, por não conhecer pessoas como eu, então hoje, é muito gratificante eu poder levar, quanto mais pessoas tiverem a oportunidade de assistir de conhecer a nossa história e de pessoas que falam caramba, eu enxergo e não faço a metade do que você faz e tal, então assim é muito gratificante poder mostrar para as pessoas que a gente é capaz que a gente faz de tudo independente de dificuldade ou não, então é uma oportunidade que a gente tem através da Associação, que pra mim é assim não tenho palavras pra descrever assim sabe, é muito prazeroso, é muito importante pra gente essa questão essa troca, levar pra quanto mais pessoas melhor sabe?

14 - Como foi o processo até você chegar a usar a sapatilha de ponta, como que foi esse aprendizado, é, o estudo é, as fases pelas quais você teve que passar para utilizar a sapatilha de ponta

Com relação a sapatilha de ponta, quando eu entrei no balé eu já tinha dezoito ano, e eu já entrei pra companhia digamos assim, então eu não tive muito tempo pra ter todo aquele preparo quando uma bailarina tem quando ela entra pequena no balé é então foi tudo muito rápido, eu tive que aprender tudo muito mais rápido do que aquelas que tem todo aquele trabalho, então é digamos que eu não desenvolvi toda a técnica toda a base que eu deveria, eu também nunca tive físico de bailarina, sempre tive muita dificuldade então foi tudo muito rápido e assim eu posso dizer que eu faço o que precisa fazer, mas de repente eu tivesse tido toda a base todo o preparo, todo o tempo que todas tiveram, todas não, vamos dizer que a maior parte, vamos dizer teria sido mais fácil sabe? mas a gente acaba tendo que aprender, correr atrás do prejuízo e dar conta do que precisa ser feito.

MOVIMENTO Nº 4

1 - Me conte a sua história.²⁸

²⁸ houve um erro ao salvar a gravação de 00:00 até 1:00 é a resposta da última pergunta a qual precisamos interromper devido ao tempo que a participante podia ficar para a entrevista. A partir de 1:04 a primeira questão, foi cortada em alguns segundos, a participante contava sobre o início da sua experiência com a dança.

E ai ela me dava essas aulas gratuitas, eu consegui participar das aulas, mas quando foram avançando ela acabou meio que disfarçadamente me dispensando porque ela viu que eu não conseguia acompanhar, porque na época eu tinha baixa visão, eu enxerguei até os trinta e oito anos cinco por cento, e ai eu fiquei muito tempo sem dançar mas insistindo na dança, eu queria ser professora, já sabia que queria ser professora de educação física, professora de dança, então na época começou a moda do Axé né, é e ai minhas irmãs montaram um grupo e ai eu participei desse grupo né, isso daí já foi depois de muito anos em 2003 mais ou menos e eu era líder desse grupo dessa lambaaeróbica, era de axé e funk e ai a gente começou a se apresentar em muitos lugares e a gente tinha que disfarçar eu não podia falar que eu era deficiente, se eu falasse que eu tinha deficiência visual, eles nem aceitavam a inscrição do grupo, isso porque era só eu, minhas irmãs e minha vizinha elas enxergam até hoje e eu tinha que mentir e por ter baixa visão eu ficava pertinho delas então eu conseguia disfarçar um pouco, mas eu não queria isso, eu queria mostrar que eu me superava, e ai conforme iam as apresentações eu ia falando que eu tinha baixa visão que eu não enxergava normal e as pessoas começaram a me conhecer: ah a menina deficiente visual que dança axé, só que eu queria uma coisa muito mais profissional, como eu falei eu queria ser professora de dança de educação física e chegou uma época as minhas irmãs e a minha vizinha elas não queriam mais continuar dançando porque pra elas era um hobby, curtição e eu segui em frente, comecei a procurar escolas novamente pra fazer aula e, ai o que aconteceu, eu comecei a me inscrever num programa que era de realizar sonhos, é não sei se eu posso falar aqui, mas eu vou falar, o programa do Netinho (pode sim) o programa era do Netinho ele estava no SBT, ele fazia um dia de princesa, desde antes de ele estar no SBT ele estava na Record e eu sempre escrevia mas nunca tinha sido atendida, quando ele voltou para o SBT eu comecei a escrever, só que eu falei eu vou escrever com a minha letra, eu não vou mandar mais ninguém escrever pra mim, e ai eu escrevia grande no caderno especial para baixa visão, essas cartas ficavam bem grossas e ai eu registrava e mandava no correio e ai eu mandei só três cartas, na terceira carta ele me atendeu. E ai eu ganhei uma bolsa na escola de Dança Jaime Arôxa, na qual eu fiquei cinco anos fazendo dança de salão, pra me profissionalizar e em 2010 eu vim pra cá pra companhia, aliás eu vim pra escola para a AFB, nem sabia que o trabalho da companhia era diferenciado da escola, eu ouvia muito falar das meninas pela televisão, eu assistia algumas coisas e já tinha vindo conhecer em 2007,

vim fazer uma entrevista com a Fe né, fiz a entrevista com ela, mas não fiquei porque eu estava terminando o ensino médio, como eu falei pra você o ensino também foi muito difícil e eu comecei a estudar muito tarde, eu comecei a estudar com vinte e quatro anos, então demorou pra terminar o ensino médio e aí em 2010 eu voltei, já estava lá na escola do Jaime Arôxa, já fazia um ano já, e falei pra Fe que queria fazer balé mas não pra entrar na companhia, eu não sabia desse trabalho bonito que tinha, eu queria fazer balé para aprimorar os meus movimentos na dança de salão, porque os meus professores eles sempre falavam, é B7 uma dama da dança de salão ela tem que fazer balé, você é muito bonita, você dança muito bem, mas você tem que entrar no clássico pra você ficar mais delicada mais suave, seus movimentos fluírem mais bonitos, e aí foi onde eu voltei pra cá pra Fernanda, só que lá na escola do Jaime Arôxa não tinha ninguém com deficiência, era só eu, mas como eu ganhei a bolsa, eu me tornei bolsista da escola e aí depois de dois anos mais ou menos eu já era uma das melhores damas da escola, porque eu não enxergava então eu sentia a dança e as meninas ficavam uma copiando da outra né, querendo fazer sei lá um movimento mais bonito mais delicado que a outra e eu não eu sentia, então isso que os professores gostavam em mim, que eu sentia a dança então os meus movimentos fluíam naturalmente. Então aí eu comecei a ficar né, eles começaram a falar uns pros outros, é eu dou aula pra Carol, os professores sempre me chamam de Carol lá, até hoje os que eu tenho contato me chamam de Carol, e ela dança muito bem, ela tem deficiência visual mas ela dança muito bem. Aí fiquei aqui na Associação, fiz um ano de aula com as iniciantes, nunca tinha feito balé, só tinha feito um pouco de jazz, não sabia quase nada, nada né não sabia, acho que eu sabia só o *plié* e não fazia bem feito [risos] e aí depois de um ano a Fe me convidou pra participar da companhia, ela falou que eu tinha as minhas dificuldades tudo, mas que eu era muito rápida para pegar coreografia e que eu me dedicava bastante então pelo meu esforço ela achava que poderia sim me dar uma oportunidade, que eu ia ter que correr atrás, porque quando eu entrei na companhia só tinha eu de nova, as meninas já eram todas mais velhas, já eram formadas tinham muita técnica, então eu ficava pensando meu Deus o que vai ser de mim agora. E aí eu entrei e comecei a fazer aula com as meninas mais velhas, comecei a pegar as coreografias que elas dançavam na ponta, e eu não dançava, e foi super desafiador, mas uma coisa que eu me senti muito tranquila, é que nas escolas eu tinha que fingir que eu não tinha deficiência e aqui eu não precisava esconder minha deficiência, porque as dificuldades que eu tinha, as

meninas também tinham, as que tinham baixa visão como eu e as que não enxergavam nada, e aí o que eu precisasse eu perguntava e elas me ajudavam, então eu fiquei feliz porque eu falei, meu eu não vou precisar mais fingir que eu não enxergo, aqui é um mundo que realmente as pessoas me aceitam porque elas são iguais a mim, porque elas tem a mesma dificuldade que eu né, o que eu, por exemplo, o que eu não estiver enxergando e elas também não vão estar, aí a gente vai pedir ajuda, e eu também percebi que aqui era tudo ensinado pelo toque, os professores eles tocavam na gente, né, a gente tocava neles para aprender o movimento e depois eles pediam pra gente reproduzir esse movimento pra ver se a gente entendeu, e aí sim eu fui aprendendo o *plié*, o *tendu* o *jeté* e fui me sentindo cada vez mais à vontade, apesar das minhas dificuldades, que eram muito grandes por ter começado com trinta e um anos o balé né, adulta já, então é muito mais difícil pra uma pessoa adulta né conseguir atingir a técnica que o balé exige da gente né, mas eu corri atras, depois de dois anos eu comecei a fazer aula de ponta, tenho até hoje muita dificuldade na ponta, não sou como as outras meninas que tem essa facilidade de dançar na ponta, de dançar *pás de deux*, eu tenho mais facilidade com danças livres mesmo né, inclusive na minha formatura em 2019, eu me formei, já sou formada no balé, eu não me formei na ponta eu me formei na meia ponta, eu fiz um pedido pra Fe e pro nosso Diretor, coreógrafo que é o César, que é o professor né o primeiro professor da companhia, eu pedi pra ele que me deixasse dançar sem ser na ponta porque eu não queria fazer um trabalho sujo, eu queria mostrar o melhor, o que eles deram deles pra eu aprender, então eu queria mostrar a técnica verdadeira do balé mas dançando do meu jeito, como eu conseguia, pra dar o meu melhor e eu não queria dançar na ponta, e aí eles entenderam, eles sabiam da minha dificuldade e eu dancei um *pás de deux* meio livre meio contemporâneo na, é na meia ponta né, foi com o Vinícius, o professor né, gosto muito dele, porque eu achei muito legal, porque normalmente os bailarinos, eles querem dançar com as bailarinas que não tem dificuldade, que são mais fáceis de carregar, de dançar, que dançam na ponta, e o Vini ele não teve isso, ele se ofereceu pra dançar com muito amor assim, me ajudou, me ajuda até hoje, então eu sou muito grata a ele, por esse momento tão especial na minha vida e eu dancei na meia ponta e ninguém nem percebeu que eu não estava de ponta, que foi tão perfeito assim a coreografia que ninguém reparou nisso, então, a experiência que eu levo e que eu vou levar da minha vida aqui da Associação é que eu não precisei mentir mais, é que eu pude me assumir como pessoa com deficiência e hoje eu não enxergo mais, com

trinta e um anos eu perdi a visão do olho esquerdo, eu já tinha perdido com dezesseis anos do olho direito, com trinta e oito anos eu perdi a visão total do olho esquerdo, eu estava terminando a Faculdade nessa época, foi bem difícil, mais aqui eles me ajudaram também nesse momento de superação né, a dança, pra você ver né, a dança me mostrou um caminho melhor pra eu me superar e pra eu ver que a minha deficiência não me impedia de nada. (nossa você tem uma experiência né com dança assim muito longa né) da ruim pra melhor, foi longa, começou do ruim e veio pro melhor, (desde criança né?) sim

2 – Quando que virou a chave que você percebeu que era isso que você queria fazer?

Então, eu acredito que tenha sido com uns dez anos de idade vai, porque quando você é mais nova né, assim, eu já dançava, eu não vou mentir pra você, eu ficava imitando, eu enxergava um pouquinho então eu sentava na frente da televisão e eu ficava vendo os grupos infantil né, que tinha na época, que era trem da alegria, é, as paquitas da Xuxa, então eu ficava, eu conseguia enxergar pertinho então eu conseguia pegar as coreografias, claro que eu não pegava tudo no mesmo dia, eu ia pegando aos poucos né, e aí eu começava a dançar em frente ao espelho, eu conseguia me ver no espelho, e ficava cantando e a minha mãe falava nossa, minha mãe e meu pai falava, gente essa menina aí, alguma coisa de dança ela vai ser, porque ela só faz isso o dia inteiro, e por eu não ter conseguido ido ficar na escola, então eu passava o dia todo nisso sabe? Brincando, dançando, é fingindo que eu era apresentadora de programa (risos) eu passava o dia inteiro nisso dançando, dançando, enquanto que minhas irmãs elas iam pra escola, meus irmãos também, e isso acabava me deixando bem chateada, mas como eu gostava muito de dançar, então eu começava a dançar e acabava esquecendo e aí com dez anos eu entendi que realmente eu queria dançar, e aí foi aonde, foi aquele momento que eu te falei, que tinha uma professora na rua onde eu morava, é uma rua fechada, que tem um clube no final da rua e ela começou a dar aulas, de graça, pra todas as crianças, e aí eu comecei a fazer jazz, a gente fazia ginástica também e já estava meio que na época já estava meio que transitório esse negócio do Axé, da Bahia, já estava meio que vindo devagar, então tinha Daniela Mercury, acho que Sarah Jane, né tinha essas cantoras mais antigas e Ivete, e aí a gente começava a aprender essas coreografias do Axé mais antigo mais raiz e comecei a fazer jazz também, fazer aeróbica com ela,

até onde eu conseguia eu fazia bem , mas ai ela começou a avançar e eu não tinha essa noção de explicar pra ela, olha prof. fica perto de mim, porque a senhora perto de mim eu consigo ver o movimento (huhu) e as vezes eu tinha vergonha, porque eu já sabia eu já tinha recebido muitos nãos, então eu tinha vergonha de falar e a pessoa falar: ah então você não pode mais fazer a aula, então, você vai ter que ir pra outro lugar, e eu perder a oportunidade de fazer a aula, então eu, eu me fechava, entendeu? Eu ficava com muito medo de falar e ai chegava um momento que eu não conseguia acompanhar mais, obvio, os movimentos começavam a ficar muito rápidos, e, era coreografia de movimento, você sair de um lugar e ir para o outro e eu não conseguia acompanhar, e ai a professora, o que ela fez, em vez de ela tentar entender a minha situação, ela me colocou no grupo infantil, só que era muito infantil, tinham crianças de três de quatro anos e eu com dez, onze anos sabe? Uma coisa assim totalmente errada, hoje, hoje, eu entendendo como pessoa com deficiência e como profissional, como professora, eu com certeza brigaria, falaria não você tem que me incluir, você tem que me ensinar, eu posso te ensinar a me ensinar né, hoje eu tenho bagagem pra isso, mas na época eu não tinha, e tinha mais medo do que qualquer outra coisa né, e ai acabei indo pra turma infantil, bel lenta, umas coisinhas bem simples que elas faziam, mas mesmo assim eu me senti feliz. Depois eu comecei a entender, eu comecei a conhecer outras pessoas, que tinham outras pessoas que tinham outro tipo de deficiência e as pessoas falavam que estudavam que trabalhava, e eu falava gente, mas como? Porque eu não estudo, porque eu não vou poder trabalhar, porque também a minha mãe e o meu pai eles não tinham esse conhecimento, então eles falavam: ah você nunca vai poder trabalhar, você nunca vai poder estudar, você sempre vai ter que ficar com a gente é minha mãe falava, seu pai que vai ter que trabalhar bastante pra te sustentar e eu ficava muito triste com isso, porque eu ouvia algumas pessoas com deficiência falar que tinham a vida normalmente seguir a sua vida normalmente e, acabou passando o tempo e eu fui conhecendo as coisas até que eu mudei de bairro fui pro bairro do Jaraguá que é onde eu moro atualmente ai eu conheci uma mãe de uma criança com deficiência visual, na verdade eu não a conheci, ela me viu andando lá porque eu moro no CDHU nos prédios e ela me viu andando lá e ela viu que eu tinha uma dificuldade para andar, e ela chegou e se apresentou e falou seu nome, qual é o seu nome, ai eu falei é B7: desculpa perguntar, você tem deficiência visual? Eu falei tenho, só que eu tenho baixa visão. Nossa B7 a minha filha é cega, minha filha tem dez aninhos né, na época que eu mudei pro Jaraguá eu estava

pra fazer vinte anos, e aí ela falou minha filha tem dez aninhos e ela não enxerga mais nada porque ela teve um tumor cerebral e quando retirou ela perdeu a visão, só que você vai em alguma escola? Não eu estou sem estudar, é eu queria muito estudar, mas eu não faço ideia como correr atrás de tudo isso, mas ela disse: não B7 você pode estudar normalmente é a minha filha vai para uma Associação que chama Lara Mara, lá ela aprendeu braile, lá eles indicaram ela pra escola, lá ela está tendo orientação e mobilidade pra andar sozinha e ela falou: você não quer ir comigo um dia? Aí eu falei, eu gostaria sim. Ai ela falou você sabe que você tem direito a bilhete especial pra não pagar condução, eu falei não, [risos] eu não sei de nada disso, ai ela falou não mas você vai ter. Ai eu comecei com ela, minha mãe também começou a frequentar o Lara Mara, ai eles começaram a fazer a cabeça da minha mãe que eu precisa começar a andar sozinha, que eu ia estudar, que eu ia começar a trabalhar, e ela não podia andar comigo vinte e quatro horas por dia, e lá também eu tive dança né, lá também, sempre a dança aparecendo no meu caminho, pra você ver como a dança é sempre fez parte da minha vida, tinha uma professora lá que dava danças livre né, ela dava expressão corporal, dança de salão também, também dava um pouco de capoeira, ela dava um pouco de tudo, até maculelê a gente dançou, e tinham muitos deficientes visuais lá no Lara Mara, quando eu cheguei eu fiquei assim encantada, porque eu vi assim as pessoas que não enxergavam que não andavam, que não enxergava e que não ouvia, sabe com múltiplas deficiências e fazendo tudo, trabalhava, estudava, eu falei gente quanto tempo eu perdi né sem minha mãe saber dessas coisas meu pai e eu também né, e lá eles me indicaram pra aprender o braile, eu comecei também a fazer a dança lá, comecei a fazer parte de um grupo que chamava Lua, esse grupo levava a gente pra passeios em escolas de dança, em teatros, e ai eu fui conhecendo, e lá também eu tive a oportunidade de saber da AFB (haha) e foi lá que eles falaram B7 você tem que, meu você vai ser bailarina, os professores falavam você vai ser bailarina, então, só tem um lugar que você pode ir, a AFB, ai elas contaram toda a história que as meninas começaram no Padre Chico e depois a Fe abriu uma Associação, e ai depois de muita luta como eu te falei, em 2010 eu vim pra cá e estou até hoje e essa foi a minha primeira experiência a minha primeira, o sinal assim que veio de dança foi com dez anos, mas ai teve toda essa dificuldade que eu te falei pra chegar mesmo a dançar de verdade, entendeu? (entendi, ah que história legal né B7) é (a gente que é da dança vai se construindo mesmo) sim (um

tijolinho de cada vez, você vai preenchendo o quebra cabeça da sua vida como bailarina) com certeza com certeza (parabéns) obrigada.

3 – Qual o significado da dança para você?

A dança significa libertação, como eu sempre falo quando eu estou dançando eu sinto que eu encontro a minha alma, quando eu não estou dançando é como se eu tivesse um vazio, é como se arrancasse o meu coração de dentro de mim, a dança ela faz parte da minha alma né, é como se ela viesse comigo de outras, se é que existe de outras vidas, é como se ela viesse comigo de muitas vidas entendeu? Eu sinto na alma a força da dança, é eu não consigo ficar sem dançar, eu sempre tenho que estar num lugar que tenha dança entendeu? se eu não dançar eu me sinto triste é como se faltasse um pedaço de mim, esse pedaço de mim é a minha alma mesmo que quando eu estou nos palcos eu me sinto livre, eu sinto que eu posso voar quando eu estou dançando, eu me sinto livre dos preconceitos, das dificuldades, das diferenças. É ouvir o aplauso das pessoas é como se a vida falasse sim, você pode ser uma profissional da dança, você pode dançar, você pode brilhar, você pode se realizar, porque você sim, você tem direito de ser uma bailarina, uma dançarina, a vida abriu as portas pra mim, entendeu? Eu me sinto desse jeito quando eu estou no palco, eu me sinto completa, feliz.

4 – Como foi a sua história com a Faculdade de Educação Física?

Então depois que eu terminei o EM né, eu já sabia, eu sempre soube que eu queria dançar, mas aí as pessoas me desanimaram bastante: a mais na Faculdade é totalmente diferente, se você passou preconceito na escola, na Faculdade você vai passar pior porque o professor não está aí com ninguém, né, os professores chegam ensinam, se você viu, você copiou, se você não viu eles não querem nem saber, e aí eu fiquei meio desanimada, mas aí eu falei não eu vou mesmo assim, já passei por umas fases bem piores e eu não vou desistir agora, e eu cheguei a prestar três vestibulares em três Universidades diferentes, passei nas três, mas eu ia, engraçado quando eu ia fazer o vestibular eu solicitava o leitor, que é o auxiliar de sala que a gente precisa pra ajudar a fazer a prova, e eles solicitavam, eu fazia a prova tudo passava, quando eu ia fazer matrícula eles falavam a gente não aceita pessoas com

deficiência visual, eu ficava bem triste, porque eu me esforçava pra estudar eu passava na prova, entendeu? Eu falava gente se eu tivesse tirado uma nota ruim, se eu não tivesse passado pela prova, tudo bem, mas eu passar na prova e na hora da matrícula eles não me aceitarem era surreal, era terrível isso sabe? Eu me sentia muito mal, e ai um dia eu estava conversando com uma amiga minha que é deficiente visual e ela fazia administração, na UNIP, na Universidade Paulista UNIP ai ela falou B7 para de ser boba você está batendo na porta errada, você sabe que eu faço faculdade, eu tenho uma auxiliar de sala que me acompanha, lá tem ledora, é só você chegar no dia da prova, você solicitar, ai eu falava pra ela, não Jack eu já fiz isso toda vez que eu passo na hora da matrícula eles me dispensam, ela não, mas lá é diferente B7, porque eu estou lá até hoje, imagina, estou fazendo meu último ano de curso, para de bater na porta errada, vamos comigo eu vou te apresentar para a minha ledora, e a minha ledora vai solicitar a sua prova, vai marcar sua prova, você vai estudar e ai no dia vai ter uma ledora, se não for a minha mesmo não digo nada, porque pra prova não tem problema ela te acompanhar. E ai eu fui com ela conversei, ela me apresentou a ledora dela uma pessoa muito legal, ai a ledora conversou com o pessoal da recepção falou que eu queria fazer Educação Física, ai eles ficaram com uma cara assim, porque não tinha nenhum aluno, eu não sabia, depois eu fiquei sabendo que eu fui a primeira aluna na Universidade de Educação Física, porque todos os deficientes visuais eles faziam Administração, Direito, Pedagogia, Psicologia nunca Educação Física, só tinha um aluno que era cadeirante que chegou a fazer alguns semestres mas ele desistiu no meio e ai quando eu falei que queria fazer Educação física eles ficaram meio assim mas eles fizeram né toda a solicitação da prova, no dia eu fui bem desanimada, vou confessar pra você que eu nem estudei direito, porque eu falei tenho certeza que vai ser a mesma coisa, falei de repente a Jack conhece alguém por isso que ela conseguiu estudaram mas eu acho que eu não vou conseguir, fui bem desanimada mesmo [risos] ai eu cheguei tinha uma ledora me esperando, ai ela falou né, se apresentou, falou a você que é a B7 né, sabia que o coordenador de Educação Física já está sabendo que você vai fazer Educação física, ai eu falei nossa mas eu não passe na prova, ai ela falou não mas ele já está sabendo porque eu tenho certeza que você vai passar, ai eu fui fiz a prova com ela e o que valia mais nota na época era a redação, ai eu fiquei bem preocupada, eu pensei né, não falei nada, nem estudei direito, meu Deus do céu, falei vai ser um horror, agora eu não vou passar mesmo [risos], só que ai o que que era a redação, escrever uma carta, na época era

a Dilma que era Presidente, então ela falou, você vai ter que escrever uma carta pra Presidenta, ainda brincou, é sobre inclusão, sobre acessibilidade na rua, nas escolas, ai arrasou né porque tudo comigo, ai eu fiz uma redação assim imensa, falando tudo, falando do estudo, falando da dificuldade que é a gente se locomover na cidade de São Paulo, né que não tem faróis com sinais né, pra gente ouvir a hora que pode atravessar, que a gente tem que se virar nos trinta, que as pessoas muitas vezes não respeita no metro quando a gente está com a bengala, ou com o cão guia, escrevi uma carta imensa, e ai falei seja o que Deus quiser, ai a ledora falou você arrasou tenho certeza que você passou. Aí eu falei ah não sei, ai ela falou bom se você passou na segunda feira eu vou te ligar, pra te falar pra você vir fazer sua matrícula. Mas eu não botei muita fé não que ela ia ligar, ai eu fui pra casa tudo, quando foi na segunda feira no final do dia ela me ligou, ai ela falou: parabéns sou eu a Walderez, você passou na prova e agora a gente quer que você venha fazer a sua matrícula, ai eu falei assim oh: mas você lembra que eu sou deficiente visual, ai ela falou assim: claro menina, ela falou pode vir tranquila, você não vai se decepcionar, já tem uma ledora já pra você, ela falou a gente já até escolheu, quando a gente viu que você passou, é foi desse jeito, ai ela falou: quando a gente viu que você passou no vestibular, a gente solicitou uma ledora que tinha acabado é ser liberada, porque o aluno dela terminou o curso dele, então ela tá tranquila ela pode te acompanhar. Ai eu fui fiz a matrícula no dia, a ledora estava lá me esperando, se apresentou né, ai eu fiquei bem feliz assim, ai a minha amiga falou está vendo como é bem diferente (deu certo, desta vez) deu certo, agora você vai, ai eu comecei a fazer a Faculdade, o primeiro semestre, toda primeira aula eu me apresentava pros professores né, eu já ia com a minha ledora lá, eu me apresentava, ai eu lembro de um professor que até hoje eu tenho amizade com ele, eu falo que eu sou apaixonada por esse professor, e ele gosta muito de mim também, professor de anatomia, o nome dele é João Augusto né, ele já era um senhor quando ele dava aula lá na UNIP, eu não sei se hoje ele voltou pra lá, mas na época que eu estava terminando ela já tinha sido de lá, ele é médico né, e eu lembro que no dia ele foi dar a primeira aula dele, ai eu cheguei pra me apresentar, ai ele falou B7, sabia que você que vai me ensinar? (risos) Ele falou eu sou médico mas eu vou falar pra você, perto de você eu não sou nada eu sou um zero à esquerda eu não sei nada, ele falou você que vai me ensinar, ele falou assim olha eu sou professor de anatomia, ele falou então você vai me dizer como que você como é que eu vou fazer pra te mostrar todas as partes do corpo, ai eu falei pra ele, eu falei eu sou bailarina professor,

ai ele nossa, ele falou gente então tô ruim, porque agora eu tô né ferrado porque eu não sei nada, porque você vai dar um baile em mim, ele falou. Então a gente vai ser assim, você vai me ensinar e eu vou te ensinar, esse é o acordo que eu vou fazer com você. Ai ele foi o primeiro, depois teve o professora de dança né, que ela deu ginástica geral no primeiro semestre pra gente, ai ela se apresentou, ela falou que era professora de dança, professora Lilian, que até hoje também eu tenho muito contato com ela, toda vez que tem evento de dança, que ela pode ela sempre me chama pra participar né (olha só) e ai ela se apresentou tudo ai eu fui falar com ela, falei, que eu era bailarina mas que eu não enxergava, ai ela falou B7 sabia que eu já fiz um curso com a FB? Eu já fiz o curso da metodologia, ela falou, eu não sei trabalhar eu vou ser sincera, mas eu sei que você vai me ensinar muito mais do que eu vou te ensinar. E foi assim, eu fui ensinando os professores a me ensinar, ai eu mostrava pra eles como que eles tinham que fazer; que nem o professor de anatomia, ele pro pessoal normalmente eles colocam uma agulhinha né, eu já ouvi muito dizer porque eu não enxergava a esse ponto; no ponto que eles querem que a pessoa estude do corpo né, (haha) comigo não, ele ia lá ele me mostrava todas as peças, ele me fazia tocar em tudo, ele mostrava cada pedacinho dos ossos, sabe ele ia me explicando, ele deixava eu gravar e, como a gente tinha laboratório, ele falava pra assistente do laboratório ele falava, olha vai vir estudar a parte, ele falou a gente vai fechar esse acordo, ela vai chegar aqui bem cedinho, que era de sábado né que a gente podia estudar, ai ele falava, então vai chegar aqui bem cedinho, ela vai ser a primeira aluna chegar, pra ela não pegar o tumulto, porque a minha turma tinha cento e três alunos porque era bacharel e licenciatura juntos, então era muita gente, tanto que a gente estudava naquela sala de auditório sabe? Era muita gente, ai ele falou pra assistente, ela vai vir mais cedo, porque ela precisa de silêncio, eu sei que quando o pessoal chegar eles não vão fazer silêncio, e a gente também não pode obrigar porque é um respeitando o outro, assim como ela precisa de respeito, ela também precisa respeitar os colegas que tem uma vida normal, e ai eu chegava as 7h00 da manhã, a assistente me esperava, ai ela entrava comigo, lá no laboratório ela me mostrava todas as peças, é do que ele queria pra aquele semestre estudar, e ela me mostrava tudo, ele também me ensinou como ela tinha que me ensinar, ai ela me mostrava, me mostrava o esqueleto humano inteiro cada partezinha do corpo, é se eu quisesse eles até me mostravam o cadáver que tinha lá, mas como eu sempre tive muito medo dessas coisas eu falava não, eu não faço muita questão não, já vai ter o dia que eu vou ter

que enfrentar mesmo, então deixa pra esse dia [risos] e aí eu estudava com as peças artificiais né, mas foi muito tranquila a anatomia, eu tirei dez, eu tirava dez nas aulas, porque eu não faltava, a ledora faltava muito, ela me deixava muito na mão, porque a aula de anatomia é como se você fosse trabalhar no hospital não se você já ouviu falar, mais é cedo né, quando você estuda de manhã, são aulas bem cedo né, eu comecei estudando de manhã, e aí, em vez de eu entrar oito horas como o pessoal entrava né, o pessoal que já estava no semestre mais avançado, entrava oito hora normal, eu tinha que chegar sete horas da manhã pra ir pro laboratório (antes da turma né) isso, aí era isso, a anatomia eu aprendi desse jeito, a dança a ginástica geral a professora também, eu ia tocando nela né, ela me mostrava antes de mostrar pra qualquer outro aluno, na verdade o que que ela fazia, ela ia falando pra eles e eu já ia tocando nela, conforme ela ia mostrando pra eles né, os movimentos que ela queria, ela ia deixando eu atrás dela e eu ia tocando nos braços, nas pernas pra ver o que ela estava fazendo, e quando precisava fazer um movimento de levantar né, de pegada, porque na ginástica geral tem muito isso de você fazer é, montar estruturas com o próprio corpo né, então um sobe em cima do outro, aí que nem a pirâmide a gente subia um em cima do outro, pisava no quadril né, você sabe como que é né, você já deve ter visto, você que dança, que já dançou também sabe como que é eu também sou professora de educação física) é você sabe como que é a ginástica, que legal, você sabe como é a ginástica geral né, são montagens, então todas as vezes que tinham essas pegadas essas montagens, ela fazia comigo pra mostrar pros alunos, então automaticamente eu já ia aprendendo (nossa que show), e foi assim, foi assim até o último semestre porque eu fiz licenciatura e bacharel, então foi assim até os últimos semestres, mas os últimos semestres já foram mais tranquilo porque como eu fiz os dois no bacharel muitos professores se repetiam, não pra dar a mesma matéria, mas uma matéria mais aproximada daquela que eles deram no primeiro semestre, então a maioria dos professores já me conheciam, então ficava fácil né porque eles já sabiam como me ensinar e foi assim até o final do curso (risos)

4 A - (que legal B7, e hoje você é bailarina da companhia né e você também dá aula?)
Eu dou aula mas ainda eu não consegui um emprego fixo, consegui fazer um estágio na época, numa escola particular lá perto de casa, lá em Jundiáí né, e era um estágio remunerado eu fiz um ano e meio né, licenciatura numa escola particular, lá o professor ele era bem, ele é né, até hoje eu tenho amizade com ele, ele me chama as vezes pra dar algumas aulas porque ele também dá aula em Faculdade, então quando

tem dança ele fala: é você que vai dar aula não sou eu não que eu não levo jeito pra isso, eu vou ser só assistente ele fala, e ai eu fiz estágio com ele, e ai ele me deixava dar as aulas, quando tinha dança, tinha coreografia para as crianças, ele falava B7 é você (assume), assume porque eu tô aqui pra aprender, além de você ensinar os alunos você vai ter que me ensinar, porque eu sou uma coisa dura, não sei nada, e ai eu montava a coreografia, ele me ajudava nas direções, apesar de eu enxergar um pouquinho, mesmo assim eu não enxergava bem, então ele me ajudava, e ai né, eu fiz todo o estágio, tudo direitinho, eu tenho capacitação para dar aula, mas ainda tem esse problema, quando você vai nas academias, quando você vai nas escolas, as pessoas elas te definem pela sua deficiência, elas não deixam nem você mostrar a capacitação que você tem, entendeu? Então eu já fiz entrevistas em vários lugares, mas ai quando chega na hora da prova prática, que é pra você mostrar a sua aula, eles me dispensam. Eles não esperam pra ver o que eu posso oferecer entendeu? [entendi] é bem difícil (e aqui na Fernanda você tem alguma turma de dança?) não, não tenho mas eu fiz estágio normalmente né, eu fiz todos os estágios que eu tinha que fazer antes de eu me formar, porque pra se formar no balé você precisa também fazer estágio, fiz estágio com balé adulto, fiz estágio com balé infantil, fiz estágio com balé infantil, fiz estágio até mesmo na própria companhia, quando começou a entrar as meninas mais novas, ai o professor, o Cesar mesmo, principalmente, ele falava vem aqui, você está fazendo estágio, você precisa aprender, então ele fazia eu mostrar para as meninas algumas coisas, fazia eu corrigir as meninas na barra, as mais novas né, que foram entrando depois de mim né, e fiz todo o meu estágio aqui também, mas aqui todo mundo, a maioria das meninas tem condições de ser professora (huhu) não tem tanta turma assim pra Fernanda disponibilizar pra tanta professora, (entendi) eu acho que são muitas professoras assim, mas eu, eu tô feliz né de estar na companhia, se surgir uma oportunidade de eu dar aula aqui com certeza é eu vou ficar muito feliz, mas do jeito que eu tô, eu estou bem, mas que nem eu falo pra Fe as vezes, eu gostaria de levar a inclusão pra fora porque aqui a gente já vive a inclusão, o ruim é la fora, o mundão, porque no mundão a gente não vê né, são poucas as pessoas, agora expandiu mais porquê? porque a gente começou a dançar em escolas de balé que não aceitavam né? A companhia, outras escolas, que nem a gente foi, o ano passado a gente dançou, vez aula com a Adriana Assaf, o ano passado não, esse ano tá, o ano passa tão rápido que a gente acaba se confundindo, (é verdade) esse ano a gente fez aula lá na escola da Adriana Assaf, depois a gente

foi convidada pra participar de um espetáculo dela, ela veio aqui assistir as nossas aulas, quando anos atras isso ia acontecer? Entendeu? (difícil) sim e agora eu tenho amigas que hoje não estão mais na companhia e que estão fazendo aula nessas escolas, entendeu? Eu já fui convidada para participar de aula em várias outras escolas de balé, me convidaram várias vezes, porque eu gosto muito de fazer curso eu não parei de estudar, então mesmo que eu acabei a Faculdade agora eu estou fazendo pós-graduação (olha só que legal, em que área?) no Yoga, na verdade eu quero fazer na dança, mas não formou turma, é então eu ainda não consegui fazer na dança (huhu) mas eu quero fazer pós em dança. Ai eu tô fazendo yoga que eu gosto também né, claro que sempre vai me trazer muito conhecimento então, não tem por que falar não vou fazer, mas eu pretendo fazer uma pós em dança também, eu faço curso, já fiz curso de informática, eu também trabalho pra fora, agora eu tô, eu tô, não tô presencial porque teve essa pandemia tudo e ai, a nossa empresa acabou deixando a gente em casa por conta de ficar com medo que os deficientes visuais, como nós somos uma turma grande, eles ficaram com medo de a gente acabar pegando Covid, e acabar alguém falecendo, e a família querer processar a empresa e ai eles optaram por a gente ficar em casa até segunda ordem, parece que o ano que vem a gente vai voltar, mas não tem nada a ver com a minha área, é um *call center* porque enquanto eu não consigo emprego na minha área eu tenho que trabalhar em outro lugar, porque não tem como ficar sem trabalhar, e infelizmente a dança no Brasil ela ainda não tem o valor que ela merece, você sabe né? Ela deveria ter um valor muito maior né, a gente poderia sim ficar só trabalhando do que a gente ama fazer que é dar aula e dançar mas infelizmente, ainda mais nós pessoas com deficiência ainda tá muito difícil isso, eu tenho que me manter de alguma forma, eu trabalho como monitora de qualidade num *call center* e lá eu comecei também dar ginástica laboral porque eles viram que eu era professora de Educação Física, ai a coordenadora começou a falar B7 você vai ter que dar aula de ginástica laboral para as outras turmas, o pessoal que vende né, porque eles ficam muito estressados, eles precisam disso né, ai eu comecei a dar aula, comecei a fazer massagem também porque eu sou massoterapeuta, inclusive eu fiz o curso aqui na Associação, agente teve um curso técnico, de seis meses, aqui na Associação Fernanda Bianchini eu como eu amo muito trabalhar com corpo né, anatomia essas coisas, eu gosto demais, eu fiz o curso, e ai lá no serviço eu tive a oportunidade de trabalhar nessa parte também né, massoterapia, da ginástica laboral, mas eu gostaria mesmo de trabalhar na minha área, de professora

de dança, ou em escola né, para educação, pra trabalhar uma coisa mais escolar mesmo de dança, ou numa escola própria de dança, como professora de dança somente entendeu, nem precisa ser de balé, porque eu acho assim o balé muito complexo, você tem que ter, eu penso dessa forma né, você tem que ter uma técnica boa pra poder mostrar os exercícios pros alunos entendeu? É claro que você também não tem que querer a perfeição sua, você tem que querer a perfeição dos seus alunos, mas você tem que ter no mínimo uma boa técnica pra mostrar os movimentos pra eles acompanharem, então eu não pretendo ser uma professora de balé clássico eu pretendo ser mais uma professora de balé livre, contemporâneo, uma dança de salão, de repente para as crianças mesmo, dança infantil mesmo, uma dança terapia, sei lá algo mais livre que tenha mais a ver comigo, com a minha dança né, mas o meu sonho é esse é poder trabalhar na minha área, mas ainda estou nessa luta (mas chega lá), chega com certeza é que não pode desistir né? (não pode) você tem que ouvir os não e jogar esses não pra lá e buscar o sim né (você é bem qualificada, pós-graduada, tem várias experiências né?) é graças a Deus eu corra bastante atras eu só preciso da oportunidade né? Na hora que as pessoas, que Deus permita que as pessoas me deem a oportunidade de mostrar a minha capacitação né, (que assim seja) amém.

5 - Qual foi o momento que você se tornou uma bailarina? Como que foi se tornar uma bailarina?

Então, por incrível que pareça, eu estava pensando comigo mesma esses dias né, você vai ser a primeira pessoa que vai ouvir isso que eu vou falar (oba) eu ainda não falei isso pra ninguém eu falei pra mim mesma e com Deus, porque eu gosto muito de conversar com Deus, então as vezes eu to sozinha as pessoas até falam, nossa você está falando sozinha? Não eu estou conversando com Deus, eu tenho muita fé em Deus, então o que que eu penso? Eu me senti realmente uma bailarina depois da pandemia, olha só, olha só depois de formada eu fui me sentir muito mais bailarina, por quê? Porque como eu te falei eu comecei o balé adulta, eu não tinha a facilidade que as meninas têm de ter *en dehors*, de ter um pé esticado, de estender o joelho, de entender a força que se faz no balé. Eu colocava muito mais a força bruta do que a força que se precisa, entendeu? Então eu fazia os movimentos muito sujos, muito sujos, sujos mesmo, eu tentava fazer o melhor, mas hoje eu sei que eu não entendia

a força que se precisava fazer quando o professor falava, estica o joelho, não é simplesmente você esticar o joelho, é você puxar a força dos internos, crescer a coxa, crescer o tempo todo como se você estivesse sendo puxada pra cima, e o professor falava isso, sempre falaram, eu não vou falar ah o professor não falava, mentira! Os professores sempre batem na mesma tecla e eu achava que eu entendia, então eu fazia e achava que estava fazendo verto, só que hoje não, depois que eu voltei pro presencial é que eu entendi o que é estender uma coxa o que é vira um *en dehors* sabe? Que tem que vir pelo quadril, não é só o pé, de fazer aquela força de virar o pé pra fora, sabe pra você ficar em cima das pontas, não é só as pernas que você tem que estender, você tem que prender o abdômen, jogar as costas pra trás, então, foi depois da pandemia, o que aconteceu, na pandemia a gente fazia aula *on-line*, então não tinha barra, não tinha nada, era a minha força e eu entendeu? Então era assim, e na minha casa é tudo pequenininho, porque eu moro em apartamento, então eu fazia aula e colocava a mão no guarda-roupa, na porta do guarda-roupa, eu não tinha onde me apoiar, entendeu? Meu chão é um chão de piso, escorregadio, então eu tinha que tomar muito cuidado pra não me machucar a gente passou mais de uma no fazendo aulas *on-line*, pra não perder tudo que já tinha ganhado, e ao mesmo tempo a gente acabou perdendo, porque fazer aulas *on-line*, em casa é totalmente diferente de você fazer aula na escola, na sala de aula com a barra com tudo, então muita coisa você não consegue executar dentro de casa por conta de você não ter espaço né, e por nós não enxergarmos muitas vezes eu ficava com medo de fazer um movimento mais brusco e acabar batendo o meu pé ou se batendo ou me machucando né? Então nessa época foi que eu fui entender realmente a força que se precisava, porque realmente eu tive que usar força pra não me machucar, eu tinha que usar força pra estender o joelho, mais se eu fosse fazer um *tendu*, era um *tendu* que eu crescia, que eu subia, não era aquela coisa de crescer pros lados, entendeu? Então eu tinha que me controlar nisso, e nisso o que que aconteceu? Eu fui começando a entender as forças que eu tinha que usar, então eu falo pra você que hoje eu me sinto sim mais bailarina do que a alguns anos atras, porque eu sempre fiz aula sempre fui muito dedicada, eu sempre dancei na ponta, mas eu ouvia as pessoas falar mas a B7 ela é muito encurtada, nunca falava pra mim, mas eu ouvia as pessoas falarem, é muito encurtada, ela não tem alongamento, ela dança bem, ela é dedicada, mas ela não tem o alongamento, ela não estica tanto o pé quando precisa, por mais que a gente fale, ela não consegue entender, as pessoas começaram a perceber que não era porque

eu fazia gracinha, que era realmente dificuldade, então com essa pandemia, por isso que eu falo as coisas elas não vem só pro mau né, tudo tem seu lado bom, e a pandemia, o lado bom da pandemia, foi essas aulas *on-line* que eu pude entender as forças que eu precisava fazer, então quando eu voltei pro presencial (interessante) pra você ver até os professores falaram, B7 eu tô percebendo que as suas pernas estão mais fortes, não forte no sentido de grossa, mas de alongamento, você estende mais o joelho, você está estendendo mais os internos da coxa, entendeu?, você está ficando mais na perna, então quer dizer, claro falta muito ainda sabe, como eu falei pra você eu tenho a dificuldade, que as meninas já não tem, as meninas dançam na ponta, eu danço mas eu tenho que fazer muito mais força do que elas, entendeu?

Complementares

1 – Me conte a sua história desde o início (cont.)

A minha história com a dança começou desde criança, eu sempre soube que eu queria ser uma professora de dança e uma profissional de educação física, não sabia dizer o nome da profissão mas eu sempre mostrava e sempre apontava para os meus pais que eu gostava de dançar e gostava de atividades físicas, e aonde eu morava é uma rua fechada e no final dessa rua tem um clube que tem muitos eventos e inclusive tem algumas aulas, na época que eu morava lá tinha muitas aulas gratuitas ou as vezes pagas mais com um preço acessível para o pessoal que morava lá, que de famílias de renda mais baixa né, e na época eu comecei a fazer aulas de jazz e capoeira. Eu na época tinha que fingir que eu não tinha deficiência, porque se eu falasse que eu tinha deficiência, óbvio que as pessoas não aceitavam na época, era bem difícil, as pessoas tinham a cabeça bem fechada ainda em relação as PCD né, então eles negavam, eles negavam aceitar uma criança uma pessoa com deficiência pra fazer aula principalmente de dança. Mesmo assim como eu tinha baixa visão na época eu consegui fazer algumas aulas né, com a professora, consegui fazer aulas de jazz, só que quando a professora começou avançar em nível mais intermediário do jazz eu não consegui acompanhar porque eram movimentos mais rápidos, é tinha muita movimentação dentro da sala de aula, troca de lugares e eu como ficava sempre perto da professora pra ver um pouquinho os movimentos que ela fazia e reproduzir, quando começava essa movimentação na sala, essa mudança de lugar, eu já não conseguia

mais acompanhar, e aí a professora conversou comigo, falou que ia me mudar de turma porque eu não estava conseguindo acompanhar, só que na época também, nem eu PCD visual por ser criança, não sabia explicar como ela poderia me ajudar, então ela acabou me passando para uma turma de crianças mesmo, menores que eu, que eram mais novas que eu, que eram um nível mais iniciante, que não era nem um jazz eram mais dancinhas simples, e eu continuei fazendo aula com as crianças, fiquei um pouco chateada por não estar mais com as meninas da minha idade, mas eu gostava muito de dançar assim como eu continuo gostando até hoje, e eu não queria parar de dançar, então eu acabei aceitando, mas é, isso acabou me atrasando né, como pessoa na dança né, porque crianças, as crianças elas estavam iniciando, então, é, acabou que caiu um pouco o nível que eu já estava né, mesmo assim eu não desisti eu continuei, depois de um tempo a professora parou de dar aula lá e eu continuei buscando dançar né, buscando continuar dançando, mas procurei várias escolas e nenhuma me aceitava. Passando por tudo isso aos doze treze anos, depois lá pros quinze dezesseis anos começou a ter novamente aula de capoeira na rua onde eu morava e aí continuei, dei continuidade a capoeira né, continuei fazendo um tempo a mais, e logo eu e as minhas amigas tivemos a ideia de montarmos um grupo, porque a gente sempre gostou muito de dançar né, estava na época do Axé, aquele axé bem famoso mesmo e aí eu e as minhas amigas combinamos de montar um grupo de dança, e montamos um grupo de dança. Eu como sempre a mais velha, e algumas meninas mais novas, a gente fazia apresentações na nossa própria, no nosso próprio quintal, eu morava numa casa grande com quintal grande, então nós fazíamos apresentação pros vizinhos, fazíamos os eventos de dança, eventos pequenos mas fazíamos, eu minha irmã e mais alguns colegas e ao longo dos anos depois cada uma seguiu sua vida e eu vim pra cá onde eu moro hoje que é o Jaraguá e sempre pensando em dançar sempre buscando a dança. Aqui eu conheci uma pessoa que tinha uma filha com deficiência visual, ela me indicou alguns lugares, eu conheci a Associação Lara Mara, lá também tinha dança, eu comecei a fazer a dança, aula de dança lá, com a professora Fabiana, e aí eram danças livres, expressão corporal, maculelê, vários tipos de dança, dança de salão, ela também é professora de capoeira, então ela passava algumas coisas pra gente e eu dei continuidade a dança, depois encerraram-se as aulas de dança lá, mas eu queria continuar dançando, até que eu e minhas duas irmãs e uma vizinha nossa aqui do bairro insistimos na ideia de montar um grupo de Axé e de Funk, e nós montamos esse grupo, a princípio tinham

mais pessoas, tinham meninos também que participavam mas depois o grupo deu prosseguimento eu minhas duas irmãs e minha vizinha, ficamos as quatro dançando em vários lugares, em várias casas noturnas, aqui no bairro tinha uma casa noturna que funcionava aos domingos, e nós éramos o grupo da casa, lambaeróbica da casa, nós nos apresentávamos, e também a gente chamava o pessoal pra subir no palco para dançar, a gente fazia algumas brincadeiras, que dava direito pra quem ganhasse, ganhar CD, ganhar alguns brindes, enfim, só que eu sempre tive que esconder minha deficiência, só as minhas amigas que sabiam, minhas amigas e minhas irmãs que sabiam que eu tinha deficiência, quando a gente ia se inscrever em algum festival, em algum evento, em alguma casa noturna pra dançar, eu não podia falar que eu era deficiente visual, porque se eu dissesse eles negavam a inscrição, eles não aceitavam, então por várias vezes eu tive que mentir que eu não tinha deficiência, como eu enxergava um pouquinho se eu ficasse perto das meninas, ou se eu, por exemplo, se a gente fosse participar de algum festival com outras lamba aeróbicas, se eu ficasse perto de quem estava passando a coreografia eu conseguia acompanhar, então dava pra disfarçar um pouco a minha deficiência, mesmo assim as pessoas ainda ficavam um pouco desconfiadas porque tinham coisas que eu não conseguia ver, mas enfim eu tinha que esconder a minha deficiência, porque se eu falasse provavelmente eles não iam aceitar, e por cinco anos a gente levou a lamba aeróbica, mas as minhas irmãs e a minha amiga levavam isso como um hobby eu não eu queria uma coisa mais profissional. É passando pela escola por ter demorado pra estudar, por conta da deficiência eu voltei a estudar com vinte e quatro anos fazendo supletivo e dando continuidade ao meu sonho que era ser professora de dança, eu continuei dançando, mas estudando e aí quando eu terminei o EM, corri atrás de fazer uma Faculdade né, prestei três vestibulares em algumas Universidades, passei, mas quando eu ia fazer a minha matrícula, é, e falava que era deficiente visual e que precisava de um auxiliar de sala, as Universidades sempre negavam a minha matrícula porque eles falavam que não tinham como atender um aluno com deficiência visual, não tinham preparação pra isso. Quando eu já estava bem desanimada, uma amiga minha que é deficiente visual, que ela é, é formada em Administração, na época ela estava fazendo Faculdade ela falou para de ser boba, lá onde eu faço meu curso tem ledor, tem acompanhante, tem auxiliar de sala, para de bater a cabeça em lugar errado, vamos comigo, você faz a prova e se você passar você vai ter ledora, ainda eu insisti com ela, eu falei que estava com muito medo que eu já tinha quebrado muito

a cara que as pessoas já tinham falado muito não, mas ela falou para eu para de ser boba e eu não desistir. Ai ela me levou na Universidade onde ela estudava que é a Universidade Paulista – UNIP, lá no Paraíso, e ela me apresentou a ledora dela, a ledora dela que eu ia sim conseguir que eu ia ter direito a um ledor e ai ela mesmo já agendou a minha prova, já solicitou um ledor pra me acompanhar no dia da prova, eu fui bem desanimada, nem estudei pra essa prova, fiz a prova, com a ledora, a ledora lendo tudo pra mim, e escrevendo as minhas respostas, é eu sai da Universidade um pouco mais animada, mais mesmo assim, ainda bem triste né, não estava botando muita fé que eu ia conseguir, mas eu passei no vestibular, e ai na segunda feira, a prova foi no sábado e na segunda feira a ledora que me acompanhou ela me ligou falando que eu tinha passado no vestibular e que eu podia sim fazer a minha matrícula e ai eu lembrei a ela que eu tinha deficiência visual e como eles iam fazer pra me dar esse suporte, e ela falou que eles já tinham uma ledora esperando por mim e que o coordenador do curso de Educação Física já estava ciente que eu era uma aluno com deficiência visual e que eu ia fazer o curso e foi assim que eu cheguei lá e que a ledora já estava me esperando, então foi muito legal, por que realmente desta vez eu pude ingressar no curso de Educação física, e sim fiz o curso, de Educação Física Licenciatura e Bacharel, sou formada nos dois, é a ledora me acompanhava, mas eu tive que me apresentar para todos os professores, eles não sabiam, porque eles nunca tinham tido um aluno/a com deficiência visual no curso de Educação Física, e sempre que eu ia me apresentar uma coisa que me marca até hoje é que eles sempre falavam então você que vai nos ensinar, a gente está aqui pra aprender com você, então como a gente faz pra te ensinar? Então ai eu tive que ensinar a eles, e sim eu usei o Método que a Fe criou, a Fernanda Bianchini criou, o Método do toque, eu pedia aos professores pra eu tocar neles, principalmente nas aulas práticas, quando eles iam fazer algum movimento, algum exercício, eles deixavam eu tocar neles, ou então o que eles faziam, quanto eles não me deixavam tocar, eles me usavam como cobaia pros outros alunos, então ao mesmo tempo que eles ensinavam os alunos eles me ensinavam, porque eu mesma era usada pra demonstrar aquele exercício, então eu aprendia como fazer o exercício, como ensinar, é, e os professores numa tacada só, eles me ensinavam né, é tocando em mim, mostrando que movimento que eles queriam e ensinavam os outros alunos, então eu acabava aprendendo e servindo de cobaia para ensinar meus outros colegas de sala, e foi assim que eu consegui concluir o curso de Educação física, né ensinando os professores e dando continuidade à

dança dentro da Associação, porque lá no Lara Mara a coordenadora é do Instituto, ela mesma me indicou a Associação da Fernanda Bianchini, falando que eu tinha que ir pra lá, que eu gostava de dançar, ela não via outro lugar melhor para eu estar que era a Associação de balé pra cegos, e aí eu entrei lá, é na verdade eu fui na associação em 2007, eu fiz uma entrevista com a Fe, só que eu não fiquei lá porque na época eu estava terminando o EM, não dava para fazer as duas coisas né, era muito corrido pra mim na época, mas em 2010 eu voltei pra associação e estou lá até hoje, fazendo aula de balé, sou uma das bailarinas da companhia e o que mais me marca na Associação até hoje é que eu não preciso mais esconder a minha deficiência, é que eu posso mostrar que eu sou deficiente visual e dançar como eu sempre sonhei, e o legal é que as minhas amigas da companhia elas tem as mesmas deficiências então eu não preciso esconder pelo contrário é uma ajudando a outra e uma aprendendo com a outra a cada dia, e nós brilhamos no palco sem precisar esconder que somos deficientes visuais, pelo contrário é nós somos cobradas pela nossa técnica, pela nossa dedicação e mostramos para as pessoas que o impossível não existe, que uma pessoa com deficiência visual ela pode sim dançar, mesmo sem enxergar né, e até hoje eu faço parte da companhia, já faz doze anos, já sou uma bailarina formada, me formei em 2019, e estou na companhia dançando mesmo sem enxergar, na época que eu dançava que eu tinha que esconder minha deficiência eu tinha baixa visão, hoje eu não enxergo mais nada e continuo dançando e mostrando para as pessoas que o impossível não existe.

2 – O que é para você ser uma bailarina?

Ser uma bailarina é uma realização de um sonho, eu sempre falo quando eu dou alguma entrevista que quando eu estou dançando eu encontro a minha alma, porque eu amo muito dançar, e sem a dança eu me sinto um corpo vazio, então quando eu estou dançando eu sinto aquele encontro do corpo com a alma, eu me sinto leve, me sinto livre, livre de tudo, de todos os preconceitos que existem neste mundo, então eu me sinto muito feliz quando eu estou dançando, eu me sinto completa eu me sinto realizada, e ser uma bailarina de uma companhia de cegos é dizer para as pessoas que mais que muitos tenham me falado não, eu estou mostrando que eu preferi ouvir um sim, um dos poucos sims que eu escutei na minha vida, mas que esse sim me fez realizar um sonho de ser uma profissional da dança, uma bailarina verdadeira, uma

bailarina profissional mesmo sem enxergar eu posso dançar, eu posso mostrar para as pessoas a arte da dança, mostrar que sim, é, nós temos técnica né, nós somos bailarinas profissionais e podemos sim dançar mesmo sem estar enxergando que a dança ela é muito mais sentida do que vista, as pessoas costumam dizer que quem dança tem que ficar olhando, não, quem dança de verdade é aquele que sente a dança no coração, na alma, então pra isso a gente não precisa enxergar, então, ser uma bailarina de uma companhia de balé de cegos, é dizer sim que o impossível não existe

3 – Quais são as suas expectativas como bailarina?

Bom as minhas expectativas como bailarina, é que já aconteceu, que era me formar como bailarina profissional, e poder trabalhar em outras escolas onde a inclusão não existe, porque sim a Fernanda ela dá oportunidade de nós sermos professoras e poder trabalhar na própria AFB, porém a inclusão já existe aqui dentro da associação, então o meu intuito sempre foi expandir, então ter oportunidade de dar aula em escolas né, escolas com ano letivo, escolas de Ensino Fundamental, Ensino Médio né, e escolas de dança mesmo que não tenham pessoas com deficiência, crianças com deficiência, então é levar a inclusão pra dentro desses lugares, pra as PCD as crianças com deficiência poder participar de aulas numa escola comum, como qualquer outra pessoa, poder chegar e ser bem recebida sabe, que o professor não esteja preparado com um monte de cursos no curriculum dele mas que ele esteja de coração aberto pra receber todos esses alunos, pra ensinar todos esses alunos como ele ensina qualquer outro aluno, um aluno sem deficiência entendeu? Então a minha expectativa como bailarina é ser uma profissional que faz a inclusão acontecer, porque eu não tenho a pretensão de dar aula só pra PCD, a minha pretensão é dar aula pra todos os públicos, crianças com ou sem deficiência, adolescentes, adultos com ou sem deficiência, terceira idade PC ou sem deficiência, entendeu? É fazer a inclusão acontecer de verdade, então essa é a minha expectativa como bailarina para o nosso futuro.

4 – Qual a sua melhor e pior experiência como bailarina?

A minha melhor experiência como bailarina foi descobrir que mesmo sem enxergar eu poderia dançar e ensinar, porque foi criado um método que para nós deficientes

visuais ele é essencial, que é o método do toque, então antes eu tinha muito medo, mesmo com a baixa visão, eu tinha muito medo de dar aulas, era o meu sonho, continua sendo mas, eu tinha muito medo porque eu mesma não sabia como ensinar os meus alunos, então eu tinha muito medo do futuro, então eu pensava e se eu perder a visão como eu vou dar aulas, mas depois que eu entrei na Associação e conheci o método do toque, é foi a minha melhor experiência, junto com as minhas amigas mesmo, uma corrigindo a outra, ajudando a outra, passando a coreografia para outra, saber que eu poderia sim, que eu posso sim dar aula, tocando os meus alunos né, apesar de saber que muitas pessoas, muitas crianças tem dificuldade com a questão do toque, mostrar pra elas que um toque para ensinar um passo um movimento não é um toque ruim, um toque com maldade, é um toque com amor, pra você poder ensinar o seu próximo aprender aquilo que você já aprendeu, e hoje você pode estar levando pra fora pra poder ensinar, então essa foi a minha melhor experiência como bailarina. Eu acho assim que a pior experiência que eu já passei na minha vida, não foi na Associação. Foi saber que as pessoas são muito fechadas pra essa questão da PCD, que as pessoas elas te definem pela sua deficiência, elas não te definem pela capacidade que você tem, elas não esperam pra ver a capacidade que a pessoa com deficiência visual tem é de poder ensinar de poder aprender, elas definem por simplesmente ela não poder enxergar, ah então ela não enxerga então ela não vai conseguir dançar, ela não vai conseguir ensinar, ela não é capaz de fazer nada entendeu, Essa eu acho que é a minha pior experiência como pessoa com deficiência, como pessoa profissional da dança, como bailarina.

4 – Você pode falar sobre a sua deficiência visual?

É eu nasci com catarata congênita, é eu nasci quase cega, minha mãe, é ela teve catapora né, e quando ela engravidou, quando ela estava me esperando, ela ainda estava com a catapora interna, e aí os médicos acham que foi por conta da catapora que eu nasci com essa deficiência visual, e eles dizem que se a minha mãe ainda estivesse com a catapora por fora, eu nasceria sem o globo ocular, porque eu nasci com os olhos bem fechadinhos, quando eu operei a primeira vez o médico teve que abrir um pouquinho mais os meus olhos, porque eu não conseguia nem abrir o olho direito, então eu nasci com catarata congênita e várias outras doenças dos olhos, miopia, estagno, estrabismo, um monte de outras coisas, risco de descolamento de

retina, é e com dezesseis anos eu tive um descolamento de retina do olho direito e aí quando eu fui ao médico, essa retina já não podia mais ser colada né, porque ela já havia secado e além disso eles descobriram que eu tinha adquirido glaucoma, então eles já deram perda total da visão do olho direito e o glaucoma já estava passando para o olho esquerdo, o qual eu enxerguei até os trinta e oito anos, é cinco por cento do olho esquerdo, mas o glaucoma ele foi prejudicando muito a minha visão né, começou a ficar muito agressivo, então a pressão do olho começou a subir muito, até que chegou a sessenta né o nível da pressão alta ocular, e aí com trinta e oito anos é a minha visão não aguentou né, as fibras oculares foram totalmente eliminadas pelo glaucoma e hoje eu só vejo vulto, eu só tenho resíduo visual né, que é considerado resíduo mesmo, que não é considerado baixa visão, é considerado um resíduo, eu só tenho percepção a claridade, ela me incomoda muito e vejo vulto né, mas assim, pra eu ver vulto esse vulto precisa estar, ou andando lentamente ou parado, aí eu consigo perceber, se for movimentos rápidos eu não consigo perceber nada, então realmente é um resíduo visual que eu tenho, é eu já me senti muito mal sendo deficiente visual, eu já me senti muito triste, mas não pela deficiência, eu me senti triste quando as pessoas me negavam as coisas né? Quando eu ia numa escola pra eu poder estudar e os Diretores falavam pra mim e pra minha mãe que eles não me aceitavam na escola porque eles não sabiam lidar com pessoas com deficiência, ou então quando eu queria fazer aula de dança ou de ginástica que eu sempre gostei e as pessoas não me aceitavam e as vezes ficavam cochichando baixinho ou pediam pra me tirar da sala de aula porque eu estava atrapalhando a aula dos outros alunos, então isso me fazia me sentir muito pra baixo como pessoa com deficiência, me fazia me sentir muito triste, mas hoje, olhando pra trás eu vejo que quem saiu perdendo foram essas pessoas que me negaram, porque eu sei a capacidade que eu tenho sabe como pessoa, eu sei que eu tenho total condição de pegar qualquer passo, qualquer coreografia e de fazer qualquer tipo exercício porque eu sou normal como qualquer outra pessoa, simplesmente eu tenho uma limitação como todas as outras pessoas tem, porém a minha limitação é justamente não enxergar, mas isso não significa que eu posso aprender e que eu posso ensinar, e que eu possa estar numa sala de aula com outras pessoas fazendo aula como qualquer outra pessoa, então hoje eu me sinto uma pessoa realizada uma pessoa feliz, mesmo com a deficiência visual, isso não me impede de nada, pelo contrário com a deficiência visual eu tenho outros sentidos que me fazem prestar mais atenção em outras coisas que as pessoas muitas vezes nem

reparam, e as vezes elas acabam passando batido por isso e eu não, eu consigo executar movimentos muito melhor por conta dessa minha percepção dos outros sentidos.

5 – Quais são as suas expectativas como mulher com deficiência visual?

As minhas expectativas como mulher com deficiência visual é poder viver normalmente como qualquer outra pessoa, poder trabalhar, estudar, graças a Deus com muita luta e com muito sacrifício, eu tenho conseguido realizar esses sonhos, eu já consegui me formar na Faculdade que eu queria, hoje eu trabalho não só como bailarina da *Cia Ballet de Cegos*, mas eu trabalho numa empresa de *call center* né, como monitora de qualidade, não é a minha área, não tem nada a ver com a minha área, mas através dos cursos que eu fiz dos estudos, eu tive a oportunidade de conseguir mais uma qualificação pro meu currículo que é ser monitora de qualidade né, é uma experiência muito legal que eu vivi com outras colegas, que ainda eu vivencio com outras colegas com deficiência visual, uma equipe que é dividida com pessoas com e sem deficiência né, então uma oportunidade muito legal também que Deus me permitiu ter também, ser monitora de qualidade, então eu tô muito mais que realizada né, não só pude me formar na área que eu sempre sonhei, não sou só uma bailarina profissional mas também sou uma pessoa capacitada para trabalhar numa empresa de *call center* né, no *telemarketing* como monitora de qualidade que é o que eu nem pretendia, nem esperava na minha vida, então as minhas expectativas são muito grandes né em relação futuro, é, o meu sonho mesmo é como eu falei nos outros nas outras perguntas né, como respondi né as outras questões, é ser professora de dança mesmo, é poder realmente levar a inclusão pra outras escolas, pra outros lugares né? Para que essa inclusão aconteça de verdade e eu como mulher como pessoa com deficiência é ter a minha casa, né? Ter a minha independência, realizar me realizar mesmo como mulher como eu já venho me realizando.

6 – Você pode falar sobre a sua rotina semanal?

A minha rotina é de segunda a sexta eu acordo as seis da manhã, corro aqui me arrumo toda, me preparo, para ir para a Associação pra aula de balé, porque as aulas da companhia começam as 9h00 né, e aí como eu moro longe da Associação, eu

moro aqui no Jaraguá e a Associação fica lá na Vila Mariana, aí eu tenho que sair cedo né, no máximo 7h30 de casa, pra poder dar tempo de chegar no horário, pra me trocar e entrar na sala e me aquecer pra esperar o professor iniciar as aulas então, a companhia as aulas são de duas a três horas e meia de aula e ensaio, então a gente começa as 9h00 muitas vezes a gente vai até 12h00, outras vezes a gente vai até 12h30, depende muito né do que a gente tem que cumprir naquele mês, as vezes tem meses que tem muita apresentação, dentro da escola e fora da escola também, então a gente tem que cumprir a nossa carga horária de aula e de ensaios né, e de apresentações também, então meu dia já começa com as aulas de balé, e depois que eu saio da Associação, de sexta-feira eu faço curso de informática em outra Associação que tem aqui onde eu moro que é o Instituto Luz aos Cegos, que eles oferecem aulas né, com cursos é profissionalizantes pra gente poder entrar no mercado de trabalho né, então eu faço curso de informática que é um curso acessível né, a gente usa o leitor de telas o NVDA, que é um leitor gratuito que pode usar no nosso dia-a-dia, nos nossos computadores e também nas empresas onde a gente é, possa estar trabalhando com computador, com independência né, e, é isso de sexta-feira, de segunda-feira a quarta-feira no período da tarde eu retorno para minha casa porque também eu faço pós graduação, a minha pós graduação eu comecei o mês passado, então é uma pós graduação em yoga, né e aí eu aproveito pra estudar no período da tarde pra fazer alguns trabalhos algumas coisas que o professor, que os professores passam na Faculdade né, então o período da tarde de segunda, terça e quarta é isso né, de quinta-feira a gente tem folga da companhia, então nesse dia eu procuro ou fazer outras aulas fora da Associação, ou ir ao médico, ou fazer algumas coisas dentro de casa também, algumas coisas que eu não consigo fazer os dias que eu tenho aula na Companhia, e é isso, de final de semana eu vou pra Igreja, eu sou católica e no sábado eu tenho uma turma de Catequese infantil, eu faço parte da Catequese infantil, com outras três moças que também são catequistas, a gente tem uma turma de vinte e quatro criança né, já faz uma no que eu estou tendo essa oportunidade né de receber esse chamado de Deus, de ser catequista da catequese infantil, no domingo eu vou a missa e se tiver algumas apresentações da companhia, eu também cumpro essa carga horária né de apresentações que também acontecem no final de semana e a noite as vezes eu costumo ouvir música no meu celular, assistir alguns documentários, algumas coisas que me dão mais conhecimento na minha profissão, e é essa a minha rotina.

7 – Você gostaria que eu te perguntasse alguma coisa?

Bom, alguma coisa que você poderia me perguntar, ah, eu não sou muito de falar eu sou muito discreta, mas se você tiver interesse de saber da minha vida pessoal você pode me perguntar também, eu não falei uma coisa que vai começar acontecer agora, nesse no final desse ano de 2022 pra 2023 eu tenho minha orientação e mobilidade para utilizar a bengala eu tenho independência pra sair sozinha, mas eu vou começar a fazer o treinamento para ter o cão guia, né, é já estou nesse processo, o Instituto Magnus é um Instituto que fica no interior de São Paulo, é eles já pegaram meu cadastro, já me chamaram né pra fazer esse treinamento, não sei se eu vou conseguir ter o cão guia, eu estou no processo de avaliação, tem alguns requisitos que a gente precisa cumprir, pra saber se realmente a gente pode ter ou não o cão guia, mas eu estou nesse procedimento, vou receber a visita dos instrutores aqui em casa, pra eles conhecerem minha casa, conhecerem onde eu moro, pra saber qual o tipo de raça de cachorro né que talvez eu possa estar tendo pra ter mais independência né, então eu estou nesse processo, no início do processo de treinamento pra quem sabe eu ter um cão guia no futuro, e se você quiser me perguntar mais alguma coisa sobre a minha vida pessoal pode me perguntar, está bom, espero que eu possa ter respondido de acordo com a sua pesquisa de acordo com as suas expectativas, espero que dê tudo certo, boa sorte e um abraço.

MOVIMENTO Nº 5

1 – Me conta um pouquinho a sua história.

Bom, é, a minha história na dança é um pouquinho longa, risos, (não tem problema) Eu, ah o meu primeiro contato com a dança foi de pequena na escola que eu estudava o que eu fazia prezinho em um colégio particular e ai tinha balé né, e ai eu fazia balé e tinha apresentações ai Eu saí dessa escola, estudei em escola pública, aí eu fiquei um bom tempo, uns quatro cinco anos sem fazer dança, mas continuei dançando, porque eu dançava em todas as festas da minha família e tudo que passava na tv e, porque esse amor né sempre teve em mim. E ai quando eu voltei pro colégio particular na quinta série eu voltei fazer aula de dança, lá tinha o jazz, ai eu fiz até o terceiro

colegial o jazz na escola, ai no terceiro colegial eu conheci um grupo de *street dance* (olha) e ai eu comecei a fazer aula e entrei na companhia, ai foi a minha primeira companhia de dança, eu fiquei por três anos, ai a minha vida deu uma reviravolta assim porque eu tinha escolhido fazer enfermagem, ai comecei a fazer enfermagem, aí não deu pra conciliar porque eu fazia enfermagem de manhã e trabalhava tarde e noite e ai não dava mais para conciliar a dança né (huhu) então eu parei um tempo e ai eu tive uma perda é muito grande da visão , ai eu não pude continuar o curso de enfermagem, ai parei o curso de enfermagem, comecei a fazer acessibilidade na Fundação Dorina, porque eu não conseguia mais enxergar o computador , então, eu comecei a estudar as possibilidades que eu tinha né, os recursos, ai fiz um curso, só que mesmo não dançando mais assim eu sempre tive esse amor a dança , então tudo que eu falava era relacionado a dança, e ai uma menina lá perguntou se eu conhecia a associação da FB (huhu) ai ela me passou o contato, e, eu liguei, ai eles falaram que iam marcar um dia para eu vir conhecer ai eu vim conhecer e comecei a fazer aula com as pequenininhas, e, ai eles viram né que eu tinha um jeito né e comecei a fazer aula com os intermediários e depois no ano seguinte eu fui para a companhia, aiiii, entrei na cia, foi um desafio muito grande porque eu sempre fiz jazz *street* (huhu) dança de salão, o balé mesmo não, mais ai eu fiz um ano e no ano seguinte eu fui para a sapatilha de ponta (nossa foi rápido) foi, risos foi muito pá pum assim foi , e, ai eu estou aqui a nove anos, resumidamente foi isso assim, eu tive várias vivências assim na dança, mas o balé foi aqui na associação mesmo né, antes disso foi só o jazz o *street* (entendi) (E me fala um pouquinho como a deficiência apareceu na sua vida) Eu já nasci com a doença que é Retinose Pigmentar que é uma doença degenerativa e congênita né, só que eu descobri que eu tinha essa doença com mais ou menos uns onze anos (huhu) porque eu usava óculos , porque eu tinha miopia e astigmatismo, mas com óculos era pra eu enxergar 100% eu não enxergava 100%, e os médicos não sabiam o que era e começaram a vasculhar e descobriram que eu tinha retinose pigmentar, então a minha infância, eu estudei em colégio normal meus professores não sabiam, que eu tinha essa dificuldade , eu sentava sempre bem próximo da lousa, a maioria das vezes eu não conseguia copiar a lição da lousa porque, o tempo que eu enxergava era demorava muito, então eu copiava uma coisa ai quando eu voltava o olho até eu localizar onde estava é as vezes o professor já apagava sabe, então a maioria das vezes eu não copiava a lição (huhu) e mais eu desenvolvi muito bem o aprendizado auditivo, então só do professor explicar eu ja

absorvia (huhu) e aí isso foi até o terceiro colegial assim, eu, eu ainda conseguia ver as coisas de perto, o que eu escrevia eu ainda conseguia ler de pertinho, livros que passavam eu conseguia ler de perto, só que eu demorava muito tempo ou a minha visão era muito lenta sabe? eu perdia muito tempo fazendo as coisas, uma coisa que as vezes a pessoa demorava 20 minutos eu demorava quase duas horas (huhu) e aí quando eu saí da escola que eu fui para a Faculdade foi quando eu tive uma perda maior e na Faculdade eu entrei pela deficiência assim né eu fiz o vestibular especial (sim) porque senão eu ia ficar muito em desvantagem né, eu não ia conseguir terminar né (ahã), e, mais eu só aceitei a deficiência aqui na associação (1A - Eu ia te perguntar agora né, como você se sente a respeito da sua deficiência? hoje pra mim é normal assim é muito tranquilo falar da deficiência eu já me apresento como uma PCD visual, eu uso, faço uso da bengala (huhu), mas antes de entrar na associação eu me sentia o patinho feio sabe assim, a única, que eu não conhecia outras pessoas que tinham essa deficiência e no início era muito estranho assim porque tinha coisas que eu enxergava, as vezes eu via as vezes não, então pra mim era muito confuso tipo eu enxergo ou não enxergo? (huhu) Eu não sabia que tinha um meio termo sabe assim? e então eu sempre me escondi, eu falo que antes de eu conhecer a associação a minha vida era meio que um teatro assim, porque eu fingia por exemplo é que eu era distraída porque eu chegava nos locais eu não conseguia é eu sabia que tinha as pessoas mas eu não conseguia ver a fisionomia então eu não sabia quem era, então eu sempre chegava bem antes para as pessoas chegarem e me achar elas virem falar comigo entendeu? (huhu) e sempre ficava distraída assim, fingindo que estava no celular ou que estava distraída com outra coisa por que caso eu passasse e eu não visse era porque eu era distraída e não porque eu não enxergava (entendi), então eu sempre arranjei desculpas e dava um jeito de disfarçar pra não mostrar é a deficiência (entendi) é eu não usava a bengala antes é, mas também naquela época eu não precisava eu ainda conseguia ver os obstáculos então eu conseguia pegar ônibus, enxergava o letreiro assim quando, as vezes o ônibus passava, assim quando ele estava muito rápido né eu via muito em cima, mas eu conseguia ver, e aí quando eu entrei na associação que eu tive o apoio né de outras pessoas, de outras pessoas que passaram por situações parecidas, porque, igual nunca é né, pode a mesma doença, mas cada um vai lidar de um jeito, igual não é, mais é casos semelhantes e aí foi me fortalecendo e fazendo com que eu aceitasse, sabe? e visse a deficiência de outra forma não como uma coisa ruim negativa mas é visto sim como a doença tá ali

né, mas não é por isso que você é menos ou mais entendeu? (huhu) e a dança me trouxe essa visão do belo também o diferente não é ruim o diferente as vezes é bom e pode ser belo então eu mudei assim a minha visão (que história legal) risos

2 - Como você acha que as pessoas pensam a respeito de você, sua família, seus amigos, como eles, reagem a sua deficiência?

(pausa) assim acho que eles reagem de forma bem normal assim bem tranquilo (huhu) é quando eles souberam né porque risos (risos) porque só quem sabia era a minha mãe né (huhu) meus pais e o meu irmão também tem a mesma deficiência que eu, ele também é bailarino, ele também foi para a área da dança (huhu) e tanto que ele tá ele é da associação também, ele foi, ele realmente estudou assim, ele fez curso técnico faculdade tudo na e assim eu sei que pra minha mãe foi muito difícil porque até um tempo atrás assim ela meio que se culpava sabe? é porque como é congênito então ela e meu pai que tem o gene recessivo que passou pra gente (huhu) então ela meio que no começo ela ficava se culpando e ela ficava muito triste assim (huhu) com algumas coisas, mas ela sempre me apoiou em tudo e por mais que ela, ela, é uma pessoa muito preocupada (huhu) é ela nunca me prendeu sabe? então eu sempre fiz tudo porque isso eu tinha muito claro na minha mente que não seria a deficiência que iria me barrar, então tudo o que eu quisesse fazer eu iria fazer (huhu) é lógico que dificulta (risos) um pouquinho em alguns né algumas coisas (sim) (huhu) mas não seria uma limitação sabe para mim e ela sempre estava ali do meu lado quando eu fui fazer enfermagem ela estava do meu lado, quando eu tive que parar ela também tava do meu lado, então ela sempre me apoiou muito assim, e o restante da minha família de certa forma eles até esquecem que eu sou DV (huhu) porque é tão natural assim em algumas coisas que eles as vezes eles até esquecem , ai eles me chamam de (...) né, ai (...) desculpa risos eu esqueci (risos) então eles me tratam assim muito normal assim eles não fazem diferença sabe? isso eu acho muito importante porque as vezes tem muita gente que fica com dó e ai começa a tratar diferente né (huhu) e não é isso que a gente quer né, a gente quer as mesmas oportunidades é que a gente possa estar ali da mesma forma que as outras pessoas e é isso (é, é isso mesmo)

3 - Quais são as suas expectativas para a sua vida como mulher com deficiência?

(pausa) (acho que é um pouco daquilo que você estava me falando antes de a gente começar né a gravação né) é eu acho que a minha expectativa é que a gente tenha mais oportunidade e que a gente seja vista como uma pessoa como uma mulher e não só a deficiência, entendeu? porque normalmente a deficiência chega antes, as pessoas olham primeiro a deficiência e depois a pessoa, e eu acho que é isso que a gente espera assim, que um dia isso mude e você olhe a pessoa como um todo e não a deficiência que ela tem, porque muitas vezes é as pessoas olham a deficiência e aí não dão oportunidades né, porque acha que não vai dar certo mas não espera né pra ver se realmente, porque eu falo assim que as pessoas com deficiência elas são muito capazes então tem pessoas que são capazes e tem pessoas que não são também (sim) né? igual as pessoas que não tem deficiência, então você tem que avaliar o desempenho né? isso, e não se tem ou não deficiência pausa então é isso que a gente espera que a gente a gente, eu não sei se é a gente eu espero (risos) que seja que as pessoas abram aí os olhos e comecem a enxergar além assim e, e, ver a capacidade mesmo e não se tem ou não deficiência (3 A - E você se inspira em alguém, algum filme ou alguma pessoa) olha eu já tive algumas por exemplo a F é minha inspiração risos (huhu) porque ela é uma pessoa assim fantástica né que ela põe o próximo em primeiro lugar e ela faz tudo com muito amor assim e ela luta por uma causa que a gente fala ah a causa não é dela e ela não tem deficiência mais na verdade ela está lutando sim por uma causa a gente vive em sociedade né (sim) então as pessoas deveriam lutar por tudo porque indiretamente atinge né as outras pessoas porque muitas vezes a gente fala assim, não tenho deficiência então porque que eu vou lutar por isso se né não tá diretamente relacionado comigo (huhu) então eu me inspiro muito na Fe assim porque ela, ela, pensa no todo e não no individual né (verdade) então eu me inspiro muito assim eu falo que um dia eu quero fazer a diferença igual ela faz (verdade)

4 – Como você se sente como bailarina?

Muito feliz risos (risos) Muito feliz porque eu sempre tive vários sonhos assim é, quando eu era mais nova eu gostava muito de dançar, só que eu decidi levar a dança como um hobby porque todo mundo né eu fui eu deixei me envolver me influenciar, porque todo mundo fala que é muito difícil viver da dança, que não dá dinheiro [risos], que ?, que você vai morrer de fome que não é uma profissão sabe assim (sei) então

eu falei assim não eu vou levar a dança como um *hobby* porque eu gostava de outras coisas assim eu sempre gostei da área da saúde (huhu) é e aí eu pensava ou na medicina ou enfermagem (huhu) aí acabei optando pela enfermagem (huhu) mas eu falava assim a mais dança sempre estará comigo (huhu) mesmo se não for como profissão (huhu) e até eu tinha isso dentro de mim sabe porque é quando eu entrei na associação e entrei na companhia né no grupo principal eu era uma profissional de dança (sim) normalmente quando as pessoas falavam assim, é você trabalho no que eu não falava que eu era bailarina 4 - A o que você falava que eu trabalhava em outro local mesmo então eu falava: eu trabalho com cobrança porque na época eu trabalhava no telemarketing com cobrança, com cobrança e eu nunca falava que eu era bailarina (huhu) e eu falava e eu também faço balé mas tipo assim sabe como um complemento assim e não como uma profissão mesmo porque aí não sei sabe de tanto as pessoas falarem assim eu não sentia que era a minha profissão e hoje eu mudei muito, hoje eu por exemplo quando eu venho para cá as pessoas falam você está indo trabalhar e eu falo tô e antigamente não eu falava eu tô indo para o balé porque eu apesar de ser um dos meus trabalhos eu eram como se não fosse eu não sei se era porque eu gostava tanto de fazer que pra mim não era um trabalho sabe assim (huhu) então eu falava eu tô indo pro balé olha que legal, hoje não eu falo assim eu tô indo trabalhar aí se a pessoa pergunta: e você trabalha no que? aí eu sou bailarina (huhu) entendeu então eu mesma já mudei assim e as pessoas ainda fala bailarina mas, você trabalha só nisso? (risos) eu é gente só nisso (ou dá aula de balé que linda) é mas não tem essa importância sabe a gente precisa lutar bastante ainda pra ter esse reconhecimento (huhu) que é uma profissão e que não é uma profissão fácil e que a gente estuda bastante pra chegar nisso (huhu) e então eu não me sentia assim agora eu me sinto uma bailarina profissional mesmo e luto pra ter um espaço aí 4 – B E como é essa rotina (risos) bom (dia-a-dia) já mudou muito, hoje eu tô só no balé, só não né, porque já é bastante coisa, mas eu não tenho outro serviço além daqui da associação mas a gente ensaia de segunda a sexta menos quinta-feira todas as manhãs das 9:00 até as 13:00, 12:00 mais ou menos a gente ensaia e aí a tarde eu faço estágio com a turminha das crianças que é a semente do futuro e a dança terapia e faço aulas além do balé porque eu falo que eu amo a dança, então todos os tipos de expressão corporal sabe assim através da dança, eu faço dança do ventre, eu faço contemporâneo aí eu faço pilates yoga pra liberar a questão muscular sabe essas coisinhas assim, então a minha rotina é essa saio de casa cedo venho pra cá e

fico até de tarde e chego em casa mais ou menos, varia assim de 6 horas 4 horas sabe depende do dia (huhu) e às vezes ainda faço aula *on-line* (nossa) a parte que é pra melhorar alongamento coisas assim (muito bom) ai faço comida (você mora com seus pais ou mora sozinha?) não agora eu moro com meu esposo (ou é casada?) sou casada (então chega em casa e ainda tem toda a rotina de casa) toda a rotina de casa e ai tem as atividades da igreja (huhu, muito bom) é

5 – Conta pra mim qual foi a sua pior e melhor experiência como bailarina.

(pausa) (risos), pior? (pausa) nossa, vou ter que pensar um pouquinho risos (pode pensar não tem problema) pior experiência como bailarina é você não poder estar né (huhu) isso aconteceu muito na época que eu trabalhava (huhu) em outro local, eu trabalhava com telemarketing eu fiquei 10 anos nesse serviço, e ai eu conciliava né de manhã aqui a tarde lá,, e tinham muitas apresentações que eu não conseguia ir porque eu estava nesse outro serviço, e isso me doía muito, porque eu estava lá trabalhando e ai mandava mensagem pro pessoal desejando boa sorte luz, mas sabe assim eu estava lá mas meu coração estava com as pessoas que estavam indo, e não foi uma única vez assim, foram várias vezes, viagem e é apresentações que eu não pude estar porque eu estava em outro lugar porque eu precisava do dinheiro né (sim) me manter, e eu acho que uma das melhores experiências foi, olha tá bem recente, teve várias né, (huhu) porque eu falo que as viagens pro exterior (huhu) foram maravilhosas, foram sonhos que eu nem sonhava, então eu nunca imaginei, eu nem sonhava em ir dançar fora, é e isso aconteceu entendeu, então eu falo que aqui eu vivi mais do que um sonho (verdade) então a mais recente foi a minha coreografia de formatura, que eu idealizei, uma coisa assim, e aconteceu sabe e eu conversei com os professores,, meu irmão que montou, meu irmão e minha cunhada que me ajudou montar a coreografia, e essa coreografia contava a minha história na dança, então normalmente quando você se forma você dança um *pás de deux* ou uma variação, se é só você né, se tem mais pessoas é um conjunto mas só as formadas, e eu quiz dançar com as pessoas que fizeram parte da minha história, (que lindo) então a coreografia começava com a minha família eu, meu esposo, meu irmão e minha cunhada, e ai entravam duas amigas minhas da infância e minha professora de jazz, dançando jazz e ai depois vinha alguns professores da associação representando todos que fizeram parte, e duas amigas minha da companhia que também estava

representando toda a companhia, dançando balé, ai depois entrou meu professor de *street*, dançou ele, eu e meu irmão, ai eu fiz um solinho e entrou todo mundo no final (isso aconteceu , mesmo, todas essas pessoas foram entrando no palco, ai que legal) no dia 27 (no sábado) foi a minha coreografia de formatura, e foi uma vibração tão boa, da gente assim como conjunto, e da plateia, que eu realmente me senti realizada assim, foi lindo, foi maravilhoso (nossa) do jeito que eu idealizei assim, porque realmente eu falo que eu só estava ali por conta de todas as pessoas que fizeram parte da minha vida, e eu sou muito grata por todos eles, e se não fosse eles não teria essa história então, pra mim não fazia sentido dançar sozinha, sendo que eu não me construí sozinha, eu não me formei sozinha, então entravam meus professores, meus amigos minha família, e foi muito bom, o nome da música é *I believe*, eu acredito (huhu) e ela fala isso que a gente tem que acreditar nos nossos sonhos, e que quando a gente acredita a gente consegue, alcança e é pra gente nunca desistir, então tudo foi assim perfeito, pra mim foi perfeito (risos), acho que foi a melhor experiência que eu tive. 5 A - Como você se sente participando de uma Cia. de dança? Realizada (risos) eu me sinto realizada, porque eu me sinto uma bailarina, uma profissional, entendeu hoje eu tenho orgulho de falar que eu faço parte da única companhia de balé de cegos do mundo, e (é isso ai) (risos) e eu fico muito feliz de mostrar que é possível porque eu não estava aqui nessa época que eu entrei, depois, mas as meninas receberam muitos não, em festivais e muitas pessoas não acreditavam que poderia existir uma companhia e elas provaram que as pessoas estavam erradas assim, então poder fazer parte desta história, colocar o meu toquezinho assim, poder agregar é muito bom, e mostrar que realmente dá certo, então eu sinto muito orgulho, (que lindo, com certeza vocês vão fazer história, já fazem né) sim.

6 – Quais são as suas expectativas como bailarina daqui pra frente?

Eu pretendo dançar muito (risos) e ensinar né, passar tudo que eu aprendi passar pra frente, e com muito amor, porque eu fui muito privilegiada, porque eu estou no local que a gente aprende através do amor, porque a transformação é feita através do amor, isso é muito importante, e é isso que eu quero passar para frente, eu quero ser uma boa professora, e, conseguir passar tudo que eu tenho de conhecimento, e tudo que eu aprendi e tudo que eu consegui absorver, passar para frente pra continuar, pra que outras pessoas venham e brilhem assim, (é isso ai) risos

7 - E a última que não é uma pergunta, mas eu queria saber se você gostaria que eu te perguntasse alguma coisa, se você que falar alguma coisa que você acha importante e não falou.

acho que eu falei bastante (está certo, perfeito) pelo menos pra mim não ficou nada, acho que a gente conseguiu abranger tudo (está ótimo).

Complementares

8 – Você pode falar um pouquinho pra mim como foi o processo de você aprender o balé, como foi esse processo de você ir praticar um estilo de dança é que você nunca tinha praticado é como essa opção apareceu na sua vida, e quando surgiu essa opção o que você sentiu, o que você achava que era o balé, e como você tomou a decisão de ir praticar o balé

O balé de certa forma eu já conhecia o que era sim, eu nunca tinha praticado porque eu achava algo mais lento eu sempre fui mais agitada então eu sempre gostei de dançar eu sempre dancei a minha vida inteira mas eu gostava de coisas mais agitadas assim de música mais agitada, *jazz* é na minha época tinha o *axé*, o *street*, então dança de salão, o balé eu imaginei que não iria gostar porque sempre como é uma coisa mais lenta é eu nunca pensei em experimentar, quando eu conheci a associação, na associação é o forte deles era o balé, na verdade acho que quando eu entrei ainda não tinha tantas modalidades de atividades assim de danças, então o que tinha para fazer lá era o balé e eu sou muito aberta assim, então eu falei assim, ah vou experimentar risos, e aí eu comecei a fazer e fui me apaixonando assim, fui querendo fazer cada vez mais e evoluir cada vez mais porque o balé tem essa coisa de evolução, e, você, ir se desenvolvendo e fazer cada vez mais coisas, então eu peguei acho que como um desafio sabe? E, após eu o balé entrar na minha vida, eu melhorei muito assim a questão da postura, equilíbrio, disciplina, porque o balé requer muito e é coisa de persistência de, persistir naquilo, porque o balé se você for ver não tem tantos passos, mas pra você conseguir executar o passo do jeito que ele é, requer muita dedicação, muitas horas de ensaio, e, e o, eu aprendi o balé através , porque nessa época eu já não conseguia enxergar né muito bem assim eu, é eu conseguia ver alguns movimentos se eu ficasse bem próxima da pessoa então veio o Método da

FB que é através do toque, então isso, eu acho que se tornou muito leve em aprender, porque antes, da associação eu fazia *jazz, street*, só que os meus professores não sabiam que eu tinha deficiência e então eu acabava demorando muito pra pegar as coisas, e não era porque eu não tinha um talento para a dança, dificuldade pra dança, era porque eu não conseguia enxergar, e aí eu acabava sendo taxada assim de ter dificuldade sabe pra pegar as coreografias, então isso acabava sendo algo pesado, eu nunca desisti de dançar porque eu sempre amei a dança, mas é algo que era difícil e com o Método da FB, é eu pude mostrar quem eu realmente era e essa dificuldade sanou, então eu conseguia pegar as sequências muito rápido muito fácil, porque eu aprendi através do toque, eu não precisava enxergar para aprender, então isso foi assim maravilhoso, eu acho que isso também, favoreceu né com que eu gostasse ainda mais do balé assim, porque a forma que eu aprendi foi totalmente adaptado pra mim então ficou um aprendizado super leve super tranquilo assim.

9 – Você pode falar um pouquinho é sobre a sua deficiência antes da FB antes de você ir para a associação FB, e depois né, antes da FB você falou que escondi a sua deficiência, e você pode falar um pouquinho como que era nessa época e como que é agora, né, e eu vou pedir também para você explicar o que é a sua deficiência visual, é explicar mesmo né o que é essa acho que você falou retinopatia algo assim, explicar o que é, e o que significa ter uma deficiência visual pra você.

Bom, eu tenho é retinose pigmentar é uma doença na retina que as células da retina com o passar do tempo elas vão morrendo, então por isso que a perda ela é gradual, tanto que quando eu era mais nova eu conseguia enxergar muito mais eu não precisava do uso de bengala, eu não conseguia ver muito bem a fisionomia das pessoas então, é se eu chegasse num lugar era difícil eu reconhecer, eu sabia que tinham pessoas ali se eram homens ou mulher, mas era difícil de eu reconhecer quem era, e só que com o tempo vai, vai morrendo as células, no meu caso, as células vão morrendo as centrais, então a minha visão periférica ela é um pouco melhor né do que a central, e aí a gente vai perdendo mesmo e pode estacionar como você pode ir perdendo até você ficar cega, isso pode demorar muito tempo ou você pode dormir e acordar cega, e hoje eu também gradativamente eu fui perdendo as cores né, eu não conseguia identificar as cores, mas eu cheguei a enxergar as cores, então eu conheço todas as cores, mas com o tempo conforme foi diminuindo a visão, eu parei de

enxergar as cores, então no começo eu confundia, é por exemplo eu conseguia identificar um azul e um vermelho, mas eu confundia, eu não sabia se era vermelho ou se era rosa, ou se era laranja, é eu sabia que era algo assim, aí com o tempo eu já não consegui identificar mais nada, só cinza, então eu consigo ver a cor é mais clara do que a outra, mas eu vejo como tons de cinza, eu vejo preto e os tons de cinza até chegar no branco, e antes da associação é eu não falava com as pessoas que eu tinha essa deficiência, então eu não me aceitava como uma pessoa com deficiência visual né, eu acredito que é porque eu não conhecia ninguém que tinha o mesmo problema que eu, e no início foi até difícil para mim aceitar que eu tinha uma limitação, porque a minha visão era muito irregular, então às vezes eu conseguia enxergar uma coisa assim minúscula, e outras vezes uma coisa enorme eu batia, então era muito difícil assim, eu falava nossa eu enxergo ou não enxergo? então essa transição assim foi bem difícil de pra mim identificar como eu sou uma pessoa com deficiência visual ou não, e aí quando eu conheci a associação eu conheci outras pessoas que passaram por processos semelhante, e aí me ajudaram a carregar esse fardo, que no início era um fardo, hoje já não, hoje é eu não vejo mais como um fardo, é, uma deficiência visual, mas não é algo que é pesado para mim, porque eu já aceitei e já me adaptei é a viver dessa forma, então hoje em dia é tudo muito mais leve, eu me apresento dessa forma e quem quiser ficar perto de mim ótimo quem não quiser não tem problema, entendeu? É, então foi mais ou menos assim, na associação eu falo que além de dançar eu aprendi a viver né.

10 - Eu queria que você falasse um pouquinho o que te mantinha na dança antes da associação FB e o que te mantém hoje.

Antes e depois da associação, eu acho que o amor à arte o amor a dança foi o que sempre me manteve assim, e, a dança sempre foi um refúgio pra mim, é, que, que com a dança eu sempre consegui me expressar me libertar, e me sentir bem, não sei explicar assim, mais quando eu tô dançando é, é quando eu esqueço de todos os problemas me concentro em passar ali só o que eu estou sentindo pela música, e a proposta daquela coreografia, então é algo assim, pra mim é algo divino, risos, antes e depois da associação, agora eu acho o que mudou é que antes da associação é eu dançava com a preocupação de ser igual, sabe de mostrar que, na verdade não de mostrar, porque como as pessoas não sabiam que eu tinha deficiência, é eu dançava,

mesmo dançando eu estava me escondendo sabe, eu acho que o foco da dança era outro sabe, eu dançava para me sentir bem, mais ao mesmo tempo, é eu não mostrava literalmente quem eu era sabe, e, sempre entrava no palco assim com aquele medinho com aquela insegurança, de, parar no lugar errado, de não é não conseguir ficar de frente para o público, de ficar torta coisas assim e na associação, depois da associação eu acho que a minha dança ficou muito mais verdadeira, sabe? eu consigo passar muito mais verdade, e, o objetivo é outro também, além de mostrar, a arte é eu acho que mostra uma capacidade sabe, mostra que todos podem. Que a dança é para todos, e que não importa qual seja a sua limitação, é você consegue dançar de forma bela, e passar emoção, passar é veracidade, passar todo um sentimento assim, uma história, então eu acho que agora realmente a dança conta a minha história e antes eu contava histórias, uma história inventada, vamos dizer assim, risos.

11 - Eu queria que você conversasse com a gente, falasse um pouquinho sobre o significado da companhia de cegos da FB ser liderada por uma pessoa que não apresenta deficiência né, o que você pensa sobre isso?

Bom, eu acho fantástico a associação ser liderada por uma pessoa que não possui nenhum tipo de deficiência, e não tem isso na família, que não tem ninguém na família que tem algum tipo de deficiência. Porque isso mostra que todas as causas são nossas, então assim, não é porque eu não tenho ninguém na minha família, que eu não sou uma pessoa com deficiência que eu não vou me preocupar com isso, entendeu? Então mostra que nós vivemos em sociedade e que nós devemos lutar pelo que é certo, e não pelo que a gente tá passando, por uma causa individual. Então mostra assim que a gente vive em sociedade, então a gente tem que ter um pensamento coletivo, que porque está bom pra mim e que eu não vou me preocupar que não está bom pro outro, então eu acho maravilhoso assim que a Fernanda ela mostra que as pessoas têm que lutar por tudo que é certo né tem que lutar por uma sociedade melhor.

12 - Eu queria que você falasse um pouquinho, o que virou a chave, antes a dança pra você era um lazer e agora ela é um trabalho, quando que virou essa chave, o que mudou e por que mudou?

Bom, é, não teve exatamente um marco assim, que a partir desse momento comecei a ver a dança assim como profissão e não como hobby, eu falo que foi um processo, foram acontecimentos que me levaram a isso, a primeira coisa que aconteceu foi eu perder mais a visão e não conseguir continuar no curso de enfermagem, isso foi a primeira coisa que aconteceu e que aí desencadeou todo um processo que me levou até a associação da FB, e aí quando eu entrei na associação que eu comecei a fazer aula e a Fernanda depois de um ano ela me convidou pra ir pra companhia, e, e aí comecei a fazer aulas com a companhia e fui percebendo que isso era possível né, que que a dança poderia ser uma profissão que apesar de ser difícil de não ser valorizada, é que eu teria pessoas que estariam do meu lado para lutar junto comigo, e que e que apesar de muitos não recebidos, a gente iria atrás do sim, e quando você se dedica e tem força de vontade, a gente alcança, é, então eu acho que foi todo esse processo e o meu esposo também me ajudou muito nisso, que ele me deu todo um suporte e pra mim largar o meu outro serviço porque ele me atrapalhava muito na dança, né porque eu não conseguia é, estar né é nos dois assim da forma como eu queria, então eu sempre tive que deixar de ir em apresentações em coisas assim porque eu estava em outro serviço, então eu quando eu saí do serviço assim, é eu realmente falei não a dança vai ser a minha profissão, a minha única profissão e eu vou me dedicar a isso, é claro que logo depois já veio uma pandemia, risos, que dificultou um pouco, mais, mais eu tenho certeza de que de que quando a gente faz as coisas com muito amor, os resultados vem né, da melhor forma possível, e então eu não pretendo mais desistir de ficar na dança, levar a dança como profissão, e eu pretendo estudar mais e me aprofundar cada vez mais nessa área.

13 - Eu gostaria de saber, se você puder falar, é se você se mantém financeiramente com a companhia, ou se ela é só uma complementação de renda né, como é essa questão financeira.

A associação sempre foi um complemento de renda assim, na verdade quem mantinha, é, a casa e as dívidas maiores era o meu esposo, que a renda dele é que acabava mantendo né, e a associação vinha como um complemento, mas é, eu to passando por um processo de separação, então a partir do ano que vem, eu vou ficar só com o salário da associação, e aí eu já tô vendo pra ver como que eu vou fazer né,

porque o valor é um valor baixo, as minhas despesas são maiores do que eu recebo, mas aí eu tô vendo pra começar a dar aula, e tô procurando coisas fora pra, pra ajudar né, mas coisas fora na área da dança, entendeu?, não em outra área, então eu vou tentar a partir do ano que vem, me manter só com os valores recebidos da dança, vamos ver o que vai dar, se Deus quiser, vai dar tudo certo.

14 - Sobre a coreografia de formatura - Eu queria que você falasse um pouquinho dessas escolhas, dessas pessoas que estiveram com você no palco né, é o que você queria demonstrar né com essa coreografia, é qual o significado dela para você.

Bom, na minha coreografia de formatura eu quis passar várias coisas né, risos, uma delas foi a minha trajetória nos diferentes ritmos né, que eu comecei com o jazz, aí depois eu fui pro *street* aí depois eu cheguei no balé. Então eu quis mostrar que a minha formação no balé, ela teve influência de todos esses ritmos anteriores e que complementaram, que acrescentaram na minha dança né, e esses foram os principais porque eu passei por muitos outros né, outros assim, mas foram menos tempo e, então os principais foram esses, é além disso teve uma questão que pra mim assim, no jazz que foi a minha primeira professora, foi na época de infância e adolescência, que as duas amigas minhas que também dançaram estavam presentes em todas as apresentações que a gente fez junto, então foi um resgate assim, daquela época sabe, um sentimento muito bom, muito gostoso de lembrar, tudo aquilo que a gente passou juntas, e, e naquela época eles não sabiam que eu tinha deficiência, e aí dessa vez já foi diferente porque todas elas sabiam e aí eu passei a coreografia pra elas, e elas aprenderam como eu aprendo, sabe? E como dançar com as pessoas com deficiência, que é possível e que é algo diferente que a gente precisa prestar atenção em outras coisas, então teve uma troca bem legal aí. O meu professor de *street* foi a primeira companhia que eu participei e que foi muito importante, assim pra mim, porque foi o mais próximo do profissional que eu cheguei antes da associação e nessa época o professor sabia que é o Mark Van Lu, ele sabia da minha deficiência visual e ele me ajudava muito assim, porque ele não facilitava as coisas pra mim, é mas ele dava um jeito de fazer com que eu entendesse e com que eu reproduzisse no meu corpo é a mesma coreografia que os outros, e foi a minha primeira experiência com pessoas com deficiência mas não era deficiência visual, era cadeirante, então eu aprendi muito assim é, essa troca, e ele sempre falou que o nome do grupo era “grupo

perfeito” ele falava que o grupo era perfeito porque a gente conseguia dançar a mesma coreografia corpos diferentes, mas que o resultado era um, então ai foi quando eu comecei a ver a perceber essa diferença de corpos, e que na dança era possível trabalhar com na verdade a dança é isso, são corpos diferentes porque mesmo se a pessoa não tem deficiência, os corpos não são iguais né, e é possível fazer a mesma coreografia , então, essa sintonia essa coisa essa interação é começou ai, e ai depois no balé que eu tive toda a minha aceitação né todo, eu aprendi muito assim, e ai tive toda uma base diferente né, toda a técnica, e toda essa parceria dos professores e dos alunos, e ai assim , além de tudo isso que seria a trajetória, eu quis demonstrar a gratidão que eu tenho por todos que me ensinaram coisas diferentes e que me ajudaram a ser quem eu sou, então dançar com meus mestres foi algo muito divino assim, foi lindo, muito bom pra mim. é porque normalmente os professores montam as coreografias pra gente dançar, então essa troca de poder estar dançando junto com eles, e mostrar que na dança somos todos iguais né é foi muito bom. Bom sem contar com a participação da minha família que é o meu cabo guia, assim que eles me apoiaram em tudo, e, que é o fundamental né, a família é a nossa base, pelo menos pra mim é a minha base, e o amor que eles me passaram é o que eu consigo passar para as outras pessoas, então, é, ai, é isso, risos, toda a gratidão eu quis mostrar nessa coreografia e mostrar a minha história, e pra que sem essas pessoas eu não seria eu, entendeu? né, eu poderia estar em outro local, não aonde eu estava aonde eu estou, e que a gente faz a nossa história não sozinho, e, que a gente constrói a nossa história com a ajuda de muitas pessoas.

15 - O que você pensa sobre a bailarina, o que é ser bailarina né, e o que é ser uma bailarina de uma companhia de balé de cegos, né, de bailarinas cegas, o que isso significa para você? Se você tivesse que explicar para o mundo, enfim para as pessoas o que é uma companhia de balé pra cegos, como você explicaria?

Hoje pra mim bailarina não significa que é aquela pessoa que dança balé, não só isso, eu acho que a bailarina é aquela pessoa que se expressa através do seu corpo dançando, então, ela pode dançar vários estilos, é, de dança, por exemplo uma bailarina de dança do ventre, uma bailarina de contemporâneo, então pra mim a bailarina não é somente quem dança balé, então, e além disso a bailarina eu vejo como, uma pessoa que se expressa através dos movimentos, e que conta uma história

através da dança, da sua arte então, não é apenas fazer uma coreografia, é contar uma história através da dança e essa história estar repleta de sentimentos, de movimentos, e expressões, né, é, gestuais, então, é um contar a história sem falar né, e através dos movimentos, do olhar do respirar, então eu, vejo dessa forma assim e, participar de uma companhia de balé de cegos pra mim é uma grande responsabilidade, e, é um grande orgulho, também, é, de mostrar que mesmo é com possuindo deficiência visual, a gente tem capacidade e consegue ter uma companhia profissional, e mostrar a bela arte de dançar, então mostrar é, para as gerações futuras, que isso é possível, que basta você se esforçar, ensaiar muito, ter força de vontade, que você consegue, que e que assim, a responsabilidade ela é (pausa), a mesma de que se fossem bailarinas que não tivessem deficiência visual entendeu? então eu vejo assim como, como eu posso explicar, como um igual assim, não é porque somos deficientes visuais que é diferente, a gente ensaia, dedica tempo, e muito amor, é e a gente tem facilidades e dificuldades como qualquer outra companhia, claro que o método utilizado para a gente chegar no resultado final é diferente, mas o resultado final não, então eu vejo assim, não sei se eu consegui explicar muito bem.

16 - Se você não se importa, eu gostaria de saber é como foi a sua história de amor com o seu marido né, como que foi, como você o conheceu né, se vocês pretendem ter filhos, há quanto tempo estão casados, e se você não se incomodar falar um pouquinho da sua vida amorosa, dos seus relacionamentos né, antes do casamento.

Bom, a minha história com meu esposo, é pra mim foi linda, risos, eu entrei na associação em 2012, e aí eu comecei a fazer algumas aulas com a companhia, e, na companhia eu conheci um bailarino que chamava Everton, e eu tenho uma amiga de infância que estudou comigo no colegial, e, os dois primeiros anos da faculdade de enfermagem, nós entramos juntas, eu parei por conta da visão e ela continuou e se formou, e essa minha amiga chamada Renta, ela é tinha um irmão por parte de pai que ela não tinha contato que chamava Everton, e que dançava numa companhia de balé, ela sabia que ele dançava numa companhia de balé para deficientes visuais, então, ela me deu essa informação, e aí quando eu cheguei na companhia e conheci o Everton, ah eu disse deve ser o irmão dela, e falei já vou fazer amizade, risos, aí eu falei nossa eu conheço sua irmã por parte de pai nós somos amigas, aí o Everton falou

que não tinha nenhuma irmã por parte de pai, que o pai dele não tinha nenhuma outra filha, porque não era o Everton meu esposo, era outro Everton, meu esposo já tinha saído da associação ele tinha ficado muitos anos, mas aí ele foi estudar Educação Física e começou a trabalhar aí ele não conseguiu conciliar, aí ele saiu, e aí eu fiquei morrendo de vergonha né, risos, e falei pra minha amiga, e ela falou: ah ele tá me rejeitando e tirou sarro, assim. Aí no final do ano de 2012 teve o espetáculo de final de ano, que foram três dias, e aí o Everton, o Everton Bispo, que meu futuro esposo né, naquela época, ele me viu, nos corredores, nos bastidores, porque ele foi assistir o espetáculo e resolveu ir lá pra trás porque ele conhece todo mundo e aí ele me viu e ele falou, nossa você é nova aqui né, aí eu falei sou, eu entrei esse ano, aí ele falou prazer meu nome é Everton, aí deu uma luzinha na minha cabeça e aí eu lembrei da minha amiga, ah meu nome é Everton eu fazia parte da companhia agora eu não faço mais, qual o seu nome? aí eu me apresentei e aí eu falei por algum acaso você tem uma irmã por parte de pai chamada Renata? Aí ele falou, tenho. aí eu falei, sou amiga dela prazer, e tal e aí começamos, na verdade ficamos só nessa conversa, porque foi no intervalo, então deu o sinal pra próxima parte do espetáculo, aí eu entrei dançar, e aí depois disso em 2013 ele voltou pra companhia como professor, de sábado. e aí ele foi em uma das apresentações, no Lourenço Castanho que é uma escola, e aí ele ficou junto comigo, responsável por um grupo, e aí ele ficou me auxiliando, e aí nessa apresentação a gente teve mais contato começamos a conversar, a gente voltou conversando no ônibus, e aí ele pediu meu telefone, e aí a partir daí a gente começou a conversar e aí ele foi me buscar no serviço algumas vezes, quando tinham algumas apresentações a Fernanda chamava ele pra ficar como staff, e aí ela sempre dava um jeitinho pra deixar a gente junto, então ela foi meio que cupido, e aí nós fomos conversando, é tivemos alguns desentendimentos no caminho, mais aí começamos a namorar e depois de dois anos a gente ficou noivo e aí depois de cinco meses de noivado, nos casamos. E esse ano a gente completaria seis anos juntos, é, mais aí né, agora a gente teve uma conversa tal e a gente vai acabar se separando, é, mais foi isso assim, foi muito bonito, risos, é, a gente se conheceu na associação, e ele me ajudou muito nesse processo de aceitação, de tudo assim, e, e a Fe também foi super cupido de nós dois, risos, então eu falo que a associação me trouxe muitas coisas boas, uma delas foi esse relacionamento e o meu casamento né, foi muito bom enquanto durou, bom antes do meu esposo eu não tive muitos namorados, na verdade eu fiquei com algumas pessoas e dava uns beijinhos, mas eu nunca fui muito de

namorar assim, eu sempre quis muito estudar e eu gostava muito de dançar, então eu saia muito pra balada, pra coisas assim, mais eu queria dançar, então eu ficava muito brava, risos, quando os meninos vinham me atrapalhar, querendo fica, paquera, tal, e ai eu sempre dava um jeito de escapar e continuar dançando, então eu não tive muitos namorados, ele foi, vamos dizer que o primeiro que durou mesmo, que foi em casa, eu tive um antes dele que durou acho que seis meses, foi na época que eu tinha quinze anos e que eu apresentei pra minha mãe minha família tal, na verdade era meu primo de terceiro quarto grau, então era que meio da família, então não é que eu apresentei né, mas a minha família e a família dele ficou sabendo que a gente estava namorando, mas foi algo muito rápido que não durou muito, então eu falo que ele foi praticamente o primeiro, e ai dele já veio o casamento, e eu acredito também que nesse caso, porque durou assim e eu consegui ter um relacionamento porque ele me conheceu sabendo da deficiência visual, então eu tive assim muita liberdade com ele, ficava muito à vontade, porque ele já era meio que dessa área e já sabia, e os namoradinhos anterior não, como eu não falava, ficava com vergonha assim, então eu me relacionava, mas eles não sabiam assim, eu acho que eu tinha um pouco de medo de falar e não ser aceita, é então nunca tive um relacionamento sério mesmo antes dele, e ele já sabia de tudo porque ele me conheceu na associação, então desde o começo ele já sabia, então, ele me ajudou a aceitar, o uso da bengala, ele me ajudou em todo esse processo, ele foi muito companheiro assim e é isso, acho que eu resumi mais ou menos como foi, se precisar de mais alguma informação pode ir perguntando.

17 - Quem era você antes da associação FB e quem você agora?

A B1 antes da associação posso dizer que era uma pessoa que carregava um fardo assim no ombro sabe, que tinha a deficiência como um fardo a ser carregado, e isso tornava tudo mais difícil, mais complicado sabe? tudo mais pesado assim, é me sentia muito mais insegura, indecisa, imatura até mesmo pela idade né, e uma pessoa cheia de medos assim, de sonhar e não conseguir realizar os sonhos e se frustrar, e acho que depois da associação FB eu pude sonhar mais é levar as coisas com mais leveza, é a doença, a deficiência visual deixou de ser um fardo assim, é se tornou mais leve porque eu pude compartilhar com as outras pessoas né, antes da associação eu acho que eu me sentia uma artista risos, uma atriz da minha própria vida, pelo menos nesse quesito, nessa parte da vida, e depois da associação eu pude ser eu mesma, e ser

mais verdadeira relacionada a deficiência visual, entendeu, relacionado a isso, não que eu era falsa com as pessoas, não isso. Mas, essa parte era uma parte que ficava escondida, uma parte secreta né, e hoje é, é uma coisa aberta assim e que as pessoas me veem como realmente eu sou, e, depois da associação eu me tornei uma bailarina, uma profissional que quer passar tudo que sabe pra frente então eu me sinto é uma professora assim, com muita vontade de ensinar e aprender, que aprender a gente nunca deixa de aprender então eu sou uma pessoa muito mais segura e sonhadora risos

18 - Como foi o processo até você chegar a usar a sapatilha de ponta, como que foi esse aprendizado, é, o estudo é, as fases pelas quais você teve que passar para utilizar a sapatilha de ponta?

Assim, o meu processo para chegar na sapatilha de ponta não foi um processo muito comum assim risos, na verdade ele foi um processo muito rápido, eu em 2012 eu entrei na associação, aí eu fazia aulas de balé na meia ponta e a partir que mais ou menos do meio do ano pro final do ano eu comecei a fazer uma aula com a companhia, e é em 2013 eu comecei a fazer mais aulas né com a companhia e continuei fazendo aulas com as intermediárias, é, em 2013 eu já eu já comecei a usar sapatilha de ponta, então foi assim, foi 1 ano na meia ponta, e no ano no próximo ano eu já, no final do ano eu já é coloquei a sapatilha de ponta, e fiz a minha primeira apresentação na sapatilha de ponta, então foi um processo muito rápido, claro que assim nesse primeiro ano eu né não fazia as coisas direito né, na verdade até hoje eu ainda não faço , risos, ainda tenho uma dificuldade né, porque eu não peguei da base né, não foi todo um processo né, porque normalmente as pessoas ficam 4, 5 anos na meia ponta fazendo fortalecimento e aí depois eles tem um preparo, utilizam uma pré ponta que eles chamam, e aí depois que a bailarina chega na ponta, e eu pulei todo esse processo e já fui assim, direto pra ponta, e aí eu fui correndo atrás, fazendo aulas extra vamos dizer assim, e tentando absorver o máximo de coisas com com as intermediárias, com o grupo um pouco mais básico pra poder acompanhar a companhia, mais foi assim, algo muito meu assim, dedicação minha e de correr atrás do tempo é pra poder acompanhar as meninas, e até hoje eu faço mui, aulas a parte sabe assim, pra é pra pegar a base que eu não tive, e mas isso foi muito bom pra mim é que a Fernanda né, a Fernanda e o César que foram os meus professores assim,

principalmente o César que acreditaram em mim, que eu falo que eles acreditaram mais em mim do que eu mesma, então eles me deram assim a força, a confiança, pra poder prosseguir, e, me superar sabe, superar as dificuldades, os obstáculos, é o César sempre montou coreografias para mim muito desafiadoras, é, que no início eu falava, nossa não vai dar certo, eu não vou conseguir, e no final acabava dando tudo certo e saindo um produto final muito bonito assim, e, e aí dá pra perceber assim a evolução, sabe, então eu tive pessoas maravilhosas sabe assim, que confiaram em mim que acreditaram no meu potencial e, graças a eles eu sou o que sou, cheguei aonde eu cheguei, por isso que eu sou tão grata, e foi isso assim, risos, o meu processo, mas eu agradeço, muito a eles, por ter me dado essas oportunidades e apesar de ter sido corrido e tipo assim, lutar contra o tempo né, porque eu já comecei o balé muito mais velha né, que eu comecei o balé com 20 21 anos, , então na verdade nessa época as bailarinas já estão formadas né, é e eu foi quando eu comecei, então foi um processo muito rápido assim e de um desenvolvimento e uma evolução que eu nem imaginava, eu sou feliz por tudo.

MOVIMENTO Nº 6

1 - Fala para mim seu nome completo data de nascimento e a quanto tempo você pratica aula de dança

Meu nome é com dois, é eu tenho 35 anos, sou de São Paulo e estou aqui na associação fazem seis anos.

2 - Conta para mim um pouquinho a sua história, como a deficiência apareceu na sua vida.

É antes eu não tinha deficiência nenhuma, nem motora, nem visual nem nada, é tinha uma vida normal só que com o tempo eu fui diagnosticada com lúpus porque eu sentia muita dor nas juntas, uma vez eu fui na remato e ela falou que eu tinha lúpus, daí eu comecei a tratar (huhu) com vários medicamentos, cortisona, vários medicamentos, só que daí tinham sintomas que saiam do diagnóstico de lúpus, mais eu achei, sei lá deve ser algum sintoma psicológico, sei lá, (huhu) E eu trabalhava na época com engenharia, e um dia, eu era baladeira e tal fazia faculdade tal aí trabalhava normal,

como um ser humano que trabalhasse normal de segunda-feira e eu percebi que eu estava digitando e não tinha mais força para digitar o teclado (huhu), tipo estava estranho, só que como eu estava acostumada quando eu passava mal eu ia para o hospital e tomava uma injeção de cortisona e meu corpo recuperava eu achei que era isso, só que daí eu fui levantar para falar pro meu chefe, eu vou no hospital, tomar alguma coisa e volto, eu já não conseguia abrir a porta do escritório do meu chefe eu falei assim, estava estranho e eu pedi pro meu pai me buscar porque eu falei acho que eu não vou conseguir chegar sozinha no hospital (huhu), na hora eu entrei no carro com meu pai, e o hospital fica exatamente a três quadras do meu escritório, eu não desci do carro mais, já não dava (nossa), eu perdi os movimentos aí, daí que os médicos começaram achar estranho porque no lúpus você não perde os movimentos, você fica fraca, mas não é assim tipo o músculo para de te responder e daí só que vieram vários médicos, e falavam que era psicológico que eu não estava querendo andar, eu parei de comer, parei de respirar, fui parar na UTI (parou de respirar) eu estava usando o oxigênio?? (nossa)

A minha sorte foi que um médico de fora do hospital que eu estava, era um hospital particular e ele veio fazer uma biópsia no músculo porque os sintomas não batia nada com nada, e aí descobriu que eu tinha miastenia graves, daí na hora que ele descobriu, ele nem chegou a fazer a biópsia, como ele era especialista em neuromuscular, ele já olhou e já bateu todo o diagnóstico, e aí começou a testar medicamento para miastenia, e meu corpo começou a responder Eu comecei a mexer o dedo do pé, não eram movimentos amplos porque eu fiquei muito tempo acamada, mas já estava conseguindo movimentar algumas coisas, os olhos (huhu), então descobriram que eu tinha miastenia graves. E foi nessa situação de UTI mesmo, daí foi um tempo assim que eu fiquei muito tempo acamada, é eu voltei a andar aqui na associação (você tinha quantos anos?) foi em 2012 começou os sintomas, por 6 anos, foi um processo que assim eu entrava e saía da UTI direto, tanto que ainda hoje eu uso? a noite por que ele expande de manhã aí eu consigo vir aqui fazer aula de dança ?????/ ainda casada, tem época que eu fico sem comer só como líquido é bem variante(huhu). E a visão eu acabei tendo esse déficit de visão por causa da medicação porque eu tomava a medicação do lúpus que eu não podia tomar, por causa da miastenia e quando e até descobrir que era miastenia, eles foram dando tudo pra ver se o voltava o corpo a reagir né Eu tomei muita coisa forte, eu operei os dois olhos de catarata já fiz laser que é pós catarata, mas mesmo assim não voltou

ao que eu enxergava antes, agora hoje eu enxergo em média 15% (o lúpus você tem?) não tenho (não, tem? eles estavam tratando como se fosse lúpus) isso porque a miastenia é muito rara e é que hoje eu entendo que aquelas dores que eu sentia eram meu músculo enfraquecendo, que acabava refletindo na articulação em todos os membros né ? Mas na época você tem dor no cotovelo e você acha que é osso né risos (sim) como minha avó tinha artrite a primeira coisa que eu pensei foi, pode ser que eu tenha isso né, vou no reumatologista. E com os sintomas com as dores os sintomas batiam, alguns exames de sangue batiam, minha reumato falou assim vamos tratar para ver até onde vai só que assim, a miastenia eu não posso relaxar o meu corpo, então qualquer medicamento que seja relaxante eu não posso tomar(você me desculpa, eu não conheço está) é uma doença autoimune, bem rara mesmo na verdade (haha) então qualquer coisa assim que, movimento repetitivo se eu fazer muito eu acabo desgastando os, é uma junção do músculo com o nervo que limite, os ligamentos acaba desgastando ai tipo o músculo não responde mais. E tipo se eu tomar um relaxante muscular eu caio, meu corpo para porque relaxou (nossa eu vou dar uma pesquisar) é diferente (risos)

3 - Fala para mim um pouquinho como você se sente a respeito da sua deficiência.

É eu acho que eu aceito bem, eu acho que me adaptei bem assim, eu nunca foi legal de pensar que: a não é o fim do mundo, sabe tipo, ah, eu sempre tive, sempre quando eu estava acamada e eu não tinha movimentos eu nunca achei que aquilo lá ia ser o final sabe, eu sempre achei que: não, eu vou melhorar, vou sair daqui, vou andar, vou, pode ser que eu não ande normalmente, mas eu vou andar, vou fazer as coisas normalmente, tanto que eu fazia muito artesanato, escrevia, continuei trabalhando na parte de digitação, não conseguia mais trabalhar com a parte de engenharia, mas tinha um lance de digitação, então eu sempre tentei de algum jeito criar um outro universo que pudesse na situação que eu estava né, e com a DV também foi assim, porque foi aqui, tinha todas as meninas me dando suporte, tinha o pessoal daqui (você já estava aqui) já estava aqui, então pra mim foi muito mais fácil, acho, aceitar pra mim aprender como eu me virava pra fazer as coisas (huhu)

4 - Como você acha que as pessoas enxergam você, sua família, seus amigos?

Eu tenho impressão que eles assim eles, acham que é tipo uma superação sabe, alguma coisa desse gênero, tipo, isso é uma das coisas que eu escuto muito, eles falam assim: nossa você é uma guerreira que, você não desistiu, se fosse eu, eu teria parado sabe, eu acho que eles veem assim, apesar que, pra mim eu não acho que seja tudo isso sabe (huhu) eu acho que é o que tinha que fazer, risos, não ia parar (não tinha outro jeito) não tinha outro jeito, a gente tem que continuar e foi o jeito que eu encontrei de continuar, (huhu) mas eu tenho a impressão que as pessoas acham que é uma superação, algo do tipo (huhu)

5 - Quais são as suas expectativas para a sua vida como mulher com deficiência?

Essa já é mais difícil, risos, porque quando eu me vi doente tudo mudou né, tinha eu estava na faculdade, que eu terminei com a deficiência né, (conseguiu finalizar) consegui finalizar é eu tinha um namorado fixo de oito anos de namoro, é eu tinha tipo acabado de tirar carta, então estava planejando sair da casa dos meus pais, então foi aquele rebuliço quando tudo aconteceu né (huhu), é eu tive outros namorados depois da deficiência assim (huhu) mas acho que agora é uma coisa que eu tô levando assim, não é, (pausa) eu me vejo como mulher claro, assim, tenho vontade, mas é uma coisa que eu tô levando, hum, não faço muitos planos assim, tão grandiosos porque eu não sei o que acontece no futuro (hum, entendi)

6 - Você tem alguma pessoa, ou algum filme ou algum livro que te inspire?

Que me inspire, na dança você fala, (ou você como pessoa, algo te inspire) eu acho que é Deus (Deus) eu acho que é ele que rege a gente mesmo, que fica acima da gente, e é ele que vai dar o futuro né, o futuro, o presente

7 - Como você se tornou uma bailarina?

É eu fiz balé quando eu era criança, acho que um ano, um ano e meio, fiz *jazz*, fiz um pouquinho de tudo né, mas aí eu comecei o técnico na Federal, e acabei parando porque era muito longe, eu moro na zona sul e o técnico é na zona norte, não tinha condição de fazer mais nada a não ser dirigir, e só que sempre eu quis voltar a dançar. Aí quando eu vim parar aqui eu entrei na turma de cadeirantes (huhu) eu vim fazer a

inscrição na verdade, daí a Fernanda falou: não vem aqui já, a aula vai começar, vem fazer um teste, aí nossa, risos, eu nem vim preparada, ela me colocou na aula, na aula assim, no primeiro dia eu fiquei meio assustada pra falar a verdade, porque eu não conseguia nem mexer a cadeira, aí eu falei: gente como eu vou dançar assim (huhu). Mas aí as outras meninas cadeirante, também não você vai, você consegue, vai ganhando força, vai elas tinham que empurrar a minha cadeira, vai que vai, (risos), e foi assim que eu voltei pra dança (ai que tudo) daí com a professora que ela também dava aula para as pessoas andantes, com outras deficiências né, daí ela falou assim: vamos ficar em pé? Daí ela topou, no começo eu ficava segurando na barra, como se fosse meu filho entendeu, risos, preocupada, mas aí eu fui ganhando força, ficando em pé, depois eu fui pro centro, com o andador, quando eu fui pro centro, e eu fui vendo que foi evoluindo, até que eu fui dançar na ponta, risos, quando eu fui ver eu já estava na companhia [risos] (já estava) estava dançando, eu falei gente (nossa que rápido) foi assim bem rápido, mas foi assim bem, bem emocionante, (huhu, isso durou quantos anos) foi bem rápido mesmo, tipo um ano, risos, (nossa) no outro ano eu já estava na companhia (que tudo) foi, claro, foi todo um processo, tem as fisios aqui, que foram ajudando a fortalecer, eu fazia aqueles negocinhos de choque pra minha musculatura (huhu) fazia a fisio em casa, mas foi (foi um trabalho multidisciplinar) multidisciplinar, mas foi muito rápido assim

8 - Como você se sente como uma bailarina com deficiência visual?

Eu me sinto bem feliz (risos). Mas assim, assim que as portas se abriram que eu me sinto uma bailarina normal, assim, eu sei que claro, o nosso método de ensino é outro, do jeito que a gente aprende e se direciona é diferente, né porque a gente vai pelo som e não pela visão, que nem a bailarina, tipo o espelho pra gente tanto faz, ter o espelho na sala ou não (huhu). E é mais assim é pra mim é tudo, eu me sinto normal, risos, não sei (uma bailarina) uma bailarina (risos)

9 - O que significa para você o balé, por que você faz o balé?

Hum pra mim assim o balé, se for pensar assim a gente sofre muito né (risos) (sofre) tem aula, os eventos, esforço, o pé dói (risos) (muito) mas assim quando a gente entre no palco parece que tudo aquilo some, que aqueles minutinhos, sei lá, uma ano inteiro

pra aquilo lá, mas quando você entra no palco, tudo some, parece que é o seu momento, você se sente feliz, esquece a dor, esquece tudo, esquece todos os problemas que estão do lado de fora, então, é uma realização né (risos) (é uma realização, isso mesmo)

10 – Me conta um pouquinho do seu dia a dia, da sua rotina.

A maior parte do meu dia é aqui na associação, risos. A gente praticamente tem aula e ensaio aqui de manhã (huhu). É agora com o espetáculo a gente ficava direto, aqui, ficava a tarde, tem, eu faço aula de yoga, aula de pilates, aula de contemporâneo, teatro, esqueci alguma coisa, fisioterapia (tudo aqui na associação) tudo na associação. É eu estudo inglês em outro lugar (huhu), mas praticamente a minha rotina é baseada aqui porque tem apresentações ??? com a companhia, então a gente vai né (huhu), e é basicamente aqui, é a minha casa (risos) (e você já dá aula igual a B1) não, eu não sou formada ainda (huhu), é eu cheguei já a estagiar (huhu), mas aí eu acabei parando por questão da saúde mesmo, porque tinha dado uma baixada (huhu), agora que tá voltando ao normal (huhu), risos, (logo, logo, você já está aí né formada também) pelo menos uns dois três aninhos mais pra frente, risos

11 - Conta pra gente qual foi a sua melhor e a sua pior experiência no balé.

Eu acho que a pior experiência foi eu se machucar (risos) (huhu) é eu já cheguei a cair, eu tenho hiper flexibilidade, além da fraqueza muscular (hummm), então, as vezes o músculo não responde como eu queria (huhu), então eu já cai sobre o cóccix, três vezes, risos, (aiiii) eu acho que as piores experiências foram nesse sentido mesmo de machucar nas coisas que acontecem na rotina no final da a mais. Agora assim a melhor experiência foi quando a gente foi pro México, porque eu não imaginava entrar num avião novamente, sabe, tipo viajar pra algum lugar longe assim, é, eu estava fazia muito tempo presa em casa né, então tipo quando falaram: não a gente vai te levar para dançar no México, eu falei: gente, mas eu vou entrar no avião e vou com vocês, risos, então foi coisa que eu nunca imaginei, eu sou tímida, sou toda, toda o Teatro Municipal foi um lugar que assim é tão mágico, assim quero dançar ai né, [risos] é então assim muito na verdade é de regras sempre faz muito especiais, inclusive a variação [risos] de domingo (de domingo) foi uma...

12 - Me fale um pouquinho das suas expectativas como bailarina.

Ah eu gostaria de continuar dançando sempre, assim a não ser que claro, uma hora eu vou falar assim não peraí né, a idade vai chegando e tudo mais, mais, pra mim manter meu balé adulto e tudo mais, eu queria continuar dançando, e se for pra, por exemplo, dar aula essas coisas, eu gostaria de pegar uma turma de adultos (huhu) porque é uma turma que eu me identifico bastante assim, faço aula com as meninas do balé adulto aqui iniciante (huhu), é eu gosto de ensinar pra elas, eu gosto de estar com elas sabe assim, e eu acho que talvez ? é porque eu fiquei deficiente depois é uma turma que eu me familiarizo bem sabe, mas é assim que nem a dança mesmo, aprender mais porque eu acho que a gente sempre tem coisa pra aprender, é e continuar dançando, seja lá o que for, risos, seja uma cultura, não sei, risos, um *tendu*, sempre continuar dançando

13 - Você tem alguma coisa que você gostaria de falar, não sei, algo que você acha importante, alguma coisa que você gostaria que eu perguntasse?

É acho que sobre perguntar, assim acho que eu não tenho nenhuma que eu gostaria que você fizesse, eu acho que talvez uma sugestão (cortei a gravação) mas ela disse que gostaria que todos fizessem aula como se fossem PCD

Complementares

14 - O que significa ter uma deficiência visual para você?

Ter uma deficiência visual para mim atualmente, é um mix de sensações, muitas vezes não faz diferença, pois tudo se adapta e se reorganiza, mas vejo que em alguns casos, acaba que "prendendo" um pouco, exemplo, trabalhos manuais que exigem visão mais detalhada.

15 - O que significa para você o balé, porque você faz balé, como foi o processo de você aprender o balé, como essa opção apareceu na sua vida, e quando surgiu essa

opção o que você sentiu, o que você achava que era o balé e como você tomou a decisão de ir praticar o balé, o que te mantém na dança?

O ballet para mim é tudo, vivo para ele, acordo sabendo que tem balé (risos) quando descobri a opção do balé na verdade, estava na cadeira de rodas, eu enxergava até que bem. Eu fiz ballet antes, e sempre quis voltar, mas devido a rotina louca de SP, não conseguia, quando fiquei doente, vi na associação que tinha as aulas de cadeirantes e vi que poderia realizar o sonho de voltar a dançar. Então, foi uma surpresa boa, uma alegria

16 - Como foi o processo até você chegar a usar a sapatilha de ponta, como foi o aprendizado, o estudo, as fases pelas quais você teve que passar para utilizar a sapatilha de ponta?

Então o processo na verdade foi um pouco mais longo, foi o primeiro é eu fiquei em pé né assim sem apoio, é extensão de tronco, de pernas também a gente trabalhou bastante com o pessoal da fisio de lá da RPG, do Pilates e os professores também, então o meu processo foi um pouco mais longo que as outras meninas na verdade porque não foi perda só visual né, e aos poucos depois que eu consegui ganhar essa musculatura toda pra ficar em pé né, pra dançar sem apoio aí que começou o trabalho de ponta

17 - Qual o significado da companhia de ballet de cegos ser liderada por uma pessoa que não apresenta deficiência. O que você pensa sobre isso?

Para mim eu não vejo problema nenhum a Fernanda não ter deficiência porque ela, conviveu muito tempo com pessoas com deficiência ela realmente ela sente assim o que que a gente passa, entendeu? ela não fica só nas palavras né, ela tenta vivenciar aquilo que a gente passa para poder ajudar então pra mim eu não vejo nenhum problema não

18 - Gostaria de saber se você se mantém financeiramente com a companhia ou se ela é só uma complementação de renda, como é essa questão financeira?

É só uma complementação da renda porque infelizmente no Brasil é bem complicado viver de arte né, seria um sonho, mas é só uma complementação mesmo.

19 - O que você pensa sobre a bailarina? O que é ser uma bailarina? O que é ser bailarina de uma companhia de cegos? O que isso significa para você?

Sobre ser uma bailarina de uma companhia de balé cegos, assim pra mim, lá quando antes de acontecer tudo, eu tinha um sonho de dançar, mas nunca imaginei dançar isso profissionalmente né, claro tinha o sonho em dançar na ponta e tudo mais, mais eu já me achava velha e todos aqueles preceitos que a gente tem sabe de que bailarina tem que começar novinha e tem que ter aquele corpão é e super magra e tudo mais né então eu achava assim que eu ia eu queria voltar pra dançar, mais eu só dançar tipo, não ia ser só um hobby, e quando veio essa oportunidade de estar numa companhia assim foi maravilhoso porque eu vi que eu podia mais né podia mais do que eu imaginava, e sem contar que abriram várias oportunidades, eu conheci vários lugares muito legais assim, palcos assim que eu nunca imaginava dançar, coreografias maravilhosas, é conheci muita gente legal também, então pra mim é incrível estar na companhia, ser bailarina dela e poder sair dançando

20 - Quem era você antes da AFB e quem é você agora?

Eu me divido em três fases, a fase que eu não tinha doença nenhuma, que eu tinha aquela vida loca de São Paulo que eu falei pra você, é depois a fase que eu fiquei doente, e que eu fiquei praticamente acamada então não tinha tanta perspectiva de nada sabe tipo, era em casa quando alguém visitava, não na verdade é até assim sair de carro me cansava muito porque tinha sustentação de tronco de cervical, então era bem complicado então não tinha muita perspectivas das coisas, e depois que eu entrei voltei a dançar eu vi que abriu horizontes, é já é outro mundo já dá pra sonhar mais com as coisas dá pra ter planos, sonhos.

COMITÊ DE ÉTICA

 CEP UNICAMP	UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS	 Plataforma Brasil												
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP														
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA														
Título da Pesquisa: A dança para a pessoa com deficiência visual: uma abordagem fenomenológica														
Pesquisador: RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETTI														
Área Temática:														
Versão: 2														
CAAE: 48729621.8.0000.5404														
Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física														
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio														
DADOS DO PARECER														
Número do Parecer: 5.000.768														
Apresentação do Projeto:														
As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos apresentados para apreciação ética e das informações inseridas pelo Pesquisador Responsável do estudo na Plataforma Brasil.														
Introdução: Os estudos com dança e a pessoa com deficiência começaram a ganhar força após o início das discussões sobre inclusão na década de 90. Reflexo disso foi a criação da 1ª Companhia de Dança no Brasil, a "Roda Viva Cia. de Dança", que tinha em seu elenco bailarinos com deficiência física. A "Roda Viva Cia. de Dança" colocou o Brasil entre os participantes do "The International Festival of Wheelchair Dance", evento realizado na cidade de Boston (USA) no ano de 1997 e que muito contribuiu para as discussões sobre dança inclusiva. (AMOEDO, 1995, p. 47) Desde então, os estudos sobre a temática vêm despertando o interesse dos pesquisadores de diferentes áreas, em diferentes contextos e com pessoas com diferentes deficiências. Estes estudos sobre dança e a pessoa com deficiência têm abordado assuntos como, as percepções e experiência do Professor no ensino da dança para pessoas com deficiência (LOHRENTZ e ZAWADZKI, 2014); a produção coreográfica de grupos que possuem em seu elenco bailarinos com deficiência (AMOEDO, 2002; VENDRAMIN, 2009); e metodologia de ensino da dança para a pessoa com deficiência (JARDIM e BERSELLI, 2017; LOPES e ARAÚJO, 2009). No entanto, ainda são reduzidos os estudos que investigam o tema a partir da perspectiva da pessoa com deficiência.														
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td colspan="3">Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas</td> </tr> <tr> <td>Bairro: Barão Geraldo</td> <td colspan="2">CEP: 13.083-887</td> </tr> <tr> <td>UF: SP</td> <td>Município: CAMPINAS</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Telefone: (19)3521-4800</td> <td>Fax: (19)3521-7167</td> <td>E-mail: cep@unicamp.br</td> </tr> </table>			Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas			Bairro: Barão Geraldo	CEP: 13.083-887		UF: SP	Município: CAMPINAS		Telefone: (19)3521-4800	Fax: (19)3521-7167	E-mail: cep@unicamp.br
Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas														
Bairro: Barão Geraldo	CEP: 13.083-887													
UF: SP	Município: CAMPINAS													
Telefone: (19)3521-4800	Fax: (19)3521-7167	E-mail: cep@unicamp.br												
Página 01 de 11														



Continuação do Parecer: 5.000.798

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

- O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1770542.pdf	23/08/2021 00:07:39		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCEPcorrigidoRMO.docx	23/08/2021 00:05:01	RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETTI	Aceito
Outros	CartarespostaRMO.doc	23/08/2021 20:22:12	RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETTI	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCEcorrigidoRMO.docx	23/08/2021 20:21:45	RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETTI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	AtestadoMatriculaRMO.pdf	18/06/2021 19:56:13	RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETTI	Aceito
Outros	DeclaracaoFB.jpeg	08/06/2021 11:04:58	RENATA MAXIMO GUIDETTI	Aceito

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio 1 da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8038 Fax: (19)3521-7167 E-mail: cep@unicamp.br

Página 12 de 18



Contribuição do Pessal: 5.000,768

Outros	DedacaoFB.jpg	08/06/2021 11:04:58	TURCHETI	Aceito
Folha de Rosto	FolhadurostoRenataGuidetti.pdf	08/06/2021 11:02:12	RENATA MAXIMO GUIDETTI TURCHETI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 27 de Setembro de 2021

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Coleghini
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-4008 Fax: (19)3521-7167 E-mail: cep@unicamp.br

Página 14 de 19